EDMUND CLOWNEY

ENCONTRANDO CRISTO NO ANTIGO TESTAMENTO

Tenha certeza de que seu coração será tocado e sua mente clareada conforme você se debruça sobre este livro.

J. I. Packer



VIDA NOVA

Muitos cristãos, em particular os protestantes, creem funcionalmente que o Novo Testamento é a verdadeira Bíblia. De modo hesitante talvez acrescentem o livro de Salmos. Em *Encontrando Cristo no Antigo Testamento,* Edmund Clowney nos mostra o quanto essa visão da Bíblia é pobre; na verdade, o quanto é pobre essa visão do próprio Cristo. Pois Cristo não foi somente previsto no Antigo Testamento, mas está entrelaçado em todo o seu tecido. Não haveria Messias algum, nenhum Filho de Deus, nenhum caminho, nenhuma verdade e nenhuma vida no Novo Testamento sem tudo o que ocorreu no Antigo Testamento. Nessa obra, o Dr. Clowney apresenta Jesus de modo eloquente, até passional, como o salvador de pecadores, seu defensor e amigo. Esse é um livro para ser lido lentamente, pois contém tesouros incontáveis e percepções espirituais.

William Edgar, professor de Apologética do Westminster Theological Seminary, Filadélfia, Estados Unidos.

Em sua caminhada de Jerusalém a Emaús, dois discípulos abatidos tiveram seu coração despedaçado transformado em um coração ardente quando o Homem Estranho lhes mostrou nas Escrituras de Israel o plano de Deus para seu amado Cristo: ele precisaria passar através do sofrimento para a glória, a fim de redimir seu povo. Ao longo dos últimos 25 anos, *Encontrando Cristo no Antigo Testamento,* de Edmund Clowney, tem guiado milhares de leitores pelo mesmo caminho, através do Antigo Testamento, no qual Jesus guiou aqueles dois, substituindo sonhos despedaçados por uma alegria confiante. Venha, encontre o Herói de toda história — o último Adão, o filho prometido de Abraão, o Servo do Senhor, a Rocha ferida para dar vida a outros, o rei-guerreiro ungido, o príncipe da paz, o Senhor, cuja vinda aguardada há tanto tempo nos trouxe salvação. À medida que

encontra Cristo em todo o Antigo Testamento, você encontrará o Espírito dele inflamando o seu coração com amor por ele, que tanto o amou e ainda ama.

Dennis E. Johnson, professor de Teologia Prática do Westminster Seminary California, Escondido, Estados Unidos; autor de *Him we proclaim: preaching Christ from all the Scriptures*; editor de *Heralds of the King: Christ-centered sermons in the tradition of Edmund P. Clowney.*

Com tantos livros sobre pregação já publicados e com tantos sermões disponíveis online, por que mais um? Porque esse livro apresenta algumas das observações mais refinadas para aqueles que estão ansiosos por aprender mais acerca da pregação e do ensino expositivos centrados em Cristo que tocam a cabeça, o coração e as mãos. Ed Clowney demonstra com clareza, convicção e compaixão tudo o que um mensageiro do Rei Jesus é chamado a fazer e a ser. É um livro que deve ser lido e relido não somente para o aprimoramento profissional na pregação e no ensino, mas também — e talvez de modo primordial — como alimento espiritual à medida que nos impulsiona para frente e para cima em direção ao Cristo ressurreto e exaltado, o "mistério desvendado" glorioso de todas as Escrituras.

Julius J. Kim, deão de estudantes, professor adjunto de Teologia Prática do Westminster Seminary California, Escondido, Estados Unidos.

O Dr. Clowney magnifica a fascinação do santo refrão da Bíblia: contemple a Cristo, o supremo profeta, sacerdote e rei! Nossa fé cresce na proporção direta de nossa compreensão da pessoa e obra de Cristo. Não consigo me lembrar de outro livro, exceto a própria Bíblia, que tenha aprimorado mais

minha clareza mental e inflamado a alegria do meu coração em meu Salvador.

Nessa segunda edição, dois herdeiros da aliança — o avô Ed Clowney e a neta Eowyn Stoddard — unem esforços tanto para corporificar quanto para expressar bênçãos pactuais nessa obra gloriosa que magnifica aquele que estabelece a aliança. Este é um tesouro a ser saboreado lentamente com espírito de oração. Lê-lo rapidamente implica privar a si mesmo de alguns dos paladares mais doces da graça e da verdade bíblicas que a Palavra de Deus revela acerca de nosso amado Rei e Salvador. Ó, venha, prove e veja que o Senhor efetivamente é bom!

Joe Novenson, pastor titular de ensino da Lookout Mountain Presbyterian Church, Lookout Mountain, Tennessee, Estados Unidos.

Ao ler o Antigo Testamento, muitos cristãos enxergam narrativas sem muita conexão entre si que são entendidas como histórias alegres e histórias tristes que nos ensinam como devemos e não devemos viver. Mas deixamos escapar a grande narrativa que abarca toda a Bíblia — o relato de como a humanidade tinha tudo, perdeu tudo, e como Deus levantou uma nação para retomar tudo o que havia sido perdido. Em *Encontrando Cristo no Antigo Testamento*, Edmund Clowney nos mostra como os tropeços e os embaraços de Israel conduzem a um homem, Jesus Cristo, em quem todas as narrativas do Antigo Testamento convergem para formar a história mais grandiosa da retomada de todas as coisas que Deus planejou para seu povo. Edmund nos capacita a enxergar o Antigo Testamento como uma única narrativa eletrizante que nos conduz a Jesus, o restaurador de tudo que foi perdido e que guia o seu povo para algo além do que ousa imaginar.

Joseph (Skip) Ryan, chanceler e professor de Teologia Prática do Redeemer Seminary, Dallas, Austin, Houston, Estados Unidos.

ENCONTRANDO CRISTO NO ANTIGO TESTAMENTO



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Clowney, Edmund P.

Encontrando Cristo no Antigo Testamento / Edmund P. Clowney; tradução de Arthur Wesley Dück. — São Paulo: Vida Nova, 2023.

ePub.

ISBN 978-65-5967-175-5

Título original: *The unfolding mystery: discovering Christ in the Old Testament: with study and application questions*

1. Bíblia A.T. 2. Teologia I. Título II. Dück, Arthur Wesley.

23-0541 CDD 232.12

Índices para catálogo sistemático

1. Bíblia A. T.

EDMUND CLOWNEY

ENCONTRANDO CRISTO NO ANTIGO TESTAMENTO

TRADUÇÃO
ARTHUR WESLEY DÜCK

VIDA NOVA

1.ª edição ©1988 Edmund P. Clowney

2.ª edição ©2013 The Edmund P. Clowney Legacy Corp

Título do original: *The unfolding mystery: discovering Christ in the Old Testament: with study and application questions*, edição publicada pela P&R Publishing (Phillipbsurg, New Jersey, EUA).

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por

Sociedade Religiosa Edições Vida Nova

Rua Antônio Carlos Tacconi, 63, São Paulo, SP, 04810-020

vidanova.com.br | vidanova@vidanova.com.br

1.ª edição: 2023

Proibida a reprodução por quaisquer meios, salvo em citações breves, com indicação da fonte.

Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*

Todas as citações bíblicas sem indicação da versão foram traduzidas diretamente da New International Version (NIV). As citações com indicação da versão *in loco* foram traduzidas diretamente da King James Version (KJV), New King James Version (NKJV), da Revised Standard Version (RSV) e da American Standard Version (ASV).

Direção executiva

Kenneth Lee Davis

Coordenação editorial

Jonas Madureira

Edição de texto

Ubevaldo G. Sampaio

Preparação de texto

Fernando Mauro S. Pires

Revisão de provas

Josiane S. de Almeida

Coordenação de produção

Sérgio Siqueira Moura

Diagramação

Sandra Reis Oliveira

Capa

Douglas Lucas

Livro digital

Lucas Camargo

SUMÁRIO

Prefácio de J. I. Packer

Introdução

1. O novo homem
2. O Filho da mulher
3. O Filho de Abraão
4. O herdeiro da promessa
5. O Senhor e seu Servo
6. A rocha de Moisés: o Senhor está entre nós?
7. O Ungido do Senhor
8. O Príncipe da Paz
9. O Senhor vindouro

Índice de passagens bíblicas

PREFÁCIO

A Bíblia é uma unidade. Essa é, talvez, a característica mais surpreendente de todas as suas características impressionantes. Ela consiste em 66 unidades individuais, escritas ao longo de mais de mil anos em contextos culturais muito diferentes, por pessoas que em grande parte trabalharam de maneira independente umas das outras e não demonstraram consciência de que seus livros se tornariam as Escrituras canônicas. Os livros em si são de todos os tipos: poesia se acotovelando com prosa, hinos ombro a ombro com história, sermões com estatísticas, cartas com liturgias, visões vívidas com canções de amor.

Por que encadernamos essa coleção entre duas capas, a denominamos *As Escrituras Sagradas* e a consideramos um só livro? Um motivo para fazê-lo — um de muitos — é que a coleção como um todo, uma vez que passamos a examiná-la, evidencia uma coerência orgânica que impressiona. Livros escritos em intervalos de séculos uns dos outros parecem ter sido planejados claramente para complementar e iluminar uns aos outros. Ao longo de todo o livro há um protagonista (Deus Criador), uma única perspectiva histórica (a redenção do mundo), um personagem central (Jesus de Nazaré, que é tanto Filho de Deus quanto Salvador) e um corpo consistente de ensino harmonioso acerca de Deus e da piedade. Certamente, a unidade interna da Bíblia é milagrosa: um sinal e um milagre que desafia a incredulidade de nossa era cética.

A teologia bíblica é a denominação abrangente das disciplinas que examinam a unidade e a harmonia da Bíblia, aprofundando-se no conteúdo dos livros, mostrando as conexões entre eles e indicando o fluxo contínuo do processo de revelação e de redenção que alcançou o seu ápice em Jesus Cristo. A exegese histórica, que investiga o que o texto significava e suas implicações para seus primeiros leitores, é uma dessas disciplinas. A tipologia, que analisa padrões de ação, de agência e de instrução divinas que encontraram seu cumprimento final em Cristo, é outra.

Nessas duas artes, Edmund Clowney é mestre com vasta experiência, combinando em si a sobriedade de uma mente sábia e erudita com a exuberância de um coração caloroso e adorador. *Encontrando Cristo no Antigo Testamento*, um estudo da estrutura do Antigo Testamento para compreender Jesus, é obra clássica de Clowney.

A importância desse tema — o Antigo Testamento apontando para Cristo — é enorme, embora por meio século os professores de Bíblia, possivelmente constrangidos pela memória de iniciativas por demais fantasiosas relacionadas à tipologia no passado, não se ocuparam muito com ele. (Sua importância permanente, podemos dizer, é proporcional à sua negligência atual!) Por este motivo, a abordagem admirável desse assunto pelo Dr. Clowney deve ser muito valorizada. Ela preenche uma lacuna e supre uma necessidade premente.

Tenha certeza de que seu coração será tocado e sua mente clareada conforme você se debruça sobre este livro.

Dr. J. I. Packer

INTRODUÇÃO

"A história mais grandiosa já contada" — esse título tem sido usado para a Bíblia e com bons motivos. A Bíblia é o livro de histórias mais impressionante não só porque é repleta de histórias maravilhosas, mas porque conta uma história grandiosa, a história de Jesus. Essa história ainda está sendo contada a milhares que a ouvem pela primeira vez — talvez em um apartamento de Hong Kong ou em um alojamento estudantil de uma universidade nos Estados Unidos.

Mas em que lugar da Bíblia essa história muito antiga começa? Não na manjedoura de um estábulo em Belém, mas antes disso. Quanto antes? O Evangelho de Lucas inicia a história pelo menos um ano antes do nascimento de Jesus.

Um sacerdote idoso, Zacarias, estava em pé diante do altar de incenso no Templo de Jerusalém. De repente, ele não estava mais sozinho no santuário. Um anjo estava ao seu lado: "Não temas, Zacarias; a tua oração foi ouvida" (Lc 1.13). Então o anjo anunciou a Zacarias que ele teria um filho, João. A maravilha não era só que um casal idoso sem filhos agora teria um filho, mas que este seria profeta. Séculos haviam passado desde que Deus havia falado por meio de profetas. Mas Deus tornaria João como o antigo profeta Elias. João seria o precursor do Senhor que estava por vir.

Certamente o anúncio do anjo a Zacarias não era o começo para Lucas, embora ele tenha iniciado a história nesse ponto. O nascimento de João

cumpriu uma antiga profecia: "Vejam, eu enviarei a vocês o profeta Elias, antes do grande e temível dia do Senhor" (Ml 4.5). Essa profecia encontra-se na última página do Antigo Testamento. Mas esse também não é o início.

Para descobrir o início da história, precisamos retroceder para ler a respeito de Elias e observar como ele preparou a vinda do Senhor. Até onde devemos retroceder para iniciar no ponto em que a história efetivamente começou? Lucas nos oferece uma resposta impressionante quando apresenta a genealogia oficial de Jesus (Lc 3.23-38). A linha régia remonta a Zorobabel, Natã, Davi, à tribo de Judá, depois a Abraão, em seguida a Sem, Noé e Sete, "o filho de Adão, o filho de Deus".

Lucas quer nos fazer entender que a história de Jesus começa com a história da humanidade. Jesus era o Filho de Adão, o Filho de Deus. Para entender sua história, precisamos iniciar com a primeira página da Bíblia. Na verdade, João, na introdução ao seu Evangelho, retrocede ainda mais: "No princípio era a Palavra, e a Palavra estava com Deus, e a Palavra era Deus" (1.1). João dá testemunho de que Jesus é o Alfa e o Ômega, o Primeiro e o Último, o Criador e o Propósito de toda a história (Ap 22.13,16). João chegou a essa conclusão surpreendente a respeito de Jesus não somente com base em palavras e ações que testemunhou, mas porque veio a reconhecer Jesus como o Senhor da promessa, o Salvador de Israel.

João começa seu Evangelho com "No princípio…" para nos direcionar ao verdadeiro início da história, muito tempo atrás. Ele escreve para que creiamos que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus (Jo 20.31). A fim de entender o que João quer dizer, precisamos examinar algo que ele conhecia muito bem: a história do Antigo Testamento.

Qualquer pessoa que ouviu as histórias bíblicas lhe sendo lidas enquanto criança, sabe que há histórias grandiosas na Bíblia. Mas é possível conhecer

essas histórias e ainda assim não captar *a* história da Bíblia. A Bíblia é muito mais do que William How afirmou: "uma caixa de ouro em que gemas de verdade estão armazenadas". É mais do que uma coleção confusa de oráculos, provérbios, poemas, orientações arquitetônicas, anais e profecias. A Bíblia tem uma trama. Ela apresenta um drama que se desenrola. A narrativa segue a história de Israel, mas não inicia com ela, nem contém o que seria esperado na história de uma nação. A narrativa não homenageia Israel. Antes, com frequência a condena e justifica os juízos mais severos de Deus contra Israel.

A história é a história de Deus. Descreve sua obra de resgatar rebeldes de sua tolice, de sua culpa e de sua ruína. E em sua operação de resgate, Deus sempre toma a iniciativa. Quando o apóstolo Paulo reflete sobre o drama da obra salvadora de Deus, afirma maravilhado: "Pois dele e por ele e para ele são todas as coisas. A ele seja a glória eternamente" (Rm 11.36).

Somente a revelação divina poderia manter um drama que se estende por milhares de anos como se fossem dias ou horas. Somente a revelação divina pode elaborar uma história em que o fim é antecipado desde o início e em que o elemento condutor não é o acaso ou o destino, mas a promessa. Autores humanos podem elaborar ficção em torno de uma trama que conceberam, mas somente Deus pode moldar a história para o seu propósito real e supremo. O propósito de Deus desde o início está centrado em seu Filho: "Ele é a imagem do Deus invisível, o primogênito sobre toda a criação. Pois por ele foram criadas todas as coisas: coisas no céu e na terra, as visíveis e as invisíveis [...]. Todas as coisas foram criadas por ele e para ele" (Cl 1.15,16).

A criação de Deus ocorre *por meio* do seu Filho e *para* seu Filho; da mesma maneira, seu plano de salvação inicia e termina em Cristo. Mesmo

antes que Adão e Eva fossem expulsos do Éden, Deus anunciou seu propósito. Ele enviaria seu Filho ao mundo para trazer salvação (Gn 3.15).

Deus não cumpriu seu propósito todo de uma só vez. Ele não enviou Cristo para ser nascido de Eva aos portões do Éden, nem escreveu toda a Bíblia nas tábuas de pedra entregues a Moisés no Sinai. Antes, Deus se mostrou como o Senhor dos tempos e das épocas (At 1.7). A história da obra salvadora de Deus está estruturada em épocas, em períodos de história que Deus determina por sua palavra de promessa. Deus criou por sua palavra de poder. Ele falou e assim foi feito; ordenou e se concretizou. Deus disse: "Haja luz", e houve luz (Gn 1.3). Da mesma maneira, Deus falou sua palavra de promessa. Essa palavra não tem menos poder porque é expressa no tempo verbal futuro. As promessas de Deus são certas; elas se cumprirão no tempo determinado (Gn 21.2).

No entanto, embora a história seja a história de Deus e a salvação seja obra dele, homens e mulheres não são meros espectadores. Certamente há momentos em que o povo de Deus é exortado a ficar parado e contemplar o livramento do Senhor (Êx 14.13,14). Mas eles também recebem de Deus a ordem de deixar suas casas e tornar-se peregrinos, de marchar através de desertos sem água e de guerrear contra nações hostis. Ao liderá-los e guiá-los, a graça de Deus os convida à fé nele, ao compromisso de confiar nele de modo incondicional. Uma vez que Deus promete o que fará, seu povo pode confessar alegremente que "a salvação vem do Senhor" (Jn 2.9). Contudo, uma vez que Deus não faz tudo que promete de uma só vez, a fé de seu povo é provada e testada. Seu anseio torna-se intenso. Por vezes a promessa parece não apenas distante, mas ilusória. Eles tornam-se vítimas de descrença e exclamam: "O Senhor está entre nós, ou não?" (Êx 17.7).

Os autores do Novo Testamento nos lembram da realidade e da intensidade da fé dos santos do Antigo Testamento. O autor de Hebreus arrola as torturas que sofreram e os triunfos que tiveram, e conclui: "Todos eles morreram na fé, sem ter recebido as promessas, mas as viram de longe e foram persuadidos por elas e as acolheram" (Hb 11.13, KJV).

Para incentivar e fortalecer seus santos que sofriam, o Senhor repetiu suas promessas com frequência. Por meio dos profetas, Deus falou a Israel, denunciando o pecado daqueles que se rebelavam; contudo, pintava retratos muito mais maravilhosos das bênçãos vindouras. O apóstolo Pedro refletiu sobre o ministério daqueles profetas do Antigo Testamento:

> A respeito dessa salvação os profetas, que falaram da graça que estava por vir a vocês, investigaram atentamente e com grande cuidado, procurando descobrir o tempo e as circunstâncias para as quais apontava o Espírito de Cristo que neles estava quando predisse os sofrimentos de Cristo e as glórias que se seguiriam a esses sofrimentos (1Pe 1.10,11).

Segundo Pedro, não só os profetas, mas até mesmo os anjos do céu ansiavam perscrutar os mistérios do grandioso plano de Deus.

O drama de Deus não é ficção em seu lento desenrolar ou em sua realização surpreendente. A história da Bíblia é história real, operada na vida de centenas e milhares de seres humanos. Em um mundo em que a morte reinava, eles perseveraram, confiando na fidelidade da promessa divina. Se nos esquecermos da trama do Antigo Testamento, também deixaremos escapar o testemunho de sua fé. Essa omissão elimina o cerne da Bíblia. As histórias da escola dominical são então contadas como versões mais suavizadas das histórias em quadrinhos em que Sansão substitui o

Super-homem. O encontro de Davi e Golias então se dissolve em uma versão hebraica antiga de Jack, o matador de gigantes.

Não, Davi não é um pequeno menino corajoso que não tem medo do grande gigante malvado. Ele é o ungido do Senhor, escolhido por Deus para ser o rei e o libertador de Israel. Deus escolheu Davi como o rei segundo o seu próprio coração com o intuito de preparar o caminho para o grande Filho de Davi, nosso Libertador e Defensor. A resposta de Davi aos insultos de Golias nos mostra que Davi foi um guerreiro da fé: "Você vem contra mim com espada, com lança e com dardos, mas eu vou contra você em nome do Senhor todo-poderoso, o Deus dos exércitos de Israel, a quem você desafiou" (1Sm 17.45).

Porque Davi lutou em nome do Senhor, sua provação e vitória tiveram um significado que vai além da batalha imediata. Ele estava confiante na vitória porque sabia que Deus havia chamado Israel para ser seu povo. Era o Deus das hostes celestiais, mas também o Deus dos exércitos de Israel.

Davi havia sido ungido por Samuel, o profeta. Ele sabia que o Senhor o havia chamado do cuidado das ovelhas de seu pai para tornar-se o pastor de Israel. Davi cumpriu esse papel. Deus concedeu libertação por meio dele não porque era corajoso ou por causa de um arremesso certeiro com a atiradeira, mas porque ele era escolhido e cheio do Espírito de Deus. Mais tarde, quando prometeu conceder ao Filho de Davi um reinado eterno, Deus deixou claro que o reinado de Davi não era um fim em si mesmo, mas servia para preparar para a vinda do grande Rei.

Dessa maneira, o Antigo Testamento apresenta tipos que prefiguram o cumprimento no Novo Testamento. Um tipo é uma forma de analogia que é peculiar à Bíblia. Como todas as analogias, um tipo combina identidade e diferença. Tanto Davi quanto Cristo receberam poder e governo régios.

Apesar da grande diferença entre a realeza de Davi e a de Cristo, há pontos de identidade formal que tornam essa comparação significativa.

Contudo, é exatamente esse grau de diferença que torna os tipos bíblicos peculiares. As promessas de Deus na Bíblia não apresentam um retorno para a era áurea do passado. O Filho de Davi vindouro não é meramente outro Davi. Muito pelo contrário, é tão superior que Davi pode falar dele como Senhor (Sl 110.1). Os estudiosos das Escrituras dos dias de Jesus não conseguiram entender isso. Eles não foram capazes de responder à pergunta de Jesus: "Se, então, Davi o chama de 'Senhor' como ele pode ser seu filho?" (Mt 22.45). Tanto Jesus quanto seus adversários sabiam que o Messias prometido devia ser o Filho de Davi. Mas somente Jesus entendeu por que Davi pelo Espírito o tinha chamado de "Senhor".

Assim, a história de Jesus não se inicia com o cumprimento da promessa, mas com a promessa em si, e com os atos de Deus que acompanharam sua palavra. À medida que voltamos ao início da história, encontramos muito do que o Novo Testamento não nos informa, porque já fomos informados disso. Conforme vemos os juízes que Deus levantou para libertar Israel de seus opressores, entendemos melhor o que Deus pretendia quando afirmou que vestiria a justiça como couraça e a salvação como capacete, e que ele mesmo seria Juiz e Salvador de seu povo (Is 59.16,17). Quando Deus reduziu o exército de Gideão para somente trezentos homens, reconhecemos que foi Deus que libertou, não o poder das armas. Quando Deus reduziu a força de Israel ainda mais para um único homem, Sansão, vemos que Deus podia libertar por meio de um único Defensor, cujas vitórias em vida foram coroadas por sua conquista na morte.

Ao mesmo tempo, quando voltamos ao início da história, vemos que as diferenças são descomunais não só para nós, mas também para aqueles que

recebem as promessas pela fé. O papel de Sansão como juiz apontava para a prometida libertação de Israel de todos os seus inimigos, mas a realização de Sansão foi muito aquém de seu chamado. Na verdade, Sansão foi feito um juiz efetivamente apesar dele mesmo. Por vezes suas libertações vieram em decorrência de dificuldades que ele mesmo criou conforme perseguia mais as mulheres filisteias do que os exércitos filisteus.

Cegado e ridicularizado no templo de Dagom, Sansão, não obstante, morreu como juiz, capacitado pelo Senhor. Ele ficou em pé com suas mãos apoiadas nos pilares do templo, pilares que repousavam sobre bases de pedras talhadas. Então, com ironia amarga, orou por vingança contra os filisteus, muito embora suas últimas palavras fossem: "Que eu morra com os filisteus" (Jz 16.30). Em sua morte, diz o autor sagrado, ele matou mais filisteus do que em sua vida. Aqui as Escrituras nos mostram que Deus pode operar sua libertação mesmo por meio da morte de seu poderoso juiz.

Os fracassos e os pecados de Sansão, muito mais do que suas vitórias, fazem parte da história, pois mostram que alguém maior do que Sansão precisava vir para que as promessas de Deus fossem realizadas. Sansão somente guardou sua pureza externa do voto de nazireu (e por fim quebrou até mesmo esse voto); a pureza verdadeira e interna seria demonstrada no último Juiz de Israel.

O propósito deste livro não é contar toda a história desde o seu início. Há um Livro que faz isso! Antes, seu objetivo é acompanhar o desenrolar da trama, analisar episódios centrais e fornecer um guia para a história subjacente de todas as histórias, de modo que possamos ver o Senhor da Palavra na Palavra do Senhor.

Questões para estudo

1. Qual foi o último profeta a anunciar a vinda de Jesus?
2. Onde na Bíblia o nascimento de João Batista foi predito?
3. Com quem começa a genealogia de Lucas? Então, em que ponto a história efetivamente se inicia? Por quê?
4. O que é marcante na revelação divina quando comparada com qualquer outra história humana?
5. Que papel o povo de Deus tem no drama da redenção? Por quê?
6. Defina tipo. O que faz os tipos bíblicos peculiares?
7. Use Sansão como exemplo e explique como ele é um tipo de Jesus. Em que sentido ele é semelhante a Cristo e em que sentido é diferente?

Questões para aplicação

1. "A história mais grandiosa já contada" é uma designação que tem sido aplicada à Bíblia. Você concorda com ela? De que outra maneira você poderia descrever a Bíblia?
2. Como a introdução a *Encontrando Cristo no Antigo Testamento* aumenta sua vontade de ler o restante do livro?
3. Você já chegou a pensar que ler o Antigo Testamento é como assistir a um filme em outro idioma sem as legendas? Se esse é o caso, como essa introdução altera a sua perspectiva sobre o Antigo Testamento? Ela cria em você o desejo de ler a Bíblia desde o início?
4. Sintetize em suas próprias palavras a tese que Clowney propõe em seu livro.
5. Leia 2Coríntios 12.5,9-11 e estabeleça a conexão desses versículos com a questão para estudo 5.

1

O NOVO HOMEM

A primeiríssima porção das Escrituras veio da mão do próprio Deus: Deus escreveu sua lei em duas tábuas de pedra (Êx 31.18). Essa inscrição inicia da seguinte maneira: "Eu sou o SENHOR, o teu Deus" (Êx 20.2).

Deus identificou-se ali no monte Sinai como o Deus de Israel. No entanto, o Deus de Israel não era uma divindade tribal. Era também o Rei das nações e o Deus da criação. Incluído na revelação de Deus a Israel não estava só a lei que deveria regulamentar sua adoração e sua vida, mas muito mais do que isso. Para conhecer o Senhor, seu Deus, Israel também precisava conhecê-lo como o Criador. Para conhecer seu chamado, o povo precisava conhecer a história de seu pai Abraão e o seu chamado. Também era essencial conhecer o governo de Deus sobre as nações: as nações que deveriam ser abençoadas por meio da nova nação iniciada a partir do filho de Abraão.

O primeiro livro de Moisés começa, no início de tudo, a contar a história que conduz ao chamado de Israel e seu Êxodo do Egito. É o livro das "gerações", o qual não somente traça as histórias dos pais de Israel, mas também situa seu chamado no contexto das interações de Deus com toda a raça humana desde a Criação. Ainda que *toda* a terra fosse de Deus, Israel foi o seu povo escolhido, sua propriedade preciosa. Contudo, o chamado de

Israel não era só por causa deles, que foram escolhidos dentre as nações a fim de lhes dar testemunho. Para tanto, Israel precisava confessar o Deus que chamou Abraão, poupou Noé e colocou Adão no jardim.

Feito à imagem de Deus

"Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou, homem e mulher os criou" (Gn 1.27). Em uma forma literária belamente elaborada, o primeiro capítulo de Gênesis nos conduz ao ápice da Criação: Deus criou homem e mulher à sua imagem. Toda a mitologia das nações é rechaçada. A humanidade não se originou de um processo de copulação divina ou do sangue de um deus sacrificado. Um ser humano não é um pedaço de um deus, nem uma junção de um deus com um animal. Pelo contrário, Adão e Eva são criaturas de Deus, mas criaturas portadoras de sua imagem. Está absolutamente claro que eles são criaturas de Deus. Sua criação não ocorre em um dia separado na obra divina: animais e seres humanos, sem distinção, são criados no sexto dia da Criação.

Se o primeiro casal é abençoado e recebe a ordem para ser fértil e multiplicar-se, o mesmo ocorre com os peixes do mar (Gn 1.22,28). Tanto aqueles quanto estes são criaturas que devem se multiplicar. O fato de que os humanos são criaturas também é enfatizado quando o capítulo 2 retrata as "gerações" dos céus e da terra, ou seja, o que a mão de Deus faz brotar de seu mundo criado. A terra faz brotar seres viventes em resposta à ordem divina, mas o homem, igualmente, procede da terra. Deus formou Adão do pó da terra, e Eva é formada do corpo de Adão.

Em contrapartida, ambos os capítulos enfatizam a singularidade dessa criatura humana. No capítulo 1, a criação do homem vem em resposta à determinação divina: "Façamos o homem à nossa imagem, conforme a

nossa semelhança" (Gn 1.26). A menção do Espírito de Deus no início do capítulo sugere que aqui Deus pede conselhos a si mesmo, não somente como um homem fala à sua própria alma, mas na riqueza misteriosa de ser divino. No capítulo 2, a singularidade notável da criação do homem é mostrada, em primeiro lugar, no cuidado especial empregado por Deus na formação do homem do pó da terra. Além do toque das mãos divinas há o sopro de seus lábios. Em um retrato de comunhão íntima, Deus sopra nas narinas do homem o fôlego de vida.

O homem é uma criatura, porque foi criado por Deus. Contudo, é uma criatura singular, porque foi criado semelhante a Deus. O termo "imagem" é usado mais tarde no Antigo Testamento para retratar ídolos. Deus proíbe os humanos de fazer imagens para adorar, mesmo imagens de seres humanos feitos à imagem de Deus. O homem é feito não meramente à imagem de Deus, como se a imagem divina fosse reproduzida no homem; antes, o homem é feito *como* a imagem de Deus. Ele é semelhante a Deus.

Reiterando, o relato de Gênesis é estabelecido em oposição às convicções das nações. Mitologias raciais distinguem uma tribo ou determinado povo como descendente dos deuses. Os mitos da realeza ensinam que apenas o rei é feito à imagem de um deus. Um texto cuneiforme declara: "O pai do rei, meu senhor, era a imagem de Bel, e o rei, meu senhor, é a imagem de Bel".[1] Em Gênesis, no entanto, a *humanidade* é criada à imagem de Deus: "à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou" (Gn 1.27).

Feito à imagem de Deus, a natureza e o papel do homem são singulares na criação. O fato de que o homem compartilha vida orgânica, corpórea, com toda a criação animada o qualifica a representar essa criação diante de Deus. Por intermédio do homem, os louvores da criação física podem ser

endereçados a Deus. A humanidade, o ápice da criação, tem um papel a cumprir. O homem faz a mediação entre o Criador e o mundo criado do qual ele faz parte. Por meio do homem, Deus pode lidar pessoalmente com sua criação. Deus fala ao homem, e com lábios humanos o homem responde em nome da criação da qual ele é o cabeça.

Uma vez que o homem representa a própria glória de Deus em forma criada, ele também governa a criação. O fato de portar a imagem divina está vinculado ao seu domínio sobre a criação (Gn 1.26,27). A história encantadora de Adão dando nome aos animais não é apresentada simplesmente para alegrar as crianças. Indica o chamado de Adão da parte de Deus para compreender as formas da criação e ordená-las. Assim também essa história mostra de forma contundente que nenhum animal, independentemente de seu serviço leal ao homem, pode ser seu parceiro e seu equivalente.

Todos conhecemos um relacionamento em que um dos integrantes difere do outro, mas ainda assim ambos demonstram uma semelhança marcante. Com frequência dizemos que um menininho é a cara do pai. As Escrituras afirmam que, quando Sete nasceu de Adão e Eva, Adão "gerou um filho à sua semelhança, conforme a sua imagem" (Gn 5.3, KJV). Como isso é registrado depois da Queda, e uma vez que o capítulo reafirma a criação de Adão à imagem de Deus, alguns têm concluído que a imagem foi perdida na Queda; o que ainda resta não é mais a imagem de Deus, mas somente a fraca reflexão dessa imagem em Adão. No mesmo livro de Gênesis, contudo, o valor da vida humana é estabelecido ao apelar para a criação do homem à imagem de Deus (Gn 9.6; cf. Tg 3.9).

Como, em certo sentido, a imagem de Deus continua a distinguir o homem dos animais, podemos presumir que Sete conforme a imagem de

Adão também é conforme a imagem de Deus. Por isso Lucas traça a genealogia de Cristo até Sete, o filho de Adão, o filho de Deus. A ênfase em Gênesis está sobre a continuidade da imagem, apesar da Queda. Sete, o filho, é conforme a imagem de seu pai, e Adão, conforme a imagem de Deus. A implicação para a qual Lucas aponta é evidente: Adão, como o portador da imagem à semelhança de Deus, pode ser chamado de filho de Deus. Ao mesmo tempo, em Gênesis, a respeito de Sete, e não de Caim, é dito que ele é o portador da imagem de seu pai, Adão. É à linhagem de Sete, não à de Caim, que a promessa de Deus é concedida; a verdadeira Filiação ocorrerá nessa linhagem.

Adão é uma figura esplêndida no relato de Gênesis! Formado por Deus e feito semelhante a Deus, é colocado no jardim que Deus plantou, repleto de riqueza da vida criada: animais correndo, árvores sobrecarregadas com frutos, o céu brilhando com a luz do sol ou tomado pelo nevoeiro. Este primeiro homem é senhor de tudo; por meio dele a criação ergue os seus olhos para o Criador e expressa o louvor a Deus. Adão é o cultivador do jardim, livre para explorar suas riquezas e desenvolver o mundo além dele. Há ouro em Havilá. Rios enormes regam o jardim e fluem para além dele.

A liberdade de Adão parece ter apenas uma restrição. Deus lhe mostrou uma árvore no jardim da qual ele não deveria comer. Uma limitação menor do que essa é difícil imaginar. Todas as frutas do Éden estavam ali para ele desfrutar. Todas as árvores eram suas para que as cultivasse, todos os animais eram seus para que os nomeasse e tivesse domínio sobre eles. Ainda assim, Adão, o filho de Deus, estava sendo testado em sua obediência a seu Pai e Criador. Como o primeiro homem, ele tinha em mãos o destino de todos os seus descendentes, pois o seu papel era fundamental. Era o pai dos que seriam nascidos à sua imagem; representava a raça dos que viriam dele.

Por meio da obediência sob teste, sua retidão ultrapassaria sua inocência original. Ele conheceria a diferença entre o bem e o mal ao escolher o bem. Seria confirmado como o justo filho de Deus, livre para comer da árvore da vida para todo o sempre.

Mas Adão estava sozinho no paraíso. Deus formou a partir de seu próprio lado uma mulher para estar com ele, ser sua companheira e ajudadora. Ao papel de Adão como cabeça da criação foi acrescentado um novo papel de liderança em relação à mulher que era osso dos seus ossos e carne de sua carne (Gn 2.23). Juntos, eles poderiam ser férteis e encher a terra que lhes cabia possuir.

Mesmo antes de ouvirmos a história da Queda, o relato de Gênesis nos prepara para o papel que Jesus Cristo desempenharia no plano divino de salvação. A figura de Adão no alvorecer da história humana nos lembra de que Deus lida com a humanidade de modo pessoal. Adão serviu como homem representativo. Cristo veio como o segundo Adão (Rm 5.11-21; 1Co 15.22) — não como uma consideração *a posteriori*, mas como aquele escolhido desde a fundação do mundo para manifestar tudo o que a imagem divina no homem pode significar.

Antes que se inicie a história da redenção, a figura singular de Adão, portador da imagem de Deus, está à nossa frente. Ele recebe a ordem e a promessa divinas mesmo antes de Eva lhe ser dada. Tudo isso tem significado não somente para o início da história humana, mas para sua culminação. Adão, o homem representativo, nos prepara para Cristo. Cristo é mais do que um substituto para Adão, como se fosse um suplente, para ter êxito onde Adão falhou. Cristo, o Ômega, o propósito da história humana e da humanidade criada, também é o Alfa, o verdadeiro Adão, o cabeça da nova e verdadeira humanidade. Ele "é a imagem do Deus invisível, o

primogênito sobre toda a criação" (Cl 1.15), pois não é somente o Príncipe da criação; também é o Criador. Cristo é portador da imagem de modo infinitamente superior à de Adão, pois, como Filho eterno, é um com o Pai. Por fim, a filiação criada de Adão só pode refletir a Filiação superior do modelo divino. O apóstolo Paulo se alegra pelo fato de a filiação que alcançamos em Cristo exceder em muito a que perdemos em Adão (Rm 8.14-17).

Por esse motivo também o povo de Israel foi proibido de fazer imagens de Deus para dar foco à sua adoração (Dt 4.15-24). Eles foram alertados não só contra a adoração de ídolos representando outros deuses. Também foram lembrados de que não viram forma alguma quando Deus falou a partir do Sinai e de que não deveriam tentar fazer uma representação do verdadeiro Deus.

Isso não significa que não pode haver representação alguma de Deus; afinal, Deus fez os humanos à sua imagem. Mas significa que o homem não é livre para inventar uma imagem para adorar, nem mesmo uma réplica da imagem que Deus fez: o próprio homem. No projeto do Tabernáculo dado a Israel no deserto, a Arca da Aliança representava efetivamente o trono de Deus. A tampa de ouro dessa arca era o propiciatório, o lugar em que Deus estava entronizado no meio de Israel. Representações dos querubins com as asas abertas serviam ao trono. Mas no trono não havia imagem alguma. Somente a luz da glória *shekiná* representava a presença do Deus de Israel.

Isso parece estranho? Deus fez o homem à sua imagem, mas o homem não pode replicar essa imagem como o centro de sua adoração. Certamente Israel precisava ser ensinado de que Deus é um Espírito invisível, não um ser material. Mas havia outro motivo. Deus reivindicou um monopólio sobre sua autorrevelação. Ele apareceria às pessoas conforme escolheu, não

como eles imaginavam que deveria aparecer. O assento vazio acima da arca estava reservado para Aquele que viria.

Quando Filipe disse a Jesus: "Senhor, mostra-nos o Pai e isso nos basta", Jesus respondeu: "Você não me conhece, Filipe, mesmo depois de eu ter estado entre vocês durante tanto tempo? Quem me viu, viu o Pai. Como você pode dizer: 'Mostra-nos o Pai'? Você não crê que eu estou no Pai e que o Pai está em mim?" (Jo 14.8-10).

Jesus não recusou a adoração de Maria quando ela o ungiu antes de sua morte (Jo 12.1-8). Não é idolatria chamar Jesus de "Senhor". Na verdade, cristãos são aqueles que chamam Jesus de Senhor em sua adoração (1Co 1.2). Reconhecem que há Um que é portador da imagem de Deus em carne humana e aos pés de quem podemos nos prostrar para adorar (Cl 2.9; Ap 1.17). Quem honra o Filho, honra o Pai. João escreve acerca de Jesus Cristo: "Ele é o verdadeiro Deus e a vida eterna. Filhinhos, afastem-se dos ídolos" (1Jo 5.20,21).

Adão se apresenta como uma figura que nos direciona para Jesus Cristo. O Novo Testamento também percebe um significado figurado na história da formação de Eva. O apóstolo Paulo remete ao relato da Criação para ensinar o relacionamento correto entre marido e esposa. Uma vez que Eva foi tirada do corpo de Adão, ele deveria cuidar dela como sua própria carne. Essa bela história da Criação não ensina somente que o casamento é a união de dois que se tornam um, mas que os dois foram *feitos* de um. Eles pertencem um ao outro. Mas quando Paulo escreve a respeito disso em sua Carta aos Efésios, ele não fala simplesmente de Adão e Eva. Ele começa imediatamente a falar a respeito de Cristo e a igreja:

> Quem ama a sua esposa, ama a si mesmo. Afinal, ninguém jamais odiou o próprio corpo, mas o alimenta e cuida dele, como Cristo cuida da

> igreja — pois somos membros de seu corpo. "Por esse motivo o homem deixará seu pai e sua mãe e se unirá à sua mulher, e os dois se tornarão uma só carne." Esse é um mistério profundo — mas estou falando a respeito de Cristo e da igreja (Ef 5.28-33).

Paulo cita o mandamento de Gênesis, mas o aplica a maridos e esposas exatamente porque trata de Cristo e da igreja. Paulo está simplesmente criando uma alegoria, uma analogia imaginária mas artificial, ou há uma conexão mais profunda? A base do matrimônio no relato da Criação pode ser um tipo da relação entre Cristo e a igreja? Sim, porque o princípio relacionado ao matrimônio enunciado em Gênesis 2.20-25 se cumpre em Cristo. O vínculo da união íntima criado no matrimônio deve prevalecer sobre o vínculo que nos une a outras pessoas. Um homem deve deixar seu pai e sua mãe para se unir à sua mulher.

Em Gênesis, o mandamento segue a afirmação de Adão: "… osso dos meus ossos e carne da minha carne" (2.23). O mandamento de Deus é fundamentado em seu ato de criação. A relação entre marido e esposa é exclusiva. O amor que os une é necessariamente um amor ciumento, ou seja, é um amor concentrado que seria quebrado pelo adultério. O princípio é citado outra vez nos Dez Mandamentos, quando Deus entrega sua lei pactual ao povo redimido. O mandamento "Não cometa adultério" (Êx 20.14) não é concedido simplesmente para prover uma vida estável no lar para a sociedade israelita. É concedido para definir um amor especial e intenso que vai além do mandamento de amor ao próximo.

Esse é o princípio que o próprio Deus evoca quando se revela a Israel. Deus é um Deus ciumento; seu nome é "Ciumento" (Êx 34.14). Ele exige de Israel devoção exclusiva, o amor ciumento para o qual o matrimônio é

um tipo e símbolo. Seu povo deve amá-lo de todo o coração, de toda a alma, de todas as forças e de toda a mente.

Ao longo da história de Israel, as pessoas eram culpadas de terem cometido adultério espiritual. Considere o caso de Salomão, o rei magnífico no auge do poder e da bênção de Israel. Ele construiu o Templo com pedra e cedro e o revestiu com ouro. Consagrou esse Templo ao serviço do Senhor, orando para que em toda a terra as pessoas pudessem se voltar ao Templo para orar, e que Deus as ouvisse.

Mas agora vemos Salomão subindo o monte das Oliveiras imediatamente a leste do monte do Templo. Está escolhendo um local para construir um santuário no topo da montanha. Ali está Salomão: ele pode ver o ouro cintilante do Templo do Senhor refletindo os raios solares, mas agora ele se prepara para a consagração de um santuário a Camos, o deus dos moabitas. Salomão chegou a esse ponto em razão de uma política de governabilidade repleta de sabedoria mundana, mas sem qualquer traço de fé. Ele trouxe segurança a Israel ao fazer tratados com as nações vizinhas, selando-os com alianças de casamento. Ele edifica o santuário a Camos, não para si mesmo, mas para uma de suas esposas moabitas. Ainda assim, desafia de modo direto e descarado a lei de Deus, o Deus ciumento de Israel, o qual havia alertado seu povo de que deveria destruir todos os altares de Canaã: "Não adorarás nenhum outro deus: pois [Yahweh], cujo nome é Ciumento, é um Deus ciumento" (Êx 34.14, KJV).

Deus, porém, retém o seu juízo e chama Israel ao arrependimento. Por meio do profeta Oseias, mostra o surpreendente amor divino para com a esposa adúltera. Não obstante, por fim o juízo de Deus precisa vir sobre o Israel impenitente.

Quando Jesus veio para reunir para si mesmo o povo de Deus, ele revelou a si mesmo como o Noivo, que havia vindo para reivindicar a igreja como sua noiva. A figura não é acidental. Não é que Deus olha para baixo do céu a fim de encontrar um relacionamento humano que possa ser um símbolo adequado para o seu amor. A realidade é o inverso. Quando Deus formou Eva do corpo de Adão, estava fornecendo os meios pelos quais poderíamos ser preparados para entender a alegria de um amor exclusivo. Somente dessa maneira poderíamos estar aptos a captar algo da ardência do amor divino: amor que não suporta rivais, porque Deus é um Deus pessoal, e o seu amor por seu povo é pessoal.

A maioria das religiões do mundo poderia edificar um santuário a Camos sem muita dificuldade. A religião politeísta sempre pode acrescentar mais um deus. No panteísmo, deus é tudo, e Camos é, portanto, somente outro nome para o espírito infinito. No hinduísmo, Brâman é o absoluto impessoal, e Camos poderia ser acrescentado meramente como outra parte de uma fase politeísta que simplifica o caminho para aqueles que ainda não estão preparados para enfrentar diretamente a montanha. Mesmo o deísmo, com sua concepção de um criador distante, pode argumentar que é possível abordá-lo de muitas maneiras. Certamente essa divindade distante não ficaria com ciúmes se o chamássemos de Camos, ou adorássemos Camos em sua ausência.

O vínculo exclusivo entre Deus e seu povo é um dos temas principais do Antigo Testamento, mas se expressa de modo pleno no Novo. “Não há nenhum outro nome debaixo do céu concedido aos homens pelo qual devamos ser salvos” (At 4.12). “Ciúmes” e “zelo” são duas traduções de uma única palavra tanto no hebraico quanto no grego. O zelo santo de Deus

queima dentro do mistério da Trindade. O zelo do Filho por seu Pai é correspondido pelo zelo do Pai por seu Filho.

Quando Jesus purificou o Templo dos vendedores que haviam transformado o local em um comércio, ele manifestou seu zelo pela santidade da casa de Deus, mas também pela bem-aventurança da casa de Deus como casa de oração para todas as nações. Jesus era zeloso pela graça redentora de Deus simbolizada pelo Templo. Esse zelo o levou não somente a erguer o chicote, mas a desnudar suas costas para o chicote. Somente por meio do zelo de seu amor, o amor ciumento do Pai por seu povo poderia ser satisfeito. Seu zelo pela casa de Deus o consumiu, até na cruz. "Destruam este templo", disse referindo-se a seu corpo, "e eu o levantarei em três dias" (Jo 2.17,19, KJV). É o zelo do amor de Deus em Cristo que reivindica a igreja como a noiva do Senhor.

Provado e comprovado como Filho de Deus

Quando a Bíblia coloca Adão diante de nós no início do registro concedido ao povo redimido de Deus, já estamos direcionados para o segundo Adão que virá. Na criação de Eva, e no amor de Adão por Eva como osso de seus ossos e carne de sua carne (Gn 2.23), Cristo também é revelado em seu amor ciumento pela igreja. O apóstolo Paulo compartilha esse amor de Cristo: "Tenho ciúmes por vocês com um ciúme que vem de Deus. Eu os prometi a um único marido, a Cristo, para apresentá-los a ele como uma virgem pura" (2Co 11.2).

O teste de Adão no jardim aponta para o teste de Cristo, embora a desobediência de Adão transforme o paralelo em contraste. Mateus, Marcos e Lucas falam da tentação de Cristo no deserto. Nos relatos da tentação nos Evangelhos há uma referência subjacente ao teste de Adão no jardim.

O teste de Cristo veio logo no início do seu ministério. Foi o Espírito Santo que conduziu Cristo ao deserto: o Espírito do Pai que veio sobre ele no batismo; portanto, o Espírito de sua Filiação. "Tu és o meu Filho amado; em ti estou muito satisfeito" (Lc 3.22, KJV). Adão foi testado para que pudesse ser confirmado em sua filiação. Jesus também foi testado em sua filiação. Ele foi testado como o Filho Messiânico que também era o unigênito e amado Filho do Pai: o Filho divino em carne humana. Seu embate com Satanás foi um teste por provação. Cristo invadiu o mundo caído em que Satanás estava reivindicando os reinos dos homens. Ali se encontrou com o "príncipe deste mundo" em combate.

Assim como devemos perceber que Gênesis aponta para os Evangelhos, também devemos perceber que os Evangelhos nos direcionam para Gênesis. A tentação de Cristo não foi suportada primordialmente para nos fornecer um modelo de como devemos lidar com as tentações. As tentações que Satanás usou para atacar Jesus certamente não foram as tentações que ele usaria para pecadores já caídos.

Sem dúvida, Satanás não julga necessário oferecer todos os reinos do mundo para um pecador comum. Ele pode comprar a maior parte dos pecadores por uma ninharia. Satanás também não nos tenta para averiguar nosso poder de realizar milagres. Não, as tentações de Jesus realizadas por Satanás foram direcionadas à sua consciência de que ele era o Filho divino e que ele viera para realizar a vontade do Pai. Satanás tentou Jesus a duvidar da bondade de Deus. Com esse mesmo objetivo, ele tentou Eva: "Foi isto mesmo que Deus disse: 'Não comam de nenhuma árvore do jardim'?" (Gn 3.1). Ele exagerou de modo grotesco a proibição divina no Éden para insinuar que Deus é extremamente indiferente às necessidades humanas e hostil ao progresso humano.

No deserto, podia dar a impressão de que Satanás teria uma tarefa muito mais simples. Adão e Eva não tinham falta de coisa alguma; Jesus estava prestes a morrer de fome. Deus havia colocado Adão e Eva no jardim; em contrapartida, conduziu Jesus ao deserto. Ainda assim, Satanás abordou Jesus de maneira muito menos direta. Ele não disse: "Deus efetivamente o conduziu a este deserto árido para o deixar morrer aqui?".

Em vez disso, apenas sugeriu que Cristo suprisse suas próprias necessidades, já que parecia que seu Pai não supria o que ele precisava. Ao mesmo tempo, Satanás insinuou que, ao suprir suas próprias necessidades, Jesus poderia dirimir quaisquer dúvidas a respeito de sua própria identidade. Jesus tinha ouvido a voz do céu declarar que ele era o Filho de Deus. Satanás o levou a questionar essa palavra. "Foi isso que Deus disse?" ecoou no deserto a voz da serpente no jardim.

Jesus repeliu essa tentação ao usar a Palavra de Deus citada de Deuteronômio. Jesus não só cumpriu o papel do segundo Adão, o verdadeiro Filho de Deus. Ele também era o verdadeiro Israel, o Filho de Deus. Israel também havia sido testado em sua filiação depois de Deus ter dito ao Faraó: "Deixa meu filho ir para que me sirva" (Êx 4.23, KJV). Deus guiou o povo de Israel no deserto por quarenta anos para prová-lo, a fim de ver se aprenderia que o homem não vive só de pão, mas de toda palavra que procede da boca de Deus (Dt 8.2,3). As palavras de Deus a Israel foram concedidas no Sinai, nos Dez Mandamentos; também foram concedidas para guiar a caminhada de Israel quando montava o acampamento ou armava suas tendas conforme a palavra do Senhor (Êx 17.1).

O que o povo de Israel falhou em fazer, Jesus fez. Quando estavam famintos, deixaram de confiar na palavra de Deus. Não só duvidaram da bondade de Deus; eles a desafiaram e desprezaram o maná de sua provisão.

Mas Jesus, em contraste tanto a Adão quanto a Israel, foi obediente como o verdadeiro Filho de Deus. Ele viveu pela palavra de Deus; não somente pelo preceito das Escrituras, mas pela voz de seu Pai do céu e pela vontade de Deus que o conduziu ao deserto.

Depois que a primeira tentação falhou, Satanás levou Jesus à parte mais alta do Templo e o incentivou a jogar-se de lá. Essa tentação convidou Jesus a trocar a fé pelo que via. A tentação tinha mais força do que podemos imaginar, pois Satanás citou um salmo que claramente trazia a promessa de Deus a seu Messias (Sl 91.11,12). Jesus moldou sua vida como aquele em quem as Escrituras se cumpriram. Satanás estava agora pedindo a Jesus não que desobedecesse às Escrituras, mas que as cumprisse. Na verdade, Satanás estava propondo a audácia em nome da fé, mas sugeria que Jesus demonstrava falta de fé se ele se recusasse a colocar Deus à prova. Se ele não se jogasse, isso certamente indicaria que não podia confiar que os anjos o sustentariam antes de tocar o calçamento do Templo abaixo.

Sem dúvida, há um contraste marcante entre essa tentação e a proposta para que Eva comesse do fruto proibido. No jardim, Satanás havia contradito diretamente a palavra de Deus: "Certamente não morrerão" (Gn 3.4). Contudo, ao falar a Jesus, Satanás, longe de contradizer a palavra de Deus, parece convidar Jesus a crer nela e agir baseado nela. Mas não é fé exigir que Deus mostre, de uma vez por todas, que suas promessas são verdadeiras. Isso não significa acolher o teste que Deus envia; antes, é colocar Deus à prova.

Adão e Eva colocaram Deus à prova desafiando-o, por assim dizer, a cumprir sua ameaça de castigo pela desobediência. Satanás queria que Cristo desafiasse a fidelidade de Deus de uma maneira bem mais indireta, mas propunha que ele agisse com base na dúvida do mesmo tipo. Não

haveria outra razão para se jogar do topo do Templo a não ser para averiguar, de uma vez por todas, se Deus poderia cumprir sua promessa. Para Eva, Satanás essencialmente disse: "Coma, certamente você não morrerá — porque Deus mentiu para você". Para Cristo ele falou: "Se jogue, certamente você não morrerá — *a não ser que* Deus tenha mentido para você".

Satanás tem mais uma tentação, apresentada como a última no Evangelho de Mateus. Ele levou Jesus a uma montanha alta, mostrou-lhe todos os reinos do mundo em sua glória e prometeu tornar Jesus rei de todos eles — *se* ele se prostrasse e adorasse Satanás como o autorizado a entregá-los (Mt 4.8,9). Outra vez, o paralelo com a tentação no jardim é marcante. Adão havia recebido de Deus o domínio sobre o mundo: era seu chamado legítimo. Ainda assim, Satanás sugeriu que um domínio mais abrangente era possível, um domínio em que a realeza de Adão e Eva teria um caráter diferente, uma glória que eles mal podiam imaginar. Eles se tornariam como Deus: não pequenas criaturas inocentes colocadas para cavar no jardim limitado de Deus, mas rivais poderosos do próprio Deus, tendo o conhecimento que o próprio Deus tem do bem e do mal.

Como Satanás queria, Deus não deveria ser adorado, mas invejado; não deveria ser servido, mas contrariado. O homem poderia ser seu próprio deus, construir seu próprio domínio, tomar posse do mundo não como administrador de Deus, mas como monarca absoluto. O Tentador, é claro, criaria a premissa de que ele era o amigo e defensor do homem; de que ele interveio para libertar o homem da exploração realizada por Deus e lhe possibilitar o destino que deseja.

Contudo, as implicações da tentação são evidentes. Se Adão e Eva não tivessem sido cegados inicialmente por seus desejos, teriam questionado a

autoridade da serpente. Quem era essa criatura que chamava Deus de mentiroso? Que nova relação decorreria de acatar a sugestão da serpente e não a ordem do Criador? Se a serpente propôs que se tornassem rivais de Deus, quais eram as intenções dela? É muito evidente que Adão e Eva não podiam rejeitar a palavra do Senhor sem se tornarem cativos à palavra do Diabo. Satanás não pediu abertamente que Adão o adorasse, mas esse foi claramente o resultado do seu êxito. Ao obedecer à serpente, Adão e Eva tornaram-se amigos de Satanás e inimigos de Deus.

Ao tentar Jesus, Satanás adotou a mesma estratégia, mas outra vez a questão foi expandida pela natureza e pelo chamado de Jesus como o verdadeiro Filho de Deus. Ele era o herdeiro de todos os reinos do mundo, e o Senhor dos principados e potestades pelos quais Satanás manteria as nações presas à sua vontade. Receber o seu devido domínio imediatamente com certeza implicaria evitar o sofrimento e a morte. Jesus sabia qual era o chamado do Pai para ele. Satanás fez de conta que Jesus poderia alcançar sua herança intacta ao preço de um breve reconhecimento dele como o Doador.

Malcolm Muggeridge sugeriu que, se a tentação ocorresse no mundo atual, Satanás abordaria Jesus por meio da mídia, oferecendo-lhe horário nobre na televisão para proclamar sua mensagem ao mundo todo, em troca de um pequeno reconhecimento. No começo e no fim do programa haveria a mensagem habitual do patrocinador: "Este programa foi apresentado como cortesia da Lúcifer Empreendimentos S.A.".

Jesus recusou a oferta de Satanás e passou a demonstrar uma autoridade que Satanás não tinha oferecido: a autoridade de ordenar que Satanás se retirasse. A analogia ao pecado de Adão está presente na forma de um contraste completo. Adão queria uma autoridade maior do que aquela que

Deus lhe havia concedido, e herdou vergonha e condenação. Ele seria o rival de Deus e assim se colocou contra Deus, tomando partido do Inimigo. Jesus queria servir seu Pai e herdou um domínio além dos sonhos de Adão ou de Satanás: um domínio que não rivaliza com o reino de Deus, mas é um com ele.

À direita do Pai, Jesus Cristo, o Deus-homem, exerce juízo e governo absolutos sobre toda a criação. Mesmo antes de sua exaltação à direita de Deus, Jesus manifestava autoridade divina na terra. Ele não somente podia falar com poder divino, mas também podia curar com facilidade divina. Ele ordenou que demônios saíssem, pois tinha amarrado o homem forte, Satanás, em um único combate, prevalecendo sobre ele (Mt 12.24-30).

Questões para estudo

1. Quem escreveu as primeiras Escrituras?
2. Leia Gênesis 1.27. O que é singular a respeito desse relato da Criação?
3. Qual é a diferença entre essas duas afirmações: "O homem é feito à imagem de Deus" e "O homem é feito como a imagem de Deus"?
4. Explique a frase: "A humanidade, o ápice da criação, tem um papel a desempenhar".
5. Qual foi o propósito do teste de Adão no jardim?
6. Leia Romanos 5.12-21 e 1Coríntios 15.22. Compare Adão e Cristo. Em que sentido eles são semelhantes e em que sentido são diferentes?
7. O relacionamento de Adão e Eva aponta para o relacionamento de Cristo e a igreja. Leia Efésios 5.28-33 e explique como Paulo estabelece a comparação.
8. Explique a afirmação: "O vínculo exclusivo entre Deus e seu povo é um dos temas principais do Antigo Testamento, mas que alcança sua plena

expressão no Novo".

9. Compare o teste de Adão no jardim com o teste de Jesus no deserto. Do que Satanás queria que tanto Adão quanto Cristo duvidassem?
10. Faça a comparação e o contraste entre as *reações* de Jesus e Adão à tentação.

Questões para aplicação

1. Você foi criado à imagem de Deus. Como isso deve mudar:
    a. como você enxerga a si mesmo?
    b. como você enxerga outros cristãos?
    c. como você enxerga os descrentes?
2. Se você é casado(a), como o seu relacionamento com o seu cônjuge reflete o relacionamento de Jesus com sua noiva, a igreja?
3. Se você é solteiro(a), como você pode se preparar para um relacionamento matrimonial que honre a Deus, ou ajudar outros a tê-lo?
4. Leia Sofonias 3.17 e pense a respeito do amor de Deus por seu povo. Você está apaixonado por seu Criador? Quais são algumas barreiras que o impedem de ter um relacionamento profundo e amoroso com Deus?
5. Como você reage à tentação? O que pode aprender da maneira como Jesus respondeu a Satanás?

[1] Citado em Henri Blocher, *In the beginning: the opening chapters of Genesis*, tradução para o inglês de D. G. Preston (Leicester, Reino Unido: InterVarsity, 1984), p. 86.

2

O FILHO DA MULHER

Triunfante como o Filho da mulher

Onde Adão está no começo da história humana, vemos Jesus Cristo. Ele é o Filho, portador da imagem de seu Pai. Ele vence na tentação, e sua Filiação é comprovada pela obediência. A mentira de Satanás é extraordinariamente refutada por ele. A serpente tinha dito a Adão e Eva: "Vocês serão como Deus" (Gn 3.5). Eles creram naquela mentira e assim retornaram ao pó do qual vieram. Longe de experimentar a glória com o fruto proibido, o primeiro casal experimentou medo e vergonha.

Mas em Jesus a promessa da criação do homem à imagem de Deus recebe o cumprimento da glória celestial. Foi a vontade de Deus desde o início que o homem fosse como Deus, não em rebeldia, mas em união com a Filiação de Cristo. A criação do homem à imagem de Deus não somente tornou a encarnação possível; foi o próprio plano de Deus de acordo com o seu propósito da encarnação. A criação de Adão, a formação de Eva, o teste no jardim — tudo nos prepara para Jesus Cristo.

Não sabemos de que maneira Deus teria manifestado sua imagem no homem por meio de Cristo se Adão e Eva não tivessem desobedecido. Certamente Adão, como filho obediente, teria sido levado a conhecer o

Filho amado. Mas sabemos que o pecado humano não frustrou o plano de Deus. Na verdade, o triunfo de Deus por meio de Cristo sobre o pecado é tão glorioso que somos levados a concluir que, sem o pecado, um amor e uma misericórdia tão maravilhosos no coração de Deus nunca poderiam ter sido manifestados. Podemos quase concordar com Agostinho, que exclamou: "*Felix culpa!*" (Transgressão venturosa!).

A maravilha da vitória de Deus em Cristo sobre o pecado manifestou-se imediatamente depois da Queda. Adão e Eva estavam envergonhados diante de Deus e um diante do outro. Eles juntaram folhas de árvores como um anteparo para tentar esconder sua sexualidade um do outro e seu ser da presença de Deus. Mas a obra de suas mãos não podia restaurar a unidade que haviam desfrutado um com o outro, nem podia protegê-los do juízo de Deus. Deus os buscou no jardim e eles precisaram responder à convocação de sua voz.

Uma cena de julgamento foi instituída. Deus inquiriu a respeito de sua transgressão. Mas então eles buscaram refúgio atrás de outro anteparo frágil: as desculpas por meio das quais podiam transferir a culpa. Adão culpou Eva, tornando-se seu acusador, em vez de seu defensor. No processo também culpou Deus: "A mulher que colocaste aqui comigo — ela me deu do fruto da árvore, e eu comi" (Gn 3.12). Eva, por sua vez, culpou a serpente: "A serpente me enganou, e eu comi" (Gn 3.13).

O que caracterizou a resposta dos pecadores no Éden não foi arrependimento, mas medo e fuga. O Juiz, tendo averiguado o caso, pronunciou sua sentença. Ele começou com a serpente, a quem o testemunho de Eva apontava; depois julgou Eva e, por fim, Adão. O que chama a atenção no julgamento de Deus é seu comedimento e misericórdia. A pena pela desobediência era a morte, mas Adão e Eva não caíram mortos

ao pé da árvore. A pena efetivamente seria aplicada: "Você é pó, e ao pó voltará" (Gn 3.19). Mas antes dessa sentença terrível o Senhor pronunciou palavras de esperança.

A serpente foi julgada antes de Eva e de Adão, e o julgamento da serpente mudou tudo. Deus inverteria o quadro. Embora Eva tinha se tornado amiga de Satanás e inimiga de Deus, Deus reverteria a situação. Ele colocaria a inimizade não entre Deus e o homem, mas entre o homem e Satanás. A soberania da palavra de Deus brilha por meio da promessa. Expressa no tempo futuro, ainda assim é a palavra do poder de Deus, do Deus que pode dar vida aos mortos e chamar à existência coisas que não existem, como se existissem (Rm 4.17).

De modo específico, a mulher e a descendência dela foram feitas inimigas de Satanás por meio das gerações de conflito que se seguiriam. Não Adão, mas o futuro descendente dele seria o Inimigo de Satanás. Os termos do oráculo não tornam claro se a semente prometida da mulher seria seu primeiro filho ou uma longa linhagem de seus descendentes. Adão parece ter entendido que a promessa de Deus implicava o cumprimento da ordem de povoar a terra, pois deu à sua mulher o nome de Eva, "vivente", como a mãe de todos os viventes (Gn 3.20). Esse nome está em contraste com a sentença de morte que Deus havia pronunciado, mas não foi dado em desafio a Deus, mas em afirmação da promessa divina. Eva também falou pela fé quando seu primeiro filho nasceu: ela deu à luz um homem com o auxílio do Senhor. (A afirmação de Gênesis 4.1 poderia ser traduzida: "Eu dei à luz um homem: o Senhor".)

A promessa de Deus foi além de uma declaração de inimizade entre a semente da mulher e a descendência da serpente. Haveria um desfecho decisivo: a cabeça da serpente seria esmagada, e o calcanhar do homem seria

ferido. A figura se encaixa com a maldição proferida sobre a serpente; ela corresponde à aversão do homem a cobras peçonhentas. Mas, assim como a serpente não é meramente um animal do Jardim do Éden, mas porta-voz de Satanás, assim também o juízo aponta além da experiência do homem com picadas de cobras para o cumprimento final dessa profecia: o conflito e a vitória em que o Filho da mulher sofreria, mas a serpente seria esmagada.

Paulo sustenta essa interpretação quando escreve aos cristãos romanos: "O Deus da paz em breve esmagará Satanás debaixo dos pés de vocês" (Rm 16.20). A vitória de Cristo sobre Satanás trará vitória ao povo de Deus: os planos de Satanás serão totalmente frustrados. João relata as palavras de Jesus às vésperas do Calvário: "Chegou a hora de julgar este mundo; agora o príncipe deste mundo será expulso" (Jo 12.31). Paulo se alegra com o triunfo de Deus na cruz sobre todos os "principados e potestades", as forças demoníacas do reino de Satanás (Cl 2.15, KJV).

A ironia suprema do Calvário é que a aparente vitória de Satanás foi sua derrota. O livro de Apocalipse retrata Satanás não meramente como uma serpente, mas como um grande dragão vermelho em pé diante da mulher que está prestes a dar à luz, "para devorar seu filho no momento em que nascesse" (Ap 12.4). Embora o propósito de Satanás tenha sido derrotado quando Jesus escapou da matança dos meninos de Belém, Satanás pareceu alcançar seu propósito no Gólgota. Ao som da zombaria inspirada por Satanás, Jesus estava pendurado na cruz, em aparente impotência, e ali morreu.

Mas Jesus não somente foi ressuscitado dos mortos e exaltado à direita de Deus (Ap 12.5; At 2.32,33); ele foi vitorioso em sua própria morte. Foi sua morte que expiou o pecado, cumpriu as exigências da Lei e trouxe salvação aos pecadores. Por intermédio da morte de Cristo, Deus desarmou

os principados e poderes, triunfando sobre eles na cruz (Cl 2.15). À sombra da cruz, Jesus podia dizer: "Agora é o julgamento deste mundo: agora o príncipe deste mundo será expulso" (Jo 12.31, KJV).

Jesus triunfou por sua vida bem como por sua morte. Ele cumpriu o chamado que havia sido feito a Adão. A ordem para Adão e Eva era terem domínio sobre a terra. O domínio de Adão é exercido agora por Cristo. Como ocorre com frequência na obra de salvação, o cumprimento em muito supera as expectativas despertadas pela promessa. Cristo exerce um domínio muito maior do que o que foi dado a Adão. Ele é Senhor não só deste planeta, mas do cosmo.

O senhorio de Cristo é exercido de um modo direto e imediato que reflete seu poder divino, bem como sua autoridade como segundo Adão. Ele pode ordenar o vento e o mar, e eles lhe obedecem. Peixes enchem as redes atendendo à sua ordem; água se torna vinho; um pão em suas mãos alimenta milhares de pessoas. Como Jesus não emprega meios tecnológicos para manifestar seu domínio sobre a criação, podemos deixar de perceber a amplitude de seu domínio. Podemos ficar maravilhados com as conquistas técnicas do homem sobre o mar e sobre o ar, mas ninguém é capaz de andar sobre a água como Jesus andou, muito menos ascender ao trono do Pai.

Jesus também realiza a ordem dada a Adão para encher a terra. Paulo usa os termos encher e dominar para retratar o senhorio atual de Jesus Cristo (Ef 1.20-23; 4.10). Jesus não vem simplesmente para resgatar o homem das profundezes de sua perda. Ele vem realizar para nós o chamado de nossa humanidade. Seu é o domínio perfeito e derradeiro do homem sobre o cosmo. Ele, o segundo Adão, pode dizer: "Aqui estou, e os filhos que Deus me deu" (Hb 2.13; Is 8.18).

Uma grande multidão que ninguém pode contar, de todas as tribos e todos os povos, está reunida em nome de Jesus. Aquele que enche todas as coisas com o seu poder reuniu a plenitude de Israel e a plenitude das nações no dia de sua glória (Rm 11.12,25; Ap 7.9). Sua realização do chamado de Adão não torna o nosso serviço inútil. Pelo contrário, somente porque ele cumpriu o chamado do homem, o nosso trabalho pode ser significativo, pois nossa comunhão é com ele. Sua vitória é a nossa esperança. Com humildade, não arrogância, recebemos do Senhor vitorioso um chamado renovado para fazer sua vontade a este mundo.

A semente escolhida

A grandiosa promessa divina continua em vigor. A "semente" da mulher esmagará a cabeça da serpente (Gn 3.15); a rebeldia do homem será dominada. Essa promessa traz sentido aos capítulos seguintes de Gênesis. A expressão: "Estas são as gerações de…" (Gn 2.4) indica a estrutura do livro, levando-nos da humanidade como a "geração" do céu e da terra para os descendentes de Jacó, sua "geração".

Veja a lista de Gênesis das fontes das "gerações": céu e terra (Gn 2.4); Adão (5.1); Noé (6.9); os filhos de Noé (10.1); Sem (11.10); Terá, o pai de Abraão (11.27); Ismael (25.12); Isaque (25.19); Esaú (36.1,9); Jacó (37.2). A ideia da ênfase sobre as gerações é que Deus não esqueceu sua promessa. A linhagem designada dos descendentes da mulher precisa continuar. Ao longo da história escura e sangrenta do pecado e da violência humanas, Deus continua a linhagem de sua promessa.

Essa promessa permanente inclui uma separação permanente. A separação aparece de imediato, pois Deus está satisfeito com a oferta de Abel, mas não com a de Caim. Em fúria ciumenta, Caim assassina seu

irmão, Abel. A impressionante tolerância de Deus é mais uma vez evidenciada, assim como foi no Jardim do Éden. Caim é poupado, embora seja impelido ao exílio, assim como Adão e Eva foram expulsos do jardim.

Os descendentes de Caim estão registrados. Seus progressos nas esferas da tecnologia e da urbanização são retratados. Mas, apesar de desvendar o potencial da criação divina, eles permanecem rebeldes. Metalurgia, poesia e música são desenvolvidas, mas o fruto dessa cultura é o hino de Lameque: o hino da espada que celebra as ameaças do primeiro militarista do mundo (Gn 4.23,24).

Gênesis não apresenta a linhagem de Caim como um livro das "gerações". Em vez disso, a narrativa se volta para Sete. Deus concede a Adão e Eva outro filho. Ele institui outra tradição na humanidade diferente da violência urbanizada da linhagem de Caim. O nome "Sete" está conectado com o verbo que significa designar ou estabelecer. Deus designou outra semente no lugar de Abel (Gn 4.25). Esse é o verbo usado na promessa divina: "[*Estabelecerei*] inimizade entre ti e a mulher, e entre a tua semente e a semente dela" (Gn 3.15, KJV). O eco da palavra apoia nosso entendimento de que Eva não está meramente se alegrando ao dar à luz outro filho para substituir Abel, mas que o foco é a promessa de Deus e o enaltecimento da fidelidade divina.

Divisão, julgamento e bênção continuam ao longo das seções das "gerações" de Gênesis. A linhagem de Sete é corrompida, talvez, pelos casamentos com a linhagem de Caim. A perversidade e a violência humanas alcançam uma degradação tão profunda que Deus intervém com o juízo do grande Dilúvio. Essa separação cataclísmica da humanidade reduz a história às gerações de Noé e de seus filhos. Mais uma vez, os três filhos são divididos. A bênção divina é dada a Sem com uma plenitude marcante:

Deus deve ser louvado como o Deus de Sem. Seu irmão Jafé virá habitar em suas tendas, presumivelmente para partilhar das bênçãos desfrutadas por Sem. As gerações de Sem vêm na sequência do relato.

Divisão aparece, mais uma vez, à medida que os descendentes de Noé se unem na construção da cidade e da torre de Babel. Como nos dias dos descendentes de Caim, a cidade é construída não para a glória de Deus, mas para exaltar o nome do homem. Mais uma vez, Deus julga. Para restringir o crescimento do mal totalitário e uma humanidade unida, Deus traz confusão do idioma sobre os habitantes da planície. As nações são divididas, e essa divisão fornece o pano de fundo para o registro das gerações de Terá, a história de Abraão e de seus descendentes.

De modo claro, o livro de Gênesis fornece um relato das "gerações" que vai desde a Criação até a identidade distinta dos descendentes de Jacó no Egito. Contudo, a história não é uma mitologia fantástica de uma super-raça. O povo de Israel não é o melhor povo, mas o povo escolhido. Seus pecados e fraquezas são apresentados com uma imparcialidade dolorosa. O foco não está nos atos heroicos dos patriarcas, mas na fidelidade de Deus, que chamou os patriarcas para que sua promessa não fosse anulada. Uma leitura rápida desse amplo panorama nos conduz a um cumprimento além do Êxodo, para uma redenção que alcançará as nações.

O termo "semente" é ambíguo no hebraico: pode se referir a descendentes como um grupo coletivo ou a um descendente individual. Gênesis não resolve de modo específico essa ambiguidade. Contudo, como nos apresenta a linhagem de pais e filhos, certamente aponta para um segundo Adão, uma Semente que é designada como Sete, chamada como Noé, escolhida como Sem e tornada uma bênção para toda a terra como a Semente de Abraão.

Questões para estudo

1. Qual foi o resultado da provação de Adão e Eva?
2. Qual era a vontade de Deus para o homem desde o início?
3. Qual é a sua opinião sobre a noção de Agostinho da *felix culpa* (*transgressão venturosa* ou *pecado feliz*)?
4. Como Adão e Eva tentaram escapar do juízo divino?
5. Qual foi o resultado do oráculo (ou promessa) que Deus anunciou em meio ao juízo?
6. Leia Romanos 16.20. Que argumento Paulo está sustentando?
7. Qual é a ironia suprema da cruz?
8. Como Jesus cumpre o mandato concedido a Adão no passado?
9. Compare e contraste as linhagens de Sem e de Caim.
10. Explique: "O povo de Israel não é o melhor povo, mas o povo escolhido".
11. Comente a ambiguidade da palavra "semente". Como essa ambiguidade tanto confunde quanto ajuda a interpretar a Bíblia?

Questões para aplicação

1. Como você tenta fugir de Deus ou se blindar dele quando sabe que pecou?
2. A promessa da vitória de Deus sobre Satanás é para você. Você experimenta essa verdade em sua vida, ou é uma vítima indefesa do pecado? De uma ou de outra forma, como você responde a essa questão afetará como você vive, evangeliza e serve na igreja. Dê exemplos.
3. Aplique a afirmação a seguir a si mesmo ao inserir o seu nome na lacuna: "_____ não é a melhor pessoa, mas é escolhida". Como isso muda sua percepção de si mesmo? Quais são os seus

pecados e fraquezas a despeito dos quais Deus escolheu você e lhe mostrou sua fidelidade?

3

O FILHO DE ABRAÃO

A promessa vinculada a um juramento

Abrão, um homem idoso, caminhou na escuridão debaixo das grandes árvores em que suas tendas estavam armadas. Embora fosse rico, era um nômade, não possuindo propriedades fixas na terra em que seu gado e seus rebanhos pastavam.

Ele chegou a uma clareira além do seu acampamento e contemplou o esplendor do céu, o firmamento escuro que pulsava com o brilho de inumeráveis estrelas. Sua vida havia sido longa e difícil. Fora cidadão de Ur na primeira parte de sua vida, uma cidade com grandes riquezas nas planícies da Mesopotâmia. Mas, juntamente com seu pai, havia trocado Ur por Harã, um lugar bem mais ao norte. Quando seu pai morreu, Abrão e seu sobrinho Ló saíram de Harã, seguindo as rotas das caravanas em torno do Crescente Fértil rumo à terra em que suas tendas agora estavam armadas.

Abrão podia refletir também sobre uma viagem ao Egito que quase resultou em um desastre familiar. De volta à terra, havia resolvido um conflito doloroso entre seus pastores e os pastores de Ló ao conceder a seu sobrinho a escolha entre as pastagens da região montanhosa e as da planície. Ló escolheu a planície bem como a cidade de Sodoma. Contudo, quando

exércitos invasores capturaram Ló juntamente com os habitantes de Sodoma, Abrão agiu rapidamente. Empregando seu contingente considerável de servos como força tática, resgatou Ló e o restante dos cativos. Abrão poderia ter aumentado de modo substancial sua própria riqueza ao apoderar-se de parte do despojo que resgatou, mas recusou-se a tocar em qualquer parte dele.

O que ocupava a mente de Abrão ali, enquanto ele fitava o céu? Não as memórias de sua batalha, nem o vislumbrar da riqueza da qual abdicou. Abrão estava comungando com Deus. Seu coração havia carregado um grande fardo por décadas. Ele e sua esposa, Sarai, não tinham filhos.

A narrativa a respeito de Abraão não apresenta uma biografia completa. Ela se concentra nas partes em que o coração do patriarca estava concentrado: na promessa de Deus. Deus havia chamado Abrão para deixar seu lar e a casa de seu pai e ir para uma terra que lhe mostraria. Abrão deveria se separar de Ur e até de seus parentes em Harã. Ele deveria sair de lá não como parte da migração de um povo, mas como cabeça de uma única família. Por ordem de Deus, ele foi separado para que se tornasse o pai de uma linhagem da promessa. Deus havia tomado a iniciativa de chamar Adão no jardim, ou de chamar Noé para construir a arca para salvar sua casa.

O chamado de Deus a Abrão abarcava uma promessa dupla: ele abençoaria Abrão e tornaria Abrão uma bênção. Os dois lados da promessa estavam relacionados ao compromisso divino de tornar a semente de Abrão uma grande nação (Gn 12.2). Deus tornaria o nome de Abrão grande no sentido de que seus descendentes formariam um grande povo. Eles partilhariam da bênção que Deus concedeu a Abrão, e Abrão seria abençoado pela bênção divina concedida a eles.

Nosso entendimento de bênção se desvaneceu juntamente a nossa percepção da presença de Deus. *Bênção* é o pronunciamento do favor divino. Inclui as dádivas que Deus concede como evidência do seu amor e favor; contudo, bênção é mais do que o que Deus concede. É o vínculo de favor que une Deus com o seu povo.

Abrão foi abençoado porque podia invocar o nome do Senhor que se revelou a ele (Gn 12.7,8). Como era abençoado por Deus, também podia orar por outros: o povo de Sodoma (Gn 18.2-33) ou Abimeleque (Gn 20.17). O fato de Abrão ser abençoado é, portanto, a chave para ele ser uma bênção. Como era amigo de Deus, o próprio Deus tornou seu nome grande, e ele testemunhou acerca do grandioso nome de Deus.

O chamado de Abrão o separou com o intuito de fazer uma nação separada a partir dele. Mas Deus não se esqueceu das outras nações, as gerações dos filhos de Noé arroladas também em Gênesis. Ao abençoar Abrão, Deus tinha a intenção de abençoar as nações. Elas ouviriam a respeito do Deus de Abrão e seriam atraídas para adorá-lo como seu Deus em comunhão com os descendentes de Deus: Jafé habitaria nas tendas de Sem (Gn 9.27).

Contudo, enquanto Abrão fitava as estrelas, essas promessas estavam longe de serem cumpridas. Deus havia lhe prometido uma terra, mas ele ainda era nômade na terra que haveria de ser sua. Deus havia prometido torná-lo uma grande nação, mas sua esposa, Sarai, ainda era estéril e seus anos de fertilidade já haviam terminado há muito tempo. Ainda assim, Abrão foi levado a fitar as estrelas pelo próprio Deus, que lhe havia aparecido em uma visão dizendo: “Não tenha medo, Abrão. Eu sou o seu escudo, sua grandíssima recompensa” (Gn 15.1).

Abrão tinha ouvido essa promessa reiterada, mas isso somente aprofundava a angústia do seu coração. "Ó Soberano Senhor, o que o Senhor pode me dar, visto que continuo sem filhos e a pessoa que herdará minha propriedade é Eliézer de Damasco?" (Gn 15.2). Embora Deus tivesse falado mais uma vez a Abrão, as palavras divinas não eram somente palavras, já que a realidade era tão diferente? Deus prometeu não só dar uma recompensa a Abrão, mas ser a Recompensa de Abrão. Não havia bênção maior possível. O próprio Deus seria a herança e a porção de Abrão e de sua semente.

A grandiosidade da promessa parecia perdida para Abrão, mas Deus não o condenou. Antes, Deus o chamou para sair da tenda nessa noite a fim de despertar sua fé: "Olhe para o céu e conte as estrelas — se é que efetivamente pode contá-las. […] Assim será a sua descendência" (Gn 15.5). O Deus que difundiu as galáxias multiplicaria a semente de Abrão. A promessa de Deus era segura. Abrão contemplou as estrelas e com os olhos da fé viu a glória do Senhor: "Abrão creu no Senhor, e isso lhe foi creditado como justiça" (Gn 15.6).

O apóstolo Paulo corretamente salienta esse versículo para fundamentar seu ensino sobre a justificação pela fé. Abrão não tinha merecido o favor divino por seus atos de justiça. Antes, justiça lhe foi creditada. Ele confiou não no que havia feito ou poderia fazer, mas no que Deus havia falado e faria. A fé de Abrão se ergueu da escuridão de suas dúvidas e temores. E aqui, fitando as estrelas, ele creu em Deus.

Ainda assim, embora acreditasse, Abrão buscou uma certeza adicional. Como poderia *saber* que efetivamente herdaria a Terra Prometida? (Gn 15.8). A resposta de Deus foi uma evidência ainda mais arrebatadora de sua graça e misericórdia como Rei. Abrão não foi julgado porque pediu um

sinal. Pelo contrário, Deus o instruiu a sacrificar uma novilha, uma cabra e um carneiro, junto com uma pomba e uma rolinha. Os animais deveriam ser divididos de modo que metade de sua carcaça formaria uma fileira e a outra metade outra fileira, com um espaço entre elas. Abrão gastou o restante do dia expulsando as aves de rapina dos cadáveres expostos.

Ao pôr do sol, Abrão caiu em um sono profundo e trevas pavorosas vieram sobre ele. Deus começou a falar com ele novamente. Falou a respeito das notícias sombrias do exílio, do cativeiro e da escravidão dos descendentes de Abrão; contudo, novamente declarou a promessa de que, na quarta geração, seriam trazidos de volta e finalmente tomariam posse da Terra Prometida.

No silêncio depois do oráculo, uma luz pavorosa irrompeu nas trevas. Um relâmpago abrasador passou pelo corredor formado entre as partes dos animais. A mesma terminologia usada nesse relato para retratar tanto as trevas quanto o fogo é utilizada mais tarde para referir-se ao fogo do Senhor no Sinai, em que Deus aparece no fogo e na nuvem (Gn 15.12,17; Êx 19.18; 20.18,21). O simbolismo é claro a partir da profecia de Jeremias (Jr 34.18-20). Andar entre as partes divididas do sacrifício de um animal é uma cerimônia para fazer um juramento. O juramento expressa de modo evidente uma maldição sobre si mesmo: "Que eu seja dividido ao meio como esse animal caso eu não cumpra o juramento que declarei".

O impressionante a respeito dessa visão é que o próprio Deus faz esse juramento. Ele jura a Abrão por sua própria vida que cumprirá a palavra que prometeu. Esse juramento divino sela a aliança que Deus faz com Abrão. Nessa aliança, ele promete destruir os habitantes perversos da terra e entregá-la aos descendentes de Abrão. A aliança se concentra sobre a

semente de Abrão: a nação que Deus levantará, os descendentes (e o Descendente) da promessa.

A ameaça da presença do Deus santo preenche as trevas e arde no fogo. Deus não deixará de cumprir a sua palavra. Mas e quanto aos pecados de Abrão e da nação que nascerá dele? Não deverão ser devorados pela mesma chama de juízo que Deus trará sobre os amorreus quando o cálice da iniquidade desse povo estiver cheio? (Gn 15.16). Se Deus cumprirá seu juramento de bênção a Abrão, como sua misericórdia pode triunfar sobre sua ira?

A resposta não é plenamente revelada até que as trevas divinas envolvam o Calvário. Ali Deus Filho carrega a maldição de sua própria imprecação, não porque é culpado, mas porque ele assume o lugar dos culpados. Esse é o preço final do juramento divino de graça. Esse juramento misterioso traz uma solenidade pavorosa. Aponta para além de séculos de escravidão no Egito, para além da dádiva da Terra Prometida, para o dia em que o penhor de sua própria vida seria pago com sangue (1Pe 1.18,19).

Deus realça a sua promessa

Abrão creu na promessa divina. Ele estava impressionado com essa promessa e com a descrição das dificuldades que aguardavam sua descendência. Mas Abrão ainda não tinha filhos. Dez longos anos haviam se passado desde que ele veio à terra de Canaã. Ele já estava na casa dos oitenta anos. A promessa de Deus não apenas fora postergada, mas certamente também se tornara impossível.

Sarai, sua esposa, sabendo da desesperança de sua condição estéril, propôs uma estratégia para Abrão. De acordo com os costumes da época, o filho da serva de uma senhora poderia ser reconhecido como filho dela.

Assim, Sarai entregou sua escrava Agar a Abrão na esperança de que esta pudesse gerar o filho da promessa. Em decorrência disso, Agar engravidou de Abrão.

A alegria de Abrão à notícia foi um pouco mitigada, no entanto, quando Agar fez valer sua vantagem sobre a senhora. Abrão foi forçado a defender Sarai contra Agar. Quando Sarai a tratou de modo áspero, Agar fugiu, mas foi persuadida por um anjo a retornar. Restaurada a seu acampamento, Agar deu à luz um filho, Ismael. Era essa a maneira pela qual Deus cumpriria sua promessa? Podia parecer que sim. Deus interveio na fuga de Agar para ordená-la a voltar e submeter-se a Sarai. O nome Ismael ("Deus ouve") foi dado pelo anjo do Senhor para assinalar que Deus havia ouvido a aflição de Agar.

Mais anos se passaram. Quando Abrão tinha 99 anos de idade, Deus lhe apareceu outra vez, estabelecendo sua aliança com uma abrangência maior e promessas grandiosas. Como Abrão agora tinha Ismael como filho, este também seria cabeça de uma nação. Abrão seria o pai de *muitas* nações. Ele foi circuncidado como sinal da aliança (em uma época em que a circuncisão talvez lhe parecesse um símbolo particularmente inapropriado, referindo-se de maneira direta ao resultado da procriação). Deus mudou seu nome para Abraão: "Pai de uma multidão", e mudou o nome de Sarai para o título régio Sara: "Princesa". Deus reafirmou sua aliança: ele seria o Deus de Abraão e para a sua semente depois dele. Sua aliança seria eterna.

Mas Deus também prometeu outra vez que Abraão teria um filho com Sara, sua esposa. Ela também seria a mãe de nações, e linhagens reais estariam entre os descendentes dela.

Foi demais para Abraão. O recentemente nomeado "Pai de uma multidão" curvou-se e riu. Isso já tinha ido longe demais. Agora era

ridículo. Sara geraria um filho dele? Na idade *dela*? Uma mulher de noventa anos gerar um filho de um homem com cem anos?

O absurdo desse retrato parecia proporcionar uma satisfação irônica a Abraão depois de todos esses anos de esperança angustiante. Como ele agora estava convencido de que isso não podia ocorrer, era um alívio rir a respeito. Contudo, diante do Senhor, Abraão se controlou. "Que Ismael viva diante de ti!", disse Abraão. (Em outras palavras: "Senhor, seja sensato. Afinal de contas, já tenho um filho — um menino vistoso com treze anos de idade. Ismael já é um milagre, Senhor. Simplesmente faça *dele* cabeça da nação prometida. Escolha-o como a linhagem da promessa. Sua promessa pactual é gloriosa, mas falar a respeito de um filho de Sara já é demais…".)

As promessas de Deus sempre são demais, e há muitos que proporiam que Deus se contentasse com Ismael. O aspecto miraculoso na Bíblia, incluindo essa história de Abraão e Sara, é ofensivo para os filhos contemporâneos do assim chamado Iluminismo. Sim, a história é linda como lenda, mas biologicamente, absurda demais. Deus destrói sua credibilidade ao prometer demais. Sem dúvida, a ciência *talvez* se aproxime de alguns milagres divinos: sêmen congelado, fertilização *in vitro*, implante de órgãos — a biologia moderna talvez consiga resolver o problema. Contudo, antes dos avanços da ciência moderna, qualquer coisa parecida com isso teria sido considerada totalmente impossível.

A risada da descrença atual é muito diferente da risada de Abraão. Ele ficou estarrecido com a promessa, mas estava sinceramente grato por Ismael e profundamente preocupado com que a aliança de Deus se cumprisse para seus descendentes. Deus assegurou a Abraão que Ismael não seria esquecido. Ele também seria abençoado por Deus. Mas a linhagem da

promessa viria por meio do filho de Sara. Assim Deus deu a Abraão exatamente o nome adequado para seu filho: Isaque — "Riso!".

Não foi só Abraão que riu: Sara também. O anjo do Senhor veio visitar Abraão com dois companheiros. Debaixo das grandes árvores de Manre, em que Abraão havia fitado as estrelas, os visitantes angelicais desfrutaram da hospitalidade de Abraão. Então, eles perguntaram por sua esposa. O Senhor disse a Abraão: "Certamente retornarei a você em torno dessa época no próximo ano, e Sara, sua esposa, terá um filho" (Gn 18.10). Ao ouvir isso, Sara, que escutava a conversa na entrada de sua tenda, começou a rir. O anjo do Senhor a confrontou: "Por que Sara riu? [...] Há alguma palavra maravilhosa demais para Deus?" (Gn 18.13,14).[1] Envergonhada, Sara mentiu: "Eu não ri", disse toda confusa. Mas o Senhor queria que a verdade fosse registrada — também em seu coração: "Você riu, sim" (Gn 18.15).

A promessa divina, como bem sabemos, foi mantida. Sara efetivamente concebeu e, no tempo prometido por Deus, deu à luz um filho. O pequeno menino recebeu o nome que Deus havia escolhido para ele: Riso. Na circuncisão de Isaque, Sara riu outra vez — não motivada pela descrença, mas em alegria cética: "Deus me encheu de riso", ela disse. "Todos que ouvirem falar disso rirão comigo. [...] Quem diria a Abraão que Sara amamentaria filhos?" (Gn 21.6,7). Quem efetivamente, a não ser o Deus que promete o impossível e cumpre sua promessa!

Em Isaque, ouvimos o riso da graça triunfante de Deus. Ele se alegra em cumprir sua promessa absurda de bênção. Os infiéis orgulhosos talvez precisem ser lembrados de que "aquele que se assenta nos céus rirá" (Sl 2.4, KJV), mas há o riso da graça bem como o riso do juízo. Sara entendeu o que Deus estava ensinando; ela riu!

Mais uma vez não podemos perder o foco da promessa. Abraão seria abençoado em seus descendentes; eles se tornariam grandes nações. Mas o foco estava sobre Isaque, o filho da promessa, o filho que foi concedido para mostrar que nenhuma palavra de Deus é isenta de poder. Deus tornou isso claro quando exigiu que Abraão mandasse Ismael embora: "Por meio de Isaque a sua semente será chamada" (Gn 21.12, KJV). Isaque, o filho prometido, era o filho amado. Na verdade, pode-se dizer que ele é o único filho de Abraão, pois era o herdeiro da promessa.

Na plenitude dos tempos, o Filho de Deus prometido nasceu. Quando o anjo anunciou o nascimento maravilhoso a Maria, ela não riu, mas sussurrou maravilhada: "Como acontecerá isso, visto que sou virgem?" (Lc 1.34). A resposta que ela recebeu foi a mesma que Deus dera a Sara: "Nenhuma palavra é impossível para Deus" (Lc 1.37; Gn 18.14).[2] Deveria nos surpreender que Jesus disse: "Abraão regozijou-se ao ver o meu dia: ele o viu e alegrou-se"? (Jo 8.56, KJV). A fé fortalecida de Abraão agarrou-se à promessa, e sua alegria saudou o nascimento de Riso. Dessa maneira, ele também podia antever o dia em que toda a promessa divina se cumpriria em sua Semente.

A promessa contestada?

A vida de Abraão foi uma peregrinação de fé. Sua fé havia sido levada a ponto do absurdo, mas ele havia aprendido que nenhuma palavra de Deus é isenta de poder. O teste que ainda faltava para Abraão era, como podemos dizer, além da crença. Isaque, o filho da promessa, era a evidência viva da fidelidade de Deus. Ele era Riso, a promessa cumprida, fé que se tornou visível.

Mas agora Deus estava testando Abraão com uma ordem que parecia tornar a fé completamente irracional. Ele ordenou Abraão a sacrificar Isaque como holocausto em um lugar a ser determinado. O que Deus estaria querendo? Uma coisa era esperar além do razoável pelo cumprimento da promessa. Outra coisa era, *contra* tudo o que é racional, destruir com sua própria mão a promessa que havia sido cumprida. Deus não conhecia o amor que Abraão agora tinha por Isaque? Sim, Deus conhecia: "Tome seu filho, seu único filho, Isaque, a quem você ama, e vá para a região de Moriá. Sacrifique-o ali como holocausto em um dos montes que lhe mostrarei" (Gn 22.2).

Não há como imaginar um teste mais severo à fé. O preço: tudo o que Abraão tinha. O holocausto era um símbolo de consagração: oferecer a Deus sem reservas ou sem sobras um cordeiro do rebanho ou um boi da manada. Abraão já tinha abdicado de Ismael, ao mandá-lo embora obedecendo à ordem do Senhor. Mas agora é pedido a Abraão que entregue Isaque, plenamente e sem reservas. Não bastava a Abraão dizer: "Considero todas as coisas como perda por amor ao Senhor". Não, ele precisa experimentar a perda de todas as coisas e pela sua própria mão deve executar esse sacrifício pavoroso.

O preço que parece ser exigido de Abraão é ainda mais alto que o preço do amor. E quanto à promessa propriamente dita? Não estava sendo exigido que Abraão renunciasse até mesmo a isso? Ele deveria se tornar o "Pai de uma Multidão", mas Deus estava exigindo o sacrifício de seu único filho. A *ordem* de Deus não destruía a *promessa* de Deus? Como Abraão poderia se comprometer a confiar na palavra de Deus quando essa palavra em si parecia ser contraditória?

Foi o dilema que Satanás tentou jogar sobre Jesus no deserto. Se ele efetivamente era o Filho de Deus, enviado para ser o Redentor do mundo, Deus não estava destruindo exatamente essa palavra da promessa ao conduzi-lo ao deserto e permitir que morresse de fome nesse local? Estava implícito na abordagem de Satanás que não era possível confiar na ordem que Deus dera a Jesus. Deus não o estava livrando da morte, não poderia livrá-lo da morte. Era o momento de colocar Deus à prova. Embora Deus fosse seu Pai, ele só lhe dera pedras como pão. Ele mesmo devia transformar as pedras em pães, já que Deus não achara adequado fazê-lo para ele. Assim Abraão pode ter sido tentado: desafiar a ordem de Deus e dessa maneira agarrar-se à realidade de sua situação, em vez de fiar-se unicamente na palavra de Deus.

Mas, como Abraão creu em Deus, ele não duvidou da sua bondade, sabedoria ou fidelidade. Precisamos nos lembrar de que Deus não lhe pediu que assassinasse o filho, mas que o oferecesse como sacrifício. A diferença é importante. No Antigo Testamento, a vida de todas as pessoas pecadoras está nas mãos de Deus em virtude da sua culpa; Deus pode exigir a morte de qualquer pecador. Além disso, a reivindicação do juízo divino é direcionada contra o primogênito como representante de todos. Como Criador, Deus pediu que Israel consagrasse a ele o primogênito de seus rebanhos e manadas. Como Redentor, pediu de Israel seus filhos primogênitos (Êx 13.15; 22.29). Na libertação do Êxodo, Deus reivindicou os filhos primogênitos dos egípcios em decorrência do juízo contra os pecados deles.

Mas Israel também era um povo pecador. Os filhos primogênitos de Israel também estavam sob a ameaça do anjo da morte. Para que os filhos de Israel pudessem escapar da morte, Deus providenciou a ordenança do cordeiro pascal. O anjo viu o sangue do cordeiro nos batentes das portas e

não exerceu juízo sobre a casa dos israelitas. Contudo, a reivindicação de Deus ainda repousava de um modo especial sobre o filho primogênito (Êx 22.29). Os levitas serviam a Deus para quitar essa dívida, todos eles. Além disso, a lei permitia o pagamento de um resgate. O primogênito seria remido pela quantia de cinco siclos. Ele então permanecia juntamente com sua família como alguém que pertencia a Deus (Nm 3.11-13,44-51; 8.14-19).

A reivindicação a Isaque era coerente com sua reivindicação de todo primogênito da descendência de Abraão. Deus não estava ordenando Abraão a cometer um crime, mas a exercer um juízo justo.

Ademais, todos os sacrifícios que incluíam o derramamento de sangue carregavam o simbolismo da expiação, de satisfazer as dívidas pelo pecado. Abraão também era pecador. Como ele poderia ser aceitável a Deus? Ele deveria oferecer o fruto de seu corpo pelo pecado de sua alma? (Mq 6.7). Como a promessa divina de bênção a Abraão precisava incluir redenção pelo pecado, não seria necessário um sacrifício maior que a oferta de cordeiros, novilhos e cabras para pagar pelo preço do pecado? Se a promessa da bênção salvadora de Deus deveria vir por meio da semente de Abraão, Isaque não era aquele que carregaria o pecado? Ele não fora dado por Deus a Abraão para que Abraão o devolvesse a Deus?

Sem dúvida, como sabemos, era o propósito de Deus prover um substituto para Isaque: um carneiro preso nos arbustos no monte do sacrifício. Consequentemente, o acontecimento não forneceu uma justificativa para sacrifícios humanos, mas o oposto: Deus proibiu esses sacrifícios, aceitando a oferta de animais no lugar deles.

Ainda assim, não devemos deixar de captar o significado da ordem. Deus pode e precisa exigir de Abraão não somente a consagração de tudo o

que tem e é, mas também a plena satisfação do que a santa justiça de Deus exige. Para Abraão entregar o fruto do seu corpo pelo pecado de sua alma não seria um preço alto demais; na verdade, sua própria vida estava nas mãos de Deus por causa do seu pecado, merecendo a morte como juízo divino. O preço pela redenção é *tudo*.

Na realidade, mesmo Isaque, o filho da promessa, não é suficiente. Isaque também é pecador. A oferta de um pecador por outro não é aceitável a Deus. Um pai não pode oferecer a si mesmo pelo pecado de seu filho, nem um filho pode fazer o mesmo pelo pecado de seu pai. A submissão de Isaque à terrível ação de Abraão pode indicar sua prontidão em servir seu pai mesmo na morte; contudo, a morte de Isaque não poderia expiar o pecado de Abraão. Isso também é parte do significado da provisão divina do carneiro para o holocausto, o símbolo do Sacrifício perfeito vindouro.

A fé de Abraão foi testada quando Deus lhe pediu para entregar tudo. A fé não pode ser menos do que plena. Confiar em Deus significa olhar só para ele, encontrar nele toda a nossa esperança, não reter nada, sem reservas. Fé é compromisso. Não obstante, visto que a fé se volta para Deus e não para nós mesmos, o entregar da fé é, na verdade, o receber. No compromisso, o preço pago pela fé é tudo. Mas, na confiança plena, o preço é nada. A fé se volta a Deus, não ao homem, como o doador.

O autor do livro de Hebreus chama a atenção para esse aspecto da fé de Abraão. Pela fé Abraão, quando Deus o colocou à prova, ofereceu Isaque como sacrifício. Ele que havia recebido a promessa estava prestes a sacrificar seu único filho, ainda que Deus houvesse lhe falado: "É por meio de Isaque que sua descendência será considerada". Abraão levou em conta que Deus é capaz de ressuscitar os mortos; de modo figurado, ele recebeu Isaque de volta dentre os mortos (Hb 11.17-19).

Abraão havia recebido a promessa de Deus. A palavra de Deus não podia falhar. Se Abraão deveria oferecer Isaque, então também precisava recebê-lo de volta. Há um indício disso no relato de Gênesis ao qual o autor de Hebreus está chamando a nossa atenção ao falar sobre a fé de Abraão na ressurreição. Quando Abraão se aproximou do monte Moriá, pediu a seus servos que esperassem por ele. Não seria adequado ter todos eles como plateia enquanto sacrificava seu filho! Contudo, quando Abraão os deixou, disse: "Permaneçam aqui com o jumento enquanto eu e o rapaz vamos até lá. Depois de adorar voltaremos" (Gn 22.5).

Parece que o autor de Hebreus enxerga fé, não decepção, nas palavras de Abraão. Enquanto Abraão subia o monte com Isaque, estava estranhamente confiante de que retornaria com seu filho. A promessa de Deus não pode ser anulada. Talvez essa convicção da parte de Abraão aparece também na resposta que deu à pergunta comovente de Isaque. À medida que subiam o monte juntos, Isaque carregava a madeira para o sacrifício (sem dúvida, era um jovem forte e não um menininho). Abraão carregava o fogo e a faca.

Enquanto caminhavam, Isaque falou a seu pai Abraão:

— "Pai?"

— "Sim, meu filho?"

— "O fogo e a madeira estão aqui, mas onde está o cordeiro para o holocausto?"

Abraão respondeu:

— "Deus mesmo providenciará o cordeiro para o holocausto, meu filho" (Gn 22.6-8).

Abraão não estava mentindo quando respondeu à pergunta de Isaque, que penetrou seu coração como uma faca. Havia ambiguidade na resposta, mas ambiguidade que revelava fé. No texto hebraico, a palavra usada por

Abraão aqui é literalmente "ver". Deus "veria" o cordeiro para o holocausto. Isso pode significar que Deus escolheria um cordeiro, ou Deus "cuidaria para que houvesse" um cordeiro. É esse o termo que Abraão utilizou ao nomear o local do sacrifício "Jeová Jiré". O nome é explicado pela afirmação: "No monte do Senhor será visto" (Gn 22.14, KJV) ou "se proverá" (NIV).

A designação de Abraão para o local foi um brado triunfante de fé. Naquele momento de agonia, quando seu filho havia perguntado onde estava o cordeiro sacrificial, Abraão havia se lançado sobre a fidelidade de Deus. Deus escolheria o cordeiro. Ele veria o sacrifício; olharia para o seu escolhido, aquele que ele havia provido. Deus efetivamente havia visto, e agora Abraão também viu. Ele conheceu a misericórdia de Deus e a provisão que Deus fez para a redenção de Isaque e de Abraão. O preço da redenção foi total, mas o que Deus exigiu também providenciou. A fé de Abraão nos aponta, bem além de Abraão, para Deus, o Deus que vê, o Deus que providencia.

Deus tinha ainda outro propósito ao convocar Abraão para o monte Moriá. Não desejava somente colocar Abraão à prova e fortalecer a sua fé. Também tinha a intenção de fundamentar a fé de Abraão, mostrar-lhe por meio de um símbolo que Deus pagaria o preço da redenção. A Abraão foi mostrado o dia de Cristo; ele foi levado à mesma região em que o Templo seria mais tarde construído, para o mesmo monte em que a cruz de Cristo seria erigida. O Cordeiro que Deus providenciaria removeria o pecado por intermédio do sacrifício de si mesmo.

Na verdade, o apóstolo Paulo corajosamente usa a figura do sacrifício de Abraão para nos indicar a provisão do Pai celestial: "Aquele que não poupou seu próprio Filho, mas o entregou por todos nós — como não nos dará, junto a ele, graciosamente todas as coisas?" (Rm 8.32). O sangue de touros e

de bodes não pode remover o pecado; Isaque, o filho da promessa, não pode ser o holocausto. Por fim, só um único sacrifício pode pagar o preço pelo pecado: o sacrifício do amado e unigênito Filho de Deus.

Mistério envolve mistério na maravilha desse sacrifício supremo, e o relato em Gênesis 2 aponta para o cerne dele. Deus, que havia provido o filho para Abrão também proveu o sacrifício para Abraão. Deus, não Abraão, pagou o preço da redenção. Na verdade, só Deus *podia* pagar o preço. Ele o pagou não ao prover um cordeiro ou uma ovelha, mas ao prover seu próprio Filho, o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo (Jo 1.29).

O mistério não se encontra somente na encarnação: o eterno Filho de Deus assumiu nossa natureza humana para que pudesse assumir o nosso lugar na cruz. O mistério também se encontra na doação do Pai. Deus não é homem, movido por emoções passageiras, sujeitas a tempo e mudanças. Ele é o eterno e imutável Criador. Ainda assim, como o apóstolo Paulo nos informa, ele deu a nós, pecadores, o que tinha de mais precioso. Quando Paulo descreve o amor que Deus tem por nós, ele se volta imediatamente para a morte de Cristo:

> Veja, exatamente no tempo certo, quando ainda éramos fracos, Cristo morreu pelos ímpios. Muito raramente alguém morrerá por um homem justo, embora por um homem bom alguém talvez ousasse morrer. Mas Deus demonstra seu próprio amor por nós nisto: Cristo morreu por nós enquanto ainda éramos pecadores (Rm 5.6-8).

Observe mais uma vez as palavras de Paulo. Você não esperaria que ele escrevesse: "Mas *Cristo* demonstrou seu próprio amor por nós"? Foi Cristo que morreu por nós, embora ainda fôssemos pecadores. Sem dúvida, Cristo

demonstrou seu amor por nós. Contudo, Paulo afirma a respeito do Pai o que esperaríamos que dissesse a respeito do Filho.

O Calvário demonstrou o amor do Pai por nós. Como? Paulo nos remeteria à cena no monte Moriá. Ele nos lembraria do filho que era chamado de "amado", o único filho de Abraão (Gn 22.2). Foi pedido a Abraão que não poupasse seu amado filho. Sentimos a angústia em seu coração quando Isaque pergunta: "Pai, onde está o cordeiro?" (Gn 22.7). Ainda assim, Abraão caminhou com Isaque, subindo o monte juntos, lado a lado. Da mesma maneira, Paulo nos lembraria, o Pai celestial conduziu seu Amado para o cume do Gólgota. Quando o Filho, que sempre fazia o que agradava seu Pai, exclamou: "Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?" (Mt 27.46; Mc 15.34), o Pai pagou o preço em seu silêncio.

Não conseguimos entender o desenrolar disso; sabemos que não podemos pensar a respeito do Deus eterno em termos meramente humanos. Não obstante, assim como Paulo, João nos lembra que "Deus amou tanto o mundo, que deu seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna" (Jo 3.16, KJV). Deus fez o que Abraão não precisou fazer: tornou seu filho uma oferta pelo pecado. Precisamos confessar com reverência que o preço que Deus pagou por nossa salvação foi tudo.

> Foi assim que Deus manifestou o seu amor entre nós: enviou o seu Filho unigênito ao mundo para que pudéssemos viver por meio dele. Nisto consiste o amor: não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou e enviou seu Filho como sacrifício expiatório pelos nossos pecados (1Jo 4.9,10).

Sem a tipologia do sacrifício de Abraão não entenderíamos a profundidade do significado do ensino neotestamentário sobre o amor de Deus evidenciado ao dar seu Amado. Nas trevas do Calvário, o Pai também pagou o preço do amor.

Nessa provação suprema da fé de Abraão, a estrutura da tipologia do Antigo Testamento aparece mais uma vez de maneira clara. A fé é central porque a promessa é central. Abraão se agarra à palavra de Deus, mesmo que pareça contraditória. A graça de Deus é assim revelada. Deus resolve a contradição, mas, ao fazê-lo, aponta adiante para o mistério ainda maior de sua obra da graça vindoura. O simbolismo da maneira como Deus lida com Abraão só pode encontrar sua resolução final e cumprimento com a vinda de Cristo.

Questões para estudo

1. Qual é o grande fardo que Abrão carregou?
2. "O chamado de Deus a Abrão abarcava uma promessa dupla." Quais são os dois lados da promessa?
3. Defina a palavra "bênção".
4. Por que o fato de Abrão ser abençoado por Deus era a chave para que ele fosse uma bênção?
5. Leia Gênesis 15.6. Que doutrina importante, segundo Paulo, é apoiada por esse versículo?
6. O que é tão significativo no ato de Deus andar entre os pedaços dos animais cortados durante a cerimônia do juramento a Abrão?
7. Qual é o "preço final" do juramento divino da graça?
8. Como Abrão tentou consertar o problema da esterilidade de Sarai?

9. Qual foi o nome que Abraão deu ao filho de Sara? O que o nome significa e por que ele é significativo?
10. Deus ordenou que Abraão sacrificasse seu filho Isaque. Por que essa ordem pareceu completamente irracional? Era injusto Deus pedir um sacrifício desses? Por que sim ou por que não?
11. Explique as afirmações a seguir: "O preço da redenção é *tudo*" e "A fé não pode ser menos que plena".
12. Como Isaque é um retrato de Cristo? Se Isaque é uma figura de Jesus, como então Abraão pode ser um retrato de Deus Pai?

Questões para aplicação

1. Como Abraão, às vezes nos tornamos impacientes a respeito das promessas e tentamos cumpri-las do nosso jeito. Como você tenta tomar as rédeas em suas mãos e procura encontrar soluções próprias, em vez de esperar em Deus? Cite exemplos.
2. Deus já pediu que você lhe entregasse algo ou alguém muito precioso? Como você se sentiu? Como lidou com os seus sentimentos? Sua fé foi fortalecida por meio disso?
3. Como você aplicaria a afirmação a seguir para sua própria vida: "A fé não pode ser menos que plena"? Ore e peça que Deus revele a você áreas em sua vida que ainda não entregou a ele.
4. O que Abraão ensina a você sobre Deus Pai? O que isso significa para você como filho de Deus?

[1] O termo hebraico *daba* e a tradução grega *rhema* podem significar tanto “palavra” quanto “coisa”; no contexto do poder da palavra de Deus, “palavra” é o significado mais adequado.

[2] Veja a nota anterior.

4

O HERDEIRO DA PROMESSA

A escada do céu: a renovação da promessa

Sob as mesmas estrelas que Deus havia mostrado a seu avô Abraão, Jacó se preparou para dormir. Estava cansado; o sol havia se posto, depois de um longo dia de viagem, antes mesmo de Jacó subir a colina onde passaria a noite. Contudo, não havia sido a distância percorrida que desgastara Jacó, nem o pequeno saco de pertences que ele deixara cair ali no topo da colina. Tratava-se de outro fardo, que não podia ser largado.

Jacó estava no exílio. Havia deixado as tendas de seu pai, Isaque, em Berseba, que ficava bem ao sul. Ele veria seu pai cego e idoso outra vez? É fato que havia saído com a bênção de Isaque; seu pai o enviara a Harã para encontrar uma noiva entre os parentes de sua mãe (Gn 28.2). Mas não tinha saído de Berseba em paz. Havia fugido da fúria de seu irmão gêmeo, Esaú, que apenas aguardava a morte de seu pai, Isaque, para se vingar com o sangue de Jacó.

Jacó conhecia bem a rivalidade que tornara seu irmão gêmeo um inimigo. Esaú havia nascido primeiro, portanto era o herdeiro principal do pai. Mas Jacó jamais pôde concordar com isso. Mesmo no seu nascimento, como relatado por sua mãe, Jacó havia segurado seu irmão pelo calcanhar.

Filho predileto de sua mãe, Jacó posteriormente usou sua habilidade na cozinha para fazer um acordo ultrajante com Esaú. Quando certo dia seu irmão parrudo voltou faminto de uma caçada, Jacó estava tirando uma panela de ensopado de lentilhas do fogo.

— "Rápido, dê-me um pouco desse ensopado vermelho! Estou faminto!", bradou o irmão mais velho.

— "Venda-me primeiro o seu direito de filho mais velho" — foi a resposta de Jacó.

Por incrível que pareça, Esaú concordou.

— "Veja, estou prestes a morrer! De que me serve o direito de filho mais velho."

Assim Esaú vendeu seu direito de filho mais velho por um prato de ensopado (Gn 25.29-34). O que Jacó desejava acima de qualquer outra coisa mal valia um almoço para Esaú.

Isso havia acontecido fazia muito tempo, mas era um dia que continuava na memória tanto de Jacó quanto de sua mãe, Rebeca. Eles também se lembravam de quando Isaque havia anunciado que estava prestes a dar sua bênção a Esaú e lhe transferir a herança. O tempo do acerto de contas havia chegado. Rebeca agiu imediatamente. Ela estava determinada a cuidar para que a transação realizada por Esaú se concretizasse. Jacó devia receber o que era devido ao filho mais velho. Isaque havia enviado Esaú para a caçada que amava. Sua bênção seria dada depois de desfrutar do jantar com seu filho caçador.

Conforme instruções de Rebeca, Jacó trouxe dois cabritos do rebanho. Ela os preparou segundo o paladar do marido — temperos podiam encobrir a ausência do sabor da caça. A seguir Jacó imitou Esaú. Ele serviu o "ensopado do caçador" preparado por sua mãe para o pai cego. Ainda que

sua voz não pudesse ser disfarçada, pelo menos seus braços poderiam tornar-se peludos: Jacó os revestiu com peles de cabritos.

A enganação foi bem-sucedida. As suspeitas de Isaque foram debeladas com as mentiras preparadas por Jacó: sem dúvida, ele era Esaú; havia retornado tão rapidamente porque Deus tinha feito sua caçada prosperar. Convencido, por fim, ao tocar os braços de Jacó, Isaque pronunciou sobre ele a bênção do filho mais velho, a bênção que Deus dera a Abraão e para a linhagem da promessa divina.

Quando por fim Esaú chegou com a caça, inicialmente ficou desolado, depois furioso. Seu pai não iria, não poderia retirar a bênção concedida a Jacó. Essa bênção incluía o direito de Jacó governar Esaú, seu irmão (Gn 27.37). O que Jacó podia transmitir de mais valioso a Esaú era a promessa de que, no futuro, ele se libertaria do jugo do seu irmão — promessa que não era muito confortante, tendo em vista as ricas bênçãos das quais Jacó desfrutaria.

Agora Jacó tinha o que queria, o que havia recebido ao enganar seu pai. Não havia dúvida a respeito. Ainda antes de sair de Berseba, seu pai havia renovado a bênção, identificando-a como a bênção de Abraão, a bênção que incluía a terra e a linhagem da promessa (Gn 28.3,4). Jacó estava de posse dela, mas o que ele tinha? O próprio Isaque fora um peregrino, um morador temporário que se mudava de um lugar a outro conforme outros reivindicavam os poços que ele cavava. Mas agora Jacó estava perdendo toda reivindicação à posse da terra. Ele estava abandonando-a. O que a bênção a Abraão significaria para alguém que ousasse não tornar a entrar na terra à qual Abraão havia sido chamado?

Sob as estrelas, Jacó colocou uma pedra para servir de travesseiro, cobriu-se com sua capa e se deitou para dormir. Teve então um sonho. Não

era um sonho comum. Deus, que falou aos antepassados de várias maneiras (Hb 1.1), revelou-se a Jacó. Em seu sonho Jacó viu uma escada de pedra enorme que se estendia até o céu.[1] Anjos subiam por ela; outros anjos desciam. No meio dos anjos estava o próprio Senhor. Ele desceu a escada, aproximou-se e parou sobre Jacó.[2]

É bem provável que Jacó soubesse das torres dos zigurates que haviam sido construídas na Mesopotâmia, a terra natal de seus avós. Essas estruturas, construídas em camadas como um bolo de casamento retangular, apoiavam escadas de pedra ascendentes até o céu. Os arqueólogos nos dizem que os degraus das escadas eram altos demais para serem utilizados pelos humanos.[3] Eram planejados para os deuses.

No topo dos zigurates havia um pequeno santuário e, na parte inferior, um templo mais amplo. Aparentemente, o santuário no topo representava a habitação celestial da divindade. (Podia servir ao menos como uma sala de recepção de um heliporto em que a divindade descia!) A divindade podia então descer os grandes degraus para visitar seu templo na parte inferior da construção.

Evidentemente, não sabemos se a Torre de Babel foi planejada segundo o padrão de um zigurate. Os construtores orgulhosos de Babel tentaram estabelecer comunicação entre o céu e a terra do seu próprio jeito? (O zigurate posterior em Larsa foi chamado "A casa da conexão entre céu e terra".) Seja qual for o caso, somos informados de que os construtores de Babel planejavam uma torre que alcançasse o céu (Gn 11.4). Essa mesma expressão descreve a escada do sonho de Jacó (Gn 28.12). A torre humana não conseguia chegar ao céu. (Os primeiros cosmonautas russos também não o alcançaram quando relataram de sua espaçonave que o espaço era vazio!) Deus efetivamente desceu sobre a Torre de Babel, mas não para

santificar a presunção do homem. Ele desceu para julgar a terra e para interromper a unidade orgulhosa da humanidade, uma unidade que ameaçava trancafiar a humanidade sob trevas totalitárias.

A escadaria-torre do sonho de Jacó foi a resposta divina para a Torre de Babel. O topo dela efetivamente alcançou o céu, pois Deus foi o construtor, não o homem. Somente Deus estabelece a comunicação entre céu e terra. A verdadeira religião não surge da busca humana, mas da intervenção divina. A humanidade rebelde não buscou o Senhor. Muito pelo contrário, as pessoas tentam escapar dele, erigindo torres, templos e ídolos segundo sua própria imaginação. Uma pergunta pungente atravessa todas as idolatrias humanas: "O que vocês fizeram com Deus?"

Deus, que chamou Adão e Eva quando se esconderam no jardim; Deus, que instruiu Noé a construir a arca; Deus, que chamou Abraão a deixar a casa de seu pai, esse mesmo Deus tomou a iniciativa com Jacó. Paulo nos lembra que Deus escolheu Jacó, e não Esaú, mesmo antes de os gêmeos nascerem (Rm 9.10-13). Jacó não podia se orgulhar de coisa alguma; ainda precisava aprender a dizer com Paulo: "Porque dele e por ele e para ele são todas as coisas. A ele seja a glória para sempre!" (Rm 11.36).

Para Jacó, que estava fugindo das consequências de sua própria farsa, Deus repetiu a bênção de Abraão. Ele se identificou como *Yahweh*, o Deus de Abraão e Isaque; o Deus da promessa, vinculado ao nome que revelaria mais tarde a Moisés. Ele repetiu os termos da promessa: a terra, a linhagem da descendência, a bênção para todas as famílias da terra (Gn 28.13,14). Acima de tudo, Deus prometeu sua própria presença a Jacó. O Deus do passado e do futuro era o Deus de Jacó no presente. Estaria com ele, o guardaria e o traria de volta para a terra da promessa: "Não o deixarei enquanto não fizer o que lhe prometi" (Gn 28.15).

Deus não tinha descido sua escada em vão. Mostrou a Jacó que este não estava sozinho; ensinou-lhe o significado real de sua promessa pactual: "Eu serei o seu Deus, e vocês serão o meu povo" (Jr 7.23) — esse era o cerne do compromisso de Deus para com o seu povo. Sim, as promessas de Deus eram mais específicas. Deus daria a Jacó a terra em que estava deitado. Ele podia sentir aquela propriedade debaixo de sua capa. E seus descendentes seriam tão numerosos quanto o pó (algo mais palpável que as estrelas do céu!). Eles se espalhariam a oeste, leste, norte e sul.

Contudo, quando Jacó acordou de seu sonho, não se colocou de pé sobre a colina fazendo um levantamento topográfico da terra que se estendia em todas as direções. Tampouco pensou em primeiro lugar na noiva que deveria estar esperando por ele em Harã se todas as promessas de Deus se cumprissem. Pelo contrário, sussurrou: "Certamente o Senhor está neste lugar. […] Que espantoso é este lugar! Não é outro senão a casa de Deus; esta é a porta do céu" (Gn 28.16,17). A maravilha da Terra Prometida é que Deus habitava ali. Jacó finalmente viu o que Abraão também tinha aprendido: que há uma pátria melhor, a pátria celestial (Hb 11.14-16). Que maravilhoso é o local que é a porta do céu! Jacó estava impressionado com a presença do Senhor, o Senhor que desceu a escada para o lugar em que ele estava deitado. Jacó chamou o local de "Betel", a casa de Deus.

Pela fé Jacó respondeu à promessa e à presença de Deus. Tomou a pedra que lhe serviu de travesseiro e a erigiu como memorial, não só da aparição de Deus, mas também de seu próprio voto. Derramou óleo sobre a pedra para simbolizar sua devoção, reivindicou as promessas de Deus uma a uma e empenhou sua própria consagração ao Deus de seus pais. Confiando que o Senhor o faria prosperar e o traria de volta à terra, Jacó jurou dar a Deus o dízimo de tudo que Deus o daria.

Não deveríamos nos apressar a culpar Jacó por negociar com Deus. O que ele reivindicou foi o que Deus havia prometido; o que empenhou foi uma adoração agradecida sempre devida ao Senhor que liberta. Jacó não perdeu o maravilhamento e a devoção que seu sonho havia inspirado.

Deus efetivamente trouxe Jacó de volta a Betel (Gn 35.9-15). Mais uma vez o Senhor desceu e identificou-se como o Deus de Betel: o Deus que havia permanecido com Jacó como prometera e o Deus que habitaria com os descendentes de Jacó.

Jesus se referiu ao sonho de Jacó quando Natanael veio até ele no início do seu ministério. Natanael foi trazido a Jesus por Filipe. Quando se aproximou, Jesus disse: "Eis um israelita de verdade, em quem não há falsidade!" (Jo 1.47, RSV). Como Jacó, cujo nome foi alterado para Israel, era notável pela falsidade como enganador de seu pai, parecia que Jesus estava comparando Natanael de modo favorável com seu antepassado antigo. Natanael ficou impressionado.

— "De onde me conheces?" — perguntou (Jo 1.48).

— "Eu o vi enquanto você ainda estava debaixo da figueira antes de Filipe o chamar" (Jo 1.48).

A resposta de Natanael a essa afirmação parece fora do comum:

— "Rabi, tu és o Filho de Deus; tu és o Rei de Israel" (Jo 1.49).

Precisamos supor que Natanael tinha seus motivos para lembrar do tempo em que estivera debaixo da figueira. Ele teve a impressão de que Jesus efetivamente o conhecia — nos pensamentos mais profundos do seu coração.

Jesus saudou a fé de Natanael e prometeu que ele veria coisas ainda maiores. Falando a Natanael e aos outros Jesus disse: "Digo-lhes a verdade: Vocês verão o céu aberto, e os anjos de Deus subindo e descendo sobre o

Filho do Homem" (Jo 1.51). Jesus prometeu uma revelação que superaria em muito o sonho de Jacó. A escada do sonho de Jacó foi um símbolo da comunicação que Deus proveu entre céu e terra. Por aquela escada anjos podem subir ao céu a partir da presença de Deus na terra e descer do céu da habitação de Deus no céu.

A escada foi um retrato do sonho de Jacó. Mas o que o sonho prometeu tornou-se realidade na encarnação de Cristo. Deus desceu na pessoa de Seu Filho para habitar na terra. Cristo é a conexão entre terra e céu. Ele é o verdadeiro Betel, a casa de Deus, Emanuel, Deus conosco. Deus ungiu uma pedra com óleo para marcar a presença de Deus e chamou a pedra de Casa de Deus. Mas Deus ungiu seu único Filho com o Espírito.

Em Betel, Deus confirmou sua aliança com Jacó, prometendo nunca o abandonar, mas, sim, lhe abençoar. Essa bênção nos tem sido trazida por meio de Jesus Cristo, que está presente conosco por intermédio do seu Espírito. Assim como o Senhor disse a Jacó: "Eu jamais te abandonarei", assim também o Senhor Cristo afirma a seus discípulos: "Eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos" (Mt 28.20). Jacó podia retratar toda sua vida como peregrinação (Gn 47.9). Como Jacó, os discípulos de Cristo são peregrinos, em viagem para a cidade de Deus (Hb 11.13; 13.14; 1Pe 2.11). Contudo, nunca estão sozinhos. Todas as manhãs os cristãos podem ungir o Ungido de Deus com o óleo novo da devoção e dizer: "Esta é a porta do céu. Deus está neste local!".

Cristo, o Templo de Deus, também é a escada, aquele por intermédio de quem o céu desce até nós e por meio de quem subimos ao céu. Jesus falou de subir ao céu e descer de lá a Nicodemos, membro do Sinédrio, que o visitou certa noite. Nicodemos reconhecia que Jesus era um mestre que viera de Deus. No entanto, estava pouco preparado para entender em que sentido

Jesus tinha vindo de Deus e quem ele realmente era. O ensino de Jesus sobre a obra do Espírito no novo nascimento o deixou perplexo. Mas, se Nicodemos e os outros mestres de Israel não criam quando Jesus falava sobre coisas terrenas, como creriam quando ele falava das coisas celestiais? "Ninguém jamais subiu ao céu, a não ser aquele que veio do céu — o Filho do Homem, que está no céu" (Jo 3.13, NIV, rodapé).

Essas palavras de Jesus a Nicodemos refletem uma passagem no livro de Provérbios. Agur, autor da passagem, professa ser ignorante, carecer de sabedoria e de entendimento do Santo. Mas ele indica que não está sozinho em sua ignorância: "Quem subiu ao céu e desceu? [...] Quem estabeleceu todos os limites da terra? Qual é o seu nome, e o nome do seu filho? Diga-me se você sabe!" (Pv 30.4).

Agur sugere que, para conhecer a Deus, precisamos ter acesso a Deus: ter alguém que suba ao céu e traga de lá a palavra de Deus. Jesus afirma que Aquele que subirá ao céu precisa primeiro descer do céu; na verdade, tendo vindo, ele precisa também permanecer no céu, seu próprio lar (Jo 3.13, ASV). Ele é o Filho do Homem; ele de fato subirá ao céu, mas antes disso desceu do céu, e pode, portanto, falar coisas celestiais. Jesus, o Filho do Homem, desceu para que pudesse ser "levantado" — em primeiro lugar na cruz e, depois, ao trono de seu Pai. Um dia ele virá na glória de seu Pai e com os santos anjos; mas já está presente, falando com Nicodemos.

Jesus é o que subiu a escada para o céu. Ele pode subir porque primeiramente desceu. Ele pode nos guiar escada acima porque foi levantado na cruz. Por meio da cruz, Jesus é o caminho para o céu, visto que ele é a verdade, a revelação plena e definitiva da presença de Deus. Vamos ao Pai por meio dele. O céu está aberto por meio dele, a quem os anjos servem.

A provação de Israel: agarrar-se à promessa

O Senhor se revelou a Jacó antes que ele saísse da terra da promessa; Jacó sabia que era o herdeiro da promessa divina. Após vinte anos, ele retornou à terra e novamente Deus se revelou ao patriarca. Essas duas décadas de exílio haviam sido anos de lutas e bênçãos. Jacó havia saído como um refugiado solitário; ele retornou como cabeça de duas caravanas. Jacó, o enganador, havia sido enganado por seu astuto tio Labão. Contudo, a bênção divina havia subjugado a malevolência de Labão. Tudo o que Jacó tocava prosperava. Enquanto voltava à sua terra, sua riqueza o seguia com grande quantidade de ovelhas, bodes e gado.

Jacó tinha quatro esposas: Raquel, a quem amava e por quem havia servido Labão por catorze anos no total; Lia, irmã de Raquel, que Labão havia empurrado de modo fraudulento sobre Jacó; Bila, serva de Raquel, a qual Raquel entregou a Jacó antes que tivesse filhos próprios; e Zilpa, a serva que Lia entregou para Jacó numa época em que ela não estava gerando filhos. Os doze filhos de Jacó, nascidos dessas mulheres, tornaram-se cabeças das tribos de Jacó (renomeado de Israel).

O retorno de Jacó à terra é caracterizado por um drama intenso. Ele retornou à terra em obediência à ordem divina. Sua partida de Harã, no entanto, foi uma fuga descortês, uma fuga que não teve êxito em escapar da perseguição de Labão. Os dois acabaram estabelecendo uma trégua desconfortável com um apelo para que o Senhor supervisionasse sua desconfiança mútua: "Que o Senhor nos vigie, a mim e a você, quando estivermos separados um do outro. […] Ainda que ninguém esteja conosco, lembre-se de que Deus é testemunha entre mim e você" (Gn 31.49,50).

Escapar desse confronto com Labão era somente uma pequena parte da preocupação de Jacó. Ele sabia que, ao retornar à terra, estava se expondo ao

ódio e à vingança que Esaú havia jurado cumprir. Com uma apreensão crescente, Jacó se aproximou das fronteiras da terra. Ali ele não deparou com Esaú, mas com adversários em potencial de uma ordem diferente. Ele se conscientizou da presença de duas companhias de anjos. Com a aparência de guardiões da terra da promessa, os anjos acampados apresentaram um desafio a Jacó. Ele foi lembrado que seu retorno era um embate não somente com seu irmão, Esaú, mas com o Senhor dos Exércitos (Gn 32.1,2). Não obstante, o temor que Jacó deve ter sentido diante dos anjos também trouxe segurança. Foi-lhe mostrado que o Deus da promessa guardou a terra da promessa. Aquele que conhece e teme o Senhor dos Exércitos não precisa temer ninguém mais.

A fim de fazer as pazes com Esaú, Jacó enviou uma delegação a seu irmão, assegurando-o de sua prosperidade e buscando sua benevolência. Os mensageiros de Jacó não trouxeram resposta alguma de Esaú, mas traziam uma notícia alarmante: Esaú estava a caminho para encontrar-se com ele com quatrocentos homens! Quase em pânico, Jacó dividiu as duas companhias de seu grupo e fugiu ao Senhor em oração. Lembrou o Senhor que havia retornado, seguindo a ordem de Deus e confiando em sua promessa. Confessou: "Não sou digno de toda bondade e fidelidade com que trataste o teu servo. […] Livra-me, rogo-te, das mãos do meu irmão Esaú" (Gn 32.10,11). Como os descendentes de Jacó poderiam tornar-se tão numerosos quanto a areia da praia se a tropa de Esaú destruísse toda a família?

Para apaziguar Esaú, Jacó preparou diversos presentes magníficos. Bodes, ovelhas, camelos, gado, jumentos — Jacó selecionou centenas de animais e os separou em companhias. Dos bodes, das ovelhas e do gado, cuidou de fornecer não somente fêmeas em grande número, mas machos

suficientes para servir de animais reprodutores. A dádiva de Jacó era mais do que um presente; era uma provisão a longo prazo. Além disso, se esforçou para que seus presentes tivessem o máximo de impacto sobre Esaú. Os grupos de animais deveriam estar bem separados; o servo encarregado de cada grupo deveria anunciar o presente e dizer que Jacó viria em seguida.

Mas suponha que nem mesmo essa caravana de presentes apaziguasse Esaú. Esse era o temor de Jacó. Assim, ele elaborou uma última estratégia. Enviou suas duas companhias ao norte cruzando o ribeiro do Jaboque. Jacó entrou na terra do leste, movendo-se, assim parecia, ao longo do lado sul do Jaboque.[4] Esaú se aproximava do sul. A estratégia de Jacó, portanto, colocava sua família e rebanhos no lado mais distante do ribeiro, estando assim mais longe da tropa do seu irmão que se aproximava. Se Esaú quisesse atacar, precisaria cruzar o ribeiro. Enquanto ele atacava uma companhia, a outra poderia escapar.

Jacó permaneceu atrás à medida que as últimas ovelhas dispersas eram conduzidas para a parte rasa do ribeiro. Contudo, de repente percebeu que estava só. Na escuridão deparou com outra pessoa, uma figura misteriosa que silenciosamente pelejou com ele em uma luta livre intensa. No antigo Oriente Próximo, a luta livre tinha conotações muito diferentes dos episódios burlescos apresentados na TV em nossa cultura.[5] Uma das maneiras pelas quais um caso judicial poderia ser resolvido era por meio de um combate de luta livre — um julgamento por combate.

Jacó estava sendo julgado nessa luta. Sua vida toda havia sido caracterizada por conflitos. No ventre de sua mãe, ele havia lutado com seu irmão gêmeo, Esaú, e eles estiveram em conflito desde então. Jacó temia que a alvorada trouxesse a última batalha dessa desavença. Mas outra luta, uma luta mais profunda, trouxe essa crise para a sua vida. A luta de Jacó era com

Deus. De modo sincero e de modo intenso, ele havia buscado a bênção da promessa divina. Ele prevaleceria por quaisquer meios, a qualquer preço.

A urgência desse desejo durante toda a sua vida incitou Jacó contra seu oponente, torcendo, agarrando, erguendo. Em algum momento da agonia ofegante da luta, Jacó percebeu que se tratava de algo a mais do que de um combate mortal. Estava em jogo todo o significado de sua vida. O prêmio era a bênção que ele buscava: Aquele que lutava com ele era o próprio Anjo do Senhor — o próprio Deus aparecendo em forma humana. Não surpreende que Jacó sentia que seu adversário era forte demais para ele.

A pressão era grande demais. Eles estavam em pé agora, e as coxas de Jacó tremiam à medida que se esforçava para resistir. Contudo, seu temor trouxe desespero. Ele não podia ceder; precisava vencer. Nesse momento, seu oponente tocou seu quadril e Jacó sentiu um choque paralisante. A força de sua perna acabara. Não podia empurrar com ela, nem mesmo apoiar o seu peso sobre ela. O combate havia terminado; Jacó estava manco. Ainda assim para Jacó o combate não podia terminar. Manco como estava, cegado por suas lágrimas, agarrou-se de modo ainda mais feroz a seu incrível adversário. Se não pudesse vencer pela força, poderia prevalecer na fraqueza.

— "Deixe-me ir" — disse o estranho. "Já é alvorada".

Jacó respondeu:

— "Não te deixarei ir, a não ser que me abençoes".

— "Qual é o seu nome?"

— "Jacó".

— "Seu nome não será mais Jacó, mas Israel, porque você lutou com Deus e com os homens e venceu".

Jacó continuou:

— "Por favor, me diga o teu nome".

Mas o anjo respondeu:

— "Por que pergunta o meu nome?"

E em seguida o abençoou ali (Gn 32.29).

Séculos mais tarde, o profeta Oseias lembrou os descendentes de Jacó da vitória estranha do seu antepassado (Os 12.2-6). As tribos de Jacó — Israel ao Norte e Judá ao Sul — eram igualmente culpadas diante de Deus. Que eles se lembrassem de Jacó: Deus tratou dele em meio a suas enganações, mas ele prevaleceu sobre Deus à medida que chorou e buscou sua graça.

A vitória de Jacó, obviamente, não foi uma conquista. Ele não havia dominado o Anjo do Senhor. Manco e impotente, ele somente podia agarrar-se Àquele que o tinha segurado. Sua vitória foi uma vitória da fé. Ele não largou porque não *podia*. A bênção divina era tudo o que esperava e desejava. A fé vence quando sabe que tudo está perdido, e agarra-se somente em Deus. "Israel", o nome que Deus deu a Jacó, reflete essa ambiguidade. Normalmente seria entendido como "Deus prevalece". Mas o Senhor inverte o significado ao dar o nome a Jacó: Jacó prevaleceu sobre Deus. Com esse nome a fé fervorosa de Jacó é reconhecida pelo Senhor.

Ao amanhecer, Jacó denominou o local de "Peniel" (a face de Deus). "É porque vi Deus face a face, e ainda assim minha vida foi poupada" (Gn 32.30). Quando o Senhor dissera: "Deixe-me ir, pois já é alvorada" (Gn 32.26), a ideia era de que havia um grande perigo para Jacó se, à luz do sol nascente, ele visse a face de Deus. Como Deus mais tarde falou para Moisés: "Você não poderá ver a minha face, pois ninguém poderá ver-me e continuar vivo" (Êx 33.20). Ainda assim, Jacó continuou a agarrar-se firmemente ao Senhor.

Na luz fraca do amanhecer, Jacó olhou para a face do seu Criador e foi poupado. Mais tarde, naquela manhã, Esaú veio com seus quatrocentos

homens. Ele não atacou Jacó; ao invés disso o abraçou. Jacó instou para que aceitasse os presentes que havia enviado: “Se alcancei o seu favor, aceita este presente da minha parte. Pois ver a tua face é como contemplar a face de Deus, agora que me recebeste favoravelmente” (Gn 33.10). Independentemente do que aquela expressão lisonjeira transmitiu a Esaú, as implicações dela para Jacó eram fortes. Quem viu a face de Deus não precisa temer a face de Esaú, ou a face de qualquer outra pessoa. O favor que Jacó viu na face de Esaú foi o favor dado a ele por Deus. Ele havia sido liberto não só das mãos de Esaú, como havia orado, mas das mãos de Deus.

No simbolismo histórico rico desse relato, a revelação de Deus aponta adiante para Cristo de uma maneira dupla. Na primeira perspectiva, Cristo aparece nessa narrativa como Senhor. Essa manifestação é mais do que um símbolo. A aparição do Senhor como um homem ou como o Anjo da aliança antecipa a encarnação. O termo “teofania” caracteriza essas aparições do Senhor. Deus falou à nação de Israel no deserto que estava enviando seu Anjo diante deles para mantê-los no caminho e levá-los à Terra Prometida. “Prestem atenção e ouçam o que ele diz. Não se rebelem contra ele; ele não perdoará a rebeldia de vocês, uma vez que meu Nome está nele” (Êx 23.21). Como o portador do Nome divino, o Anjo é o representante da presença de Deus, a forma em que o próprio Deus aparece — diferente do Senhor, mas identificado com ele.

Mistério semelhante rodeia essa identidade/distinção em outros relatos da aparição de Deus. Os três visitantes de Abraão em Manre são inicialmente identificados meramente como homens. Mais tarde, afirma-se que os dois que vão a Sodoma são anjos (Gn 19.1). Um deles permanece com Abraão e é identificado como o Senhor (Gn 18.17,22). Da mesma

forma, trata-se do próprio Senhor que aparece para desafiar Josué; ele identifica-se como o comandante de seus exércitos (Js 5.13,14; 6.2).

Quando um homem surgiu na escuridão para lutar com Jacó, a revelação de Deus havia ido além dos sonhos pelos quais ele havia se comunicado anteriormente com o patriarca. Deus aparece como seu opositor; contudo; essa revelação mostrou seu propósito final de misericórdia para com Jacó. Na situação semelhante que acabamos de mencionar, Josué viu o homem com uma espada desembainhada como um adversário e o desafiou com a objetividade de um soldado. Da mesma forma, Moisés no início de sua missão foi confrontado com a ameaça do poder do Senhor (Êx 4.24). Contudo em todos os casos, o Senhor estava revelando não só sua justiça (a reivindicação que seu justo juízo faz contra o pecador), mas também sua misericórdia: o plano de salvação pelo qual Deus viria não somente em aparência, mas como verdadeiro homem, o Filho de Deus encarnado.

A estranha derrota do Senhor em Peniel mostra o vínculo firme de sua promessa pactual. Deus é fiel. Jacó, por mais fraco e transgressor que fosse, pôde reivindicar a bênção que Deus prometeu. Cristo, o Senhor, deseja que nos agarremos totalmente a ele. Falar em "aceitá-lo" é usar uma expressão muito fraca. Como Jacó, o crente clama: "Não te deixarei ir a não ser que me abençoes" (Gn 32.26).

Que vitória estranha é alcançada pelo Senhor em Peniel! Jacó parece ser o vencedor no combate de luta livre. Ele luta com Deus e vence. O Senhor não pode escapar das mãos do manco Jacó sem lhe conceder o prêmio pelo qual ele luta. Contudo, ao ser derrotado, o Senhor vence. Ele sofre uma derrota aparente para ganhar a verdadeira vitória. A fraqueza divina é mais forte do que os homens. O Senhor da glória se humilha para que pecadores indefesos possam receber sua bênção.

O nome do Senhor é maravilhoso demais para os ouvidos de Jacó; a face do Senhor é gloriosa demais para os olhos dele. Ainda assim, o próprio Senhor vem para que Jacó possa conhecê-lo. Sua vinda para Jacó antecipou sua vinda para nós. Jacó viu a face do Senhor, mas de modo vago; nós vemos a glória de Deus na face de Jesus Cristo. Jacó perguntou o próprio nome de Deus; nós somos batizados em nome do Deus triúno. Por meio do nome de Jesus, exaltado acima de todo nome, portamos o nome do Deus todo-poderoso como nosso Pai celestial.

Há uma segunda maneira pela qual Cristo aparece nessa narrativa. A aliança divina estabelece um relacionamento em que Deus é o Senhor e nós somos seus servos. A teofania da presença de Deus antecipa a vinda de Cristo como Senhor; o papel de Jacó antecipa a vinda de Cristo como servo de Deus. Assim como Jesus é o verdadeiro Rei, cumprindo o papel régio retratado em Davi; assim como Jesus é o verdadeiro profeta semelhante a Moisés, assim também Jesus é o verdadeiro Israel, que vence com Deus para receber todas as promessas. (Veja Isaías 49.3 endereçada ao Servo individual e Romanos 15.8.)

Jesus foi esse Servo Sofredor de Deus. A agonia que suportou lhe sobreveio porque foi espancado, ferido, afligido por Deus. Há uma conexão real entre a luta de Jacó na escuridão de Peniel e a agonia de Cristo na escuridão do Getsêmani. As diferenças entre Jacó e Jesus são grandes, mas Jesus efetivamente cumpriu sem pecado o chamado que o Jacó pecador só podia prefigurar.

Um detalhe simbólico na narrativa aponta para essa realidade. Jacó foi ferido na coxa por um Anjo. No Antigo Testamento, o termo "coxa" às vezes é usado como eufemismo para os órgãos genitais. Quando Abraão obrigou seu servo a jurar com a mão em sua coxa, o gesto simbólico

relacionou o juramento ao poder da procriação e, dessa forma, aos descendentes de Abraão (Gn 24.2,9). Os descendentes de Jacó, que desceram com ele ao Egito, são retratados como aqueles que haviam vindo de sua "coxa" (Gn 46.26; Êx 1.5).[6] O mesmo termo é usado como no relato da luta de Jacó no Jaboque. O ferimento na coxa de Jacó, portanto, tem referência a seus descendentes, e profeticamente aponta adiante para o grande Descendente que suportaria o golpe do julgamento para receber a bênção da promessa.

O detalhe profético da coxa ferida somente ilumina o retrato que é constante no Antigo Testamento. A salvação precisa vir por meio do descendente de Eva, por meio do descendente de Sem, por meio do descendente de Abraão. Ao abençoar Jacó com muitos descendentes, Deus estava preparando para a vinda Dele. Como servo de Deus e herdeiro da promessa divina, Jacó nos aponta para o *verdadeiro* Israel, que prevaleceu na agonia de sua morte para nos levar a Deus, a fim de que possamos ver a sua face.

O príncipe prometido: a bênção de Israel

O livro de Gênesis começa com a criação divina da luz e da vida; e termina com o embalsamento de uma múmia no Egito. Contudo, Gênesis não foi escrito como um sino da morte, anunciando a condenação do pecado humano. Foi escrito para esboçar a esperança da libertação divina, sua promessa de salvação. A múmia era o corpo de José, o filho de Israel que se tornou um príncipe no Egito. Seu corpo foi preservado pelas artes do Egito, mas não para ser sepultado com os faraós. Em vez disso, a última ordem de José a seus irmãos foi que seu corpo fosse carregado com eles quando Deus conduzisse os israelitas para fora do Egito e de volta à terra da promessa.

José partilhava a esperança de Israel, seu pai: Deus ainda faria tudo o que havia prometido a Abraão.

A história de José, tão belamente contada no livro de Gênesis, faz parte da história de Jacó, ou Israel. Jacó, que tinha lutado para alcançar a bênção divina, concluiu sua vida ao transmitir a bênção divina a seus filhos (Gn 49). A bênção transmitida por Israel expressou sua fé em Deus e deu testemunho a respeito da bênção da salvação que Deus concederia. "Pela fé Jacó, à beira da morte, abençoou cada um dos filhos de José e adorou enquanto se apoiava sobre a extremidade de seu cajado" (Hb 11.21).

A bênção de Jacó reflete algumas das tristezas que havia superado em sua peregrinação terrena. Ele já era um homem idoso quando veio para o Egito. Quando seu filho José o apresentou ao faraó, Jacó falou de suas lutas: "Os anos de minha peregrinação são cento e trinta. Meus anos têm sido poucos e difíceis, e não se igualam aos anos de peregrinação dos meus antepassados" (Gn 47.9).

Talvez achemos difícil achar que os anos de Jacó foram poucos, mas podemos reconhecer sem dúvida que foram difíceis. Seus problemas não terminaram quando retornou dos vinte anos de serviço a Labão em Harã. Sua primeira tentativa de se estabelecer na terra terminou em desastre. Ele comprou um campo nos arredores de Siquém. Ele armaria suas tendas não como um nômade viajante, mas, sim, como um fazendeiro residente.

Essa tentativa pacífica, contudo, terminou em outra fuga dramática. Siquém, o governador da região, violentou Diná, a filha de Jacó e depois tentou negociar um contrato de casamento para casar-se com ela. Simeão e Levi, os irmãos de Diná, fingiram que estavam a favor do contrato, estipulando que os homens de Siquém precisavam concordar em serem circuncidados. Aproveitando-se das consequências imediatas dessa

operação, Simeão e Levi atacaram a cidade, mataram os homens à espada e, com a ajuda de seus irmãos, fugiram com o despojo do lugar. Jacó lamentou a vingança assassina; sua bênção sobre eles tornou-se parcialmente uma maldição: "Simeão e Levi são irmãos — suas espadas são armas de violência. […] Maldita seja a sua ira, tão feroz, e a sua fúria, tão cruel! Eu os espalharei em Jacó e os dispersarei em Israel" (Gn 49.5,7).

A profecia foi cumprida de maneiras que Jacó não antevia. A tribo de Simeão recebeu sua herança dentro do território de Judá: a tribo foi espalhada e perdida como entidade (Js 19.1,9). A tribo de Levi, no entanto, uniu-se à causa do Senhor durante as posteriores provações de Israel no deserto (Êx 32.25-29). Em virtude disso, a tribo de Levi foi designada para o serviço do Senhor. Eles foram efetivamente espalhados, mas como ministros entre o povo (Js 13.33; 21.1-3).

O relato de Gênesis torna claro, no entanto, que mesmo a maneira precipitada com que Simeão e Levi tomaram o juízo em suas próprias mãos foi direcionada soberanamente por Deus para o bem. O contrato de casamento proposto pelos heveus de Siquém não tinha outro objetivo a não ser a absorção da família de Jacó na população cananeia. O êxito desse projeto teria acabado com a distinção que Israel precisava preservar se quisesse ser uma luz para as nações, o canal da prometida bênção divina.

Os problemas familiares de Jacó não se limitavam ao comportamento violento de Simeão e Levi. Eles podem ser rastreados até os ciúmes e as tensões de seu lar polígamo. Rúben, o primogênito de Jacó, cuja mãe era Lia, trouxe desgraça sobre si mesmo ao dormir com Bila, a concubina de Jacó que havia sido a serva de Raquel. Na bênção de Jacó, esse pecado também foi trazido à luz: suas palavras a Rúben foram mais um juízo do que uma bênção (Gn 49.3,4; cf. 35.22).

As palavras severas de Jacó a Rúben, Simeão e Levi estão em contraste com a rica bênção outorgada a José (Gn 49.22-26). A alegria de Jacó ao abençoar seu filho José reflete sua gratidão a Deus. Sua perda de José havia sido a grande tristeza de sua idade avançada. Quando Deus lhe restituiu José, ele conheceu a alegria da ressurreição. Seu filho, por assim dizer, estava morto e tornou a viver.

Desde o início dos seus dias em Harã, Jacó amou Raquel; José era filho de Raquel, que o gerou depois de muitos anos de esterilidade. O amor de Jacó por Raquel o atraiu para o filho dela. Seu favoritismo foi demonstrado na conhecida "túnica de muitas cores" que deu a José (Gn 37.3).[7]

A preferência de Jacó por José despertou a inveja de seus irmãos naquela família dividida. José, como jovem de dezessete anos, cuidava das ovelhas com os filhos das concubinas de seu pai. Ele enfurecia os irmãos ao relatar suas ações más ao pai. O que levou seu ódio a ferver, no entanto, foi o favor divino outorgado a José. Imagine a reação deles quando José lhes anunciou certo dia: "Ouçam o sonho que tive: Estávamos amarrando feixes de grãos no campo quando de repente o meu feixe se levantou e ficou em pé, enquanto os seus feixes se ajuntaram ao redor do meu e se curvaram diante dele" (Gn 37.6,7).

Esse sonho só seria superado alguns dias mais tarde quando José falou: "Ouçam, tive outro sonho e dessa vez o sol e a lua e onze estrelas se curvavam diante de mim" (Gn 37.9). Mesmo Jacó sentiu que uma repreensão seria adequada. Os pais de José efetivamente se curvariam diante dele? Ainda assim, Jacó não esqueceu o assunto. Ele tinha motivos para lembrar que Deus poderia conceder sonhos improváveis!

Contudo, se Jacó achava possível que o Todo-Poderoso tivesse propósitos grandiosos para José, suas esperanças foram certo dia destroçadas

por uma visão terrível: a túnica de José que lhe foi trazida pelos filhos. José estava desaparecido, segundo disseram, mas eles haviam encontrado essa túnica, rasgada e ensanguentada. Jacó conseguia identificá-la? Ele foi tomado pela tristeza. Sem dúvida, José se tornara uma presa de leões e de abutres do deserto. Jacó o enviara para ver como estavam os irmãos; sozinho em campo aberto aparentemente havia sido atacado e devorado. Onde estava a proteção que Deus havia concedido a Jacó?

À luz do que se seguiu, Jacó podia confirmar a proteção divina. José estava salvo: "porque a mão do Poderoso de Jacó, porque o Pastor, a Rocha de Israel, porque o Deus de seu pai, que ajuda você, porque o Todo-Poderoso, que o abençoa" (Gn 49.24,25).

Deus efetivamente cumpriu sua aliança com Israel na vida de José. O salmista nos lembra de que, por meio de José, Deus proveu para a família de Israel em tempos de fome:

> Ele mandou vir fome sobre a terra
> e destruiu todos os seus suprimentos de alimento;
> e enviou um homem adiante deles —
> José, vendido como escravo.
> Feriram os pés dele com correntes
> e com ferros prenderam-lhe o pescoço,
> até cumprir-se o que ele predisse
> e a palavra do Senhor tivesse provado sua veracidade
> (Sl 105.16-19).

Para Jacó, a calamidade da fome pareceu acrescentada à calamidade da perda do filho amado. Contudo, Deus usou uma para prover para a outra. José podia dizer a seus irmãos: "Vocês planejaram me prejudicar, mas Deus

planejou que fosse para o bem, a fim de realizar o que está se realizando hoje: a salvação de muitas vidas" (Gn 50.20).

Jacó também reconheceu a mão abençoadora de Deus por meio de José. Para Abraão, Isaque e Jacó, Deus havia prometido bênção às nações por meio de sua "semente" — termo que pode se referir a um único descendente. Sem dúvida, Deus havia abençoado a terra gentílica do Egito por intermédio de José. Deus lhe revelou o significado dos sonhos estranhos concedidos ao faraó. Por meio dessa revelação, Deus alertou o faraó a respeito dos sete anos de fome que seguiriam sete anos de fartura. Talvez o próprio faraó no tempo de José fosse semita: um governante dos invasores hicsos que haviam assimilado a cultura egípcia, mas que empregavam semitas em posições administrativas. No entanto, mesmo nesse cenário, é impressionante ver a autoridade que o faraó estava disposto a conceder a José como intérprete dos seus sonhos. De modo evidente, foi o Senhor que levantou José para governar no Egito.

Conforme Jacó abençoava José, ele abençoava/bendizia o Senhor, não somente por libertar seu filho, mas por demonstrar sua fidelidade à grande promessa que era o âmago da vida de Jacó. Deus estava tornando seus descendentes uma nação; mais do que isso, Deus havia levantado um filho de Israel para ser uma bênção às nações, para governar com sabedoria a fim de preservar a vida.

O que Deus fez foi impressionante; e a maneira pela qual o fez foi ainda mais impressionante. Os filhos de Israel não adquiriram controle do Egito por meio de poder político ou militar. Eles não colocaram José no seu trono de vizir. Pelo contrário, haviam tentado matar seu irmão, exatamente por causa do dom profético que tinha. José tinha se mudado para o Egito não como príncipe, mas, sim, como escravo. Mesmo como escravo, ele havia

sido perseguido no Egito por causa da justiça, como vítima das acusações falsas da mulher de Potifar, porque se recusou a cometer adultério.

José era o servo justo de Deus, sofrendo em virtude de sua fidelidade a Deus. Contudo, o caminho do sofrimento o levou a um trono e ao cumprimento da palavra de Deus, concedida pela revelação dos seus sonhos. Deus havia tornado a vida de José um sinal do caminho pelo qual sua bênção viria. Por intermédio da palavra de Deus e do servo de Deus, a misericórdia se tornaria conhecida às nações.

A bênção de Jacó concedida a seus filhos demonstra a sua alegria no que Deus havia feito. Sua bênção a José é particularmente rica. Causa surpresa, portanto, quando Jacó pronuncia sua bênção a respeito do cetro do governante e da obediência das nações, que ele não atribua essa bênção a José, mas a Judá. É diante de Judá, não de José, que Jacó vê seus filhos curvando-se (Gn 49.8). O sonho que se cumpriu para José, o Israel já idoso coloca em perspectiva para Judá. Ele compara Judá com um leão agachado e continua: "O cetro não se apartará de Judá, nem o bastão de autoridade de entre seus pés, até que venha aquele a quem ele pertence, e a ele as nações obedecerão" (Gn 49.10).

Sem dúvida, Jacó conhecia a liderança de Judá entre os irmãos e a maneira fiel com que ele tinha enfrentado o teste ao qual José havia submetido os irmãos. Quando vieram ao Egito para comprar cereal, não reconheceram José. Ele os acusou de serem espiões e obteve deles informações a respeito de seu irmão de sangue, Benjamim. Na sequência, fingiu que a veracidade da história deles dependia da existência de Benjamim e, até que o trouxessem, manteve Simeão como refém.

Quando a fome forçou os irmãos a retornarem ao Egito, Judá garantiu a seu pai que traria Benjamim de volta são e salvo. Essa garantia foi testada de

modo severo. José ordenou que sua taça de prata fosse colocada no saco de grãos de Benjamim. Em seguida, cuidou para que o caçula fosse perseguido e preso como ladrão. Os irmãos não abandonaram Benjamim; em vez disso, retornaram ao Egito com seu irmão preso. Foi Judá quem se ofereceu como refém em lugar de Benjamim para que este pudesse retornar a seu pai.

Essa evidência do arrependimento de Judá compungiu José. Em lágrimas, este disse a seus irmãos: "Eu sou José". A intercessão de Judá por Benjamim demonstrou, mais do que quaisquer palavras poderiam fazer, a sinceridade de sua tristeza por ter traído José. Sem dúvida, o arrependimento de Judá constituiu o pano de fundo para a bênção que ele recebeu. Contudo, a bênção de Jacó vai muito além de qualquer coisa que o patriarca idoso poderia controlar ou entender. Ele falou por inspiração: era o propósito de Deus que o Messias viesse da tribo de Judá.

A bênção de Jacó atribuiu a Judá a liderança das tribos de Israel. Muito além disso, referiu-se à obediência das nações que lhe seria dada. Evidentemente, o que o Senhor havia realizado por meio de José tornou vívida a realidade dessa promessa. O Deus de Israel enviou os anos de fartura e os anos de fome; ele estava no controle da vida do chefe dos copeiros e do chefe dos padeiros; podia levantar um escravo da prisão e colocá-lo no trono do Egito. A bênção de Jacó antecipava pela fé o reino que Deus estabeleceria para a sua Semente, mas a fé do patriarca idoso certamente havia sido fortalecida pelo sinal que Deus dera na vida de José.

Foi difícil para o velho Jacó, apoiado em seu bordão, confessar mais uma vez as promessas de Deus? Afinal, ele estava mais uma vez no exílio. A terra de Gósen, no Egito, não era a terra da promessa. Ademais, Jacó certamente conhecia a promessa dada a Abraão: seus descendentes precisariam servir uma nação estrangeira por quatrocentos anos (Gn 15.13). A bênção que

Jacó transmitiu nessa ocasião antecipava o que Deus faria. Assim como José havia servido, Israel precisaria servir; contudo, no tempo determinado por Deus, a bênção para as nações precisaria vir por intermédio da semente de Abraão. O Governante escolhido por Deus finalmente viria, e o cetro seria seu.

A tradução da NIV, "até que venha a quem ele pertence" (Gn 49.10), compreende que o hebraico deve ser lido com vogais diferentes daquelas inseridas no texto tradicional. Outra interpretação, que usa as vogais tradicionais, seria: "até que venha o Pacificador".[8] Talvez seja melhor deixar a palavra sem tradução como um nome próprio: "até que Siló venha". Independentemente da dificuldade de entender o significado dessa palavra, a ideia do texto como um todo é clara. O Deus de Israel havia determinado que levantaria um Governante que traria bênção e paz às nações.

A antiga profecia é reiterada vez após vez no último livro da Bíblia. João chora porque não há ninguém que possa abrir o livro dos decretos de Deus. Um dos anciãos da sala do trono celestial responde: "Não chore! Veja, o Leão da tribo de Judá, a Raiz de Davi, triunfou. Ele é capaz de abrir o rolo e seus sete selos" (Ap 5.5).

Jesus, o Leão de Judá, também é o Cordeiro que foi morto. Ele é o Senhor que veio como Servo. Há mais do que uma semelhança aleatória entre o sinal de José e o cumprimento em Jesus. Profundamente ancorado na estrutura do plano redentor de Deus está o princípio de que o seu poder é aperfeiçoado na fraqueza. As promessas de sua palavra são cumpridas não por força humana, mas pelo poder do Espírito de Deus. O Governante escolhido por Deus é o seu Servo Sofredor, traído por seus irmãos, mas levantado para cumprir a promessa divina.

Questões para estudo

1. Como Jacó tomou o direito de filho mais velho de Esaú?
2. O que Jacó viu no seu sonho em Berseba?
3. Compare a torre que as pessoas edificaram em Babel com a escada que Jacó viu em seu sonho.
4. “A verdadeira religião não surge da busca humana, mas da intervenção divina.” Comente.
5. O que Deus prometeu a Jacó?
6. Qual era a “maravilha da terra prometida”?
7. Que nome Jacó deu ao local em que Deus se encontrou com ele? O que esse nome significa?
8. Leia João 1.51. A que promessa Jesus está se referindo?
9. De que modo Jesus é a escada para o céu?
10. Leia Provérbios 30.4. Como esse versículo está falando de Jesus?
11. Qual foi a importância da luta livre de Jacó com a figura misteriosa?
12. Quem era a figura misteriosa?
13. Qual é o significado do nome que Deus deu a Jacó?
14. Qual foi a vitória de Jacó?
15. O que é uma teofania?
16. Em que sentido a derrota do Senhor também é sua vitória?
17. De que maneira essa teofania do Anjo do Senhor prefigura a encarnação?
18. Qual é a importância do golpe desferido pelo Senhor na “coxa” de Jacó?
19. Discorra sobre a seguinte frase: “Há uma conexão real entre a luta de Jacó na escuridão de Peniel e a agonia de Cristo na escuridão do Getsêmani”. De que maneira a vitória de Jacó aponta para a cruz?

20. Apresente de maneira breve os problemas familiares de Jacó. Como eles afetaram José?
21. Como o sofrimento de José foi transformado em honra?
22. Quem é Siló?
23. “Há mais do que uma semelhança aleatória entre o sinal de José e o cumprimento em Jesus.” Explique a citação com suas próprias palavras. Por que essa afirmação é tão significativa?

Questões para aplicação

1. Você se sente às vezes como o Jacó enganador?
2. Você busca a bênção divina de maneiras pecaminosas? Como Deus tem abençoado você apesar de sua pecaminosidade?
3. Há maneiras pelas quais você edifica torres de Babel em sua vida? Se esse é o caso, você já experimentou a verdade da afirmação: “A verdadeira religião não surge da busca humana, mas da intervenção divina”?
4. Você já aceitou plenamente o fato de que Jesus é a única escada para o céu? Que implicações essa realidade deveria ter em sua vida?
5. “Profundamente ancorado na estrutura do plano redentor de Deus está o princípio de que o seu poder é aperfeiçoado na fraqueza.” Você é fraco o suficiente para ser usado por Deus, ou ainda está convencido de que efetivamente precisa ser forte em si mesmo?
6. Você já se sentiu como se estivesse lutando com Deus? Que postura você deveria ter para com Deus nessas situações?
7. Como a luta de Jacó é um modelo de fé? Quais são as lutas que você enfrenta por meio das quais precisa se agarrar em Deus?

8. Cite exemplos de acontecimentos em sua vida que pareciam maus, mas que Deus tornou em bem. Como a soberania de Deus é vista por meio desses exemplos?
9. O Anjo do Senhor estava tão próximo a Jacó que ele podia lutar fisicamente com ele. Agora pense como a proximidade entre Deus e Jacó aponta para a encarnação e a promessa do Emanuel (Deus conosco).
10. Como podemos estar próximos de Deus uma vez que Jesus não está mais fisicamente presente?
11. Qual é a conexão entre sofrimento e exaltação
    a. na vida de José?
    b. na vida de Jesus?
    c. em sua vida?

[1] A palavra hebraica aqui diz respeito à escada ascendente de degraus de pedra e não à escada de abrir de um pintor.

[2] Algumas traduções interpretam o texto com o significado de que Deus estava em pé acima da escada, e não sobre Jacó. A palavra hebraica pode significar tanto "acima dele" quanto "ao lado dele". O significado é definido, contudo, pela expressão semelhante em Gênesis 35.13. Ali Deus aparece a Jacó uma segunda vez em Betel depois do seu retorno do exílio. A passagem afirma que Deus, depois de falar com Jacó, "elevou-se do lugar (ao seu lado) em que estivera falando com ele". A mesma preposição é usada como em Gênesis 28.13. É evidente que, em ambos os casos, Deus desceu para ficar em pé ao lado de Jacó.

[3] Veja Andre Parrot, *The tower of Babel* (New York: Philosophical Library, 1955).

[4] Veja o verbete “Mahanaim” por K. A. Kitchen, in: J. D. Douglas, org., *The illustrated Bible dictionary* (Wheaton: Tyndale House, 1980), vol. 2, p. 936.

[5] No “Épico de Gilgamesh”, o herói primeiro encontra seu amigo Enkidu em um combate furioso de luta livre. O antigo relato babilônico da lenda é datado do início do segundo milênio a.C. Talvez Jacó conhecesse a história (James B. Pritchard, org., *The Ancient Near East* (Princeton: Princeton University Press, 1958, 1973), vol. 1, p. 50).

[6] P. A. H. de Boer, “Jacob’s thigh is Jacob’s progeny”, in: “Genesis XXXII 23-33: some remarks on the composition and character of the story”, *Nederlandisch Theologisch Tijdschrift*, vol. 1 (1946-1947), p. 149-163. Veja J. Pedersen, *Der Eid bei den Semiten* (Strassburg: 1910), p. 151.

[7] Outra tradução possível é “Uma túnica longa com mangas”. R. E. Nixon, no verbete “Joseph”, in: *The illustrated Bible dictionary*, prefere “de muitas cores”. O dicionário apresenta uma foto colorida de uma pintura egípcia em uma parede retratando uma túnica dessas, vestida por um líder de uma caravana asiática (Wheaton: Tyndale House, 1980), vol. 2, p. 813.

[8] Essa tradução é defendida por E. W. Hengstenberg, *Christology of the Old Testament* (Grand Rapids: Kregel, 1970), p. 30s.

5

O SENHOR E SEU SERVO

Deus cumpre a sua promessa: o Êxodo

Moisés estava aposentado; seus anos de vida na corte do Egito já tinham terminado havia muito tempo. Agora desfrutava de uma vida tranquila na calorosa península do Sinai com seu céu azul. Ele tinha lembranças suficientes para muitos anos de reflexão. Por quarenta anos havia morado no Egito antes de iniciar sua aposentadoria precoce e compulsória.

Na verdade, não viveu uma, mas duas vidas nessas décadas turbulentas. Ele era um príncipe egípcio, criado no palácio do faraó, um filho adotado na família real. Contudo, quando servos o serviam debaixo do toldo de uma embarcação régia no Nilo, ele se lembrava mais uma vez da história de outra embarcação contada por sua mãe: um pequeno cesto que se tornou um pequeno barco por meio de uma vedação de uma camada de betume e piche. Moisés era um bebê hebreu que nasceu quando o faraó havia decretado o genocídio da população hebraica no Egito. Todos os bebês do sexo masculino deveriam ser mortos. As mulheres hebreias poderiam assim ser absorvidas na nação egípcia como servas e amantes.

Contudo, a "solução definitiva" como foi praticada no Egito não havia sido eficaz. O Deus de Israel tinha dado muitos bebês para os hebreus

escravizados. Mães encontravam maneiras de esconder seus recém-nascidos. Poucas, no entanto, haviam encontrado uma estratégia tão eficaz quanto a concebida por Joquebede. Ela colocou seu filhinho no Nilo no local e na hora em que a princesa do Egito vinha banhar-se. Miriã, irmã de Moisés, havia sido colocada de guarda. A princesa efetivamente encontrou a criança abandonada. Ela não somente poupou a sua vida; adotou-a e aceitou a oferta de Miriã para encontrar uma mulher hebreia que o amamentasse — ação que certamente não foi ingênua por parte da irmã de Moisés.

A estratégia foi sábia, mas Moisés sabia muito bem por que ela foi eficaz. O Deus de seus antepassados tocara o coração da princesa. Sob a sentença de morte, ele, assim como José antes dele, havia sido criado para ser um príncipe no Egito.

Mas a situação no Egito havia mudado drasticamente. Nos anos desde que o Egito havia lamentado a morte de José, Israel experimentou um crescimento intenso. As famílias dos doze irmãos cresceram para tornar-se uma minoria significativa na terra do Egito, uma minoria de estrangeiros que eram vistos com suspeição pelos egípcios e por um faraó que considerava os semitas uma ameaça no âmbito do seu reino.

Que chamado Moisés tinha como um príncipe no Egito? Deus havia tornado José uma bênção para o Egito bem como para Israel. Mas agora os egípcios exploravam o povo com trabalho escravo. Seus chicotes açoitavam para explorar, torturar e abusar. Moisés precisa, de alguma maneira, tornar-se o seu libertador? Sim, ele precisa optar, optar entre Egito e Israel, entre reinado e escravatura, entre luxo e agonia.

Quão vividamente Moisés se lembrava do dia em que havia começado a defender seu povo! Não havia seguido plano algum; não havia buscado o conselho dos anciãos do povo. Apenas estava observando com ira crescente

um cruel capataz egípcio batendo nas costas sangrentas de um escravo hebreu indefeso. Não havia maneira de conter o bruto. Sua sede por sangue estava em sintonia com as políticas do faraó. Para detê-lo teria de matá-lo. Moisés olhou para os lados. Não havia egípcio algum à vista. A ação foi rápida, e com a mesma presteza Moisés enterrou o egípcio na areia.

Então veio a grande desilusão. A notícia de que os hebreus tinham um defensor na corte do faraó propagou-se entre a população escrava? Israel reconhecia que Deus havia levantado um libertador, um líder preparado para comprometer-se com a causa dos hebreus? O dia seguinte trouxe a resposta. Enquanto observava mais uma vez o sofrimento de seu povo, Moisés avistou dois hebreus brigando. Não bastava serem açoitados pelos egípcios? Também precisam bater um no outro? Moisés confrontou o homem que estava errado: "Por que está batendo no seu companheiro hebreu?"

A resposta desse homem mudou a vida de Moisés de modo instantâneo e drástico. "Quem o nomeou líder e juiz sobre nós? Está pensando em matar-me como matou o egípcio?" (Êx 2.13,14).

Moisés percebeu que sua ação era conhecida. Na malícia daquele israelita, ele viu não somente a rejeição de sua liderança, mas a certeza de sua traição. Nenhum egípcio era testemunha de sua ação em prol da libertação, mas seu próprio povo estava disposto a usar sua ação contra ele. Não demorou e a notícia foi levada ao faraó, mas Moisés fugiu para o deserto do Sinai. Ali, em sua "aposentadoria", serviu como pastor, cuidando dos rebanhos de Jetro, que se tornou seu sogro.

Talvez não tenha sido nada além de curiosidade que levou Moisés a perceber um arbusto à distância que estava em chamas. Isso, por si só, era muito incomum, mas ainda mais impressionante foi o fato de que, quando

olhou novamente muito tempo depois, o arbusto ainda queimava. Moisés se apressou para investigar esse espetáculo extraordinário.

Deus falou a Moisés do fogo de sua glória, a qual estava sobre o arbusto sem consumi-lo. Com esse pronunciamento pela voz do Senhor iniciou-se uma nova era no plano divino de salvação. Deus havia se revelado a Jacó e a José por meio de sonhos e visões; ele se revelaria a Moisés de modo tão direto como um homem fala com seu amigo. Contudo, o aspecto direto do pronunciamento divino não significava que não houvesse um abismo a ser atravessado. Moisés precisava tirar os sapatos de seus pés; estava sob solo sagrado. As encostas do monte Sinai haviam se tornado o local mais sagrado da Terra, pois ali o próprio Senhor apareceu em glória.

Foi Deus quem tomou a iniciativa. Chamou Moisés do arbusto, declarou que havia ouvido o gemido de Israel no cativeiro e que se lembrou da promessa que fizera a seus antepassados. Identificou-se como o Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó. E disse que havia descido para libertar seus descendentes, para ser o seu Deus e Salvador.

As pessoas não podiam libertar a si mesmas. Era uma causa perdida; estavam indefesas diante do poder do Império Egípcio. Além disso, as promessas de Deus eram tais que somente ele poderia cumpri-las. Deus prometeu mais do que uma revolta bem-sucedida de uma população escrava; prometeu que os israelitas seriam enviados para fora do Egito carregados com presentes dos egípcios. Sem um único golpe de espada (pois eles não tinham armas), levariam tesouros do Egito como se fossem os despojos de um exército conquistador. Além disso, receberiam a terra da promessa, uma terra agora habitada por outras nações, mas que Deus lhes deu como herança.

Uma bênção ainda maior também foi prometida. Israel foi chamado a sair do Egito para encontrar-se com Deus e adorá-lo exatamente no mesmo monte em que Moisés estava. Deus chamou Israel seu povo; Israel era seu filho primogênito. Se o faraó não soltasse o primogênito de Deus, juízo divino cairia sobre o primogênito do faraó e sobre o filho mais velho de cada casa egípcia (Êx 4.22,23). Além de tudo que Deus faria por Israel, havia a promessa do que ele *seria* para Israel: seu Deus, o Deus da aliança que seria estabelecida com os israelitas no Sinai, como ele havia prometido a seus antepassados.

Como a situação de Israel era irremediável — e Moisés conhecia isso muito bem — e uma vez que as promessas de Deus eram tão grandiosas, o próprio Deus precisava vir para cumprir sua palavra. Moisés acertou ao perguntar o nome de Deus. Havia muito tempo Jacó tinha perguntado pelo nome do Anjo do Senhor quando a alvorada encerrou a luta entre eles. Podemos imaginar que Moisés requereu o nome de Deus porque muitos em Israel haviam se esquecido do Deus de seus antepassados. Eles estariam em perigo de confundir o Deus de Abraão com os deuses dos egípcios, com Ra, Amon ou Osiris? Moisés poderia muito bem ter reconhecido esse perigo, mas havia um motivo mais profundo para perguntar o nome de Deus, cuja glória brilhava do arbusto.

Moisés queria conhecer o nome do Senhor que o chamou. Ele buscaria para si mesmo e para o povo o privilégio de dirigir-se a Deus pelo seu nome. Podemos falar de nomes como "puxadores", uma vez que, para ter acesso à pessoa, nós a chamamos pelo nome, especialmente por um nome pessoal ou íntimo.

O nome que Deus deu a Moisés é seu nome Jah. Ele é "Eu Sou", o Deus cuja existência é determinada por ele mesmo. Não devemos entender

o nome apresentado a Moisés em um sentido filosófico. Deus não estava anunciando a Moisés que ele é puro Ser. Estava declarando seu senhorio. É o Deus pessoal, que pode ser chamado pelo nome. Ele se revela quando e onde deseja. Mais tarde, quando Deus mais uma vez proclamou seu nome a Moisés, disse: "Terei misericórdia de quem terei misericórdia" (Êx 33.19). O Deus "Eu Sou" determina seus próprios propósitos de misericórdia.

Seria adequado refletir sobre as implicações do nome maravilhoso de Deus. Seu nome "Eu Sou" declara sua existência como singular e também pessoal. Deus não define a si mesmo como membro de uma classe de seres; ele não é, por exemplo, o deus do céu em contraste com uma deusa da terra. Os panteões de divindades que as pessoas adoram são colocados de lado.

Contudo, independentemente de quanto possamos aprender do nome de Deus e independentemente de quanto ousemos especular a respeito dele, somos convocados por este nome a ouvir a voz do Deus vivo, a estar perante ele, que era, que é e que está vindo. Quando Jesus declarou "Eu sou" no jardim do Getsê- mani, aqueles que haviam vindo para prendê-lo recuaram e caíram por terra (Jo 18.6). Cada palavra do Senhor é repleta de poder. Deus fala e se concretiza, ordena e é realizado. Contudo, quando Deus pronuncia seu próprio nome, o poder de sua palavra adquire importância especial.

Um arqueólogo israelita compartilhou a emoção de reconhecer a identidade de um texto do antigo Israel recentemente escavado. A inscrição era de caracteres arcaicos e as palavras estavam parcialmente ausentes. Mas três vezes Yahweh, o nome do Senhor, estava repetido. O texto era a bênção que Deus deu a Arão e aos sacerdotes para que a pronunciassem sobre o povo (as versões em português geralmente traduzem Yahweh por "Senhor", em versal-versalete):[1]

O Senhor te abençoe e te guarde;
O Senhor faça resplandecer o seu rosto sobre ti
e te conceda graça;
o Senhor volte para ti o seu rosto
e te dê paz (Nm 6.24-26).

Foi a primeira vez que o nome do Senhor havia sido encontrado em um texto tão antigo. Ao que parece era um tipo de medalhão que antigos israelitas carregavam. Quando Deus concedeu a bênção que os sacerdotes deveriam usar, afirmou: "Assim colocarão o meu nome sobre os israelitas, e eu os abençoarei" (Nm 6.27).

Sem dúvida, o poder do nome de Deus foi por vezes rebaixado à magia. Assim como Israel em certa ocasião pensava que conseguiria compelir a bênção de Deus ao carregar a Arca da Aliança para a batalha, da mesma forma houve épocas em que usaram o nome como um feitiço presente nos amuletos. Mas o poder do nome de Deus não é menos que magia; é infinitamente mais. O erro da magia é supor que o poder divino pode ser manipulado por encantamentos ou rituais. A verdade da graça é que Deus está conectado a seu próprio nome.

O Deus vivo não é o gênio da lâmpada de Aladim. Foi ele quem convocou Moisés, não foi Moisés quem o convocou. Ainda assim, Deus se apresentou como o Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó. É o Deus das promessas; o próprio nome que o identifica como Senhor declara que é Senhor do seu povo escolhido. Ele os chama pelo nome, ou melhor, ele os chama pelo nome dele (Is 43.7). Não é acidente que tantos nomes do Antigo Testamento são compostos com -jah, -iah, ou Jo-, tais como Elijah (Elias), Adonijah (Adonias), Jeremiah (Jeremias), Jonathan (Jônatas). São todas elas formas do nome santo de Deus, portados por seu povo.

Deus se dirigiu a Moisés a partir do arbusto não somente para anunciar sua presença e seu propósito, mas para comissionar Moisés a agir em seu nome: "Então vá; eu o envio ao faraó para tirar do Egito o meu povo, os israelitas" (Êx 3.10).

A libertação de Israel é obra divina; ele ouviu os seus gemidos e veio para salvá-los. Não obstante, Deus decidiu salvá-los por intermédio do ministério de Moisés, seu servo. Por um lado, Israel é servo do Senhor. Deus exigiu que o faraó soltasse Israel, seu filho, "para que me sirva" (Êx 4.23, KJV).[2] Por outro lado, Moisés é servo de Deus de uma maneira singular. Ele foi chamado para ser o instrumento divino para libertar Israel. Com Moisés Deus falava "face a face, claramente, e não por meio de enigmas; ele vê a forma do Senhor" (Nm 12.8). Israel deveria ter receio de falar contra "meu servo Moisés". Rebelar-se contra Moisés significa rejeitar o Senhor que ele serve.

Os patriarcas eram servos de Deus; desempenhavam um papel especial como cabeças de suas casas. Esse papel continuava com os líderes tribais, reconhecidos como anciãos do povo. Mas Deus chamou Moisés para ser seu servo de uma maneira nova. Ele tinha autoridade como profeta para trazer a palavra de Deus a seu povo; era o governante e o juiz de Israel. Ele os guiou pelo deserto, intercedeu a Deus por eles quando pecaram e os instruiu no caminho. A figura de Moisés transformou-se no modelo para os profetas que se seguiriam.

Mais do que isso, no chamado de Moisés, Deus estabeleceu um padrão que apontava para a obra do Messias: "Levantarei para eles, do meio dos seus irmãos, um profeta como você; porei minhas palavras na sua boca, e ele dirá a eles tudo o que eu lhe ordenar" (Dt 18.18).

Moisés, o grande servo sobre a casa de Deus, nos prepara para os Cânticos do Servo de Isaías, bem como para a vinda do Filho de Deus, o último Servo, enviado pelo Pai.

Moisés estava tudo menos ávido por aceitar a comissão divina. Ele podia imaginar as linhas de batalha dos carros de combate do faraó; também podia ainda ouvir a contestação do israelita briguento de quarenta anos antes: "Quem o nomeou líder e juiz sobre nós?" (Êx 2.14). Moisés agora reconhecia suas próprias limitações. Ele disse: "Quem sou eu para ir ao faraó e tirar os israelitas do Egito?" (Êx 3.11). Moisés conhecia o poder do faraó e a fraqueza de Israel; ele ainda não conhecia o poder do Senhor. Ainda assim creu em Deus e foi para o Egito. Quando voltou ao monte Sinai, ele estava com milhares de milhares do povo de Israel.

A grandiosa libertação divina de Israel da exploração de seu cativeiro foi primordialmente uma obra de juízo. José, como servo do Senhor, havia trazido bênçãos para o Egito; Moisés recebeu uma tarefa mais austera. Os milagres que Deus operou por meio de Moisés foram as pragas. Deus puniu os egípcios até que ficassem contentes em ver Israel partir. O Nilo sagrado foi transformado em sangue; a terra que adorava o sol foi lançada em escuridão total. Deus mostrou o seu poder sobre todos os ídolos do Egito por intermédio das pragas.

O drama da libertação de Israel ocorreu entre Moisés, o porta-voz do Senhor, e o faraó, o adversário do povo de Deus. Moisés não liderou uma revolta dos escravos; Israel até se queixou das exigências para sua libertação, uma vez que o resultado imediato foi aumentar a opressão egípcia. A libertação não foi conquistada por Israel; ela foi concedida por Deus, e Moisés foi o seu porta-voz.

Essa lição tornou-se inesquecível no último ato do drama. O faraó repetidamente voltou atrás em sua promessa de libertar o povo. Quando os israelitas efetivamente haviam começado a sua marcha, mudou mais uma vez de ideia e enviou seus carros de guerra no encalço deles. Os carros de guerra do antigo Egito eram a grandiosa força de ataque móvel dos seus dias, temida pelos exércitos no mundo antigo. Eles viam suas vítimas como um bando de escravos fugitivos sem armas e sobrecarregados com filhos, gado e carregamentos de artigos domésticos. Escapar era impossível, já que o exército egípcio os encurralou contra as margens do mar Vermelho (ou mar de Caniços).

O povo mais uma vez atacou Moisés implacavelmente: "Foi por falta de túmulos no Egito que você nos trouxe para morrermos no deserto? [...] Não lhe dissemos no Egito: 'Deixe-nos em paz! Seremos escravos dos egípcios!'. Teria sido melhor para nós servir os egípcios do que morrer no deserto!" (Êx 14.11,12). Moisés não convocou os guerreiros da liberdade. Resistir era impossível. Ele disse:

> Não tenham medo. Fiquem firmes e verão o livramento que o Senhor trará hoje, porque vocês nunca mais verão os egípcios que hoje veem. O Senhor lutará por vocês; tão somente se acalmem (Êx 14.13,14).

O próprio Deus na coluna de fogo reprimiu os egípcios e os manteve distantes durante a noite. De manhã Deus abriu o mar de modo que Israel pudesse passar em terra seca. Os egípcios tentaram perseguir os israelitas e foram destruídos pelas ondas do mar que retornava a seu lugar. Do outro lado do mar, Moisés e Israel cantaram a Yahweh: "Cantarei ao Senhor, pois é imensamente exaltado. Lançou ao mar o cavalo e o seu cavaleiro. O

Senhor é a minha força e a minha canção; ele tornou-se a minha salvação!" (Êx 15.1,2).

Esse hino de triunfo é repetido nos Salmos e em Isaías para retratar a futura salvação do povo de Deus (Sl 118.14; Is 12.2). De maneira muito evidente, toda essa narrativa tem o propósito de mostrar que a grandiosa libertação de Israel foi obra divina. "A salvação pertence ao Senhor" é o grande tema da Bíblia, e o poder salvador de Deus como rei não é retratado em lugar nenhum de modo mais vívido do que no ato divino grandioso de resgatar Israel do Egito.

Os adeptos da "teologia da libertação" com frequência fazem referência ao acontecimento do Êxodo. Eles querem redefinir a doutrina cristã da salvação para que se centre na libertação política. Convocam os cristãos a pegar em armas contra regimes opressivos em nome de Cristo. (Geralmente a opressão que pretendem resistir é de regimes da ala direita, não da ala esquerda.) Eles criticam a igreja por "espiritualizar" o Êxodo, tornando-o uma analogia para a salvação do pecado, em vez de um exemplo de libertação social e política.

Certamente, Israel foi liberto da escravidão e da opressão política. Deus de fato ouviu os gemidos do seu povo sob os açoites. Contudo, Israel não foi liberto por meio de um combate de guerrilhas. Foi a intervenção milagrosa de Deus que julgou o Egito e libertou Israel. A aflição do povo de Israel poderia ser retratada em termos políticos bem como espirituais, mas o meio de sua libertação foi o poder e a graça de Deus.

A maneira pela qual Deus libertou Israel aponta para seu propósito ao fazê-lo. Deus efetivamente é o seu Libertador: "Eu sou o Senhor, o Deus de vocês, que os tirou do Egito para que não mais fossem escravos dos

egípcios; quebrei as traves do jugo que os prendia e os levei a andar de cabeça erguida" (Lv 26.13).

O propósito divino, no entanto, não era somente libertar Israel do jugo do faraó. Era colocá-lo debaixo do seu jugo. Deus exigiu que o faraó deixasse o povo ir para que o servisse. Quando o povo chegou ao monte Sinai e acampou ali, Deus tinha esta mensagem para eles:

> Vocês mesmos viram o que fiz ao Egito, e como os transportei sobre asas de águias e os trouxe a mim. Agora, se me obedecerem plenamente e guardarem a minha aliança, vocês serão o meu tesouro pessoal entre todas as nações. Embora toda a terra seja minha, vocês serão para mim um reino de sacerdotes e uma nação santa (Êx 19.4-6).

O Senhor tirou os israelitas do Egito para que os reunisse a seus pés. Eles foram transportados sobre asas de águias para a própria presença de Deus, a fim de que pudesse reivindicá-los como seu povo santo, o tesouro de sua graça.

A Páscoa simbolizou de maneira poderosa a reivindicação divina sobre Israel. Uma vez que o faraó se recusava a libertar o primogênito de Deus, Israel, Deus, em juízo, reivindicou o filho primogênito da casa do faraó e de todas as outras famílias do Egito. (Nas pragas anteriores, Israel na terra de Gósen foi poupado.) Mas lemos que o anjo da morte foi enviado para trazer juízo também sobre os lares israelitas. Na lei cerimonial concedida mais tarde a Israel, os primeiros frutos da colheita e as primeiras crias do gado eram vistos como representantes de todo o restante. Deus os reivindicou para indicar que tudo lhe pertencia.

A vida do filho primogênito foi confiscada por duas razões muito diferentes: primeiro, Deus poderia reivindicar qualquer criatura como sua;

segundo, criaturas pecadoras estão sob o juízo divino. Impor esse juízo sobre o primogênito representaria a pena que todos mereciam. Se Deus em sua justiça executasse essa penalidade sobre os egípcios pecadores, Israel não poderia escapar e ser poupado. Todos pecaram e ficaram aquém da glória de Deus, tanto Israel quanto o Egito.

A provisão divina do cordeiro pascal mostra claramente que a exigência da justiça de Deus precisa ser satisfeita para que sua misericórdia seja demonstrada. Um cordeiro sem mácula foi escolhido por cada família israelita. O cordeiro foi morto e seu sangue colocado sobre as laterais e a viga superior da porta da casa. O anjo da morte, vendo o sangue, passou por cima daquela residência. O sangue mostrou que houve morte. O cordeiro havia morrido em lugar do filho mais velho e, portanto, também em lugar dos outros representados por ele. No simbolismo da Páscoa, Israel foi liberto não somente do fardo da escravidão, mas também da culpa do pecado. O ato de comer o cordeiro, assim como o ato de comer as ofertas de paz, indicava o relacionamento restaurado com Deus que ocorre por meio da expiação que Deus providencia. Eles deveriam comer essa refeição pascal em suas roupas de viagem, porque a promessa de Deus era certa.

O cordeiro pascal forneceu uma imagem da obra de salvação que Deus realizaria. O acontecimento do Êxodo do Egito também foi revelador, mesclando simbolismo cerimonial e histórico. Deus prefigura, por meio de seus atos e de suas palavras, o que significava para ele reivindicar pecadores como sua posse preciosa.

Jesus Cristo cumpriu a lei cerimonial. Ele é o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo. Ele é a nossa Páscoa; foi sacrificado em nosso favor. Nossa refeição de comunhão com Deus é o seu banquete de comunhão. Não

são apenas os símbolos que apontam para Cristo. Toda a história aponta para ele.

É significativo que, no monte da Transfiguração, Moisés e Elias falaram com Jesus sobre o "êxodo" que ele precisava realizar em Jerusalém. Ele, que foi oferecido como o cordeiro sacrificial, também era o Salvador e o Libertador. Ele veio para proclamar liberdade aos cativos e quebrou o jugo derradeiro de escravidão para libertar *todo* o povo de Deus.

Deus estabelece a sua aliança

Se Deus existe, por que ele não prova a sua existência? Por que Deus não aparece com um raio e com um relâmpago para acompanhar a sua presença? A história da Bíblia traz uma resposta completa a essa questão. Deus apareceu dessa maneira, e ele aparecerá novamente. O motivo pelo qual não aparece agora não é que relute em persuadir ateus, mas o oposto disso.

Deus retém a revelação incandescente de sua presença santa porque retém o dia do julgamento que sua presença necessariamente precisa trazer. O Deus da glória já se revelou como Pai de misericórdia ao enviar seu Filho ao mundo. Ele limita a glória de sua aparição para que as pessoas possam responder ao chamado de sua misericórdia e provar a maravilha do seu amor. As pessoas que exigem que Deus se mostre não sabem o que estão pedindo! "Quem poderá suportar o dia de sua vinda? Quem permanecerá em pé quando ele aparecer?" (Ml 3.2).

Deus efetivamente apareceu em glória no monte Sinai. As pessoas foram guiadas por Moisés para o exato lugar em que Deus havia falado do arbusto que queimava. Só que desta vez não somente o arbusto, mas a montanha toda estava em chamas. A terra tremia; as rochas rachavam. O

mais terrível de tudo, porém, foi o som mais atemorizador que o estrondo do trovão: o som da voz do Deus vivo.

O autor de Hebreus descreve o terror da cena: a montanha em chamas, a escuridão, as trevas e a tempestade (Hb 12.18-21). Então a trombeta celestial soou e Deus falou. As pessoas que ouviram aquelas palavras imploraram para que nunca mais fossem expostas a esse terror. Pediram que Moisés interviesse em favor delas. Que *ele* suba essa montanha terrível e ouça a voz de Deus!

Observe a maneira que o autor de Hebreus fala a respeito desse acontecimento. Não viemos ao monte Sinai. Não nos aproximamos do que ele chama de "fogo palpável". Não ouvimos as trombetas e a voz de Deus. O autor de Hebreus está sugerindo, então, que todas essas intrusões da glória celestial agora acabaram de uma vez por todas? Ele nos aconselha a viver no mundo secular em que a presença de Deus não é mais evidente e onde não há mais nada a temer?

De forma alguma. O Sinai é um monte nesta terra. O fogo no Sinai, por mais atemorizador que fosse, ainda assim era um fogo físico, um fogo que poderia ser tocado. O autor inspirado afirma que, quando nos reunimos para adorar, não vamos ao monte Sinai, mas ao monte Sião. Nos reunimos diante de Deus e não na montanha no deserto, o local de provação em que Deus se encontrou com seu povo redimido; pelo contrário, nós nos reunimos no objetivo de nossa peregrinação, em Sião, a montanha da habitação de Deus, o local em que sua glória reside.

Na verdade, o monte ao qual nos achegamos não é o monte Sião terreno, mas, sim, o celestial, a Jerusalém que está no alto. No culto cristão, nos reunimos com todos os santos de Deus, as miríades de miríades de santos anjos e dos espíritos dos justos aperfeiçoados. Em nosso culto não

nos aproximamos de um santuário terreno, pois entramos na presença de Deus com Jesus Cristo, nosso sumo sacerdote celestial. O sangue de Cristo, aspergido sobre o próprio trono de Deus, é a certeza de nosso perdão. Nosso culto não é menos sobrenatural do que a experiência de Israel no deserto. É infinitamente mais sobrenatural. Saímos das sombras para a realidade.

O fogo no monte Sinai era meramente palpável, mas o fogo a que nos achegamos é a chama da própria presença de Deus. "Nosso 'Deus é fogo consumidor'" (Hb 12.29). Também ouvimos a voz de Deus, mas de uma maneira mais imediata, pois Deus nos falou por meio de seu próprio Filho. "Tomem cuidado para não rejeitar aquele que fala. Se os que se recusaram a ouvir aquele que os advertia na terra não escaparam, quanto mais nós, se nos desviarmos daquele que nos adverte do céu?" (Hb 12.25).

Quando Jesus, orando no topo de um monte, foi transfigurado na presença de Pedro, Tiago e João, eles viram Moisés e Elias com ele. Moisés tinha ouvido a voz de Deus no topo do Sinai; mais tarde, Elias havia sido levado para este mesmo monte para ouvir Deus falar, não no fogo e na tempestade, mas no sussurro suave da palavra soberana de Deus. A nuvem da glória que circundava Moisés no Sinai outra vez envolveu Jesus e seus discípulos. A voz de Deus falou mais uma vez da nuvem. Mas Deus não proclamou outros Dez Mandamentos para serem acrescentados às palavras de sua aliança do passado. Antes, a voz da nuvem disse: "Este é o meu Filho escolhido, ouçam-no" (Lc 9.35).

Deus falou do Sinai, chamou Abraão, revelou-se a Jacó em sonhos e falou a Israel por meio dos profetas — "mas nestes últimos dias falou-nos por meio do seu Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas e por meio de quem fez o universo" (Hb 1.2).

Na maravilha da encarnação, Jesus Cristo nos falou palavras que lhe foram dadas pelo Pai. Jesus é a Palavra final de Deus. As palavras que ele nos fala são espírito e vida. Israel não suportava ouvir a voz de Deus. Moisés, o profeta de Deus, recebeu as palavras de Deus e repassou-as ao povo. Moisés foi o grande servo na casa de Deus, mas Jesus é o Filho sobre a casa.

O Sinai foi efetivamente um ápice na revelação divina. Aqueles que contestam a autoridade das Escrituras e questionam se a verdade divina pode ser expressa em linguagem humana, precisam se posicionar com Israel ao pé do Sinai e ouvir a voz de Deus. Contudo, Deus havia planejado uma revelação superior para a qual o Sinai ainda era preparatório: sua revelação em Jesus Cristo. A palavra de Deus para nós é: "Ouçam-no!".

O autor de Hebreus, que retrata para nós a assembleia celestial na qual entramos ao cultuar, também nos exorta a não deixar de nos reunirmos na terra (Hb 10.25). A igreja de Cristo é sua assembleia. Na verdade, esse é o significado da palavra neotestamentária para igreja: *ecclesia*. Jesus usou a palavra para "assembleia" quando reagiu à confissão de Pedro. Jesus disse: "Sobre esta pedra edificarei a minha igreja" (Mt 16.18). Seu termo teria sido claramente entendido pelos discípulos, pois Israel era a assembleia de Deus.

Três vezes ao ano Israel deveria se reunir diante do Senhor em Jerusalém para celebrar suas festas. Essas assembleias remetiam à grande assembleia no monte Sinai, quando o Senhor reuniu o seu povo diante dele e estabeleceu com os israelitas sua aliança. Israel era uma "congregação" porque seus integrantes foram introduzidos na assembleia dos santos de Deus. Moisés, ao abençoar o povo antes de sua morte, pintou um retrato espetacular a respeito do significado da assembleia no Sinai (Dt 33.1-5). Ali estava Deus, entronizado como Rei em meio a miríades de seus santos anjos. Israel estava

reunido a seus pés para receber suas palavras. Esse retrato do Antigo Testamento era muito vívido no pensamento das pessoas que participavam do pacto de Qumran, cujos rolos foram descobertos nas cavernas na margem Ocidental do mar Morto. Essa seita reconhecia que integrar a congregação de Deus significava entrar na assembleia em que os santos terrenos se uniam aos anjos celestiais.[3]

Como o mediador da nova aliança, Jesus reúne o povo de Deus perdido e espalhado. Seu chamado cumpre as assembleias festivas da lei cerimonial. Ele chama à sua mesa o seu povo, pois ele é a verdadeira Páscoa. Ele envia seu Espírito sobre os discípulos reunidos na Festa de Pentecostes. Resta uma grande festa: a Festa dos Tabernáculos, a grande festa da colheita para todos os redimidos. Na Jerusalém celestial, segundo o autor de Hebreus, essa assembleia festiva já se reuniu. A essa festa convidamos as nações da terra. Na Grande Comissão, Jesus nos envia para com ele reunirmos. Ele é levantado para que atraia todas as pessoas a si.

Na grande assembleia no Sinai, Deus falou a seu povo. Concedeu-lhe sua Lei no contexto de sua redenção. Os Dez Mandamentos iniciam com o retrato que Deus pinta de si mesmo como o Redentor de Israel: "Eu sou o Senhor, o teu Deus, que te tirou do Egito, da terra da escravidão" (Êx 20.2).

O grande erro do legalismo consiste em separar a lei de Deus do Deus que a concedeu. Os Dez Mandamentos não são um código abstrato de obrigações sem qualquer fundamento. O primeiro mandamento é determinante para o restante: "Não terás outros deuses diante de mim". O povo de Deus está na sua presença. Ele é o Deus deles; eles são o seu povo. Reunidos ali diante dele, devem reconhecê-lo como o único Deus. Devem

amá-lo de todo coração, de toda alma, de todas as forças e de todo entendimento.

O Senhor é um Deus ciumento (Êx 20.4,5). Ele não concordará em ser adorado como um deus de um panteão de divindades. O ciúme de Deus não é semelhante à paixão invejosa e vingativa que com frequência retratamos com essa palavra. O termo que traduzimos por "ciumento" também poderia ser traduzido por "zeloso". Refere-se ao amor intenso e exclusivo de Deus por seu povo, amor que deve ser retribuído pela devoção pura de Israel.

Todos os mandamentos da aliança divina concentram-se no âmago da relação pactual, a relação entre Deus e o seu povo. Já vimos que o Senhor instituiu o casamento na criação de Adão e Eva, e que ele revelou nessa ordem a misteriosa intensidade de um amor exclusivo. O sétimo mandamento, portanto, está fundamentado na aliança de Deus com Israel. O amor ciumento da devoção matrimonial é concedido pelo próprio Deus como o padrão de amor em sua aliança. A fidelidade matrimonial, sem dúvida, fortaleceria a vida familiar em Israel quando obedecido o mandamento de Deus. Ainda assim, esse mandamento sempre apontava para além dele mesmo, para o amor fiel de Deus por seu povo e seu chamado para que retribuísse com devoção ciumenta.

O mandamento "Não cometa adultério" (Êx 20.14) aplica-se à relação humana mais íntima, a exigência de amor cuja fonte é Deus, o Deus da aliança. Não se trata somente de uma metáfora quando Oseias e Ezequiel protestam contra o adultério espiritual da adoração aos ídolos. Paulo mostra a prioridade do amor de Deus em Jesus Cristo quando fala a esposas e maridos cristãos (Ef 5.22-33). Ele não está confundindo a figura com a realidade; está apontando para o amor de Deus, do qual deve fluir todo amor humano.

Não é possível compreender os Dez Mandamentos sem Jesus Cristo. Se os enxergarmos somente como uma lista de "proibições" da qual podemos inferir uma lista de "obrigações" correspondentes, nos esquecemos do Senhor que falou as palavras do Sinai e o contexto no qual as pronunciou. Os mandamentos de Deus chamam seu povo a reconhecê-lo como seu Salvador e Senhor.

Israel, no entanto, não obedeceu aos mandamentos do Senhor. Paulo consegue indicar em Romanos que todos pecaram; não só os gentios aos quais Deus abandonou à sua própria rebelião, mas também Israel, que tinha a lei de Deus e não lhe obedeceu. A lei, portanto, condena o pecado daqueles que lhe desobedecem. Nesse sentido negativo a lei nos aponta para Cristo. Ela nos mostra o que a justiça divina exige e, portanto, nos mostra que não conseguimos satisfazer as exigências justas da lei. Precisamos de Cristo para nos salvar da maldição do pecado ao suportar a sua penalidade em nosso lugar (Gl 3.10-14).

Cristo não somente toma sobre si o castigo que nós merecemos, mas também obedece à Lei em nosso lugar. Cristo, aquele que carrega os nossos pecados, nos fornece a vestimenta perfeita de sua justiça. "Deus tornou pecado por nós aquele que não tinha pecado, para que nele nos tornássemos justiça de Deus" (2Co 5.21). A salvação que é nossa em Cristo não é somente a restauração da inocência com a dívida do pecado cancelada. Ainda muito menos do que isso, não é uma segunda chance para merecer a salvação ao ter nossa ficha limpa. O que recebemos em Cristo é a sua justiça; somos adotados na perfeita filiação do segundo Adão e do verdadeiro Israel (Rm 9.5; 10.4; 1Co 15.22,45).

Para início de conversa, a Lei do Sinai expressa a exigência divina por uma obediência perfeita. Deus é perfeitamente santo e não pode exigir

menos do que isso. Nesse sentido, sua Lei somente pode nos condenar. Mas Deus não tirou o seu povo do Egito para consumi-lo nas chamas do Sinai. Seu propósito era salvá-lo. Há, portanto, outro aspecto da Lei concedida por Deus. É a Lei da aliança de Deus com o seu povo redimido. As pessoas fizeram aliança com Deus. Elas prometeram obedecer a todas as palavras que Deus falou (Êx 24.3). Sacrifícios foram oferecidos e tanto o altar quanto as pessoas foram aspergidas com o sangue do sacrifício. Logo de início, portanto, estava claro que a expiação era necessária e que precisava vir do altar de Deus.

A vinda de Cristo não é um pensamento posterior. O sangue da aliança aspergido no Sinai testemunha a respeito do sacrifício do Cordeiro de Deus escolhido desde a fundação do mundo. Podemos distinguir entre os Dez Mandamentos e a lei cerimonial, mas precisamos nos lembrar de que foram concedidos juntos. Deus não pronunciou palavras que somente poderiam condenar seu povo sem prover os símbolos da expiação.

Diante desse quadro, podemos entender que até mesmo o conteúdo dos Dez Mandamentos pode nos apontar para Jesus Cristo. Os ciúmes de Deus por sua própria justiça também são os ciúmes de Deus por seu plano de salvação. Pense a respeito do segundo mandamento. Por que Deus proibiu fazer imagens para adoração? Já vimos que o motivo não é que uma imagem dele é impossível, já que Deus fez o ser humano à sua imagem. Então, por qual razão Deus proibiu o ser humano de adorá-lo por meio de imagens? A resposta é que Deus é ciumento em relação à sua revelação vindoura por meio de Jesus Cristo. Nenhuma imagem ou semelhança deveria ser colocada entre os querubins sobre o "propiciatório", porque Deus no tempo adequado enviaria seu Filho encarnado, aos pés de quem o perfume da devoção de Maria acertadamente seria derramado. Jesus Cristo é a imagem do Deus

invisível. Em sua natureza humana ele revela o Pai: "Quem me viu, viu o Pai" (Jo 14.9). Adorar sem imagens significa adorar sem qualquer imagem exceto a imagem que o único Deus enviou: seu Filho unigênito.

O terceiro mandamento expressa o zelo de Deus por seu nome santo. Deus mostra a profundidade desse zelo em seus ciúmes pelo nome de Jesus, o único nome debaixo do céu dado entre os humanos pelo qual devem ser salvos. Deus exalta o nome de Jesus acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor. Se Jesus não fosse o filho eterno de Deus essa adoração seria um sacrilégio. Mas Deus separa o seu próprio nome, tornando-o justo e glorioso à medida que exalta o nome de Jesus.

Da mesma maneira, também o mandamento do sábado é feito para o homem, mas de modo especial para o Filho do Homem, que é Senhor do sábado e o transforma no Dia do Senhor por meio de sua ressurreição. O descanso representado pelo sábado é o descanso final que Cristo providencia (Hb 4.9-11).

Quando ouvimos a lei de Deus concedida no Sinai, portanto, não devemos somente tremer ao ouvir suas trovoadas e fugir para Cristo para seu perdão e justiça. Também devemos ouvir nela o zelo de Deus por seu próprio Filho e encontrar nela testemunho a respeito do propósito redentor de Deus, que redimiu Israel da casa da servidão.

Jesus obedeceu à Lei por nós; aprendeu a obediência por meio das coisas que sofreu. Em sua obediência não foi somente nosso representante, mas também nosso exemplo. Ele transformou e aprofundou a Lei ao mesmo tempo que a cumpriu. Ele nos capacita a compreender a vontade de nosso Pai celestial à medida que entendemos a aliança realizada no Sinai. Acima de tudo, ele nos renova pelo seu Espírito para que possamos fazer o que a

Lei nos pede: amar o Senhor, nosso Deus, de todo coração, de toda alma, de todas as forças e de todo entendimento, e o nosso próximo como a nós mesmos.

Questões para estudo

1. Como a situação dos israelitas no Egito havia mudado desde os dias de José até os dias de Moisés? Por que isso aconteceu?
2. Como Deus se revelou a Moisés?
3. Em resposta ao pedido de Moisés, que nome Deus apresentou a Moisés e o que significa?
4. Explique a dupla identidade do Servo do Senhor e como Moisés prefigura Jesus como o Servo?
5. "A grande libertação divina de Israel da exploração de seu cativeiro foi em primeiro lugar uma obra de juízo." Comente.
6. Como os defensores de uma "teologia da libertação" interpretam de modo equivocado os acontecimentos do Êxodo?
7. Qual foi o propósito duplo da libertação de Israel?
8. Qual foi a importância da morte do cordeiro Pascal? Como Cristo é o Cordeiro de Deus?
9. Explique a citação: "Pessoas que exigem que Deus se revele não sabem o que estão pedindo!".
10. Compare e contraste o monte Sinai e o monte Sião.
11. Qual é o grande erro do legalismo?
12. "Não é possível compreender os Dez Mandamentos sem Jesus Cristo." Comente.
13. Leia Gálatas 3.10-14. Por que precisamos de Jesus? Como é possível fazer o que a Lei exige?

Questões para aplicação

1. Leia Gálatas 3.19-25. Qual era o propósito da Lei?
2. Cite exemplos específicos de como você luta com o legalismo em casa, com seu cônjuge, com sua família, no trabalho, na igreja etc.
3. Aplique Gálatas 3.10-14 a suas situações específicas. O que precisa mudar em sua perspectiva a respeito da Lei?
4. Leia os Dez Mandamentos (Êx 20). Agora aplique a cada um dos Mandamentos a afirmação: "Não é possível compreender os Dez Mandamentos sem Jesus Cristo". Quais observações você tem a respeito?
5. Você consegue obedecer à Lei? Em caso afirmativo, como?

[1] Uma vez que o nome Yahweh foi considerado santo demais para ser pronunciado, foi lido como "Senhor" na sinagoga. No Texto Massorético do Antigo Testamento, as vogais da palavra "Senhor" (Adonai) foram acrescentadas às consoantes de Yahweh (Y ou J, H, W ou V, e H), resultando em um composto que a ASV transliterou como "Jehovah" [Jeová]. O hebraico antigo era escrito sem vogais. "Yahweh" é uma forma provável da palavra, embora não se tenha certeza. O Novo Testamento, seguindo a versão grega do Antigo Testamento, utiliza "Senhor" (Kyrios) para Yahweh.

[2] A NIV traduz "para que me adore (preste culto)". A ideia de adoração pode efetivamente ser a principal aqui, mas o termo retrata o serviço que Israel presta ao Senhor. Israel é liberto de servir o Faraó para servir o Senhor.

[3] "Deus as concedeu [bênçãos celestiais] a seus escolhidos como propriedade eterna, e os levou a herdar o destino dos Santos. Ele uniu sua assembleia aos Filhos do céu" (1QS 11:7-8; G. Vermes, *The Dead Sea Scrolls in English* [Baltimore: Penguin, 1962], p. 93). Veja tb. Carol Newsom, *Songs of the*

Sabbath sacrifice (Atlanta: Scholars, 1985). Nossa palavra “santos” em português é usada unicamente para seres humanos. Tanto no hebraico quanto no grego, o termo para “santos” pode se referir também a anjos.

6

A ROCHA DE MOISÉS: O SENHOR ESTÁ ENTRE NÓS?

No Sinai Deus concedeu a Israel não somente a lei de sua aliança, mas também a tenda de sua habitação. Deus seria o Deus dos israelitas por meio de sua presença, bem como por meio de sua palavra. Na nuvem no monte Sinai, Moisés recebeu instruções detalhadas para a construção do Tabernáculo, a tenda que seria a casa de Deus em meio às tendas de Israel.

Moisés permaneceu no topo do monte por quarenta dias, oculto de Israel pela nuvem da presença de Deus. Quando finalmente iniciou sua descida, segurava nas mãos as tábuas de pedra sobre as quais Deus havia escrito a sua Lei. Contudo, o peso da lei de Deus em suas mãos era menor do que o peso que carregava no coração. Deus tinha dado a Moisés uma ordem final: desça a um povo que já se desviou da aliança que tinha ratificado de forma tão solene. Moisés carregava a ordem que Deus havia trovejado do Sinai: "Não farás para ti um ídolo" (Êx 20.4). Mas Deus disse a Moisés que as pessoas ao pé do monte já haviam feito um ídolo na forma de um bezerro de ouro. Haviam adorado o ídolo e oferecido sacrifícios a ele.

O pressentimento de Moisés tornou-se mais intenso quando ouviu os sons que vinham do acampamento abaixo. Josué, que auxiliava Moisés,

achou que ouvia o som de uma batalha. Moisés respondeu: "Não é canto de vitória, nem canto de derrota; o que ouço é o som de pessoas cantando" (Êx 32.18).

Quando Moisés conseguia ver bem como ouvir a orgia licenciosa ao pé do monte, foi demais para ele. Irado, jogou as tábuas da Lei ao chão; elas se despedaçaram aos seus pés. Em seguida, o juízo divino interrompeu o tumulto da idolatria rebelde. Moisés permaneceu na entrada do acampamento e chamou aqueles que estavam do lado do Senhor. Somente os levitas, a tribo de Moisés, reuniu-se ao redor dele. Moisés os comissionou a executar a sentença divina contra os rebeldes. Em torno de três mil morreram quando os levitas executaram sua tarefa aterradora.

Moisés retornou para se encontrar com o Senhor. Que futuro poderia haver para o povo de Deus? Se o povo violou completamente a aliança divina ao pé do monte em que Deus ainda falava, por que continuar a relação pactual? Israel já não teria sido julgado e rejeitado? Moisés clamou para que Deus não riscasse Israel do livro da vida, mas que, em vez disso, riscasse o seu próprio nome. Séculos mais tarde, o apóstolo Paulo espelhou o pedido de Moisés. Paulo, também servo do Senhor na nova aliança, afirmou que estaria disposto a ser amaldiçoado e separado de Cristo "por amor de meus irmãos, os de minha raça, o povo de Israel" (Rm 9.3,4).

O Senhor não removeria o nome de Moisés de seu livro (Êx 32.32,33). Pelo contrário, propôs a Moisés um plano alternativo para a relação de Deus com Israel. Deus não habitaria no meio de Israel. Isso seria perigoso demais, pois se tratava de um povo de "dura cerviz", orgulhoso e rebelde. Se Deus prosseguisse entre o povo nem que fosse por um momento, sua presença os destruiria (Êx 33.5).

O plano de Deus não negligenciava suas promessas. Ele iria à frente do povo na presença de seu anjo. Ele os guiaria e os faria entrar na terra da promessa, derrotaria seus inimigos, expulsaria os habitantes ímpios da terra e daria a eles a Terra Prometida. Mas o próprio Deus não iria em seu meio.

Não haveria necessidade alguma de construir o Tabernáculo, pois o propósito dessa construção era fornecer uma tenda em que Deus pudesse habitar no meio do povo de Israel; a tenda do Senhor deveria estar no centro do acampamento e as tendas do povo montadas ao redor, segundo as respectivas tribos. Em vez de edificar o Tabernáculo, Moisés continuaria a prática que aparentemente já havia sido estabelecida. Ele teria uma "tenda do encontro" montada longe do acampamento. Deus viria à porta da tenda na nuvem da glória para encontrar-se com Moisés. Quando este saísse da tenda, o povo ficaria em pé, de modo respeitoso, para vê-lo sair. Quando a nuvem descesse, eles deveriam adorar. Se qualquer pessoa precisasse consultar o Senhor sobre algum assunto, poderia aproximar-se da tenda e falar com Moisés.

A mudança que Deus propôs não era substituir sua presença pela presença de um anjo. O Anjo do Senhor era teofânico, a aparição de Deus na forma de seu mensageiro. "Não se rebelem contra ele; ele não perdoará a sua rebeldia, pois o meu nome está nele" (Êx 23.21). Em vez disso, a questão era se o Senhor iria adiante do seu povo na presença do seu Anjo, expulsaria seus inimigos e lhe daria a terra, ou se Deus se poria a caminho em meio desse povo. O Tabernáculo deveria ser construído para que Deus pudesse estar no meio deles, ou Deus deveria continuar a vir à porta da Tenda do Encontro a certa distância do acampamento?

Poderíamos supor que Moisés tivesse aceitado a proposta divina. Certamente, o perigo da presença divina no meio do acampamento de Israel

era evidente. Que vantagens Israel perderia sob essa nova proposta? Ainda tinham acesso a Deus. Ainda tinham Moisés como seu mediador. Ainda tinham Deus guiando-os pelo deserto e a garantia de sua dádiva da terra.

Na verdade, o que Deus propôs parece ser exatamente o que muitas pessoas desejam hoje no que diz respeito à religião. Elas não querem perder todo o contato com Deus, mas preferem que sua relação com ele seja administrada por um profissional. É melhor que as orações sejam feitas por alguém do clero. É vantajoso ter Deus à disposição à pouca distância. Talvez precisemos de sua ajuda — talvez em um local de aconselhamento, ou como uma divindade nacional que pudesse restringir o Kremlin. Mas colocar Deus no centro de nossa vida — isso certamente já passou dos limites. Sua presença seria muito inconveniente para algumas de nossas atividades comerciais, para o nosso entretenimento ou para nosso entusiasmo com aquilo que os comerciais da TV noticiam.

Conhecendo Israel como pessoalmente conhecia, Moisés imediatamente aceitou a proposta divina, agradecendo a Deus por sua consideração em decidir ser Deus a certa distância? Pelo contrário, Moisés estava arrasado e lamentou profundamente. Seguindo o exemplo de Moisés, o povo também lamentou. Removeram suas joias (o ouro que não havia sido derretido para fazer o bezerro de ouro) e esperaram enquanto Moisés foi falar com Deus. Outra vez Moisés derramou seu coração diante do Senhor. Deus não tinha dito que conhecia Moisés pelo nome? Israel não era o povo de Deus? "Se tua presença não for conosco, não nos envies. Como alguém saberá que estás satisfeito comigo e com o teu povo, se não nos acompanhares? Que mais poderá distinguir a mim e a teu povo de todos os demais povos da face da terra?" (Êx 33.15,16).

Nada poderia ser comparado à presença imediata do Senhor no meio do seu povo. O favor pelo qual Moisés orava evidentemente não estava baseado no registro do comportamento de Israel. Ele pedia pelo favor da graça, o favor do chamado divino que havia distinguido seu povo de todas as outras nações. Se Deus não selasse esse favor com sua própria presença, toda a empreitada seria inútil. Qual seria o motivo para entrar na terra da promessa nesse caso? Moisés buscava a terra não porque o leite e o mel de Canaã fossem preferíveis ao peixe e às lentilhas do Egito, mas porque a terra de Israel era o lugar em que Deus poria o seu nome, o lugar de sua habitação entre o povo. Se Deus não habitasse entre o seu povo, não faria sentido ir a um lugar de sua escolha.

A aliança de Deus dizia que ele seria o Deus dos israelitas e eles, o seu povo; comunhão com Deus era o âmago da aliança. Para selar seu pedido, Moisés buscou exatamente o que a presença de Deus em seu meio oferecia: a revelação da glória de Deus. "Agora mostre-me a tua glória", Moisés orou (Êx 33.18).

Trata-se de um pedido estranho? Moisés não tinha visto a glória do Senhor na nuvem? Ele não havia comungado com Deus quando recebeu os mandamentos dele? Sim, mas Moisés ansiava por um conhecimento mais pleno do Senhor. Deus tinha dito que conhecia Moisés pelo nome; Moisés, de modo semelhante, queria conhecer Deus pelo nome em um encontro pessoal e pleno.

Moisés não podia implorar pela continuidade da presença divina com base no que Israel havia feito ou faria. Não poderia apresentar a Deus o tipo de desculpas a respeito do bezerro de ouro que Arão lhe havia apresentado. Se fosse para assegurar a presença contínua de Deus, seu único apelo precisava basear-se na natureza do próprio Deus, na fidelidade pactual do

Deus da graça. Para assegurar o favor divino, Moisés pediu que Deus se revelasse, proclamasse o seu nome.

Foi isso que Deus fez. Ele não poderia permitir que Moisés visse a glória plena de sua face, mas permitiria que visse suas costas. Deus cobriu Moisés na fenda de uma rocha enquanto sua glória passava. Ele proclamou novamente o seu nome a Moisés: o Deus "Eu Sou", que seria gracioso com quem ele decidisse ser gracioso. Sua misericórdia soberana era a esperança de Moisés e de Israel. Ele é eternamente o Deus "cheio de graça e de verdade" (Jo 1.14).

A oração de Moisés foi atendida. Deus iria com o seu povo. Seu Tabernáculo seria construído para simbolizar sua presença no meio do povo. O plano do Tabernáculo apresenta uma imagem dupla: por um lado, havia barreiras que separavam a santidade de Deus; por outro, um caminho de acesso foi aberto por sua graça. As cortinas do Tabernáculo ocultavam a glória da presença do Senhor, mas um meio de aproximação foi providenciado.

O adorador podia entrar no pátio e oferecer o seu sacrifício no grande altar de bronze no átrio. Os sacerdotes, depois de se lavarem na bacia, podiam entrar no Lugar Santo para orar a Deus no altar de incenso. Adiante do Lugar Santo estava o Lugar Santíssimo, onde a Arca da Aliança era guardada. Nesse santuário somente o sumo sacerdote podia entrar, e somente uma vez ao ano, no Dia da Expiação. Ainda assim, o Tabernáculo providenciava o caminho aberto para a presença do Senhor que habitava no meio do seu povo.

Com o pedido atendido, Moisés fez uma das orações mais lindas da Bíblia: "Ó Senhor, se agora encontrei graça diante dos teus olhos, eu te rogo, meu Senhor, que vás entre nós, pois é um povo obstinado! Perdoa a

nossa maldade e o nosso pecado e faze de nós a tua herança!" (Êx 34.9, KJV).

Uma vez que o povo de Israel era obstinado, Deus tinha dito que não caminharia entre eles. Mas exatamente por causa disso Moisés pediu que Deus fosse com eles, perdoando sua maldade e o seu pecado. Ele não pede que Deus dê a Israel a sua herança, mas que tome Israel por herança. Moisés se apropriou da graça divina e orou para que Deus tornasse Israel seu bem mais precioso.

João tem essa passagem em mente no primeiro capítulo do seu Evangelho (Jo 1.14-18). Ele nos lembra que a Lei foi dada por intermédio de Moisés, mas que a "graça e [a] verdade" sobre as quais Moisés escreveu (Êx 34.6) vieram por meio de Jesus Cristo. Ao longo do Evangelho de João nos conscientizamos da maneira que Moisés testemunha acerca de Cristo. Jesus afirmou: "Se vocês cressem em Moisés, creriam em mim, pois ele escreveu a meu respeito" (Jo 5.46).

Quando João afirma: "Ninguém jamais viu a Deus; o Filho unigênito, que está no seio do Pai, tornou-o conhecido" (Jo 1.18, KJV), ele está pensando a respeito da revelação de Deus a Moisés. Moisés não teve a autorização de ver Deus, mas a plena glória de Deus agora tem sido revelada em Jesus Cristo.

Algumas versões da Bíblia perdem a força do testemunho de João ao não traduzir literalmente a palavra do apóstolo por "tabernacular": "E a Palavra tornou-se carne e tabernaculou entre nós (e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai), cheio de graça e de verdade" (Jo 1.14, ASV, rodapé).

Aqui João está declarando o cumprimento da revelação de Deus a Moisés. A questão era a presença de Deus no meio do seu povo. O símbolo

dessa presença constante era o Tabernáculo; ali a glória do Deus que é "cheio de graça e de verdade" foi revelada. Mas o que era um símbolo na época de Moisés tornou-se realidade em Jesus Cristo. O Tabernáculo verdadeiro e permanente não é uma tenda de peles de bodes, mas, sim, o Senhor encarnado. Mesmo a nuvem da glória é somente um símbolo da presença do Senhor; Jesus é o próprio Senhor, o verdadeiro Templo.

Jesus podia dizer à mulher de Samaria que nem mesmo Jerusalém era o lugar em que Deus deveria ser adorado, porque a hora havia chegado em que ele tinha de ser adorado em Espírito e em verdade (Jo 4.23,24): em Espírito, porque Jesus poderia dar a ela a água do Espírito; em verdade, porque Jesus era a Verdade, uma realidade da qual o Templo era um símbolo. Essa hora estava chegando com a morte e com a ressurreição de Jesus; na verdade, essa hora já havia chegado, porque Jesus já havia vindo: "Sou eu, que estou falando com você" (Jo 4.26).

Tanto as tábuas da Lei quanto o Tabernáculo foram dados por Deus no Sinai. Ambos apontam para Cristo, que é cumprimento da Lei para todos que creem e que é o Sacerdote celestial, o Cordeiro de Deus e o verdadeiro Tabernáculo. Tanto a Lei quanto a adoração no Sinai foram expressões da aliança divina, uma aliança cumprida em Jesus Cristo, no qual ela foi renovada. Contudo, não foi somente nas instituições da aliança que Cristo é antecipado. Ele também foi antevisto na história da aliança. A história da redenção no Antigo Testamento é a história de Jesus.

Deus continuou conduzindo Israel do Sinai enquanto este viajava a Canaã. Seu propósito ao guiar o povo não era um transporte veloz. Era formação. Moisés refletiu sobre o currículo divino quando a aliança foi renovada com a segunda geração na fronteira de Canaã:

> Lembrem-se de como o SENHOR, o seu Deus, os conduziu por todo o caminho no deserto, durante estes quarenta anos, para humilhá-los e pô-los à prova, a fim de conhecer suas intenções, se iriam obedecer aos seus mandamentos ou não. Ele os humilhou e os deixou passar fome. Mas depois os sustentou com maná, que nem vocês nem os seus antepassados conheciam, para mostrar a vocês que o homem não vive só de pão, mas de toda palavra que procede da boca do SENHOR. [...] Saibam, pois, em seu coração que, assim como um homem disciplina o seu filho, da mesma forma o SENHOR, o seu Deus, os disciplina (Dt 8.2-5).

A palavra do Senhor pela qual Israel deveria viver não era somente a palavra pronunciada no Sinai. Era também a palavra que orientava a jornada de Israel no seu dia a dia. As pessoas foram humilhadas, colocadas à prova, ensinadas que Deus é fiel, e perceberam sua provisão inabalável. Deus mostrou aos israelitas sua incapacidade, a fim de que o encontrassem como socorro em cada angústia. Suas instruções foram além de colocá-los à prova. Por seus atos de libertação ele também retratou a realidade espiritual da aliança. O suprimento divino com o maná, por exemplo, retratou graficamente a verdade de que a vida é uma dádiva divina e que os filhos de Deus recebem o pão do céu de seu Pai.

Jesus sinalizou isso às multidões que alimentou em um lugar deserto. Alimentou mais de cinco mil pessoas com cinco pães e dois peixes da cesta de almoço de um menino. Para muitos, porém, o milagre não era assim tão espetacular. Exigiram uma provisão de pão mais deslumbrante. Para essas pessoas, Jesus deveria conceder o maná no deserto como Moisés havia feito. Em sua resposta, Jesus deixou claro que o maná era um tipo da provisão espiritual divina: "Digo a verdade: Não foi Moisés quem deu a vocês pão do

céu, mas é meu Pai quem lhes dá o verdadeiro pão do céu. Pois o pão de Deus é aquele que desce do céu e concede vida ao mundo" (Jo 6.32,33).

Como as palavras de Jesus mostram, há mais do que uma alegoria superficial na concessão do maná por Deus. A provisão de vida vinda do alto aponta para algo além da alimentação física. Se comida fosse a única coisa que faltava para os israelitas, eles não precisariam sair do Egito. Na verdade, muitos deles preferiam os alhos-porós e os peixes do Egito ao maná: "Detestamos esta comida miserável!" (Nm 21.5). Deus concedeu o maná para ensinar a respeito de sua dádiva de vida espiritual por meio da fé. Israel foi ensinado a confiar em Deus para o pão diário em um sentido mais do que físico. Assim, havia um bom motivo para que um pote de maná fosse colocado na Arca da Aliança.

O conteúdo educativo dos episódios no deserto apontava tanto para frente quanto para cima. Israel foi ensinado a esperar as bênçãos futuras prometidas na aliança divina. Por exemplo, quando a água amarga de Mara foi sanada pela ordem de Deus, o Senhor tornou o acontecimento um sinal de sua promessa pactual: "Eu sou o SENHOR que os cura" (Êx 15.26). A árvore que Moisés lançou na água amarga tornou-se um sinal da remoção da maldição por meio da doçura e do bálsamo da árvore da vida (Gn 2.9; Ez 47.12).[1]

Ao longo da história das ações de Deus para com o seu povo da aliança, essas promessas são repetidas. Jeremias exclamou: "Não há bálsamo em Gileade? Não há ali médico algum?" (Jr 8.22). Ele orou: "Cura-me, SENHOR, e serei curado; salva-me, e serei salvo, pois tu és aquele a quem eu louvo" (Jr 17.14).

Em resposta, Deus repetiu sua promessa a seu profeta e a seu povo: "Mas eu restaurarei a sua saúde e curarei as suas feridas" (Jr 30.17; 33.6). O

próprio Deus viria para remover a maldição e curar e restaurar o seu povo. "'Ele virá para salvá-los'. Então os olhos dos cegos se abrirão e os ouvidos dos surdos se destaparão. Então os coxos saltarão como o cervo, e a língua do mudo cantará de alegria" (Is 35.4-6).

O próprio Deus prometeu ser aquele que cura o seu povo; contudo, sua obra curadora seria realizada por meio do seu Ungido. Esse Messias cuidará dos que estão com o coração quebrantado e consolará os que choram, pois ele proclamará o ano do favor divino (Is 61.1,2). No retrato maravilhoso do Servo Sofredor do Senhor feito por Isaías, aprendemos que ele viria para tomar sobre si nossas tristezas e doenças, e que pelas suas feridas somos curados (Is 53.4,5). Mateus retrata o ministério de cura de Jesus num sábado à noite em Cafarnaum e em seguida nos lembra destas palavras: "Ele tomou sobre si as nossas enfermidades e levou as nossas doenças" (Mt 8.17; cf. Is 53.4). O sinal divino de cura em Mara e todo o seu cuidado por Israel no deserto foi uma preparação na tela da história para o cumprimento que ainda estava por vir em Jesus Cristo.

Isso fica claro em outro acontecimento marcante no deserto. Quando a segunda geração de israelitas peregrinos se rebelou contra a orientação divina em sua marcha, Deus julgou sua revolta ao enviar para o meio deles serpentes venenosas. Eles clamaram por libertação, e Deus ordenou que Moisés fizesse uma serpente de bronze e a colocasse no alto de um pedestal (talvez a vara do Senhor). As pessoas receberam a ordem de olhar para a serpente de bronze, e aqueles que olhavam para ela eram curados e permaneciam vivos (Nm 21.4-9).

Jesus se referiu a esse acontecimento quando apresentou sua missão a Nicodemos, membro do Sinédrio que veio visitá-lo à noite: "Assim como Moisés levantou a serpente no deserto, assim também é necessário que o

Filho do Homem seja levantado, para que todo que crer tenha a vida eterna nele" (Jo 3.14,15, NIV, rodapé). A serpente de bronze, a imagem da maldição sobre Israel, foi levantada como um sinal do poder de Deus sobre a maldição e de sua libertação dela.

Jesus deve ter surpreendido Nicodemos ao comparar "o levantar" do Filho do Homem com o levantar da serpente. O Filho do Homem é a figura gloriosa retratada na profecia de Daniel (Dn 7.13,14). O profeta o descreveu como vindo nas nuvens do céu para receber o governo do reino eterno de Deus. Como uma figura assim gloriosa poderia ser comparada a uma efígie de metal de uma serpente venenosa?

A comparação é profunda. Jesus é o Filho do Homem; ele falou que seria levantado à glória que se iniciaria quando fosse levantado na cruz. Quando afirmou: "Mas eu, quando for levantado da terra, atrairei todos a mim" (Jo 12.32), Jesus estava se referindo não somente à sua ascensão, mas ao "tipo de morte que haveria de sofrer" (Jo 12.33).

Jesus foi "levantado" e exposto na cruz como uma pessoa amaldiçoada. Isso, por si só, foi suficiente para convencer Saulo, o fariseu, de que Jesus não poderia ser o Messias. Jesus havia sido crucificado, e a Lei de Deus dizia que todo aquele que fosse pendurado no madeiro estaria amaldiçoado (Dt 21.23). Contudo, depois que Jesus apareceu a Saulo na estrada para Damasco, ele passou a entender que o próprio acontecimento que parecia negar a messianidade de Jesus era a demonstração dela. Saulo, o perseguidor, tornou-se Paulo, o apóstolo, determinado a não saber nada a não ser Cristo, e este crucificado (1Co 2.2). Ele ensinou que "Cristo nos redimiu da maldição da Lei ao tornar-se maldição em nosso lugar, pois está escrito: 'Maldito todo aquele que for pendurado num madeiro'" (Gl 3.13).

Como a serpente sobre a vara, Cristo na cruz foi a incorporação da maldição. Ele levou o juízo de morte, porque trouxe sobre si a culpa do pecado. Ele foi esmagado por Deus e afligido, porque o SENHOR fez cair sobre ele a iniquidade de todos nós (Is 53.6). "Deus tornou pecado por nós aquele que não tinha pecado, para que nele nos tornássemos justiça de Deus" (2Co 5.21). Na cruz Jesus triunfou sobre os poderes das trevas; o levantar de Jesus na cruz foi seguido pela ressurreição e o seu levantar para a glória (Jo 13.31; At 5.31). Jesus também tinha sua ascensão em mente: "Ninguém jamais subiu ao céu, a não ser aquele que veio do céu: o Filho do Homem, que está no céu" (Jo 3.13, NIV, rodapé).

Como vimos em conexão com o sonho de Jacó, o próprio Jesus era a resposta definitiva para a pergunta de Agur no livro de Provérbios: "Quem subiu ao céu e desceu? Quem ajuntou nas mãos os ventos? [...] Qual é o seu nome, e o nome do seu filho? Diga-me se você sabe!" (30.4).

Jesus, que desceu do céu, subiu ao céu: seu "levantar" começou na cruz. Deus triunfou sobre a maldição na vitória do Calvário (Cl 2.13-15).

Logo no início da peregrinação de Israel no deserto surge a imagem muito vívida do triunfo da graça de Deus em sua aliança com Israel. Somente alguns meses depois da libertação de Israel do Egito, o Senhor os trouxe a Refidim, no caminho para o monte Sinai (Êx 17.1-7). Não havia água alguma no lugar em que acamparam. No clima árido do deserto do Sinai a desidratação ocorre em horas, não em dias. Quando seus odres se esvaziassem, a morte era certa. "Assim contenderam com Moisés e disseram: 'Dê-nos água para beber'" (Êx 17.2).

Infelizmente, a palavra "contender" não expressa adequadamente o sentido do termo hebraico. "Apresentaram uma denúncia contra Moisés" seria mais próximo do significado original. A palavra é a raiz do termo

"Meribá", o nome dado ao local em que ocorreu essa situação (Êx 17.7).[2] Trata-se de um termo legal retratando a instituição de um processo judicial. Nos Profetas, o termo é usado para expressar o processo judicial que Deus impetrou contra Israel, visto que o povo quebrou a sua aliança (Mq 6.1-8). Meribá designa o processo judicial de Israel contra Deus.

A ação legal a que as pessoas se propuseram foi primeiramente contra Moisés. "Por que você nos tirou do Egito para matar de sede a nós, aos nossos filhos e aos nossos rebanhos?" (Êx 17.3). Segundo eles, Moisés era culpado de traição e merecia ser executado por apedrejamento. Moisés seria apedrejado não como um ato violento da multidão, mas como a execução de uma pena de morte pela comunidade. Se os ossos deles fossem se empalidecer sob o sol escaldante, que Moisés, antes disso, pagasse pelo seu delito.

Moisés protestou de modo compreensível: "Por que [vocês me acusam]? Por que põem o Senhor à prova?" (Êx 17.2). Na verdade, essas pessoas não queriam Moisés, mas, sim, *Deus* no banco dos réus: "O Senhor está entre nós, ou não?" (Êx 17.7).

Deus havia levado os israelitas ao deserto para estabelecer sua aliança com eles. Ele os guiou para ensiná-los; colocá-los à prova fazia parte do processo de treinamento. No final da jornada, por fim Moisés lhes disse:

> Lembrem-se de como o Senhor, o seu Deus, os conduziu por todo o caminho no deserto, durante estes quarenta anos, para humilhá-los e pô-los à prova, a fim de conhecer o que estava em seu coração, se iriam obedecer aos seus mandamentos ou não. Ele os humilhou e os deixou passar fome, mas depois os sustentou com maná, que nem vocês nem os seus antepassados conheciam, para mostrar a vocês que o homem não

> vive só de pão, mas de toda palavra que procede da boca do SENHOR (Dt 8.2,3).

Israel acabara de presenciar o cuidado de Deus na provisão do maná para a sua fome; ainda assim, não confiaram nele para dar-lhes água para a sua sede. Não conseguiram enxergar que eles, não Deus, estavam sendo colocados à prova em Refidim.

Não foi a primeira nem a última vez que rebeldes contra Deus inverteram a situação para convocar Deus ao julgamento. Logo depois da Segunda Guerra Mundial, uma peça de teatro foi apresentada na Alemanha: *The sign of Jonah* [O sinal de Jonas], escrita por Guenter Rutenborn.[3] A peça surgiu justamente enquanto o povo alemão estava sendo confrontado pelos horrores do Holocausto. Belsen, Dachau e Auschwitz tinham acabado de ser expostos — os campos de concentração em que os nazistas tentaram a "solução definitiva" do genocídio.

A peça levantava a questão: "Quem é culpado?" Tanto o elenco quanto a audiência foram envolvidos na resposta. Mas ninguém se sentia pessoalmente culpado. A dona de casa precisou conviver com o racionamento, os metalúrgicos haviam mantido a produção de aço, mesmo a tropa de assalto somente cumprira ordens.

Contudo, ao defender sua inocência, os acusados tornam-se acusadores; acusam uns aos outros. Todos são culpados — em graus variados, alguns por palavras, outros pelo silêncio, alguns pelo que fizeram e outros pelo que deixaram de fazer. Sob culpa, começam a usar a mesma desculpa: a culpa está no escalão superior — no escalão superior do exército, no escalão superior do Partido… cada vez mais acima. "A verdadeira culpa está muito mais acima. Deus é culpado. É ele que deve estar no banco dos réus".

Quem não participaria no processo de chamar Deus a prestar contas pela miséria no mundo? Efetivamente quem? A Bíblia responde: a pessoa que vive pela fé. As acusações trazidas contra Deus em Massá-Meribá mostram o que a Bíblia denomina "um coração pecaminoso e incrédulo" (Hb 3.12). Mais tarde, Moisés alertou Israel a não colocar o Senhor à prova como fizeram em Massá-Meribá (Dt 6.16).

Deus é justo e o juiz de toda terra. Israel trouxe uma ação judicial contra ele; o caso seria ouvido e o juízo executado. Deus disse a Moisés: "Passe à frente do povo. Leve com você alguns dos anciãos de Israel; tome em sua mão a vara com a qual você feriu o Nilo e vá adiante" (Êx 17.5, RSV).

A ordem de Deus torna a cena dramática. "Passe à frente do povo" pode significar simplesmente vá à frente deles, mas também sugere que o povo estava ciente de que Moisés estava indo.[4] Moisés vai à frente para encontrar-se com Deus. Ele não vai como um criminoso indiciado, mas como o juiz de Israel, carregando em sua mão a vara de julgamento. O golpe dessa vara havia transformado o rio Nilo em sangue, julgando os deuses do Egito. Moisés leva consigo diversos anciãos de Israel. Eles constituem uma corte de juízes e de testemunhas; sua presença é necessária por causa da formalidade jurídica da situação.[5]

A vara de Moisés era única em poder e autoridade, pois representava o julgamento do próprio Deus. Mas a vara era o símbolo comum para autoridade judicial. Nosso termo "fascista" deriva da palavra romana *fasces*, um feixe de varas carregado pelos antigos *lictores* romanos para representar seu ofício. Uma pessoa julgada culpada de um crime em Israel podia ser sentenciada a se deitar diante do juiz e ser espancada. A Lei limitava a quarenta o número de golpes que a pessoa podia receber (Dt 25.1-3).

As pessoas entendiam muito bem o significado da vara na mão de Moisés, seu juiz. Elas tinham visto o rio Nilo ficar vermelho quando Moisés o feriu. Que juízo viria se Moisés estendesse agora sua vara contra eles? O profeta Isaías viu a vara do juízo de Deus caindo sobre os gentios:

> O Senhor fará que os homens ouçam sua voz majestosa
> e os levará a ver seu braço descendo
> com ira impetuosa e fogo consumidor,
> com aguaceiro, tempestades de raios e de granizo.
> A voz do Senhor despedaçará a Assíria;
> com seu cetro a derrubará.
> Cada golpe que o Senhor desferir para a castigar com sua vara
> será dado ao som de tamborins e harpas (Is 30.30-32).

Em resposta à ordem de Deus, Moisés levanta a sua vara de juízo, mas o que vemos na sequência é um dos acontecimentos mais surpreendentes das Escrituras. Deus afirma: "Eis que estarei diante de ti no alto da rocha do monte Horebe. E golpearás a rocha" (Êx 17.6, KJV).[6] No Antigo Testamento, Deus não ficava diante dos homens; os homens ficavam diante de Deus. Em Deuteronômio, os litigantes em um caso judicial eram convocados a se posicionarem diante do Senhor e diante dos sacerdotes e dos juízes (Dt 19.17).

"Diante da face" de Moisés, o juiz, com a vara levantada, está o Deus de Israel. O Senhor está em pé no banco dos réus. Moisés não pode bater no âmago da glória divina *shekinah*. Deus ordena que ele bata na rocha. Mas a rocha é identificada como Deus no hino de Moisés: "Louvem a grandeza do nosso Deus! Ele é a Rocha, suas obras são perfeitas, e todos os seus caminhos são justos" (Dt 32.3,4,31).

Nos mesmos salmos que comemoram essa provação de Massá-Me- ribá, a designação Rocha é usada para Deus: "a Rocha de nossa salvação" (Sl 78.15,20,35; 95.1). Deus, a Rocha, identifica-se com a rocha ao ficar sobre ela. Israel colocaria Deus à prova por quebrar sua aliança com seus antepassados. Deus está em pé no lugar dos acusados, e a pena do julgamento é infligida.

Deus, então, é culpado? Não, as pessoas é que são culpadas. Em rebelião, recusaram-se a confiar na fidelidade de Deus. Ainda assim, Deus, o Juiz, toma sobre si o juízo; ele recebe o golpe que a rebeldia delas merece. A Lei precisa ser cumprida: se o seu povo deve ser poupado, Deus precisa tomar sobre si o castigo dele.

Na peça de teatro de Rutenborn, Deus é julgado, considerado culpado e sentenciado "a tornar-se um ser humano, um peregrino na terra, privado de seus direitos, desabrigado, com fome e com sede. Ele mesmo deve morrer! E perder um filho e sofrer as agonias da paternidade, e quando por fim falecer, ele deve ser desonrado e ridicularizado".

Assim nós, rebeldes, gritamos em nosso furor. Mas Deus em sua justiça perfeita fez mais do que a blasfêmia de nossa maldição ousa exigir. Isaías declara: "Em toda a angústia do seu povo, ele também se angustiou, e o anjo da sua presença os salvou. Em seu amor e em sua misericórdia ele os redimiu; ele os levantou e os carregou como nos dias passados" (Is 63.9).

Ao longo do Antigo Testamento flui um rio de misericórdia cuja fonte é o trono de Deus. O Pastor de Israel é o Rei do amor, um Deus cheio de misericórdia e de verdade. O Deus que está em pé sobre a rocha é o Deus que poupou da faca sacrificial o amado filho de Abraão, Isaque, com a promessa: "O Senhor proverá" (Gn 22.14). A redenção divina do seu povo

rebelde precisa ser mais do que um ato de libertação; precisa ser um ato de amor expiatório.

Em seu próprio Filho, Deus veio a tomar sobre si a nossa condenação. Que deslumbramento, que maravilhamento Moisés deve ter sentido quando feriu a rocha de Deus! No devido tempo de Deus esse símbolo tornou-se realidade. Deus "não poupou seu próprio Filho, mas o entregou por todos nós" (Rm 8.32). Na cruz, o Filho de Deus tomou o lugar do seu povo condenado e tomou sobre si o golpe do juízo. Ao falar a respeito de Israel no deserto, Paulo acertadamente afirma que eles "bebiam da rocha espiritual que os acompanhava, e essa rocha era Cristo" (1Co 10.4). João nos diz que Jesus estava em pé no Templo, no último grande dia da Festa dos Tabernáculos, e clamou: "Se alguém tem sede, que venha a mim. E beba quem crer em mim. Como dizem as Escrituras, do seu interior fluirão rios de água viva" (Jo 7.37,38, NIV, rodapé).

Quando Moisés bateu na rocha, um rio de água vivificante jorrou no deserto. Quando Jesus foi crucificado, João nos informa que sangue e água verteram de seu lado (Jo 19.34). Ao nos lembrar tanto da água quanto do sangue, João nos remete ao brado de Jesus na festa. No Calvário fluíram de seu coração os rios de água viva. A água que Jesus concede é a água do Espírito Santo (Jo 7.38,39). O sopro do Cristo ressurreto simbolizou a dádiva do Espírito (Jo 20.22,23); é o que também ocorre com a água que fluiu com o sangue do crucificado. O Espírito de vida é concedido por meio da morte de Cristo.

Não nos admiramos que Moisés foi julgado de modo severo por bater na rocha uma segunda vez, quando havia sido instruído a falar a ela (Nm 20.7-13). Deus carrega sobre si o castigo de nossa condenação uma única vez e no tempo designado por ele.

O Deus que é a Rocha de Israel é o Salvador, o Deus de misericórdia que toma sobre si seu próprio juízo pelo pecado do seu povo. As pessoas haviam exclamado na acusação incrédula: "O Senhor está entre nós, ou não?" (Êx 17.7). Sim, o Senhor estava no meio deles, e de uma maneira que não poderiam ter imaginado. Ali estava ele em pé sobre a rocha; não somente entre eles, mas no lugar deles, tomando sobre si a condenação deles. Antes de Deus conceder sua aliança no Sinai, empenhou sua presença no Calvário.

A história da redenção divina se move de graça em graça. A graça da promessa divina aos patriarcas e a graça da sua libertação no Êxodo apontam para a graça definitiva que virá em Jesus Cristo. Isso fica evidente no resumo profético da história da redenção encontrado em Deuteronômio (30.1-10). Moisés ordenou às tribos de Israel que se separassem em duas grandes assembleias depois que entrassem na Terra Prometida. A metade das tribos deveria se reunir no monte Gerizim e recitar todas as bênçãos que Deus traria sobre eles à medida que guardassem a sua aliança (Dt 27.12; 28.1-14). A outra metade deveria ficar no monte Ebal e recitar as maldições que cairiam sobre eles se fossem desobedientes (Dt 27.13; 28.15-68). Ficamos sabendo, na sequência, que não havia simplesmente duas possibilidades, mas que ambas seriam realizadas. No início do capítulo 30, vemos que Moisés declarou o que sucederia depois que tanto as bênçãos quanto as maldições fossem derramadas. O povo então seria espalhado entre as nações no cativeiro, mas, à medida que se voltassem outra vez ao Senhor, ele não somente o restauraria para a sua terra, mas "O Senhor, o seu Deus, circuncidará o coração de vocês e o coração de seus descendentes, para que o amem de todo o coração e de toda a alma e vivam" (Dt 30.6).

Essa estrutura perpassa toda a extensão da história bíblica. Israel efetivamente recebeu as bênçãos que Deus havia prometido. Quando o rei Salomão abençoou o povo na consagração do Templo, declarou: "Louvado seja o SENHOR, que deu descanso a Israel, o seu povo, exatamente como havia prometido. Nenhuma palavra falhou de todas as boas promessas que ele fez por meio do seu servo Moisés" (1Rs 8.56).

O mesmo rei Salomão, no entanto, edificou santuários para outros deuses em Jerusalém para adequar-se à idolatria de suas esposas pagãs. Depois de sua morte, o reino foi dividido. Israel, ao norte, e depois Judá, ao sul, sucumbiram à idolatria e à apostasia. Os profetas alertaram a respeito da tempestade dos juízos vindouros, mas as pessoas zombaram de suas mensagens de condenação. Os assírios destruíram Samaria e levaram Israel ao cativeiro. O Império Babilônico trouxe o mesmo destino a Judá. Jerusalém foi queimada, seus muros, derrubados, o Templo, destruído. Juízo total e devastador veio depois da bênção.

Contudo, as promessas de Deus não estavam esquecidas. Os profetas que alertaram a respeito do desastre anteviram um tempo vindouro: "os últimos dias" depois das bênçãos e das maldições. Deus pouparia um remanescente, os traria de volta do cativeiro para a terra e renovaria sua aliança com eles em uma glória que não poderia ser imaginada.

O esboço da história de Israel em Deuteronômio 30 tornou-se o encargo dos profetas. Eles proclamaram o juízo de Deus, mas, depois do juízo, a glória da obra de redenção divina que chegaria ao ápice nos últimos dias. A graça régia de Deus, a Rocha, triunfaria na salvação do seu povo. O triunfo de Deus seria a obra de um profeta maior do que Moisés; seria a obra do Ungido do Senhor.

Questões para estudo

1. Quais foram as duas coisas que Deus deu a Israel no Sinai e por que elas são tão importantes?
2. O que Moisés encontrou quando desceu do monte Sinai com as tábuas de pedra? Qual foi a sua reação?
3. Moisés implorou a Deus pelo seu povo? O que ele pediu?
4. Leia Romanos 9.3,4. Como Paulo é semelhante a Moisés nesta passagem?
5. Deus propôs um plano alternativo a tirar o nome de Moisés de seu livro. Qual era?
6. Explique: "O Anjo do Senhor era teofânico".
7. Por que tendemos a pensar que "colocar Deus no centro de nossa vida […] certamente já passou dos limites"?
8. O que está no âmago da aliança divina?
9. Deus permitiu que Moisés visse a sua glória?
10. Como Jesus cumpre tanto a Lei quanto a adoração do Sinai?
11. Leia Deuteronômio 8.2-5. Ressalte os elementos pertinentes à formação nessa passagem. Que lições o povo de Deus aprendeu?
12. "O conteúdo educativo dos episódios no deserto apontava tanto para frente quanto para cima". Explique.
13. Leia João 3.14,15 e compare com Números 21.4-9. Que paralelos importantes você enxerga?
14. O que o impressiona sobre a afirmação de Deus a Moisés em Êxodo 17.6?
15. Explique em suas próprias palavras como "a história da redenção se move de graça em graça".

Questões para aplicação

1. Revise suas respostas às questões para estudo 3 e 4. Qual foi o apelo de Moisés e Paulo a Deus em prol dos pecadores? Sua vida demonstra um amor sacrificial por pecadores? Por que sim ou por que não?
2. Como Cristo implora em prol dos pecadores?
3. Deus está no centro de sua vida, ou isso seria próximo demais para o seu conforto? Em que áreas em particular Deus lhe causa desconforto? Por qual razão?
4. Estar em comunhão com Deus está no âmago do seu ser?
5. Leia Êxodo 34.9. O que torna a oração de Moisés "uma das orações mais lindas da Bíblia"? Como ela se compara a suas orações?
6. Você já caminhou pelo deserto? Que currículo Deus lhe ensinou e que resultados trouxe? Cite exemplos.
7. Quando os israelitas foram picados por serpentes venenosas no deserto, Deus lhes apresentou uma solução. Contudo, alguns israelitas se recusaram a olhar para a serpente de bronze e morreram. Outros olharam para ela e permaneceram vivos. Para onde deve olhar a fim de ser curado do seu pecado?
8. "O Espírito de vida é concedido por meio da morte de Cristo". Isso é um paradoxo. Por que Cristo precisa morrer para que você possa ter o Espírito de vida?
9. Sua vida é caracterizada pela reclamação? Se esse for o caso, o que está no âmago do seu problema?

[1] O verbo usado para Deus *mostrar* a árvore a Moisés é a raiz do termo *torah*, a lei de Deus como indicador, mostrando o caminho. Tanto o sinal quanto a ordem são designados por Deus.

[2] Para uma apresentação acadêmica a respeito do uso do termo, veja H. B. Huffmon, "The covenant lawsuit in the Prophets", *Journal of Biblical Literature*, LXXVII, p. 285ss.; B. Gemser, "The RIB or controversy pattern", in: *Wisdom in Israel and the Ancient Near East* (Vetus Testamentum, Supplement III, Leiden: 1955).

[3] Guenter Rutenborn, *The sign of Jonah* (New York: Thomas Nelson and Sons, 1960).

[4] A mesma expressão é usada para retratar os sacerdotes que carregavam a arca da aliança atravessando o Jordão diante do povo de Israel (Js 3.6). É usada para o Senhor passando diante de Moisés na fenda da rocha (Êx 34.6). Deus não foi simplesmente adiante de Moisés, mas passou diante dele para ir além, cobrindo Moisés com sua mão ao fazê-lo.

[5] A situação é diferente quando Deus ordena mais tarde que Moisés fale à rocha. Nessa situação Israel deve ser reunido e o milagre deve ocorrer diante dos olhos deles (Nm 20.8). Mas os anciãos não precisavam estar presentes como testemunhas; Moisés deve carregar, mas não usar, a vara, e o cenário não é mais o de um julgamento.

[6] A tradução da NIV enfraquece a força do hebraico ao omitir, por razões estilísticas, o enfático: "Eis que". A tradução mais natural é que Deus estava em pé *sobre* a rocha, não *ao lado* dela. A preposição pode significar *ao lado* quando retrata a posição da pessoa em pé em relação a outra sentada ou deitada com a face para baixo; o sentido de "sobre" ainda está presente.

7

O UNGIDO DO SENHOR

Guerreiros da aliança

Josué, o comandante dos exércitos de Israel, estava sozinho olhando para os muros de Jericó. Ele conhecia bem as cidades fortificadas de Canaã; alguns anos antes, ele havia sido enviado para espiar a terra. Naquela época Israel se recusou a seguir seu conselho corajoso; deram meia-volta para perambular por quarenta anos no deserto. Agora os anos de perambulação haviam terminado. Moisés estava morto, mas o Senhor que dividira o mar Vermelho para conduzir os israelitas para fora do Egito havia dividido o rio Jordão para conduzi-los à Terra Prometida. O maná havia cessado; agora deveriam morar na terra que o Senhor lhes dera.

Enquanto olhava para os muros e as torres de Jericó, a ordem que havia recebido do Senhor ressoava em seu coração:

> Ninguém conseguirá resistir a você todos os dias da sua vida. Assim como estive com Moisés, estarei com você; nunca o deixarei, nunca o abandonarei. […] Seja forte e corajoso! Não se apavore nem desanime, pois o Senhor, o seu Deus, estará com você por onde você andar (Js 1.5,9).

Josué tinha a promessa da presença de Deus e a ordem para obedecer aos seus mandamentos. Que estratégia ele seguiria agora? Como deveria atacar Jericó? À medida que Josué refletia foi surpreendido por um guerreiro que o interpelou empunhando uma espada. A mão de Josué deslizou para sua própria espada enquanto avançava para desafiar o homem estranho:

— "Você é por nós, ou por nossos inimigos?" (Js 5.13).

— "Não. Venho como comandante do exército do Senhor" (Js 5.14, NKJV).

Josué prostrou-se com o rosto em terra diante do Senhor:

— "Que mensagem o meu Senhor tem para o seu servo?" (Js 5.14)

No arbusto em chamas no Sinai, o Senhor havia ordenado que Moisés tirasse as sandálias. Agora ordenou que Josué fizesse a mesma coisa:

— "O lugar em que você está é santo" (Js 5.15).

O Senhor havia prometido estar com Josué. Agora revelou a sua presença. O Senhor veio portando a espada como Comandante não meramente dos exércitos de Israel, mas das hostes celestiais. O comandante Josué deparou com o Comandante supremo. Josué, acertadamente, prostrou-se diante dele. Ninguém está preparado para confrontar a espada empunhada do Senhor. Em certa ocasião, Deus encontrou-se com Moisés em sua volta para o Egito e ameaçou matá-lo, já que seus filhos não haviam sido circuncidados (Êx 4.24).

Sob a liderança de Josué, Israel acabara de ser circuncidado em Gilgal (Js 5.2-9). Haviam celebrado ali a Páscoa, que os relembrava da ameaça de morte contra o primogênito de Israel, bem como dos egípcios. É provável que Josué temesse que o Senhor viesse contra ele como Adversário, para desafiá-lo em um combate como fizera com Jacó no Jaboque. Josué não

precisava de um arbusto em chamas para lembrá-lo que o Santo de Israel é fogo consumidor (Ml 3.2).

O Senhor era o Comandante, não Josué. Deus não desceu em resposta às ordens de Josué; ele não poderia ser convocado para fornecer suporte militar como Comandante de um batalhão auxiliar de anjos. Pelo contrário, se não fosse pela livre misericórdia e graça de sua aliança, o Senhor efetivamente seria o Adversário de Josué e de Israel.

Contudo, o Senhor não tinha vindo com sua espada empunhada contra Israel, mas, sim, contra a perversidade dos cananeus. O cálice da iniquidade deles estava cheio; o dia do seu juízo havia chegado (Gn 15.16; Lv 18.24,25). O Senhor não trouxe Israel para a terra como invasores conquistadores, mas como anjos vingadores, aqueles que executam o seu juízo. A condenação de Canaã precisa ser comparada à condenação de Sodoma e Gomorra: uma antecipação na história do juízo final de Deus.

O Senhor é o Comandante; ele veio realizar sua própria vontade, cumprir seu próprio plano. Veio como Guerreiro porque sua missão era ser o Capitão da salvação de Israel. Ele falou com Josué para instruí-lo a respeito da estratégia divina pela qual Jericó seria tomada. Sua espada de juízo estava empunhada em prol de seu povo. Josué podia estar certo de que o Senhor estava do seu lado, porque ele estava do lado do Senhor. “Se Deus é por nós, quem será contra nós?” (Rm 8.31).

Antes da primeira campanha de Israel sob Josué, antes dos anos de lutas que deram a Israel a posse segura da terra, Deus apareceu como o Guerreiro Divino. Se as pessoas o temessem não precisariam temer ninguém mais. Antes de sua crucificação, Jesus afirmou: “Chegou a hora de ser julgado este mundo; agora será expulso o príncipe deste mundo” (Jo 12.31).

A linguagem de batalha e de vitória está em toda a Bíblia, mas não porque o derramamento de sangue é aceito de bom grado ou porque as armas de guerra são valorizadas. Antes, a terminologia de guerra é aplicada para a batalha suprema entre o Senhor dos Exércitos e o "príncipe deste mundo" (Jo 14.30). Na guerra santa à qual Israel é convocado, esse embate é prefigurado com uma clareza assustadora. Israel não combate quem quiser, mas somente aqueles a quem o juízo de Deus determinou para a destruição.

Isso explica por que Israel não estava livre para poupar quem Deus havia condenado. Quando o rei Saul poupou Agague, rei dos amalequitas, o profeta Samuel pronunciou o veredito de Deus contra Agague e executou a vingança divina com suas próprias mãos (1Sm 15.33). Uma vez que Saul rejeitou a ordem explícita de Deus, ele foi rejeitado como rei teocrático. Pelo mesmo motivo, seria um crime de proporções blasfemas se Israel tomasse para si o despojo da cidade ou das pessoas que Deus havia consagrado à destruição. Essa desobediência pervertia o papel judicial de Israel e os tornava assassinos em benefício próprio como os impérios agressores dos seus dias.

Da mesma maneira, quando Jericó fosse destruída pelos exércitos de Israel, a cidade deveria ser totalmente destruída, com exceção da casa de Raabe, que havia demonstrado sua fé no Deus de Israel ao proteger os espiões enviados por Josué para coletar informações. Acã, guerreiro de Israel, foi vítima de sua própria cobiça; ele pensou que poderia esconder um pequeno tesouro tomado da cidade; uma linda veste feita na Babilônia, duzentos siclos de prata e uma barra de ouro. O juízo de Deus foi rápido. Israel sofreu uma derrota desastrosa diante da pequena cidade de Ai. A vitória só retornou aos exércitos de Israel depois que o furto de Acã foi exposto e seu pecado julgado.

Talvez achemos o conceito de guerra santa difícil de aceitar, parcialmente em decorrência da maneira que o Islã assumiu o conceito do Antigo Testamento. Reagimos contra a proclamação do *jihad* pelos mulás do fundamentalismo islâmico do Irã. Contudo, a comissão de Deus a Israel estava fundamentada em seu juízo justo contra o pecado.

Os juízos divinos ainda são aplicados à perversidade humana: o *reich* de Hitler veio abaixo em chamas. Vivemos, no entanto, numa época em que o juízo definitivo de Deus é adiado — adiado para que as pessoas possam se arrepender e receber a misericórdia de Deus revelada no Calvário (Rm 2.3-6). Deus concedeu a espada a Israel para que a usasse em seu nome. Jesus reteve a espada da igreja (Mt 26.52; Jo 18.11,36). O Novo Testamento reconhece o direito concedido por Deus ao Estado para fazer uso da espada (Rm 13.4), mas Deus não designou o Estado como executor de sua justiça plena. Esse juízo final é concedido a Jesus Cristo e aguarda o seu retorno (2Ts 1.7-10). A lei teocrática de Israel como povo de Deus tem sua continuidade na igreja, mas é transformada pelo cumprimento em Cristo. Suas sanções são espirituais, não físicas.

A natureza espiritual da batalha e da vitória de Cristo foi prefigurada na conquista de Jericó. O Senhor, na qualidade de Comandante, instruiu Josué a respeito do notável ataque à cidade. Os soldados não deveriam cercar a cidade nem fazer rampas de terra para passar pelos muros. Não deveriam construir aríetes. Em vez disso, deveriam realizar uma procissão religiosa. O exército deveria marchar em silêncio ao redor dos muros da cidade. Depois dele vinham os sacerdotes com a Arca da Aliança, tocando sete trombetas. No Sinai, o soar das trombetas havia anunciado a presença de Deus (Êx 19.31). No ponto culminante do calendário sagrado de Israel, o ano do jubileu deveria ser anunciado com o soar da trombeta de prata. A Arca

representava a presença do Senhor com Israel, e o som da trombeta anunciava sua presença em juízo.

Todo dia a procissão solene levantava poeira ao redor dos muros de Jericó. Sem dúvida, no sexto dia os habitantes da cidade já zombavam da aparente demonstração fútil. No sétimo dia a longa marcha iniciou cedo pela manhã. Israel marchou sete vezes ao redor da cidade. Quando as trombetas soaram ao final da sétima volta, o exército gritou e os muros de Jericó desmoronaram. Logo em seguida os soldados de Israel entraram na cidade desmoralizada e a destruíram.

Israel usou a espada por ordem divina, mas não foi sua destreza na batalha que lhe deu a vitória. A batalha e a vitória eram do Senhor. Esse continua sendo o tema da história das batalhas de Israel. O tema é retomado com inúmeras variações, mas a mensagem é a mesma. A salvação é do Senhor. Ele está no comando, o Comandante que estava diante de Josué.

Ao som da trombeta do Senhor, todo muro cairá. No passado o apóstolo Paulo portava a espada para perseguir a igreja de Cristo. O Senhor, no entanto, o confrontou diretamente na estrada para Damasco; sua espada foi abandonada. Mas ele não estava sem armas. Antes, ele se alegrou nas armas do Espírito para as lutas espirituais nas quais estava envolvido.

> Pois, embora vivamos no mundo, não lutamos conforme os padrões do mundo. As armas com as quais lutamos não são armas do mundo; ao contrário, elas têm poder divino para destruir fortalezas. Destruímos argumentos e toda pretensão que se levanta contra o conhecimento de Deus, e levamos cativo todo pensamento, para torná-lo obediente a Cristo (2Co 10.3-5).

Paulo era mensageiro do evangelho. Ele tocava a trombeta do evangelho e via as fortalezas do mal caírem. Ele retrata de modo vívido o poder do seu ministério entre os gentios. Ele era como um sacerdote presidindo a oferta dos gentios a Deus (Rm 15.16). As viagens missionárias de Paulo efetivamente foram procissões triunfais, mas o triunfo não era dele, mas de Cristo (2Co 2.14). Ele era prisioneiro de Cristo, acorrentado à sua carruagem enquanto Cristo cavalgava em triunfo.

A promessa dada a Josué quando o Senhor estava diante dele foi uma promessa que agora é cumprida por meio da vitória de Cristo sobre os principados e potestades. O Senhor que prometera a Josué que nunca o deixaria nem abandonaria (Js 1.5) é o mesmo Senhor que disse a seus discípulos: "Eis que estarei sempre convosco, até o fim dos tempos" (Mt 28.20, NKJV).

No simbolismo rico do encontro de Josué com o Comandante, temos uma antecipação de toda a história da redenção vista no formato de uma guerra santa. Jesus vem como o Príncipe, o Comandante, o Senhor dos Exércitos, que conquistará e reinará. Ainda assim, a figura de Josué é também importante. Seu nome dá testemunho a respeito do fato de que Deus salva. Ele é o comandante escolhido do povo de Deus; ele substitui Moisés como servo do Senhor. Como tal, ele nos prepara para Jesus, seu grande homônimo.

O papel de Josué como líder militar do povo de Deus prepara o caminho para futuros juízes e reis de Israel. Ele antecipa, portanto, o papel de Cristo como Ungido do Senhor, o Filho de Davi, que é o Salvador e Libertador do povo de Deus. Jesus cumpre os dois lados da aliança divina. Ele é o Senhor, o Guerreiro Divino, que vem para salvar os seus. Ele também é o Servo, o Ungido do Senhor, por intermédio de quem a vitória é conquistada. Josué e

seus sucessores, os juízes e reis de Israel, travam as batalhas do Senhor no decorrer dos longos séculos da batalha de Israel na terra. Suas lutas são registradas não para retratar suas aptidões militares, mas, sim, para mostrar como Deus os usou para libertar Israel. Todos eles prefiguram o grande Libertador e Salvador vindouro.

O registro do livro de Juízes claramente retrata a história do governo de Deus sobre seu povo teimoso. Inicialmente deixam de expulsar ou destruir todos os habitantes da terra. Os que permanecem tornam-se fonte de corrupção para Israel. Vez após vez esquecem-se do Senhor e caem em idolatria e imoralidade, imitando exatamente os pecados em decorrência dos quais Deus julgou os cananeus. Como juízo, Deus então os entrega a seus inimigos. As tribos estão divididas, as pessoas são escravizadas. Despojados das armas que poderiam usar em sua defesa, são forçados a entregar o fruto da terra a seus opressores. Desesperados, clamam ao Senhor e ele levanta juízes para libertá-los e prover períodos de ordem e regiões de paz (Jz 3.9,15; 6.7,8,11).

A misericórdia de Deus fica evidente no fato de enviar constantemente salvadores e juízes. Quando seu povo novamente clama a ele depois de retornos repetidos à apostasia, somos informados de que "sua alma não suportou mais a miséria do seu povo" (Jz 10.16, NKJV). Mesmo antes de se arrependerem sob a exploração dos filisteus, o Senhor inicia a sua obra de libertação ao enviar seu Anjo para anunciar o nascimento de Sansão.

Pode parecer estranho que o nascimento de um juiz tão ineficaz como Sansão fosse introduzido por um capítulo inteiro que retrata duas aparições do Anjo do Senhor, primeiro para a esposa de Manoá e depois para o casal quando estavam juntos (Jz 13). Na verdade, a técnica literária das histórias de Sansão bem como seu poder extraordinário também podem nos deixar

perplexos. Por que tanta atenção é dada a um juiz que desperdiçou sua dotação e ignorou seu chamado? A história de Sansão é fornecida por sua capacidade de entretenimento? Sansão é um Rambo israelita, um Super-homem para uma história em quadrinhos bíblica?

A resposta aparece no testemunho proporcionado por Sansão, praticamente apesar dele, a respeito do seu papel de salvador do povo de Deus. Sansão foi chamado para ser nazireu, alguém consagrado de maneira especial a Deus, separado por seu voto para se abster de bebidas fortes. Seu cabelo, que não era cortado nem aparado, sinalizava seu voto aos olhos de sua tribo e dos suseranos filisteus. Nos dias de Sansão, a nação de Israel não estava apenas oprimida, mas também desmoralizada. Quando Sansão vingou uma atrocidade dos filisteus, sua própria tribo o repreendeu: "Você não percebe que os filisteus dominam sobre nós? Você viu o que nos fez?" (Jz 15.11). Ameaçado por um exército filisteu, seu povo alegremente o amarra e entrega aos seus inimigos.

Sob Débora, a juíza de Israel, as pessoas se ofereceram de modo voluntário no dia da batalha (Jz 5.2,9). No tempo de Sansão, no entanto, essa prontidão de confiar no Senhor para a vitória havia desaparecido. Deus havia mostrado que podia libertar Israel com um exército de voluntários dispostos; ele tinha mostrado também que podia salvar com somente trezentos guerreiros dedicados. A pequena tropa de Gideão havia surpreendido e derrotado um grande exército invasor de midianitas.

Contudo, quando o Espírito de Deus veio sobre Sansão, o Senhor mostrou que não precisava nem de trezentos homens. Podia libertar com um só. Amarrado por seu próprio povo, entregue nas mãos dos gentios, sem seguidores ou armas, Sansão subjugou mil filisteus. Sua arma estava ao seu alcance quando rompeu suas amarras: a queixada de um jumento (não tão

bizarro quanto possa parecer, queixadas equipadas com facas de pedra eram usadas como armas primitivas).

O brado de vitória de Sansão foi um trocadilho ultrajante. A palavra hebraica para "jumento" é a mesma palavra para "monte". O brado de Sansão (Jz 15.16) usa o mesmo termo três vezes em sequência: "Com a queixada de um 'monte' [jumento], amontoei montes" ("Com a queixada de um jumento, matei mil homens".) É evidente que o trocadilho não pode ser traduzido. "Com a queixada de um jumento, assaltei meus assaltantes" — não apresenta exatamente o sentido.

No próximo instante, o mau humor de Sansão tornou-se oração desesperada. Desfalecendo de exaustão e de desidratação, ele se desfez da queixada[1] e clamou a Deus por água. Deus proveu uma fonte na cavidade de Leí ("Queixada"). Do lugar de morte e juízo, Deus abriu uma fonte de vida (Jz 15.19).

No salmo 110, Davi retrata o triunfo do Messias, que sentiria sede depois da carnificina da batalha:

> Ele julgará entre as nações,
> Ele encherá com [...] corpos,
> Ele executará os cabeças de muitas nações.
> Ele beberá no ribeiro à beira do caminho;
> Portanto ele levantará a cabeça.[2]

O apóstolo Paulo reflete sobre a exaltação de Cristo à direita de Deus predita nesse salmo (Ef 1.20-22). Ele medita sobre o triunfo espiritual de Cristo à medida que o evangelho alcança as nações. Usando o vocabulário desse salmo, Paulo afirma não que Cristo enche com corpos, mas que enche

o corpo, a igreja. Sua cabeça é levantada, pois ele é o cabeça sobre todas as coisas para a igreja (Ef 1.22).

Talvez a fraqueza de Sansão, o homem forte, nos ajuda a distinguir entre o homem em si e o seu chamado: o papel que o Senhor designou para ele realizar. Sansão tinha um ofício em Israel: ele detinha a nomeação divina para a função definida pelo chamado de Deus e reconhecida, ao menos em retrospectiva, pelo povo que servia. Sua carreira é resumida da seguinte maneira: "E ele julgou Israel por vinte anos durante os dias dos filisteus" (Jz 15.20, NKJV).

Como vimos, os papeis designados dos servos de Deus apontam adiante para o seu cumprimento no último Servo de Deus, Jesus Cristo. Eles têm uma função simbólica, fornecendo uma chave para a maneira em que as narrativas históricas do Antigo Testamento demonstram tipos da obra de Cristo. Apesar de que Sansão abusou de sua dotação de poder, Deus o usou para mostrar seu poder para salvar.

O poder físico de Sansão foi um dom do Espírito, equipando-o para o combate como guerreiro do Senhor. Nas batalhas, ele era invencível. Ainda assim, nunca liderou Israel contra os inimigos nem tentou estabelecer o reino de Deus de acordo com a sua promessa. O homem forte matou um leão com as próprias mãos, mas o fez no caminho para se casar com uma mulher filisteia, o que era uma desobediência à lei de Deus. Matou trinta homens em Ascalom, mas o fez para ficar com as vestes deles para pagar a quem devia. Arrancou os portões de Gaza de suas bases e os carregou ao topo de uma montanha, mas realizou essa façanha para escapar de uma armadilha armada para ele enquanto passava a noite com uma prostituta na cidade filisteia.

Sansão obedeceu à separação externa de seu voto como nazireu, mas como John Milton observou em *Samson agonistes*:

> Mas de que valeu essa temperança, incompleta
> Contra outro objeto mais sedutor?
> Que vantagem há em defender um portão
> E deixar o inimigo entrar no outro
> Efeminadamente derrotado.

Por fim, a casca de sua consagração externa ao Senhor caiu. Fez cada vez mais concessões até confiar seu segredo a Dalila. Seu cabelo foi cortado e sua força sobrenatural desapareceu. Traído e entregue nas mãos dos inimigos filisteus, estava indefeso. Havia vivido pela cobiça dos seus olhos; agora foi cegado pelos filisteus. Seus apetites tornaram-no cativo das mulheres que buscava. Agora foi forçado a moer grãos para preencher o papel de uma escrava. Os divertimentos eram a sua alegria; agora os filisteus se alegram à custa dele. Eles celebraram o seu triunfo no templo do seu deus Dagom e trouxeram Sansão diante deles para que pudessem zombar de sua incapacidade em decorrência de sua cegueira.

Mas Deus não havia abandonado Sansão. Na prisão seu cabelo havia crescido — a marca de sua separação como nazireu ao Deus da aliança. Sansão foi levado ao templo em meio à zombaria de milhares. Eles iniciaram um canto de vitória que foi ecoado por uma multidão imensa na galeria acima, olhando para baixo para o átrio. Eles exigiam habilidades e propunham testes de força para mostrar a fraqueza do prisioneiro. Sansão suportou a zombaria. Então percebeu que estava no centro do templo, perto das colunas de madeira apoiadas sobre bases de pedra, colunas que sustentavam a galeria. Sansão disse ao moço que o guiava: “Ponha-me onde

eu possa apalpar as colunas que sustentam o templo, para que eu me apoie nelas" (Jz 16.26).

Então Sansão orou: "Ó Senhor Jeová, lembra-te de mim, eu te suplico, dá-me forças, suplico, só mais uma vez, ó Deus, para que eu seja vingado por um dos meus dois olhos" (Jz 16.28, ASV, rodapé). Com uma mão contra cada uma das colunas, Sansão curvou-se e as separou, forçando-as para fora de suas bases. Uma última oração estava em seus lábios: "Que eu morra com os filisteus!". A galeria com sua imensa multidão caiu sobre Sansão e a multidão abaixo. O relato termina: "Assim, na sua morte, Sansão matou muito mais pessoas do que em toda a sua vida" (Jz 16.30).

A narrativa nada faz para transformar Sansão em um santo. Ele morreu buscando vingança, e a amargura de suas palavras finais parece demais até para os tradutores, que sentem que a tradução mais literal não pode estar correta. Como Sansão poderia trazer essa destruição sobre si mesmo e sobre os filisteus para vingar somente *um* de seus olhos! Contudo, as palavras se encaixam tanto com a ira de Sansão quanto com o seu amor por enigmas mortais; ele voltaria a zombaria dos seus inimigos contra eles mesmos.

A vida trágica de Sansão pode apontar adiante para Jesus Cristo? Se captarmos a força da narrativa, veremos que deve necessariamente fazê-lo. Evidentemente, a história de Sansão não é contada para que jovens tentem imitá-lo. Com frequência o relato é fortemente censurado para ser usado na escola dominical! Mas Sansão também não é apresentado como um contraexemplo, um exemplo que mostra a tolice do pecado e a necessidade de arrependimento. Sua morte não é apresentada como um juízo divino; suas últimas palavras não apresentam confissão de pecados e a busca pelo perdão.

Sem dúvida, podemos muito bem contrastar a história de Sansão com a história de Samuel, cujo nascimento também foi profetizado. Mas a essência da narrativa de Sansão não consiste em nos preparar para esse contraste. Antes, pretende nos mostrar que Deus pode trazer juízo sobre os inimigos do seu povo por meio de um só homem, equipado com o Espírito Santo. As fraquezas e o pecado de Sansão somente servem para aumentar a disparidade entre sua própria vida e seu chamado como juiz de Israel. Não somos chamados para admirar as virtudes de Sansão, mas para reconhecer sua fé. Ele sabia que sua força era dádiva divina, e ele morreu na fé, invocando Deus para julgar seus inimigos (Hb 11.13,32-34).

Jesus Cristo é o poderoso Salvador prefigurado pelo simbolismo do chamado de Sansão. Em contraste com Sansão (e com João Batista), Jesus é separado para Deus não por meio de uma distinção exterior, mas por uma santidade interior. Ele é um nazireu espiritual, chamado pelo Pai desde o ventre de sua mãe. Seu caráter distinto é demonstrado por sua obediência perfeita, obediência reconhecida pela voz do Pai vinda do céu (Mt 3.17; 17.5).

Sansão foi equipado com o Espírito Santo, estabelecendo o padrão que seria realizado em Cristo como o portador do Espírito. Assim como Sansão, Jesus foi amarrado pelos líderes do seu próprio povo e entregue nas mãos dos gentios opressores. Da mesma forma que Sansão, Jesus foi zombado como indefeso; certamente não foi cegado, mas vendado, tornando-se a diversão de seus capturadores. Jesus entregou sua vida de forma voluntária. Por meio de sua morte trouxe uma libertação que excedeu as libertações realizadas durante sua vida.

Os aspectos típicos da vida de Sansão não devem ser buscados nas semelhanças de detalhes. Os portões de Gaza removidos por Sansão para as

colinas de Hebrom não podem ser identificados diretamente com os portões da morte. Eles não são simbólicos em si. A estrutura que fundamenta a tipologia das narrativas do Antigo Testamento é a continuidade da obra de redenção divina à medida que se desenrola ao longo da história. O papel do juiz, dotado por Deus e designado como libertador, antecipa o Juiz que ainda está por vir.

A força invencível de Sansão no poder do Espírito efetivamente nos direciona para a revelação final desse princípio na vitória de Jesus Cristo. Somos informados a respeito da remoção dos portões de Gaza para que possamos entender que nenhum poder pode limitar o Defensor do povo de Deus dotado com o Espírito. Sua façanha, portanto, prefigura de maneira vaga mas verdadeira a vitória de Cristo quando a morte não pôde contê-lo.

A rejeição de Sansão por sua tribo corresponde ao padrão da rejeição do servo do Senhor, padrão que se estende ao longo da história da redenção. Desde o sangue de Abel até o sangue do último profeta que sofreu em decorrência do seu chamado, a história dos servos de Deus é uma história de rejeição.

Em contrapartida, o padrão vez após vez continua com um viés no sentido oposto. Deus não somente usa e abençoa seus servos rejeitados, mas também usa essa rejeição para promover os seus propósitos. Os danitas entregaram Sansão aos filisteus, mas ao fazê-lo desencadearam o juízo de Deus sobre seus inimigos. O tema da vitória por meio da aparente derrota não é acidental na história de Sansão. É outra ocasião em que o poder de libertação divino prevalece. Seu poder se aperfeiçoa na fraqueza.

No período dos juízes, Deus levantou guerreiros da aliança para libertar seu povo dos opressores. Sansão mostrou que o Senhor podia libertar por meio de um único defensor. Sansão, contudo, não era o verdadeiro líder de

Israel. Depois do período tempestuoso dos juízes, foi por intermédio de um rei, especialmente o rei Davi, que um libertador foi levantado, o qual era tanto um defensor quanto um líder.

O rei guerreiro

A realeza foi instituída por Samuel, o maior juiz de Israel, em virtude da exigência do povo. Como menino, Samuel morou com Eli, o sacerdote do Senhor, no santuário. Na idade das trevas da desunião de Israel havia pouca revelação divina. O Senhor falou com Samuel, tornando-o seu profeta. Samuel liderou e julgou Israel como ministro da palavra de Deus e como homem de oração.

A liderança de Samuel estava em contraste acentuado com a maneira pela qual Sansão lutou contra os filisteus. Samuel não lutou com a queixada de um jumento, mas com o sacrifício de um cordeiro. Ele chamou o povo a arrepender-se dos seus pecados, a livrar-se dos seus ídolos e a orar ao Senhor por vitória sobre os opressores filisteus. Os israelitas pediram-lhe que orasse enquanto iam à batalha contra os invasores. Foi isso que Samuel fez: quando os filisteus atacaram, Samuel estava oferecendo um sacrifício ao Senhor (1Sm 7.10). Deus interrompeu o avanço filisteu com o trovão do seu juízo; a vitória foi dada aos israelitas. Samuel louvou a Deus e erigiu o memorial de Ebenézer ("a pedra de ajuda") (1Sm 7.12).

Os israelitas, no entanto, não estavam satisfeitos em que a oração constituísse a sua defesa. Entenderam que os filhos de Samuel não eram herdeiros de seus dons proféticos e não buscaram ao Senhor para levantar outro Samuel para liderá-los. Pelo contrário, queriam um rei à semelhança das outras nações. Preferiram uma defesa institucionalizada. Samuel se

angustiou com a rebeldia do povo, mas Deus o instruiu a atender o pedido deles, alertando-os do preço a ser pago por uma realeza terrena.

Saul, o primeiro rei de Israel, inicialmente trouxe vitórias, mas falhou de maneira miserável em seu chamado para ser o ungido de Deus. Simplesmente não conseguia crer que Deus era capaz de libertar com poucos; quando viu seu exército voluntário minguando, ele mesmo ofereceu o sacrifício em vez de esperar pela vinda protelada de Samuel (1Sm 13.9). Depois, quando o Senhor ordenou que exterminasse os amalequitas como um ato de juízo divino, Saul poupou o melhor das ovelhas e dos bois, bem como Agague, o rei.

Samuel afastou-se de Saul para mostrar que o Senhor o havia rejeitado (1Sm 15). Por ordem divina, Samuel ungiu Davi, escolhido por Deus para suceder a Saul como rei de Israel (1Sm 16).

Nos relatos de Davi, o rei guerreiro de Israel, recebemos a antecipação mais plena da vitória do Salvador vindouro. Assim como Sansão e outros juízes, Davi era um guerreiro, corajoso e habilidoso na batalha. Diferente de Sansão, ele também era líder, atencioso para com suas tropas, grato pelo serviço delas. Assim como Samuel, era homem de oração, que obedecia à palavra do Senhor. Embora Davi não fosse profeta no sentido em que Samuel o era, recebeu revelações da parte de Deus (At 2.30,31) e foi o autor inspirado de muitos salmos.

No registro que o Antigo Testamento faz do serviço prestado pelo rei Davi ao Senhor, lemos a história de Jesus. O ministério do maior Filho de Davi é prefigurado na vida de Davi. Isso é evidente nas provações e no sofrimento que Davi suportou exatamente por ser o ungido do Senhor. O tema do justo servo do Senhor, que suporta zombaria e aflições por amor ao Senhor, é retratado de modo eloquente nos salmos de Davi:

Pois por amor a ti suporto zombaria,
e vergonha cobre o meu rosto.
Sou um estrangeiro para os meus irmãos,
um estranho para os filhos da minha mãe;
pois o zelo pela tua casa me consome,
e os insultos daqueles que te insultam caem sobre mim.
Quando choro e jejuo,
preciso suportar zombaria;
quando visto pano de saco,
sou objeto de chacota.
Os que se assentam no portão zombam de mim,
e sou a canção dos bêbados (Sl 69.7-12).

A experiência de sofrimento de Davi por amor ao Senhor surgiu em parte da inimizade dos filisteus e das nações ao redor. No salmo 56 Davi lembrou-se da experiência que teve em Gade quando buscou refúgio na cidade dos filisteus da perseguição ciumenta de Saul:

Tem misericórdia de mim, ó Deus, pois homens me perseguem
intensamente;
meus inimigos me atacam o dia todo.
Meus caluniadores me perseguem o dia todo;
muitos me atacam em sua soberba.
Quando estiver com medo,
confiarei em ti (Sl 56.1-3).

Davi só conseguiu escapar naquela ocasião pelo comportamento mais humilhante possível. Ele fez de conta que estava louco, deixando escorrer a saliva pela barba, riscando os portões da cidade como um animal. Áquis, rei

de Gate, baseado na premissa sensata de que sua corte já estava suficientemente abastecida de tolos, ordenou que Davi fosse libertado (1Sm 21.14,15).

As maiores aflições de Davi, no entanto, não vieram de seus inimigos gentios, mas de seu próprio povo. O rei Saul tornou-se insanamente ciumento das façanhas e da popularidade de Davi com o povo. Enquanto Davi tocava a harpa para acalmar o rei atormentado, por pouco não foi cravado na parede pela lança que Saul repentinamente arremessou contra ele. Davi escapou por pouco uma segunda vez. Em certa ocasião, Mical, filha de Saul e esposa de Davi, avisou seu marido que deveria fugir e ajeitou um manequim sobre sua cama para acabar com a perseguição. Davi tornou-se um fora da lei no deserto de Judá; um grupo de homens injustiçados e desesperados se ajuntaram ao redor dele. A perseguição de Saul a Davi nessa ocasião chegou muito perto de ser bem-sucedida. Quando certo dia as tropas do rei fechavam o cerco, a repentina notícia de uma invasão dos filisteus afastou Saul para cumprir a tarefa própria do rei.

As histórias são contadas de maneira emocionante. Vemos Saul afastando-se um pouco para fazer suas necessidades na mesma caverna em que Davi e seu bando estavam se escondendo. Os tenentes de Davi viram isso como uma oportunidade concedida por Deus para livrar-se do rei assassino e acabar com todos os seus problemas. Mas Davi nem quis ouvir o que estavam falando. De modo sorrateiro, cortou a ponta do manto que Saul havia jogado ao lado, mas não tocou o rei. Mesmo essa minúscula alteração no guarda-roupa de Saul preocupou Davi: "Que o Senhor me livre de fazer tal coisa a meu senhor, o ungido do Senhor, ou erguer minha mão contra ele" (1Sm 24.6).

Logo em seguida, quando Saul estava a uma distância segura, Davi exibiu a amostra do manto dele e ganhou um alívio, levando Saul a reconhecer a boa intenção do futuro rei.

Baseado em sua provação ocasionada pela perseguição de Saul e mais tarde pela rebelião de seu filho Absalão, Davi derramou seu coração ao Senhor em salmos de lamento. Ele se recusou a tomar em suas mãos a vingança contra Saul. Seu respeito pela unção de Saul como rei de Israel sem dúvida também foi um reconhecimento de sua própria unção pelo Senhor para suceder a Saul. Mas Davi não considerou sua unção uma autorização para tomar o trono ao matar Saul. Antes, confiou sua causa a Deus e confiou que ele julgaria seus inimigos e cumpriria sua promessa.

As aflições e provações de Davi projetaram a sombra da morte sobre o vale em que Davi confessou que o Senhor era seu pastor. As vitórias de Davi foram vitórias de fé. Vemos essa dedicação da fé de Davi logo no início de suas batalhas, em seu embate com o campeão filisteu Golias. Foi sua fé, seu zelo pela honra do Senhor dos Exércitos que o moveu a lutar voluntariamente contra o gigante.

Lemos na história que seu pai o enviou para o campo de batalha com comida para seus três irmãos e aqueles que os acompanhavam. Ali ouviu o desafio soberbo de Golias e ficou impressionado que ninguém estava disposto a aceitá-lo e pôr um fim à blasfêmia. Eliabe, seu irmão mais velho, demonstrou mais do que o desprezo usual para com um irmão mais novo: "Por que você veio até aqui? Com quem deixou aquelas poucas ovelhas no deserto? Sei o quão presunçoso você é e que o seu coração é perverso; você veio somente para ver a batalha" (1Sm 17.28).

Nitidamente, Eliabe foi aguilhoado pelo zelo de Davi. No contexto da narrativa, contudo, vemos que Davi estava agindo como o ungido do Senhor

(1Sm 16.12,13). O Espírito do Senhor repousava sobre ele em decorrência do seu chamado. A narrativa nos lembra da unção de Davi ao repetir a caracterização de Davi como um jovem "ruivo e de boa aparência". Essa expressão é usada a respeito de Davi quando Golias o viu; também foi usada a respeito da aparência de Davi quando Samuel o ungiu como rei (1Sm 16.12; cf. 17.42). Embora fosse de fato jovem, foi ungido com o Espírito. Golias o viu avançando sem uma armadura, só com uma vara em sua mão. O campeão de Gade sentiu-se insultado: "Sou eu um cão, para que você venha contra mim com pedaços de pau?" (1Sm 17.43).

Ele amaldiçoou Davi invocando seus deuses. "Venha aqui", bradou, "e darei sua carne às aves do céu e aos animais do campo" (1Sm 17.44). Davi não ficou intimidado pela bravata de Golias, assim como não se assustou com o tamanho de suas armas. "Você vem contra mim com espada, lança e dardo. Mas eu vou a ti em nome do Senhor dos Exércitos, o Deus dos exércitos de Israel, a quem você desafiou" (1Sm 17.45, NKJV).

O Deus dos exércitos de Israel é o Deus dos exércitos do céu. Ele tem todo o poder no céu e na terra. A coragem de Davi é a coragem da fé. Não interessa que Golias tem três metros de altura e avança com armamento equivalente a um tanque de guerra. Seu oponente não é um rapaz com uma vara, mas o ungido do Senhor, dotado com o Espírito de Deus. Sem dúvida, o míssil balístico de Davi mostra-se tecnologicamente superior à ponta da lança de Golias, que pesava quase 7 quilos, mas é a bênção divina que traz a vitória a Davi.

Os episódios dos anos de Davi no deserto mostram as provações e os triunfos de sua fé. Há dias de depressão em que Davi se desespera por não encontrar alívio da perseguição de Saul. Contudo, vez após vez Deus renova a esperança de Davi. Na parte final do relato da vida de Davi, um resumo é

apresentado das façanhas dos seus guerreiros. Eles são homenageados em suas categorias como heróis, os cavaleiros da távola redonda de Davi.

Um dos registros desse hall da fama mostra claramente o significado da devoção nas batalhas do rei (2Sm 23.13-17). Os homens de Davi eram extremamente leais a seu chefe. Sua lealdade foi elevada ao nível de devoção. Uma lealdade marcante não é algo incomum em grupos de guerrilhas caçados por regimes opressivos. Com frequência a encontramos em forma substitutiva no mundo dos esportes. Não basta defender moderadamente uma equipe esportiva local. É preciso estar obcecado como um membro de certas torcidas organizadas.

A história da devoção nos anais do rei tem o seu contexto nos primeiros dias do reinado de Davi como rei de Israel. Depois da morte de Saul, Davi havia sido reconhecido como rei por sua própria tribo, Judá. Sete anos depois foi empossado rei de todo Israel. Os filisteus, sabendo de sua entronização, mobilizaram-se contra ele. Haviam derrotado Saul e tinham a intenção de capturar Davi e prejudicar seu reino logo no início.

O exército filisteu invadiu grande extensão do território de Judá e ocupou Belém com uma guarnição poderosa (2Sm 5.17,18). Davi, que ainda não tinha um exército completo para defender seu reino, refugiou-se em uma fortaleza conhecida no deserto de Judá, um bastião que conhecia bem de seus dias como proscrito perseguido por Saul. Ali juntaram-se a ele voluntários leais incluindo, sem dúvida, muitos veteranos de seu passado como fora da lei. Era época de colheita, um tempo ruim para o recrutamento, mas entre os voluntários dessa ocasião estavam três homens especialmente consagrados à causa do rei.

Estava quente sob o calor do deserto e Davi sussurrou um profundo desejo, ouvido pelos três: “Quem me dera me trouxessem água do poço

perto do portão de Belém!" (2Sm 23.15). Evidentemente havia uma fonte na fortaleza de Davi. Nenhum acampamento seria possível sem ela. Mas Davi ansiava pela água de Belém, onde estava a guarnição dos filisteus. Belém era a cidade natal de Davi, a respeito do que os filisteus estavam muito cientes. Talvez Davi tivesse memórias nostálgicas de tardes quentes como essa em sua juventude, quando havia vindo do campo para pedir um copo de água a um amigo que estava tirando água do poço.

Mas certamente havia mais do que nostalgia no desejo de Davi. Ele era o rei ungido de Deus, entronizado sobre todo Israel, contudo o exército filisteu ocupava a sua própria cidade natal. O Senhor entregaria Belém mais uma vez em suas mãos? Os filisteus podiam ser derrotados? Logo Davi colocaria essa questão diante do Senhor (2Sm 5.19).

Os três guerreiros ouviram o desejo do seu rei. Trocaram olhares, cingiram a espada ao redor da cintura, pegaram um cântaro e puseram a atravessar o deserto para chegar a Belém.

As narrativas do Antigo Testamento sem dúvida são muito econômicas ao apresentar poucos detalhes do cenário da ação. Mesmo as ações dos heróis não são enfeitadas de modo romântico. Não nos é informado onde ou quando os três guerreiros enfrentaram a primeira oposição, ou que posto avançado da guarnição dos filisteus foi o primeiro a desafiá-los. Mas somos informados que atravessaram o acampamento dos filisteus e entraram em Belém. Eles precisaram lutar morro acima para chegar ao portão da cidade? Caso contrário, certamente precisaram lutar quando entraram na cidade. O portão da cidade teria sido o posto de comando da guarnição dos filisteus. A área aberta ali era o lugar em que as tropas seriam reunidas. Uma mulher da cidade tirou a água para eles? Um dos soldados tirou a água enquanto os outros o defendiam? Não temos essa informação. Sem dúvida, fugir da

cidade com a água seria a luta mais difícil. Talvez a parte mais difícil seria cruzar o deserto depois do seu combate, carregando a água em vez de bebê-la!

Davi não havia ordenado essa incursão. Ele nem havia pedido voluntários para essa missão. Esses homens certamente obedeceriam à ordem do rei. Eles teriam se colocado à disposição se Davi tivesse pedido voluntários para uma missão perigosa. Mas Davi só havia expressado um desejo, como a linguagem evidencia. A vontade do rei, porém, era sua ordem.

A comunidade da aliança de Deus está ligada com elementos mais profundos do que lealdade. Os vínculos que unem o povo de Deus são os vínculos de devoção mútua. Charles Colson retratou a irmandade da Washington Fellowship [Comunidade de Washington] que o direcionou para o amor de Cristo. Esse movimento leva a sério a ordem do apóstolo Pedro: "Amem os irmãos [a irmandade]" (1Pe 2.17). Na igreja de Jesus Cristo, os líderes não tentam mover os membros por meio da coerção. Eles são encorajados e apoiados pelo serviço bem-disposto de homens e mulheres aos quais não é preciso implorar para que ajudem.

Os guerreiros talvez estivessem próximos da exaustão quando retornaram ao acampamento e tentaram localizar Davi, seu rei. Ele havia desejado água do poço de Belém. Eles entregaram a ele o cântaro. A reação de Davi tem intrigado alguns leitores do relato. Ele tomou o cântaro e lentamente derramou a água no chão. Os homens viram uma pequena poça à medida que a água sumia na terra ressequida. Os raios do sol oblíquos rapidamente secaram o local.

Davi foi insensível, desdenhando o sacrifício dos seus soldados? Exatamente o oposto. Davi valorizava a sua devoção. Ele não beberia a

água, pois era preciosa demais para ser bebida. “Longe de mim, ó Senhor, fazer tal coisa!”, ele respondeu. “Não seria como beber o sangue dos que arriscaram a vida para trazê-la?” (2Sm 23.17). Davi derramou a água como oferta ao Senhor. A humildade de Davi indica sua devoção ao Senhor.

Sempre houve pretensos pastores do rebanho de Deus que exploraram o povo de Deus para proveito pessoal: comem a carne, vestem-se da sua lã, mas não cuidam do rebanho (Ez 34.1-10). Poucos conseguem esquecer-se da imagem do vídeo de Jim Jones na Guiana, sentado numa cadeira sobre uma plataforma de madeira enquanto seus seguidores bebiam veneno seguindo a sua ordem. Um pastor não precisa edificar um Templo do Povo com o egoísmo insano de Jim Jones para impor sua vontade sobre as pessoas que lhe foram confiadas, em vez de servi-las.

Davi não aceitou a oferta sacrificial da água como direito seu. Antes, recebeu-a como oferta dada a Deus. De modo semelhante o apóstolo Paulo fala a respeito de uma oferta enviada a ele pelos filipenses como “uma oferta de aroma suave, um sacrifício aceitável e agradável a Deus” (Fp 4.18). Sem dúvida, pelo próprio ato de consagrar a água ao Senhor, Davi incentivou seus homens a entender seu próprio chamado. Eles serviam ao Senhor Deus de Israel. A água não era o troféu de sua habilidade com as armas; era a dádiva da vitória da parte de Deus.

Percebemos na adoração de Davi sua gratidão humilde a Deus por homens tão dedicados. Ao mesmo tempo, vemos a renovação da fé de Davi. Se Deus permitiu que três dos seus homens fizessem uma incursão ao poço de Belém, certamente entregaria os filisteus em suas mãos e lhe concederia a vitória plena.

Essa linda história mostra a sensibilidade de Davi, sua devoção ao Senhor e àqueles por meio de quem o Senhor traria vitória. Conforme

lemos o capítulo, depois dos relatos das façanhas dos homens valentes de Davi, encontramos a lista de honra de seus nomes. No fim da lista lemos: "Zeleque, o amonita; Naarai, o beerotita, escudeiro de Joabe, filho de Zeruia; Ira, o itrita; Garebe, o itrita, e Urias, o hitita. Foram ao todo trinta e sete" (2Sm 23.37-39).

Lendo essa lista, chegamos ao último nome: Urias, o hitita! Ele também era um dos valentes de Davi — tão devotado ao rei quanto os três que trouxeram água de Belém. O nome de Urias foi estampado no capítulo mais escuro da vida de Davi. Mais tarde no seu reinado, Davi permaneceu em Jerusalém enquanto seu exército estava no campo de batalha cercando a cidade amonita de Rabá (2Sm 11.1-27). Relaxado no terraço do seu palácio, Davi viu uma mulher banhando-se em um jardim ao lado. Foi dito a ele que se tratava de Bate-Seba, a esposa de um de seus guerreiros, Urias, combatente em seu exército. Davi providenciou que ela lhe fosse trazida e a levou para a cama. Ela voltou para casa e Davi, aparentemente com seu desejo satisfeito, considerou que o caso estivesse encerrado.

Contudo, Bate-Seba enviou um recado a Davi dizendo que estava grávida. O rei elaborou uma estratégia vergonhosa para dar a impressão de que Urias era o pai da criança. Ele ordenou que seu soldado veterano fosse trazido do cerco da cidade inimiga e levado para casa, certo de que este dormiria com sua esposa. O plano falhou por causa da devoção de Urias a seus companheiros e ao seu rei. Urias recusou-se a ir para casa; estava à serviço, não de férias: "A Arca, Israel e Judá repousam em tendas, e meu senhor, Joabe, e seus homens estão acampados em campo aberto. Como eu poderia ir para casa, a fim de comer e beber e me deitar com a minha esposa?" (2Sm 11.11). Depois de relatar o progresso da campanha a Davi,

Urias permaneceu na porta do palácio, dormindo com os soldados da guarda.

Na noite seguinte, Davi comeu e bebeu vinho com ele até que estivesse embriagado, mas isso não trouxe o resultado esperado. Quando percebeu que Urias não iria para casa, Davi o enviou de volta a seu general, Joabe, com uma carta que era sua sentença de morte: "Ponha Urias na linha de frente onde o combate estiver mais violento. Depois recuem para que seja ferido e morra" (2Sm 11.15).

O devotado Urias levou a mensagem do rei ao seu comandante e, depois de alguns dias, estava morto. Davi, o adúltero, havia se tornado Davi, o assassino. Ele levou Bate-Seba ao seu palácio — à custa da vida de Urias.

Mais tarde, o profeta Natã denunciou o crime do rei. Davi arrependeu-se sinceramente do mal que havia feito; o salmo 51 expressa a angústia do seu coração. Deus o perdoou, contudo Davi havia destruído sua própria autoridade na vida de sua família. No devido tempo, na rebelião do seu filho Absalão, colheu o que havia semeado.

Davi, assim como Sansão, era pecador. Seu lugar na história da redenção divina está baseado em seu chamado, não em sua obediência. De modo bastante evidente, Davi está longe de ser um exemplo perfeito para nós. Ainda assim, ele era um homem de fé, que se arrependeu dos pecados e confiou na salvação divina.

Em seu papel como rei, Davi aponta para Jesus Cristo, o Filho de Davi, a quem Davi chamou de "Senhor" (Sl 110.1; Mt 22.41-46; At 2.34-36). É ao Rei Jesus, não ao Rei Davi que trazemos a água de nossa devoção espontânea. Na verdade, Jesus espera a nossa devoção. Quando curou dez leprosos e somente um voltou para louvar a Deus aos pés de Jesus, o Senhor perguntou: "Onde estão os outros nove?" (Lc 17.17). Como ele havia

ordenado que se mostrassem aos sacerdotes, eles poderiam justificar sua ingratidão ao afirmar que estavam fazendo exatamente o que Jesus lhes havia ordenado. Afinal, ele não dissera palavra alguma acerca de voltar para agradecer!

Mas a verdadeira devoção é espontânea. E, no caso dos guerreiros de Davi, servos devotados ao rei não esperam ser chamados. Na verdade, a devoção se alegra com surpresas. Evidentemente, não podemos surpreender o Senhor da Glória — mas podemos tentar.

Jesus, nosso Rei, oferece a nossa devoção ao Pai, pois também é nosso Sumo Sacerdote. No santuário do céu, ele oferece as orações dos santos como incenso. As maneiras pobres e impróprias em que buscamos a glória do Pai são tomadas por nosso Mediador régio e apresentadas como ofertas agradáveis a Deus.

Jesus, que está no lugar de Davi, também é nosso Rei Guerreiro. É ele quem rompe as linhas inimigas para nos levar à água da vida. A água de Belém era preciosa para Davi, pois ele a via como "o sangue dos que arriscaram a vida para trazê-la" (2Sm 23.17). O cálice que Jesus nos oferece é trazido não apenas ao risco de sua vida, mas ao custo dela. É o cálice da nova aliança em seu sangue.

A surpreendente graça de Deus é evidenciada na devoção que ele direciona a nós. O termo para lealdade ou devoção no Antigo Testamento (*chesed*) é usado de modo praticamente exclusivo não para nossa devoção a Deus, mas, sim, para sua devoção a nós.[3] Davi, em sua oração de penitência depois de seu pecado medonho, ousou pedir pela misericórdia divina por causa da *chesed* divina: "Tem misericórdia de mim, ó Deus, de acordo com teu amor inabalável [*chesed*]" (Sl 51.1).

Por intermédio do profeta, Deus afirma: "Eu a amei com amor eterno; com amor leal [*chesed*] a atraí" (Jr 31.3).

O desenrolar do plano divino de salvação revela sua *chesed* na dádiva do seu Filho unigênito. Sem dúvida, foi a fidelidade de Deus a Davi que levou essa promessa adiante apesar do pecado de Davi. A história de Davi reconta o passado para apontar para o futuro. A escolha divina de Davi subjaz a história do livro de Rute. O livro tem o seu ponto culminante no nascimento de Obede, o pai de Jessé, o pai de Davi. É uma linda história de amor. Acima de tudo mostra o poder da devoção. A devoção de Noemi ao Senhor foi provada pelas tragédias de sua vida. Exilada pelas pressões da fome, Noemi perdeu o marido e os dois filhos. Ela retornou de mãos vazias para a terra de seus antepassados. Era viúva, sem os filhos para reivindicar a herança da família ou para dar continuidade ao nome da família em Israel.

Contudo, ela não retornou sozinha. Sua nora Rute recusou separar-se dela. Ela se agarrou a Noemi em devoção, reivindicando como seus a terra, o povo e o Deus de Noemi. Ela tornou-se a provedora para a viúva empobrecida, respigando nos campos de Belém, seguindo as instruções de Noemi. A misericórdia fiel de Deus guiou Rute para as terras de Boaz, que mostrou grande bondade para a jovem estrangeira. Devoção agora se encontra com devoção. Rute, que era melhor para Noemi do que sete filhos (Rt 4.15), estava disposta a tornar-se esposa de Boaz, um homem mais velho, para assegurar para Noemi a herança de sua família. Boaz, por sua vez, estava disposto a colocar em risco sua própria propriedade, para resgatar a herança perdida de Noemi e estabelecer como seu herdeiro o filho que Rute lhe daria.

Ao longo de toda essa história maravilhosa de devoção no âmbito da aliança, brilha a luz do amor de Deus e a devoção de sua graça. Boaz era

elegível para resgatar as terras do marido de Noemi porque era um parente próximo. A lei de Moisés especificava a função do *go'el*, o parente-resgatador (Lv 25.25,48,49). Mas o próprio Deus é o *Go'el* do órfão e da viúva (Pv 23.10,11). Quando Boaz encontrou Rute, abençoou-a em nome do Senhor, o Deus de Israel "sob cujas asas você veio buscar refúgio" (Rt 2.12). Noemi, tocada pela bondade de Boaz a Rute, confessou: "O Senhor [...] não deixou de mostrar sua bondade [*chesed*] para com os vivos e para com os mortos" (Rt 2.20). Quando o pequeno Obede nasceu a Rute, as mulheres que a ajudavam disseram: "Louvado seja o Senhor, que não a deixou hoje sem um parente-resgatador" (Rt 4.14).

A história de Rute pinta o contexto para as narrativas do rei Davi. A linhagem da promessa é levada adiante. Obede é o filho de Boaz, mas como Boaz resgatou a herança de Noemi, suas amigas colocam Obede em seu colo e dizem com alegria: "Noemi tem um filho" (Rt 4.16). A misericórdia de Deus abre o caminho para o nascimento de Davi pela fidelidade do parente-resgatador. A *chesed* de Deus a Noemi é unida com a *chesed* para com Davi. O propósito da misericórdia de Deus que conduz a Davi também conduz para além de Davi. Sua promessa a Davi aponta para o Filho mais grandioso de Davi. Além disso, a graça redentora de Deus é retratada na figura de Boaz. Deus, que resgatou Israel do Egito (Êx 6.6), é o Parente-Resgatador. Ele assegura a herança do seu povo como uma herança vinculada a ele com laços, por assim dizer, de sangue. O Senhor, o *Go'el* do seu povo, o libertará do seu cativeiro (Jr 50.34). Isaías usa o termo para parente-resgatador para retratar a salvação vindoura do Senhor (Is 43.1,14; 44.22,23; 48.20; 52.3; 63.9,16).

O Novo Testamento fala do custo da redenção pago pelo Pai: o sangue do seu próprio Filho (1Pe 1.18,19). Ao mesmo tempo, somos direcionados

para a obra de Cristo como nosso Redentor. Ele se tornou nosso parente, tornou-se uma só carne conosco a fim de que adquirisse para nós a herança eterna de sua salvação (Rm 8.3,29).

O livro de Rute, então, fornece o contexto para o chamado de Davi, mostrando como o fio da promessa divina não foi cortado. A linhagem que conduz a Davi é importante não somente como a genealogia régia, mas como a obra continuada de Deus que conduz ao cumprimento definitivo. Ao mesmo tempo, a figura do parente-resgatador em Rute aponta para a profunda necessidade que precisa ser suprida pelo ungido do Senhor.

O povo de Deus precisa ser redimido de algo mais do que a pobreza e a opressão. A própria experiência de Davi mostra a profundeza dessa necessidade. Ele clama pela *chesed* que o Senhor havia demonstrado a seus antepassados; ele precisa de libertação não só de seus inimigos, mas também de suas transgressões (Sl 39.8; 51.14; 109.21). Davi falhou de modo lastimável em sua devoção aos que se devotaram a ele. Sua esperança era a devoção fiel do seu Deus.

A história de Davi transita dos ferimentos e da perseguição que sofreu injustamente na primeira parte de sua vida para a repreensão do Senhor que caracterizou a parte posterior de sua vida. Seu pecado com Bate-Seba foi perdoado pela misericórdia divina; ele não perdeu sua vida ou sua coroa. Depois que o filho da união adúltera foi tirado pelo juízo divino, Bate-Seba gerou outro filho a Davi. Davi lhe deu o nome de "Salomão", mas o Senhor o chamou de "Jedidias" ("Amado do Senhor", 2Sm 12.25, NKJV). A fidelidade de Deus não abandonou Davi. O Senhor não revogou sua promessa de que a linhagem do Filho de Davi herdaria o reino eterno (2Sm 7.13).

Ainda assim, as palavras solenes de Natã, o profeta, foram cumpridas na vida de Davi. Ouça o indiciamento de Natã à medida que confronta Davi com o seu pecado: "Agora, portanto, a espada nunca se afastará de sua casa, pois você me desprezou e tomou a mulher de Urias, o hitita, para ser sua" (2Sm 12.10).

O governo de Davi de sua própria família foi menos sábio do que o seu governo de Israel. Ele alternava leniência excessiva com severidade em excesso ao lidar com o incesto e rebeldia de seus próprios filhos. A colheita de seu pecado e fraqueza foi colhida na rebelião de seu filho Absalão quando ele expulsou seu pai de Jerusalém. Fugindo para salvar sua vida com seus homens fiéis, Davi foi amaldiçoado e zombado por Simei, um antigo inimigo oriundo da casa de Saul. Simei seguiu o grupo de Davi lançando pedras e insultos. Abisai, um dos generais de Davi, ofereceu-se para silenciar Simei: "Por que esse cão morto amaldiçoa meu senhor, o rei? Permite que eu lhe corte a cabeça" (2Sm 16.9).

Davi repreendeu o amargo desejo vingativo de Abisai: "Meu filho, sangue do meu sangue, procura matar-me. Quanto mais este benjamita" (2Sm 16.11). Davi aceitou a humilhação como se viesse da mão de Deus. "Talvez o Senhor veja a minha aflição e me retribua com o bem a maldição que hoje recebo" (2Sm 16.12).

Nas profundezas de sua humilhação, Davi buscou o Senhor para libertá-lo e vingá-lo. Sua fé agarrou-se em Deus. Ao mesmo tempo, embora atacado e perseguido de modo injusto, Davi estava longe de ser inocente. Castigado por Deus, foi restaurado ao seu trono e pôde presidir a entronização do seu filho Salomão, o sucessor escolhido por Deus.

Por um lado, Davi era um homem segundo o coração do próprio Deus, o rei cuja devoção a Deus conduziu todo Israel na adoração. Por outro lado,

o pecado medonho de Davi evidenciou a imperfeição de sua devoção. Ambos os lados da vida de Davi estavam refletidos na promessa de Deus a ele. Como um servo devotado ao Senhor, o rei Davi desejava construir uma casa para Deus em Jerusalém, o local em que Deus colocaria o seu nome e habitaria entre o seu povo. Como Davi queria construir uma casa para Deus, Deus prometeu construir a casa de Davi: estabelecer o seu reino para sempre (2Sm 7.11,16).

Contudo, como o próprio Davi não estava à altura do ideal do ungido de Deus, a promessa divina foi direcionada a um futuro Filho de Davi (2Sm 7.12,13). Inicialmente, a promessa de Deus apontava para Salomão, que construiria o Templo em Jerusalém usando os recursos providenciados por Davi. Mas, como o próprio Davi reconheceu, o Filho prometido seria muito maior do que Salomão: "O Senhor diz ao meu Senhor: 'Senta-te à minha direita até que eu faça dos teus inimigos um estrado para os teus pés'" (Sl 110.1).

A fé de Davi no Senhor não somente abarcava a promessa, mas esticava-se para frente com esperança, ansiando pelo cumprimento em um Filho que seria seu Senhor, sentado em um trono celestial que receberia domínio universal.

A história de Davi no Antigo Testamento oferece a base para o nosso entendimento dos Salmos. O próprio Davi era um salmista por excelência. Desde a sua tenra mocidade, ele tocava a harpa nos campos de pastagem das ovelhas. Como rei, ainda era o "amado salmista" de Israel (2Sm 23.1). Além dos salmos que escreveu, cuidou para que houvesse compositores e cantores liderando os louvores de Israel. Os salmos de Davi e os outros hinos inspirados de Israel levam adiante a história de Jesus.

Isso está particularmente evidente nos salmos que reconhecemos como messiânicos. O salmo 22, por exemplo, inicia com um clamor que veio dos lábios de Jesus na cruz: "Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?" (Sl 22.1). O salmo descreve em detalhes gráficos a agonia do Crucificado ("Todos os meus ossos estão desencaixados. […] Perfuraram minhas mãos e meus pés" [Sl 22.14,16]) e a zombaria dos seus inimigos ("Todos os que me veem, zombam de mim; balançando a cabeça, lançam insultos contra mim: Ele confiou no Senhor, que o Senhor o liberte. […] Dividem as minhas roupas entre si, e lançam sortes pelas minhas vestes" [Sl 22.7,8,18]). Não estamos cientes de alguma época na vida de Davi em que foi torturado e envergonhado dessa maneira. Nesse salmo, ele retratou seus sofrimentos em linguagem vívida que constituiu uma hipérbole figurada de sua experiência, mas que foi literal de modo marcante quando suas palavras inspiradas se cumpriram no Calvário.

Não somos direcionados adiante para Cristo somente nos salmos que se referem de modo tão específico a ele. Quando analisamos o salmo 22, por exemplo, percebemos que é semelhante a muitos outros salmos.[4] Tem a forma de um lamento, o lamento de uma pessoa. Essa é a forma mais comum encontrada no Saltério. (Há salmos no plural ["nós"], como o salmo 100, bem como salmos no singular ["eu"], como o salmo 22.) O salmo 22 começa com um brado de abandono, um brado que se torna um lamento:

> Meu Deus! Eu clamo de dia, mas não respondes;
> de noite, e não estou em silêncio (Sl 22.2).

Essa queixa é seguida por uma expressão de confiança:

> Tu, porém, estás entronizado como o Santo,
> és o louvor de Israel.

Os nossos antepassados puseram a confiança em ti;
eles confiaram em ti, e tu os salvaste.
Eles clamaram a ti e foram salvos;
em ti confiaram e não ficaram desiludidos (Sl 22.3-5).

Depois dessas palavras de confiança, Davi volta-se outra vez para lamentar sua situação: "Sou um verme, não um homem, zombado pelos homens e desprezado pelas pessoas" (Sl 22.6). Ele retrata o escárnio amargo dos seus inimigos, mas novamente lembra da fidelidade de Deus:

Contudo, tu me tiraste do ventre;
fizeste-me confiar em ti já no seio de minha mãe.
Desde que nasci fui entregue a ti;
desde o ventre materno tens sido o meu Deus (Sl 22.9,10).

Os retratos que alternam entre angústia e confiança nos levam a um brado de libertação:

Não fiques distante de mim,
pois a angústia está perto e não há ninguém que me socorra
(Sl 22.11).

Outra vez o salmista volta a descrever a agonia de sua situação. Fala da ferocidade dos seus inimigos. São como touros selvagens, leões que rugem, cães que rosnam. Em contraste, ele é despido e está indefeso, sua força acabou; está transpassado e morrendo. Uma tríade contínua aparece no lamento: eles, eu e tu. *Eles*, os meus inimigos, são assassinos; *eu* sou indefeso; *tu*, Senhor, me abandonaste. Em sua situação desesperadora, o servo sofredor do Senhor só pode clamar das profundezas para as alturas:

Tu, porém, SENHOR, não fiques distante!
Ó minha força, vem logo em meu socorro!
Livra-me da espada,
livra a minha vida preciosa do ataque dos cães.
Salva-me da boca dos leões;
salva-me dos chifres dos bois selvagens (22.19-21).

O clamor do abandonado servo do Senhor será ouvido? Sim! Depois de seu clamor por salvação, Davi irrompe em um voto de louvor:

Declararei teu nome para meus irmãos;
Na congregação eu louvarei a ti (22.22).

O louvor a Deus no meio da congregação é uma referência à oferta de gratidão (Lv 7.11-18). Em agonia profunda, um adorador oraria a Deus por libertação e prometeria de modo solene trazer uma oferta de louvor quando a oração fosse atendida. Embora o salmista ainda esteja angustiado em seu sofrimento, fala com confiança acerca da oferta de louvor que trará ao Senhor quando vier a sua libertação. Com essa salvação em mente, Davi conclui o salmo com uma doxologia magnífica, que é concluída com um grito de louvor: "Ele o fez!" (Sl 22.31).

Por meio da inspiração, Davi vai muito além de sua própria experiência. Ele antevê o sofrimento e a libertação daquele que virá, seu Filho e Senhor. O autor de Hebreus reconhece isso, pois atribui a Cristo a promessa de louvor desse salmo:

> Ao levar muitos filhos à glória, convinha que Deus, por causa de quem e por meio de quem tudo existe, tornasse perfeito, mediante o sofrimento, o autor da salvação deles. [...] Por isso Jesus não se envergonha de

> chamá-los irmãos. Ele afirma: "Proclamarei o teu nome a meus irmãos; na presença da congregação cantarei os teus louvores" (Hb 2.10-12).

Jesus não somente se apropria do brado de abandono na abertura do salmo; a promessa de louvor também é sua. Jesus é um Salvador que canta, liderando os louvores dos remidos. Paulo retrata Cristo cantando um hino de louvor entre os gentios. Em Romanos, o apóstolo aos gentios declara:

> Pois eu digo a vocês que Cristo foi constituído ministro dos que são da circuncisão, em prol da verdade de Deus, para confirmar as promessas *feitas* aos nossos pais, e para que os gentios glorifiquem a Deus por sua misericórdia; como está escrito: "Por isso, eu te louvarei entre os gentios e cantarei louvores ao teu nome" (Rm 15.8,9, ASV).

A citação de Paulo é do salmo 18.49. Quem é o "eu" da passagem da maneira que ele a cita? Sem dúvida é Cristo. Paulo afirma que Cristo foi constituído ministro da circuncisão — não no sentido que ele ministra *para* a circuncisão, mas que ministra *em prol* da circuncisão.[5] O próprio Cristo foi circuncidado e cumpre o chamado da circuncisão para confirmar as promessas feitas aos pais. Deus prometeu a Abraão que nele todas as famílias da terra seriam abençoadas. A circuncisão era o selo dessa promessa de Deus. Jesus Cristo cumpriu a aliança de Deus com Abraão e com Israel. Ele herdou todas as promessas de Deus e proclama a vitória da salvação divina para os gentios.

No salmo 18, Davi retrata sua promessa de louvor agradecido sendo oferecido a Deus não meramente diante do povo de Deus, mas perante todas as nações. Ele pensa na casa de Deus estabelecida no meio da terra para que a presença de Deus possa tornar-se conhecida a todos os povos. A própria libertação de Davi testemunha acerca do poder e da graça de Deus

para que todo o mundo o conheça. Davi escreveu este salmo para orar por sua libertação de Saul; contudo, sua comunhão inspirada com Deus captou o significado mais profundo de sua vitória como ungido de Deus: "Ele concede grande libertação ao seu rei; e demonstra misericórdia ao seu ungido, a Davi e à sua semente para sempre" (Sl 18.50, KJV).

Paulo reconheceu que a libertação divina foi concedida por fim à Semente de Davi, o verdadeiro Rei das nações (Gl 3.16). Portanto, ele retrata Cristo cantando os louvores do Pai em um cântico missionário do triunfo do evangelho.

O uso do salmo 18 por Paulo em referência a Cristo nos ajuda a reconhecer que não é somente nos salmos claramente messiânicos que Cristo deve ser visto. Os salmos são celebrações da aliança de Deus com o seu povo. Eles declaram a promessa divina de que Deus será o Deus do seu povo. O salmista, seja ele Davi ou outro, fala ao Senhor da aliança como servo de Deus.[6] Uma vez que Cristo é o Senhor da aliança que vem como Servo da aliança, os salmos estão centrados nele, em quem a aliança se cumpre. Não somente há vários salmos com a forma do salmo 22; os elementos desse salmo são encontrados com frequência em salmos distintos de confiança, de segurança, de louvor por ter sido ouvido ou de doxologia. O salmo 23, por exemplo, é um salmo de confiança.

Há salmos de outros tipos; eles também apontam para Cristo, como o Novo Testamento mostra. Estamos acostumados a ver Cristo revelado como o Senhor, nosso Pastor, no salmo 23 (Jo 10). Ele também é o Senhor de todos os salmos, nosso Criador e Redentor (Is 43.15; Sl 102.25-28; Hb 1.10-12; Sl 68.18; Ef 4.8), que anda sobre as ondas do mar para libertar os seus (Sl 77.19; Jó 9.8; Mt 14.25,33).

Cristo, o Filho mais grandioso de Davi, é o Servo dos salmos régios (Sl 45.6,7; Hb 1.8,9; Sl 2.7; Hb 1.5; Sl 110.1; Mt 22.4-6; Sl 118.26; Mt 21.9). Ele é o segundo Adão, o cabeça de uma nova humanidade (Sl 8.4-6; Hb 2.6-9). Ele é tanto o Servo Justo, que sobe ao monte do Senhor, quanto o Senhor da Glória, a quem os portões eternos são abertos (Sl 24). Os salmos de sabedoria apontam para ele, que é a nossa Sabedoria (1Co 1.24,30).

Questões para estudo

1. Quem apareceu a Josué quando ele analisava a estratégia para destruir Jericó?
2. Liste algumas das implicações da seguinte citação: "O Senhor era o Comandante, não Josué".
3. Por que Israel não tinha a liberdade de poupar as pessoas que Deus havia condenado?
4. Qual é a diferença entre a guerra santa de Deus e a *jihad* islâmica?
5. Por que o poder da espada não está disponível para a igreja hoje?
6. Como Josué e o exército de Israel conquistaram Jericó?
7. Explique o significado do nome *Josué*. Como Josué prefigura Cristo?
8. Descreva o período dos Juízes.
9. Sansão foi chamado para ser um _____. Comente.
10. Descreva a fraqueza de Sansão e como Deus o usou apesar dele mesmo.
11. Responda à seguinte questão levantada por Clowney: "A vida trágica de Sansão pode nos apontar para Cristo?" Compare Sansão com Jesus e veja a que conclusão você chega.
12. Jesus é um "nazireu espiritual". Comente.

13. Como a liderança de Samuel contrasta fortemente com a liderança de Sansão?
14. Por que o povo de Deus queria um rei?
15. Por que Samuel se afastou de Saul?
16. Liste algumas qualidades de Davi como rei guerreiro de Israel.
17. "As vitórias de Davi foram vitórias de fé." Comente.
18. Como o pecado de Davi com Bate-Seba destruiu sua autoridade na vida de sua família?
19. "A verdadeira devoção é espontânea." Reflita sobre essa citação.
20. Como Jesus é nosso rei guerreiro?
21. Qual é o termo neotestamentário para lealdade ou devoção? O que o desenrolar do plano divino de salvação revela sobre a dádiva divina suprema de *chesed*?
22. Leia Rute 4.14. Explique o que é um parente-resgatador. Como Deus é o parente-resgatador do seu povo?
23. Como os Salmos levam adiante a história de Jesus?
24. Leia o salmo 22. "Por meio da inspiração, Davi vai muito além de sua própria experiência." Explique a citação com base no que acabou de ler no salmo.

Questões para aplicação

1. Qual é o significado de afirmar que Deus é o Comandante de sua vida? Como você é tentado a elaborar suas próprias estratégias para obter vitória? Elas funcionam?
2. Deus deseja sentar-se no banco do motorista de sua vida. De que maneira você resiste ao seu controle e sua soberania? Cite exemplos. De que maneira você seria beneficiado se Deus estivesse no comando?

3. As soluções divinas com frequência parecem tolas para o mundo (e.g., andar ao redor de Jericó para destruí-la). Pense em outros exemplos das Escrituras ou de sua própria vida em que Deus venceu por meio de aparentes tolices.
4. Que armas você utiliza na batalha espiritual? Leia Efésios 6.10-18. Você precisa de mais familiaridade e competência no manuseio de quais armas espirituais?
5. Às vezes sua vida se parece como o livro de Juízes (i.e., fracasso após fracasso)? Qual é a resposta de Deus ao seu fracasso?
6. Sansão não era um santo! Ainda assim Deus o usou em sua fraqueza para cumprir sua vontade. Em que área de sua vida você se sente mais fraco? Como Deus tem usado você nessa área? Você tem aprendido a se gloriar em sua fraqueza? Cite exemplos.
7. Tal como Samuel, sua vida é caracterizada por uma dependência de Deus que se expressa em oração, ou você é mais como os israelitas que queriam um rei para serem como todos os outros?
8. Você já se sentiu como se seus pecados do passado, ou mesmo do presente, comprometessem a eficácia do seu testemunho na atualidade? Se este for o caso, o que pode ser feito a respeito?
9. Sua devoção a Deus é espontânea ou calculada?
10. Que atos de serviço você presta a Deus por mera obrigação e não motivado por amor ou por alegria? Cite exemplos. Pense a respeito do que Deus fez por você. Como isso deveria mudar sua reação em relação às coisas que Deus exige de você?
11. Como a *chesed* de Deus é real em sua vida hoje?
12. Leia o salmo 18 e encontre nele os temas messiânicos.

[1] Outro trocadilho: o lugar é chamado de “Ramate-Leí”, as “Colinas de Leí”. *Ramate*, no entanto, também está relacionado ao verbo para “arremessar”, como se o monte fosse designado a partir do arremesso da queixada (expresso com outro verbo). O nome da fonte é “a fonte daquele que clama”, aplicável ao clamor de Sansão, embora o termo retrate a perdiz como uma ave “que chama” (“a fonte da perdiz”).

[2] Salmos 110.6,7. Alterei a tradução da NKJV “cadáveres” para “corpos”. A palavra não significa somente cadáveres. “Cadáveres” é uma tradução correta no contexto do salmo, mas a alusão de Paulo faz menção a essa expressão e dá outro significado a “corpos”. Também omiti “os lugares” no v. 6, visto que a tradução mais literal torna mais claro o uso que Paulo faz do vocabulário.

[3] Veja Francis I. Andersen, “Yahweh, the kind and sensitive God”, in: P. T. O’Brien; D. G. Peterson, orgs., *God who is rich in mercy* (Grand Rapids: Baker, 1986), p. 41-88.

[4] A respeito da forma literária dos Salmos, veja Robert Alter, *The art of biblical poetry* (New York: Basic Books, 1985).

[5] A tradução da NIV de Romanos 15.8: “que Cristo se tornou um servo dos judeus”, torna obscura a ideia que Paulo está propondo.

[6]Veja o sobrescrito do salmo 36: “De Davi, o servo do Senhor”.

8

O PRÍNCIPE DA PAZ

Davi, o ungido do Senhor, celebrou a promessa que Deus lhe concedeu a respeito do rei messiânico vindouro (Sl 110). A glória da aliança divina com Davi continua a ser um dos temas dos louvores de Israel (Sl 89; 132). Essa promessa continuou a ser lembrada pelos profetas antes do Exílio (Am 9.11; Mq 5.1-5; Is 9.5,6), às vésperas do Exílio (Jr 23.5,6; 30.9), durante o Exílio (Ez 34.23,24; 37.21-25) e depois do Exílio (Zc 12.8).[1] A promessa divina do Messias vindouro foi concedida a Davi quando ele havia decidido construir um Templo para o Senhor. Deus negou o seu pedido. Davi não construiria a casa de Deus; pelo contrário, Deus construiria a casa de Davi. Ele estabeleceria o reino do Filho dele para sempre (2Sm 7.11,16). Davi não foi chamado para construir o Templo, pois era guerreiro, um homem que havia derramado sangue na batalha (1Cr 28.3). Quando as guerras de Davi terminassem, quando o Senhor subjugasse todos os inimigos do seu reino, então, e só então, o Templo seria construído (1Rs 5.3).

O reinado de Salomão completa o reinado de Davi. No antigo Oriente Próximo, a culminação das campanhas militares de um rei com frequência era comemorada por meio da construção de um palácio ou de um templo. Davi venceu batalhas sobre as quais o reinado pacífico de Salomão foi

estabelecido. Ele preparou a construção do Templo reunindo um grande estoque de materiais para a sua construção (1Rs 7.51; 1Cr 22.2-5).

Portanto, os dois reinados precisam ser analisados em conjunto; juntos, Davi e Salomão retratam o rei do Senhor. Davi, o guerreiro régio, é sucedido por Salomão, o príncipe da paz ("Salomão", nome derivado de *shalom*, significa "pacífico" — veja 1Cr 22.9). Embora Salomão não seja o Filho de Davi em quem todas as promessas são cumpridas, ele é um tipo de Cristo, o Príncipe da Paz. Os salmos régios idealizam o reinado de Salomão, usando-o como modelo para apontar adiante para o verdadeiro e derradeiro Rei (Sl 2; 45; 72).

Os sofrimentos de Davi, tão vividamente expressos em seus salmos, o caracterizam como o servo sofredor do Senhor. Saul o odiava e perseguia sem motivo algum (Sl 35.19; 69.4). Foi traído por alguém muito próximo a ele (Aitofel, seu amigo e conselheiro, 2Sm 15.12): "Até o meu amigo próximo, em quem eu confiava e que partilhava do meu pão, voltou-se contra mim" (Sl 41.9).

O Evangelho de João chama a nossa atenção para a maneira em que os sofrimentos de Davi apontam para Cristo (Jo 13.18; 15.25). Até mesmo os detalhes geográficos têm semelhanças marcantes. Davi também abandonou Jerusalém e atravessou o Cedrom rumo à encosta do monte das Oliveiras.

Em meio a seus sofrimentos e humilhação, Davi constantemente mostrava misericórdia para com seus inimigos, tanto que seu general Joabe o acusou de amar os que o odiavam (2Sm 19.6). Em determinada ocasião, nos seus dias de fora da lei, estava prestes a usar sua espada para extorquir tributos e se vingar de Nabal, cujos rebanhos estivera protegendo (1Sm 25.9-13). Mas atendeu ao pedido de Abigail, esposa de Nabal, quando ela foi ao seu encontro para impedir o seu ataque. Davi louvou a Deus por

impedi-lo de executar sua própria vingança. O Senhor vingou a tolice de Nabal.

Em contrapartida, Davi encarregou Salomão de exercer justiça rapidamente contra as pessoas que o odiavam e o traíram (1Rs 2.2-9), uma incumbência cumprida pelo filho. Essa ação da parte de Davi não precisa ser vista como uma fraqueza de seu caráter, como se estivesse se eximindo das consequências de ele próprio exercer justiça. Podemos, efetivamente, sentir que Davi por vezes era fraco em seu tratamento da transgressão e dos crimes. Contudo, a ordem de Davi a Salomão leva em consideração a diferença entre os dois reinados. Davi suporta não somente a agonia da batalha, mas também a repreensão daqueles que lhe desobedeceram e o traíram. Salomão traz o reino no qual a paz é estabelecida sobre uma justiça severa.

Davi prefigura a longanimidade da humilhação de Cristo. Salomão tipifica Cristo como o juiz que introduz o reino ao julgar com justiça. O governo de Cristo como Príncipe da Paz é fundamentado na perfeita justiça de seu juízo. O cumprimento, evidentemente, é muito mais rico do que a prefiguração. Não podemos simplesmente pegar o rei Davi para ser um tipo da primeira vinda de Cristo e Salomão, da sua segunda vinda.

Por um lado, o governo do reino de Cristo estava evidente mesmo nos dias do seu sofrimento: os demônios lhe obedeciam. Por outro, a justiça que trará consigo quando voltar é a justiça do Cordeiro assentado no trono. A glória do governo de Cristo não está ainda por vir; já está estabelecida no céu. Jesus não vai ao céu simplesmente para preparar um lugar para nós; ele já construiu um novo templo por meio de sua ressurreição e ao unir seu povo consigo. Não obstante, o contraste evidente entre Davi e Salomão nos

ajuda a reconhecer o contraste entre a humilhação e a exaltação de Cristo: sua graça paciente e sua justiça final.

O reinado de Salomão levou a história do povo de Deus ao ponto culminante. Os artesãos haviam dado os retoques finais no cedro entalhado e no ouro lavrado do Templo; Hirão de Tiro havia fundido o bronze em colunas enormes e capiteis refinados, tanques, pás e bacias de aspersão. Sete anos de construção transformaram um tesouro imenso na glória do Templo inigualável.

Salomão reuniu todos os anciãos e líderes de Israel para consagrar a casa de Deus, o lugar na terra em que o Senhor colocaria o seu nome, onde sua glória habitaria. Centenas de sacerdotes ofereceram em sacrifício um número incontável de novilhos e ovelhas. Os sacerdotes e levitas carregaram a Arca do Senhor para dentro do Lugar Santíssimo; a nuvem da presença de Deus encheu sua casa de glória e o coração do seu povo com deslumbramento. A longa marcha de séculos chegara ao fim. Deus havia levado o seu povo das trevas da escravidão egípcia para o relâmpago do Sinai e, então, para o monte Sião, o lugar de sua habitação no meio de sua herança.

Salomão em pé diante do povo louvou a Deus por cumprir todas as suas promessas: não somente sua promessa a Davi, de que seu filho edificaria o Templo, mas também suas promessas a Moisés. "Bendito seja o Senhor, que deu descanso a Israel, o seu povo, assim como havia prometido. Não ficou sem cumprimento nem uma de todas as boas promessas que ele fez por meio do seu servo Moisés" (1Rs 8.56).

É nesse cenário do cumprimento das promessas de Deus que o tema da sabedoria vem à tona. Salomão, quando lhe foi oferecida as opções das bênçãos divinas, pediu por sabedoria, e seu pedido foi atendido de forma

generosa (1Rs 4.3-15). Na verdade, a sabedoria que Deus concedeu a Salomão tornou-se a bênção que cumpriu a promessa divina não somente para Moisés, mas para Abraão. Por meio da semente de Abraão todas as nações da terra seriam abençoadas. Quando Israel foi estabelecido na terra e a casa de Deus edificada, havia chegado a hora em que as bênçãos fluiriam a todas as nações. Isso ocorreu no reinado de Salomão.

> Deus deu a Salomão sabedoria, percepção extraordinária e uma abrangência de conhecimento tão imensurável quanto a areia do mar. […] E sua fama espalhou-se por todas as nações ao redor. Ele compôs três mil provérbios, e os seus cânticos chegaram a mil e cinco. Descreveu as plantas, desde o cedro do Líbano até o hissopo que brota nos muros. Também discorreu sobre animais e aves, répteis e peixes. Homens de todas as nações vinham ouvir a sabedoria de Salomão, enviados por todos os reis do mundo que tinham ouvido falar de sua sabedoria. (1Rs 4.29-34)

A visita da rainha de Sabá para ouvir a sabedoria de Salomão tem sido moldada pela versão de Hollywood de tal maneira que esquecemos o seu lugar na história da redenção. Não era só a realeza que enviava embaixadores para a corte de Salomão. No caso de Sabá, a própria rainha veio para averiguar a verdade dos relatos que ouvira. Ela estava maravilhada: haviam lhe contado só a metade. O quão felizes eram os servos do rei por ter o privilégio de estar diante dele e ouvir a sabedoria dos seus julgamentos! (1Rs 10.8). A rainha bendisse o Deus de Israel: "Por causa do amor eterno do Senhor para com Israel, ele te fez rei, para manter a justiça e a retidão" (1Rs 10.9).

As nações não eram somente atraídas a Israel, que prosperava sob a bênção divina, mas ao rei de Israel, a quem foi dada sabedoria enciclopédica. A sabedoria de Salomão foi comparada com a de homens sábios do mundo antigo: ele supera todos eles. O ideal de sabedoria inclui averiguação minuciosa no mundo da criação. Mas Salomão buscou de modo diligente a biologia bem como a arte de governar e a literatura. Sua sabedoria não era paroquial, mas internacional, cosmopolitana. Contudo, viria um Rei humilde que podia declarar discretamente: "Aqui está quem é maior do que Salomão" (Mt 12.42).

Nos provérbios de Salomão, assim como nos salmos de Davi, somos direcionados para Jesus Cristo. O texto áureo do livro de Provérbios é: "O temor do Senhor é o princípio da sabedoria, e o conhecimento do Santo é entendimento" (Pv 9.10). Separado do Senhor, a aquisição de conhecimento é desprovida de sentido. A realidade final e suprema não é fogo ou água, como a filosofia grega antiga imaginava, nem é composta de uma série de ideias abstratas. Não é "Ser". É o Deus vivo, que revelou a si mesmo para Israel e convocou as nações da terra a prestar atenção à sua palavra. Estamos preparados para aprender que o Logos não é um princípio abstrato, mas o Filho do Pai.

Deus detém a sabedoria (Pv 3.19). Na verdade, em um retrato impressionante, a sabedoria de Deus é personificada como sua companheira, presente com ele na criação do mundo (Pv 8.22). A sabedoria divina é revelada em suas obras: o mundo criado e o curso da natureza e da história (Pv 8.22-31; Sl 33.6-21). Deus expressa sua sabedoria em sua palavra. Esta não somente controla todas as coisas, mas também é falada a seu povo para que conheçam o Senhor (Sl 147.18,19).

Conhecer e temer o Senhor, portanto, é o princípio de todo o nosso pensar, o modo de pensar realista que direciona nossa vida (Pv 3.5,7; 12.15). Sabedoria não é somente depositar e resgatar informações; é a consciência fundamentada de quem somos e diante de quem estamos. Ao nos chamar a tornar Deus o Senhor de nosso conhecimento e de nossa vida, a literatura de sabedoria nos direciona para a revelação pessoal de Deus em Jesus Cristo. Contudo, os Livros de Sabedoria e os Salmos do Antigo Testamento também nos preparam para Cristo de uma maneira negativa: "'Não faz sentido! Não faz sentido!'", diz o Mestre. "'Não faz o menor sentido. Nada faz sentido'" (Ec 1.2).

A desesperança expressa no livro de Eclesiastes tem um lugar em particular na história da obra salvadora de Deus. As promessas de Deus foram cumpridas. O povo de Deus agora mora em sua terra; eles não têm somente seu pão de cada dia, mas também leite e mel. Um homem pode usufruir da sombra de sua própria figueira enquanto o sol brilha sobre sua vinha. A herança pela qual o povo de Israel havia ansiado e lutado foi adquirida. É hora de refletir. Os comerciais de cerveja na televisão dos Estados Unidos retrataram um grupo de amigos sentados na varanda de uma hospedaria depois de um dia de pesca. O sol está se pondo e eles estão compartilhando várias latinhas: "Não existe nada melhor do que isto", diz um deles.

O comercial levanta uma questão incômoda até mesmo para um pescador que talvez considere uma cerveja à noite como o maior prazer da vida. Talvez a vida não possa melhorar, mas sem dúvida vai piorar. A vida em si move-se para o pôr do sol, isso se não formos surpreendidos por uma tragédia. Qual significado da vida não pode ser cancelado pela morte?

Muitas cervejas já foram consumidas na tentativa de postergar essa questão, mas a questão não cede espaço.

Se o israelita comum debaixo de sua figueira não está fazendo essa pergunta, então o homem sábio está. Mesmo que as bênçãos de paz e abundância foram dadas a Israel, isso é realmente tudo o que existe? O operário labuta toda a sua vida, mas o que ele tem para apresentar no fim dela? Precisa deixar para trás tudo pelo qual trabalhou (Ec 5.15). O homem sábio pode ser tão diligente no aperfeiçoamento de sua compreensão, mas por fim morre como um tolo (Ec 2.16). Os ciclos da vida vão passando, mas que sentido podem ter?

O "Pregador" de Eclesiastes efetivamente aponta para a única solução possível para a resolução dos enigmas da vida. A chave pode ser encontrada em Deus. Esse autor filosófico de Eclesiastes contrasta o vazio do trabalho humano com o trabalho oculto de Deus (Ec 8.17; 11.5). Ele confessa que a sabedoria de Deus é insondável e aconselha as pessoas a temer a Deus e obedecer aos seus mandamentos, confiando nele para os aspectos que não conseguem entender (12.13,14). Contudo, a fé sóbria dessa resposta aponta poderosamente para uma resposta vindoura mais plena, uma resposta que é desenvolvida nos Profetas. Há mais por vir: um descanso maior do que o descanso dos filisteus invasores, uma paz maior do que Salomão poderia oferecer, uma herança maior do que a terra da promessa. Há mais por vir porque *Deus* virá. Quando ele vier, a morte, a devoradora, será devorada em vitória (Is 25.8; 1Co 15.54-56). Tanto o sofrimento quanto a morte são problemas confrontados nas seções de sabedoria do Antigo Testamento. O clamor de Davi ao Senhor nos lamentos de seus salmos nos conduz para a promessa de libertação divina. O livro de Jó enfrenta o mistério do sofrimento dos justos. As respostas fáceis dos consoladores de Jó são

deixadas de lado, mas por fim Jó precisa curvar-se diante da soberania divina e olhar para a solução que somente pode vir dele. Não é só que os justos sofrem enquanto os ímpios parecem prosperar. As nações ímpias também arrastam os indefesos diante delas à medida que a rede de arrastão de seu poder militar passa pela terra. Jeremias não lamenta somente sua própria situação, mas também a desolação do povo de Deus.

Daniel, o profeta, também era um sábio. Suas visões apresentaram a resposta de sabedoria divina para o triunfo temporário dos impérios mundiais pagãos. O reino de Deus viria como uma rocha cortada sem o uso de mãos humanas, atingindo a imagem do poder imperial e demolindo-a. Por fim, somente o reino de Deus cobrirá a terra, como as águas cobrem o mar.

Jesus vem como Filho de Davi, o Guerreiro divino, para vencer as hostes das trevas. Ele também vem como aquele que é maior do que Salomão. Ele é o Príncipe da Paz, a própria Sabedoria de Deus. O Evangelho de Mateus nos informa como Jesus se alegrou com a sabedoria do Pai: "Eu te louvo, Pai, Senhor dos céus e da terra, porque ocultaste estas coisas dos sábios e cultos, e as revelaste aos pequeninos. Sim, Pai, pois assim foi do teu agrado" (Mt 11.25,26). Jesus chama os cansados e sobrecarregados a vir a ele e tomar o seu jugo de sabedoria: "Venham a mim, todos os que estão cansados e sobrecarregados, e eu lhes darei descanso. Tomem sobre vocês o meu jugo e aprendam de mim, pois sou manso e humilde de coração, e encontrarão descanso para a sua alma. Pois o meu jugo é suave e o meu fardo é leve" (Mt 11.28-30).

Jesus usa aqui a linguagem da sabedoria. Há uma passagem espantosamente semelhante no livro de Sabedoria do *Filho de Siraque*, (*Eclesiástico*):

> Voltem-se a mim, ignorantes, e hospedem-se na minha casa da instrução. Por quanto tempo ficarão sem estas coisas? E por quanto tempo a alma de vocês permanecerá com tanta sede? Abro a boca para falar dela. Comprem sabedoria para si mesmos sem dinheiro. Coloquem o seu pescoço sob o seu jugo, e deixem sua alma carregar o seu fardo; ela está próxima dos que a buscam e aquele que está atento a encontra. Vejam com os seus olhos que trabalhei pouco e abundância de paz encontrei (Eo 51.23-27).[2]

Como na passagem de sabedoria, Jesus emite uma convocação, chama seus leitores a vir, tomar o jugo e aprender. O filho de Siraque promete muito descanso com pouco trabalho. Jesus também promete descanso e afirma que seu fardo é leve. Contudo, há uma enorme diferença. Jesus não nos chama para tomar o jugo da sabedoria, mas para tomar *seu* jugo. Ele fala não só como mestre de sabedoria, mas como o Senhor da sabedoria. Ele nos chama a aprender não da sabedoria na dimensão abstrata, mas dele em pessoa. Como Senhor, ele assume o papel da sabedoria e nos chama para si mesmo.

A base para essa afirmação impressionante de Jesus é dada no versículo anterior do Evangelho de Mateus: "Todas as coisas me foram confiadas por meu Pai. Ninguém conhece o Filho a não ser o Pai, e ninguém conhece o Pai a não ser o Filho e aqueles a quem o Filho o quiser revelar" (Mt 11.27).

Jesus, o eterno Filho do Pai, reivindica conhecimento exclusivo de Deus. Em determinado sentido, qualquer filho conhece seu pai de uma maneira singular; esse relacionamento humano fornece uma analogia vaga do que pode ser afirmado a respeito da Trindade. Sem a revelação do Filho, que é a imagem eterna do Pai (Cl 1.15; 2.9; Jo 1.18), não pode haver conhecimento a respeito dele. Uma que Deus Filho não é menos divino do que o Pai,

também é verdade que o Filho pode ser conhecido somente de acordo com a vontade do Pai (Jo 6.44). A verdadeira sabedoria não é uma realização do esforço humano; é dádiva da graça de Deus. Nem a pesquisa científica nem os mantras balbuciados revelarão a verdade que traz sentido à nossa vida. Por fim, a verdade é pessoal: "Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vem ao Pai, a não ser por mim" (Jo 14.6).

O evangelho que o Novo Testamento proclama nos chama a Jesus Cristo como a Sabedoria de Deus. A personificação da sabedoria em Provérbios 8 prefigurava a revelação de uma realidade mais profunda. Sabedoria não é somente um atributo divino que pode ser retratado como auxiliar de Deus em sua obra de criação. Sabedoria é pessoal no ser do Filho de Deus.

O Evangelho de João começa com uma afirmação que a Palavra de Deus é pessoal, o companheiro de Deus e eterno Filho, o verdadeiro Deus que se tornou homem. Ao chamar o Filho divino de Palavra (*Logos*), João estava atribuindo a ele o papel de Sabedoria, um tema bastante analisado na reflexão judaica a respeito do Antigo Testamento. (Ele também estava apresentando uma perspectiva do Filho em contraste com o *Logos* na filosofia grega.)

A mesma conexão é feita pelo apóstolo Paulo em Colossenses. Ele fala de Cristo como a imagem do Deus invisível, aquele por meio de quem Deus é revelado, e em quem habita a "plenitude", a totalidade do ser de Deus (Cl 1.15,19; 2.9). Na Sabedoria de Salomão, um livro apócrifo escrito antes do nascimento de Cristo, a sabedoria é retratada como o "resplendor da luz eterna" e uma imagem da bondade divina (Sb 7.26).

Quando Paulo apresenta o Filho de Deus como o agente da Criação e a imagem de Deus, está atribuindo a Cristo o lugar da sabedoria divina. Na

verdade, está fazendo mais do que isso, pois declara que aquele cuja glória ele viu na estrada para Damasco é aquele por meio de quem todas as coisas foram criadas e em quem todas as coisas subsistem, a própria pessoa de Deus em forma corpórea (Cl 2.9). O apóstolo deu testemunho acerca da verdade da afirmação de Jesus: ele é a Sabedoria de Deus.

A majestade da afirmação de Jesus em Mateus 11.27-30 não é mais maravilhosa do que a sua graça. Jesus chama as pessoas a aprenderem dele, alguém manso e humilde de coração. O poderoso Senhor curva seu próprio pescoço para carregar o jugo da palavra do seu Pai e a cruz da vontade de seu Pai. A cruz é tolice para a sabedoria deste mundo, mas é a sabedoria de Deus para a nossa salvação. No Calvário, Jesus se torna para nós sabedoria, justiça, santidade e redenção (1Co 1.18-31).

Em Cristo, a resposta divina é dada para os enigmas que confundiam a sabedoria de Salomão. A morte foi engolida pela vitória porque Cristo retirou o aguilhão da morte ao pagar o preço pelo pecado. Ele destruiu as garras da morte por meio de sua ressurreição. O mistério do sofrimento das pessoas justas é transformado pelo sofrimento dele, o Santo de Deus. Ele sofreu por nós, deixando-nos exemplo para que sigamos os seus passos (1Pe 2.21). O sofrimento agora se torna para nós o privilégio da comunhão com Jesus. Reinos seculares talvez ascendam e caiam, mas o reino de Cristo foi estabelecido. Ele já está à direita de Deus e voltará para julgar e estabelecer a justiça de Deus para sempre no novo céu e nova terra.

Por meio da Palavra e do Espírito de Cristo, seus discípulos crescem em verdadeira sabedoria. A Palavra de Cristo que habita ricamente ilumina nosso entendimento à medida que falamos uns aos outros com salmos, hinos e cânticos espirituais, cantando com graça em nosso coração a Deus

(Cl 3.16). Crescemos em sabedoria à medida que experimentamos na vida as coisas que são agradáveis a Deus.

O Senhor retirou o Urim e o Tumim, os objetos misteriosos na éfode do sumo sacerdote, os quais capacitavam Davi a assegurar respostas "sim" ou "não" de Deus (1Sm 23.2,9). Crianças precisam ser guiadas por respostas desse tipo. Mas quando crescem aprendem a compreender algo da mente de seus pais. Da mesma forma o Senhor quer que cresçamos em sabedoria, chegando ao ponto de entender a mente de Cristo. Não podemos assegurar o plano de Deus para a nossa vida com antecedência. A sabedoria cresce precisamente na situação; portanto, em espírito de oração comprovamos a aplicação da Palavra de Deus. Nessa situação, e antes dessa oportunidade, discernimos o que mais agrada a Deus. Se o menor no reino de Cristo é maior do que João Batista, então o crente, cheio do Espírito de Cristo, instruído por sua Palavra e em comunhão com ele, também pode ter sabedoria que excede a de Salomão.

Na verdade, a sabedoria de Salomão falhou, pois ele negligenciou seu próprio ensino. Ele começou a confiar em sua própria sabedoria e não no Senhor, cujo temor é o princípio da sabedoria. Uma vez que o seu reino era pequeno, espremido entre superpoderes, e que ele era um homem de paz, não de guerra, pareceu prudente a ele encontrar sua defesa em tratados de paz. Havia maneira melhor de selar a paz do que casar-se com a filha do rei cujos exércitos poderiam ser uma ameaça? Ignorando a Lei de Deus, Salomão casou-se com muitas mulheres pagãs por razões políticas, mas também motivado pelo prazer. Suas ações estavam em contraste direto com a palavra de Deus dada a Moisés, que advertia o povo a não fazer tratados com os pagãos nem se casar com suas filhas (Êx 34.10-17).

Salomão consagrou o Templo de Deus quando a nuvem da glória encheu o santuário. Mas esse mesmo Salomão, mais tarde em seu reinado, estava em pé no monte das Oliveiras, de costas para o ouro reluzente do Templo de Deus, para escolher um local para um santuário a Camos, o deus de Moabe (1Rs 11.7). Salomão, com toda a sua sabedoria, esqueceu-se de que o Senhor é um Deus ciumento, que não partilhará sua glória com um ídolo (Êx 34.14).

O juízo foi pronunciado contra Salomão. O zênite da bênção havia sido alcançado. Agora, por meio da desobediência idolátrica de Salomão, começou a longa trilha descendente até o nadir do cativeiro. Alguém maior do que Salomão era necessário para trazer retidão e justiça ao povo de Deus.

Questões para estudo

1. Por que Deus negou o pedido de Davi para construir a casa de Deus?
2. Quando o Templo seria construído?
3. Por que os reinados de Davi e de Salomão precisam ser vistos em conjunto?
4. "Davi prefigura a longanimidade da humilhação de Cristo. Salomão tipifica Cristo como o juiz que introduz o reino ao julgar com justiça". Comente.
5. Leia 1Reis 3.4-15. Qual foi o pedido de Salomão? Como isso foi concedido a ele (veja 1Rs 4.29-34)?
6. "Separada do Senhor, a aquisição de conhecimento é desprovida de sentido". O que Clowney quer dizer com isso?
7. O que é sabedoria? O que não é sabedoria?
8. Qual é o propósito do livro de Eclesiastes?

9. Jesus é o “Príncipe da Paz, a própria Sabedoria de Deus”. De que modo Mateus, o Evangelista, mostra esse aspecto de Jesus?
10. “Sabedoria é pessoal no ser do Filho de Deus”. Explique essa citação com base no início do Evangelho de João e Colossenses 1.15,19; 2.9.
11. O que é a tolice da cruz?
12. Como o Senhor quer que cresçamos em sabedoria?

Questões para aplicação

1. De que maneira você busca a sabedoria? Cite exemplos.
2. Você tem crescido em sabedoria desde que se tornou cristão? Em caso afirmativo, como? Se não, que passos dará para começar a amadurecer em sabedoria?
3. Às vezes, sua vida parece sem sentido? O que o livro de Eclesiastes pode lhe ensinar quando isso acontecer?
4. Reflita sobre a citação: “Sabedoria é pessoal no ser do Filho de Deus”. Se você ainda não se rendeu a Cristo, reflita sobre a importância de Cristo ser a própria sabedoria de Deus. O que isso deveria significar para você?
5. A sabedoria de Salomão falhou porque ele começou a depender dela e não do Senhor. Isso tem sido uma tentação para você? Cite exemplos. Ore para que Deus o capacite a depender dele e não das boas dádivas que ele tem dado a você.

[1] Yves M. J. Congar comparou Davi e Salomão como tipos de Cristo: “David et Salomon, types du Christ en ses Deux avénements”, in: *Les voies du Dieu vivant* (Paris: du Cerf, 1964), p. 149-64.

Sou devedor a suas percepções, embora discorde da ênfase que ele dá para as boas obras na salvação.

[2] *The Apocrypha and Pseudepigrapha of the Old Testament in English*, tradução para o inglês de R. H. Charles (Oxford, Reino Unido: Clarendon, 1913).

9

O SENHOR VINDOURO

O Senhor precisa vir

Depois dos dias de Salomão, a história de Israel foi uma história de crescente apostasia e juízo. O reino de Salomão foi dividido quando seu filho Roboão enfrentou um protesto relacionado a impostos com uma arrogância régia, não com sabedoria. Sob Jeroboão as dez tribos do Norte se separaram do trono de Davi. Para solidificar a independência do Israel do Norte, Jeroboão estabeleceu uma nova forma idolátrica de adoração. Ele erigiu bezerros de ouro em Dã e Betel, perto das fronteiras do Norte e do Sul do seu reino (1Rs 12.28-30), a fim de que os israelitas não continuassem a adorar em Jerusalém. "Aqui estão os seus deuses, ó Israel", ele declarou, "que tiraram vocês do Egito". Suas palavras foram uma repetição assustadora da inauguração da adoração do bezerro ao pé do monte Sinai.

Jeroboão estabeleceu todas as formas e instituições da adoração apóstata: sacerdotes, dias festivos, sacrifícios, um culto inventado por homens imitando mas ao mesmo tempo subvertendo as ordens do Senhor. Adorar em santuários sobre os montes estava autorizado; as formas cananeias de religião que sempre foram uma tentação para o povo de Deus receberam reconhecimento oficial. No registro profético da história de Israel, a

sentença divina contra o pecado de Jeroboão é repetida vez após vez. Ela é pronunciada contra todo rei subsequente que seguiu as práticas da apostasia de Jeroboão: "Ele fez o que era mau aos olhos do SENHOR, andando nos caminhos de Jeroboão e nos pecados que ele levou Israel a cometer" (1Rs 15.34).

Ainda assim, o Senhor não descartou Israel totalmente. Ele lhe enviou profetas, começando nos dias de Jeroboão. Estes chamaram Israel ao arrependimento, pronunciaram os juízos de Deus e prometeram seu perdão àqueles que se arrependeriam. Suas mensagens foram continuamente ignoradas. O profeta Jeremias, depois de 23 anos de ministério sem qualquer resposta, acrescentou: "Embora o SENHOR tenha enviado a vocês todos os seus servos, os profetas, vez após vez, vocês não os ouviram nem lhes deram atenção alguma" (Jr 25.4).

A certa altura a apostasia de Israel tornou-se ainda mais virulenta. Jezabel, a rainha pagã do rei Acabe, teve êxito em tornar a adoração ao deus Baal de Tiro a religião oficial de Israel. Seu êxito levou Israel a dar um último passo fatal de apostasia religiosa. Os israelitas passaram de idolatria na adoração ao Senhor para a adoração de outro deus.

Para quebrar o domínio desse paganismo popular, o Senhor enviou o juízo da seca. A seca foi anunciada pelo profeta de Deus, Elias, que declarou a Acabe: "Tão certo como vive o SENHOR, o Deus de Israel, a quem sirvo, não haverá orvalho nem chuva nos próximos anos, exceto mediante a minha palavra" (1Rs 17.1).

À medida que as estações passavam sem chuva, a fome atingiu Israel e o rei Acabe instaurou uma busca internacional por Elias. O Senhor tinha dado a Elias um refúgio e um ministério com uma viúva em Sarepta, uma cidade gentílica nos arredores de Sidom. Mais uma vez a palavra do Senhor

veio a Elias, que fez uma reaparição de grande impacto em Israel. Uma vez mais ele enfrentou Acabe e exigiu um confronto de poder entre os sacerdotes de Baal e si mesmo como o único profeta do Senhor. Que o verdadeiro Deus mostre o seu poder ao conceder chuva a Israel!

O monte Carmelo seria o cenário da batalha. O rei Acabe reuniu centenas de profetas que serviam Baal e Aserá, os deuses de fertilidade cuja adoração havia promovido. Milhares de israelitas cobriam as encostas da montanha para testemunhar o confronto. Como chuva trazia fertilidade, e fertilidade era a especialidade de Baal e Aserá, as pessoas provavelmente esperavam que eles a produzissem. Elias concedeu aos profetas de Baal ampla vantagem no confronto. Que eles sejam os primeiros a oferecer o sacrifício, mas Baal deve fornecer o fogo para mostrar sua aceitação do novilho que ofereceram. Baal era o deus da tempestade; que ele acenda a lenha com um raio e em seguida mande chuva.

Os profetas de Baal começaram a invocar sua divindade, mas sem êxito. Eles produziram um espetáculo dramático, mas não houve fogo nem chuva. Centenas de profetas cantaram, dançaram e profetizaram a resposta de Baal. Depois de horas dessas atividades, Elias começou a ridicularizá-los. "Gritem mais alto", ele dizia. "Certamente é um deus! Quem sabe está meditando, ou ocupado, ou viajando. Talvez esteja dormindo e precise ser despertado" (1Rs 18.27).[1]

Impelidos pela ridicularização de Elias, os profetas de Baal provocaram um frenesi ferindo-se com espadas e clamando a Baal. Elias esperou até o meio da tarde, na hora do sacrifício, para pedir que cessassem as atividades deles e reconstruiu o altar do Senhor. Utilizou doze pedras para as doze tribos de Israel (não as dez tribos do reino de Acabe). Cavou uma valeta ao redor do altar e deitou o sacrifício em ordem sobre a madeira. Em seguida

ordenou que o sacrifício e o altar fossem encharcados com água. A água foi derramada até que a valeta estivesse cheia. Depois disso Elias orou a Yahweh, o Deus de Abraão, Isaque e Jacó: "Responde-me, ó SENHOR, responde-me, para que este povo saiba que tu, ó SENHOR, és Deus e que estás voltando o coração deles para ti" (1Rs 18.37).

O fogo do Senhor caiu e consumiu não somente a madeira molhada e o sacrifício, mas as pedras, a água e a própria terra debaixo do altar. A multidão apavorada caiu prostrada e exclamou: "O SENHOR — ele é Deus! O SENHOR — ele é Deus!" (1Rs 18.39).

Em nossa era cética, muitas pessoas exigem uma demonstração exatamente igual da existência do Deus vivo. Que Deus mostre por meio de uma explosão atômica que ele é Senhor, o que ele é capaz de fazer ou desfazer por meio de sua palavra. Essa exigência foi feita a Jesus. Ignorando os milagres que Jesus havia feito, céticos hostis exigiram que ele fizesse mais um sob demanda. Jesus se recusou.

Deus pode, quando assim o quiser, tornar seu poder conhecido como o fez no monte Carmelo. Mas o Todo-Poderoso não apresenta suas credenciais sob demanda para nossa inspeção. Pecadores rebeldes exigirem fogo do céu é o cúmulo da tolice!

Contudo, se fogo do céu é demais, muito mais do que tentamos barganhar, há também determinado sentido em que é muito pouco. O fogo do céu poderia consumir os pecadores assim como consumiu Sodoma e Gomorra. Mas fogo do céu não pode salvar pecadores; não consegue efetivar o plano de Deus.

Elias precisava aprender essa lição. Depois da vitória no monte Carmelo, ele foi capaz de ordenar a execução da sentença divina contra os profetas de Baal. Deus enviou chuva torrencial. Pareceria que o triunfo de Elias estava

completo, que havia restaurado o coração dos filhos a seus pais e o coração dos pais ao Deus de Israel. Mas somos informados que a rainha Jezabel, furiosa com a execução dos profetas de Baal, jurou matar Elias. O profeta precisava fugir.

Sozinho e exausto no deserto de Arabá, o exilado Elias temeu pela própria vida. Que vitória foi essa no Carmelo que manteve Acabe como rei e Jezabel como rainha? Quem de fato restou para proclamar a palavra do Senhor a não ser Elias, e agora sua vida novamente estava em perigo. Elias se jogou debaixo de um pé de giesta. "Já foi o bastante, SENHOR", afirmou, "Tira a minha vida; não sou melhor do que os meus antepassados" (1Rs 19.4).

O Senhor passou a instruir seu profeta desanimado. Ele revigorou Elias com sono e comida e o guiou até o Horebe, o monte de Deus no Sinai. Quando Elias expressou sua queixa: "Sou o único que sobrou", o Senhor revelou sua glória a Elias, como havia feito em certa ocasião a Moisés no monte Sinai. Elias refugiou-se em uma caverna à medida que o vento com força superior à de um furacão despedaçava as rochas da montanha. Um terremoto fez tremer a montanha. Fogo caiu sobre o monte Horebe como havia caído sobre o monte Carmelo. Ainda assim, segundo o texto, o próprio Senhor não estava presente em nenhuma dessas repercussões do poder onipotente. Depois do fogo, no entanto, Elias ouviu um sussurro. Ele cobriu seu rosto com a capa e saiu da caverna para encontrar-se com o Senhor.

O controle divino do mundo e da história não exigem fogo do céu. É suficiente para ele falar para que sua vontade seja realizada. Sua palavra é soberana e onipotente; seus propósitos não falham. O Senhor falou a Elias, ordenando que ungisse três pessoas, as quais, de maneiras diferentes, seriam

instrumentos de Deus para derrotar o balismo em Israel. Hazael devia ser ungido como rei da Síria; Jeú, rei de Israel; e Eliseu, o profeta de Deus para suceder a Elias. Um gentio invasor, um usurpador violento e um ministro fiel da palavra de Deus seriam usados por Deus no devido tempo e da maneira adequada. Elias não estava tão sozinho como imaginava. O Senhor havia preservado um remanescente fiel: sete mil israelitas que nunca haviam dobrado seus joelhos a Baal (1Rs 19.18).

Foi mostrado a Elias que Acabe e Jezabel não haviam impedido o governo divino do mundo; Elias não precisava perder a esperança no que diz respeito aos propósitos de Deus. Mas ainda havia algo a mais implicado na palavra sussurrada por Deus no Horebe. Deus não havia se esquecido de sua promessa a Abraão e a Davi. Juízo precisava vir sobre Israel, mas Deus ainda mostraria misericórdia por meio do juízo. É verdade que Israel rapidamente se esqueceu do fogo que caiu no Carmelo, mas Deus tinha outro propósito além de mostrar o seu poder. Sua palavra ainda seria proclamada, uma palavra que expressava o mistério de sua salvação.

Elias estava à frente de uma longa sucessão de profetas que ministraram a palavra de Deus. Não no trovão do Sinai nem no fogo do Carmelo, mas na palavra suave de revelação a seus profetas o Senhor revelaria o plano incrível de sua misericórdia salvadora. Muito mais tarde, o último dos grandes profetas, João Batista, viria no espírito e no poder de Elias para anunciar o cumprimento do plano de Deus: o próprio Senhor havia vindo para salvar o seu povo.

Assim como Elias, João havia contado com fogo do céu. Ele pensou que Jesus, aquele que viria, precisava derrubar os ímpios como árvores para introduzir as bênçãos do reino. Quando Jesus operou milagres de bênção e não de juízo, João ficou confuso. Suas próprias denúncias da iniquidade

haviam-no trancado na prisão do rei Herodes. Ali ele ouviu que Jesus estava até ressuscitando os mortos (Lc 7.18). Mas onde estava a sua obra de libertação? Como os pobres e oprimidos poderiam receber a bênção de Deus se os seus opressores não fossem julgados?

João enviou seus discípulos a Jesus com a pergunta: "És tu aquele que haveria de vir ou devemos esperar algum outro?" (Lc 7.19). Assim como Elias, João esperava que o Senhor trouxesse destruição sobre os inimigos do reino de Deus. Diante dos discípulos de João, Jesus operou mais de seus milagres, milagres que cumpriam as profecias de modo preciso (Is 35.5,6). Então disse: "Bem-aventurado é aquele que não se desvia por minha causa" (Lc 7.23). A voz suave do Senhor instruiu João como havia instruído Elias. Ele não faria sua obra dessa maneira.

Se o fogo da santidade efetivamente descesse, tudo precisaria ser consumido. Seria o dia do juízo não somente para o rei Herodes, que havia aprisionado João, mas também para o próprio João e seus discípulos. Jesus havia vindo não para trazer juízo, e sim para arcar com ele. Quando Elias apareceu com Moisés no monte da Transfiguração, falou com Jesus a respeito de sua morte vindoura. Estava claro que o mistério da redenção divina somente poderia ser realizado por meio do sacrifício no Calvário.

De Elias a João Batista, todos os profetas estavam preparando o caminho para aquele que viria. O próprio Moisés predisse a vinda de um grande profeta a quem as pessoas precisavam ouvir (Dt 18.18). Profetas escreveram a história de Israel, descrevendo a fidelidade e a infidelidade dos reis e dos juízes de Israel. Eles escreveram uma mensagem dolorida de apostasia, juízo e condenação. Ainda assim, não eram profetas da desgraça, remetendo a memórias do passado. Antes, adotaram a postura de sentinelas

sobre os muros de Jerusalém, olhando para a salvação vindoura do Senhor (Is 62.6,7).

Quando Israel entrou na terra sob Josué, o povo recitou as bênçãos e os juízos da aliança divina, registrados em Deuteronômio 27—29. As promessas de Deus haviam se cumprido. Apesar da história cansativa da desobediência de Israel, Deus tinha lhes dado a terra e Salomão podia bendizer a Deus por fazer o que havia prometido. No entanto, a apostasia de Israel, evidente mesmo durante o reinado de Salomão, trouxe os juízos de Deuteronômio. Contudo, em Deuteronômio 30, vemos que Deus havia prometido ainda mais. Depois que o juízo houvesse levado Israel para o Exílio, Deus reuniria mais uma vez o seu povo e circuncidaria o coração deles (Dt 30.6).

Os profetas foram fiéis à essa mensagem. Alertaram o povo da maneira que Deus usaria as nações gentílicas como seus instrumentos para julgar Israel. Também alertaram as nações. Os invasores que devastaram Israel não estavam lutando a guerra santa de Deus. Não eram os santos vingadores de Deus como Israel havia sido chamado a ser quando entrou em Canaã. Antes, eram como animais predadores que devoravam suas presas. Adoravam a rede de arrastão de sua própria força militar. Deus efetivamente os usaria, mas também os julgaria (Is 10.5-19; 34.2-4).

Mesmo em meio ao juízo de Deus sobre Israel, seus propósitos certamente se cumpririam. Deus havia chamado Abraão para ser uma bênção para as nações. Se Israel falhasse em seu chamado por causa da desobediência, então o castigo pela sua desobediência cumpriria o plano de Deus. A fome que Elias trouxe sobre Israel levou a palavra do Senhor a uma viúva gentia (1Rs 17.8-14; Lc 4.26). Naamã, o general sírio levado para

açoitar Israel, foi curado de sua lepra pelo profeta Eliseu — curado, sem dúvida, para continuar suas incursões militares contra Israel (2Rs 5).

O retrato mais completo de como o juízo sobre Israel poderia trazer bênçãos aos gentios encontra-se na história de Jonas. O Senhor ordenou o profeta Jonas a ir e pregar a sentença de juízo divino contra Nínive (Jn 1.2). Jonas desobedeceu ao Senhor; rumou na direção oposta, viajando de barco rumo a Társis no Ocidente. Sua motivação era clara: Nínive naquela época era a capital do poder avassalador da Assíria. Contudo, seus exércitos ameaçavam a existência de Israel. (A única representação de um rei de Israel que chegou até nós está no "Obelisco Preto" de Salmanaser III, no Museu Britânico.[2] A estela assíria mostra Jeú, o rei de Israel, beijando o chão diante do rei de Nínive. Atrás de Jeú estão os servos carregando o tributo que ele trouxe à Assíria.)

Jonas havia profetizado alívio para Israel. A nação, efetivamente, desfrutou de prosperidade durante o reinado de Jeroboão II (2Rs 14.25). Mas agora, como confessa no final do livro (Jn 4.2), Jonas está cheio de temor. Suponha que sua ameaça profética seja seguida. O que acontece se Nínive se arrepender de sua perversidade? Deus não a poupará? Se Nínive for poupada, como Israel estará a salvo?

Jonas decidiu que ele era dispensável. Deus o tinha chamado para avisar Nínive de que, em quarenta dias, a cidade seria destruída. Se ele se eximisse de agir, os ninivitas não receberiam o aviso e a destruição de Nínive seria certa. Jonas estava disposto a perecer para que Israel fosse preservado.

Sua decisão explica não só seu plano sistemático de fazer uma viagem, mas também a calma impressionante de dormir durante a tempestade que logo atingiria o barco. Quando sua identidade foi revelada aos marinheiros aterrorizados, ofereceu um segundo plano que parecia ainda mais eficaz.

Que o lançassem no mar. A tempestade veio do Senhor; Jonas era o objeto da ira divina. Ele se afogaria, os marinheiros sobreviveriam — e Nínive não ouviria alerta algum.

Dentro da enorme criatura que Deus enviou para resgatar Jonas, o profeta confessa que a salvação era do Senhor. Ele havia descido, por assim dizer, às próprias profundezas da sepultura, mas o Senhor o havia poupado. Lançado na praia, Jonas por fim foi a Nínive. Pregou como Deus ordenara e seus piores temores se concretizaram. Os ninivitas efetivamente se arrependem, desde o rei até o servo mais humilde.

Vemos Jonas sentado fora da cidade, aguardando pelo quadragésimo dia, esperando contra toda a esperança de que o arrependimento de Nínive não atingisse os padrões divinos. Ele derrama seu "eu te disse" a Deus: "Ó Senhor, não foi isso que eu disse quando ainda estava em casa? Foi por isso que me apressei em fugir para Társis. Eu sabia que tu és Deus misericordioso e compassivo, lento para se irar e cheio de amor, um Deus que volta atrás para não enviar calamidades. Agora, Senhor, tira a minha vida, porque para mim é melhor morrer do que viver" (Jn 4.2,3).

Jonas estava certo, sem dúvida, em todas as suas considerações. Ele tinha razões para conhecer a compaixão e o amor de Deus! Também estava certo sobre Nínive. Ainda que Deus a tenha poupado, depois de alguns anos exércitos marcharam de Nínive para conquistar Israel e deportar seu povo para o Exílio. O que Jonas esqueceu foi o chamado de Israel para testemunhar acerca da justiça e da misericórdia de Deus de modo que os gentios pudessem ouvir.

Deus havia abençoado Abraão, mas também o chamou para ser bênção para todas as famílias da terra. Apesar do zelo de Jonas por Israel, essa nação pecaminosa não podia escapar do juízo divino. Deus poupou Nínive

para usá-la como sua arma contra Israel. Se o pecado de Israel levava o nome de Deus a ser blasfemado entre as nações, então, ao julgar Israel, Deus tornaria seu nome conhecido. Ao julgar Israel, Deus trouxe bênção às nações.

A própria história de Jonas tornou-se uma parábola de esperança para o povo de Deus exilado. Engolidos em um mar de nações, não foram esquecidos pelo Senhor. A salvação pertence ao Senhor, que efetivamente libertaria seu povo, e o faria por uma ressurreição dentre os mortos. O sinal de Jonas tem seu cumprimento em Jesus Cristo (Mt 16.4). Acerca dele foi profeticamente afirmado que era melhor que um homem morresse para que a nação não perecesse (Jo 11.50-52). Jesus, o Servo obediente do Senhor, fez o que Jonas estava disposto a fazer na tolice de sua desobediência. Jesus entregou sua vida para trazer salvação ao povo de Deus. A salvação pertence ao Senhor!

O próprio Senhor precisa salvar, pois a situação da humanidade pecadora é desesperadora demais para qualquer salvador menos eficaz do que ele. A Ezequiel foi concedida uma visão do povo de Deus em seu cativeiro. Chamá-los de assembleia de Deus seria grotesco. Eles ocupavam todo o vale, mas estavam todos mortos e decompostos, com os ossos já secos. Ezequiel nem sequer viu esqueletos ordenados à medida que andava no amplo vale da morte. A pergunta do Senhor parecia absurda: "Filho do homem, esses ossos podem voltar a viver?" (Ez 37.3).

Ezequiel não deu uma resposta evidente. Tinha algum conhecimento de Deus: "Ó Soberano Senhor, só tu o sabes" (Ez 37.3). E assim o Senhor deu a seu profeta sua tarefa mais extraordinária. Ele deveria proferir sua mensagem profética a esses ossos secos: "Ossos secos, ouçam a palavra do Senhor!" (Ez 37.4).

Ezequiel nos apresenta um retrato de uma cena sinistra, mas triunfante. Os ossos secos faziam barulho ao se juntarem; tendões, carne e pele apareceram sobre eles. Mais uma vez Ezequiel profetizou e, à sua palavra, o fôlego de vida entrou neles: "Eles tornaram a viver e se levantaram — um grande exército" (Ez 37.10).

A promessa de Deus que acompanhou a visão falou não somente a respeito de libertar Israel dos sepulcros de seu cativeiro, mas também de colocar o seu Espírito neles para que pudessem viver. Nenhum exilado israelita poderia pintar um quadro mais escuro a respeito da condição de um povo cativo e disperso. A situação estava além de uma solução humana. Só Deus poderia dar a vida do seu Espírito para o vale dos mortos. A imagem do vale de Ezequiel estava diante do apóstolo Paulo quando retratou a condição do mundo perdido: morto em suas transgressões e pecados (Ef 2.1; Cl 2.13).

O Senhor tinha de vir não somente porque a condição do homem era impossível, mas porque suas promessas também eram impossíveis. Abraão tinha dado risada diante da promessa impossível de que Sara teria um filho em sua idade avançada. Ele queria que Deus atenuasse suas promessas e se satisfizesse com Ismael, o filho de Agar, a escrava de Sara. Mas palavra alguma é demais para Deus (Gn 18.14). Isaque, "Riso", nasceu no tempo determinado por Deus.

Se as promessas dos profetas não tivessem vindo de Deus teriam sido pura fantasia. Eles anunciaram desastre e condenação, mas também que Deus ainda tinha algo mais para o seu povo. Isaías retratou o corte do cedro da soberba de Israel. Acabou, então, toda a esperança? Não, porque o toco das árvores permanecia na terra, e um renovo brotaria para se tornar um

estandarte, uma bandeira à qual as nações seriam reunidas (Is 10.33,34; 11.1,10).

Duas respostas foram dadas às perguntas de desespero das quais até os profetas partilhavam. Primeiro, a destruição não seria total: Deus pouparia um *remanescente*. Segundo, a destruição não seria derradeira: Deus traria *renovação*. O toco do cedro era o remanescente; o renovo era a renovação divina.

O remanescente, na verdade, pode ter sido lamentavelmente pequeno: como os restos da colheita que são deixados no canto do campo, ou algumas olivas esquecidas no topo da árvore (Is 17.5,6). Amós comparou o remanescente a um único carvão em brasa retirado de uma fogueira, ou às pernas e orelhas que sobraram do ataque de um leão (Am 3.11,12; 4.11). Mas Deus cuidaria dos seus. Os grãos bons não cairiam no chão (Am 9.9).

Depois de uma tempestade de juízo, viria o arco-íris radiante da promessa. Deus não somente libertaria o seu povo; removeria seu coração de pedra e daria a eles um coração de carne (Ez 36.26,27). Ele estabeleceria uma nova aliança com eles (Jr 31.31-34). Paz e justiça universais seriam estabelecidas no novo céu e na nova terra (Is 11.6-9; 65.17-25).

Na verdade, rios de água fluirão de cada colina, a lua brilhará como o sol, o Senhor curará as feridas do seu povo (Is 30.23-26). Um remanescente das nações inimigas será libertado junto com o remanescente de Israel (Jr 48.47; 49.6; Sl 87.4,5). E o Senhor repartirá seu banquete com todos os povos:

> Neste monte o Senhor todo-poderoso preparará
> um farto banquete para todos os povos,
> um banquete de vinho envelhecido —
> a melhor carne e o vinho mais fino.

Neste monte ele destruirá
    o véu que envolve todos os povos,
o lençol que cobre todas as nações;
    ele engolirá a morte para sempre (Is 25.6-8).

Na verdade, o transbordamento da bênção será tão inimaginável que tanto o Egito quanto a Assíria adorarão o Deus de Israel. Os egípcios viajarão do Sul atravessando diretamente a terra de Israel para adorar a Deus na Assíria, e os assírios farão a mesma peregrinação no sentido oposto, passando por Jerusalém para adorar a Deus no Egito (Is 19.23). Os nomes carinhosos dados pelo Senhor ao seu povo da aliança serão dados ao abençoar essas nações inimigas: "Bendito sejam o Egito, meu povo, a Assíria, obra de minhas mãos, e Israel, minha herança" (Is 19.25).

Depois do retorno do Exílio, alguns choraram diante da aparente insignificância do seu Templo, ao relembrarem o esplendor do passado. Onde estava a glória que Deus havia prometido? O profeta Zacarias não deu a entender que Deus talvez houvesse prometido demais, e que o povo precisaria estar satisfeito com o que tinham. Pelo contrário, começou a descrever mais uma vez o que é indescritível: uma Jerusalém em que cada vaso é tão santo quanto um recipiente do Templo, em que os freios dos cavalos trazem a inscrição da placa de ouro da tiara do sumo sacerdote ("Santidade ao Senhor") e em que o habitante mais fraco é como o rei Davi (Zc 12.8; 14.20,21). Uma pergunta ainda ficou sem resposta. Como será o rei naquele dia? "A casa de Davi será como Deus, como o anjo do Senhor que vai adiante deles" (Zc 12.8).

Evidentemente, os oráculos dos profetas estão repletos de imagens e poesia. Isaías não precisava de um cientista moderno para indicar a ele a dificuldade em potencial de um sol sete vezes mais brilhante do que aquele

que queimava os campos no verão em Israel. Mas os profetas usam a linguagem figurada para retratar uma bênção que não é inferior às suas palavras, mas, sim, superior. Do mesmo modo, as visões concedidas a João no livro de Apocalipse retratam a glória inimaginável da verdadeira e derradeira Cidade de Deus.

O Senhor virá

As promessas dos profetas vão além do que se pode expressar. Isso precisa ocorrer, pois é o próprio Deus quem as cumprirá. Aquele que traz uma luz mais brilhante do que o sol é o Deus da Glória:

> Levante-se, brilhe! Porque a sua luz chegou,
> e a glória do SENHOR se ergue sobre você.
> Olhe! A escuridão cobre a terra,
> e densas trevas envolvem os povos,
> mas o SENHOR se ergue sobre você,
> e a sua glória aparece sobre você (Is 60.1,2).

Se o povo de Deus disperso deve ser reunido para ser um só povo, o próprio Deus precisa ser o seu Pastor. Ezequiel apresenta a palavra do Senhor contra os falsos pastores que cuidavam do rebanho de Deus de uma maneira tão sórdida:

> Assim diz o Soberano SENHOR: Estou contra os pastores e vou responsabilizá-los pelo meu rebanho. Eu lhes tirarei a função de apascentá-lo para que os pastores não mais se alimentem a si mesmos. […]
>
> Eu mesmo buscarei as minhas ovelhas e delas cuidarei. Assim como o pastor busca as ovelhas dispersas quando está cuidando do rebanho,

também tomarei conta de minhas ovelhas (Ez 34.10-12).

Isaías retrata de maneira vigorosa e carinhosa o Senhor como o Pastor, que lidera Israel no retorno do cativeiro em uma libertação como um segundo êxodo. Händel, em seu oratório *Messias*, musicou essa passagem das Escrituras: "Como pastor ele alimentará seu rebanho, com o braço ajuntará os cordeiros e os carregará no colo; e conduzirá com cuidado as ovelhas que estão com as crias" (Is 40.11, KJV).

O senhor virá como Guerreiro e também como Pastor. Em um mundo de exploração e injustiça, em que a verdade não pode ser encontrada em lugar algum, o Senhor olha e está descontente:

> Ele viu que não havia ninguém,
> ficou impressionado porque não havia ninguém para intervir;
> então o seu próprio braço operou salvação para si,
> e a sua própria justiça o sustentou.
> Ele vestiu a justiça como couraça,
> pôs na cabeça o capacete da salvação;
> encobriu-se com a veste da vingança
> e envolveu-se no zelo como numa capa (Is 59.16,17).

Falharam todos os pastores e juízes do povo de Deus, que precisa de um Salvador divino. Salvação significa libertação dos opressores maus que saqueiam o povo de Deus. Deus virá com poder para destruir os que o mantêm cativo. Contudo, o cativeiro desse povo é mais escuro, seu calabouço mais profundo do que qualquer coisa que armas podem implementar. Ele é mantido em cativeiro pelos seus próprios pecados. Por isso Miqueias proclama que Deus triunfará não só sobre seus inimigos, mas

também sobre os pecados deles. Quando Deus mostrar sua salvação, as nações verão, se envergonharão e temerão:

> Quem é comparável a ti, ó Deus,
> que perdoas o pecado e esquece a transgressão
> do remanescente da sua herança?
> Tu, que não permaneces irado para sempre,
> mas tens prazer em mostrar misericórdia.
> De novo terás compaixão de nós;
> pisarás os nossos pecados
> e atirarás todas as nossas iniquidades nas profundezas
> do mar (Mq 7.18,19).

Deus tem poder para salvar. Nenhum inimigo pode resistir ao Guerreiro divino, cujos carros são as nuvens. Os milagres do êxodo, a queda de Jericó, as vitórias de Davi, tudo mostrou o poder de Deus. Mas os profetas proclamam uma salvação ainda mais profunda. O Senhor não precisa libertar seu povo somente de correntes; precisa libertá-los do pecado. Para libertar seu povo, Deus precisa conquistar seu coração.

Deus vem, portanto, não somente na majestade do seu poder, mas na compaixão do seu amor. O Guerreiro e Juiz, que também é Pastor, cuida do seu povo:

> Ele disse: "Sem dúvida eles são o meu povo,
> filhos que não me trairão";
> e assim ele se tornou o Salvador deles.
> Em toda a aflição deles ele também se afligiu,
> e o anjo da sua presença os salvou.
> Em seu amor e em sua misericórdia os redimiu;

os levantou e os carregou
nos dias passados (Is 63.8,9).

Sem dúvida, o Pastor de Israel é Marido e Pai do seu povo. O profeta Oseias é orientado a receber de volta Gômer, sua esposa adúltera, para mostrar o amor de Deus pelo Israel apóstata. As imagens são combinadas em Ezequiel, em que o Senhor é retratado encontrando Israel como uma bebê abandonada que foi jogada em campo aberto ainda no sangue do seu nascimento. O Senhor concede vida a ela, crescimento até a maturidade; ele a limpa e veste e a torna sua noiva (Ez 16.1-14), mas depois de tudo isso ela lhe vira as costas e se volta para outros amantes, usando as dádivas recebidas dele para seduzi-los.

Os amantes de Israel se voltaram contra ela e se tornaram instrumentos de Deus para julgá-la. Mas, por fim, Deus reestabeleceria a sua aliança. Seu povo finalmente se arrependeria e se sentiria envergonhado:

> Por isso estabelecerei a minha aliança com você, e você saberá que eu sou o Senhor. Então, quando eu fizer expiação em seu favor por tudo o que tem feito, você se lembrará e se envergonhará e jamais voltará a abrir a boca por causa da sua humilhação, declara o Soberano Senhor" (Ez 16.62,63).

O quadro muda: como Pai, Deus lidera seu pequeno filho Israel para fora do Egito, segurando-o pela mão e ensinando-o a andar (Os 11.3). A rebeldia do filho traz juízo, mas o Senhor exclama:

Como posso desistir de você, Efraim?
Como posso entregá-lo nas mãos de outros, Israel?
Como posso tratá-lo como tratei Admá?

Como posso fazer com você o que fiz com Zeboim?
O meu coração está comovido,
despertou-se toda a minha compaixão.
Não executarei a minha ira impetuosa,
nem tornarei a devastar Efraim.
Pois sou Deus e não homem —
o Santo no meio de vocês.
Não virei com ira (Os 11.8,9).

O oráculo do profeta continua declarando que o Senhor rugirá como leão para reunir seus filhos do ocidente e do oriente.

Quando o Senhor vier para julgar e para salvar, as próprias árvores do bosque cantarão de alegria diante dele (Sl 96.12,13) e seu povo se unirá na canção:

Cante, ó filha de Sião;
grite bem alto, ó Israel!
Alegre-se, regozije-se de todo o coração,
ó filha de Jerusalém!
O Senhor removeu o seu castigo,
ele fez retroceder o seu inimigo.
O Senhor, o Rei de Israel, está com você;
nunca mais você temerá perigo algum. […]
O Senhor, o seu Deus, está com você,
ele é poderoso para salvar.
Ele se alegrará em você;
ele o aquietará com o seu amor,
ele se alegrará em você com cânticos (Sf 3.14,15,17).

O Servo do Senhor virá

A palavra da promessa divina não voltará vazia. Sua graça não deixará de alcançar o seu propósito. Sua compaixão triunfará. A terrível destruição de sua ira contra a apostasia não será completa ou final, pois Deus quer salvar além do que se pode imaginar.

Contudo, de Deus não se zomba. Precisa haver uma resposta ao seu amor. Se ele é Senhor, então precisa ser amado e servido como Senhor. Se ele é Pai, tem de reivindicar seu verdadeiro filho. A menos que nossa desobediência seja superada, a vinda de Deus deve ser temida e não saudada: "Quem suportará o dia da sua vinda? Quem ficará em pé quando ele aparecer?" (Ml 3.2).

Deus guardou a sua aliança; seu povo a quebrou. Se deveria haver uma nova aliança da promessa, não seria suficiente que Deus viesse em glória. As pessoas também precisavam ser representadas. Abraão, Isaque, Jacó, José, Moisés, Josué, Sansão, Samuel, Davi, Salomão, Elias, Eliseu, Jonas, Isaías, Jeremias, Daniel — todos os profetas, sacerdotes e reis de Israel ficaram muito aquém. Eles lideraram Israel, oraram pelo povo, argumentaram e contenderam com ele, lutaram por ele, mas não podiam guardar a aliança divina em seu lugar. Não podiam tomar o lugar do povo ou fazer a parte dele. Um Salvador mais grandioso era necessário.

Esse Salvador viria. Acompanhando a promessa de que o Senhor viria está a promessa de que o Servo viria: um Profeta como Moisés, mas um Mediador melhor; um sacerdote como Arão, mas alguém da ordem régia de Melquisedeque; um Rei como Davi, mas que receberia um trono eterno. A nova humanidade precisava ser fundada por um segundo Adão, o descendente da mulher que esmagaria a cabeça da serpente. A promessa a Abraão seria cumprida em outro Isaque, a verdadeira Semente em quem as

nações seriam abençoadas. O novo Israel precisava ser estabelecido na pessoa do Servo do Senhor. Aqui está a declaração desse Servo individual:

> Ele me disse: "Você é meu servo,
> Israel, em quem mostrarei o meu esplendor". [...]
> E agora o SENHOR diz —
> aquele que me formou no ventre para ser o seu servo,
> para trazer de volta Jacó
> e reunir Israel a ele mesmo [...]
> "Para você é coisa pequena demais ser meu servo
> para restaurar as tribos de Jacó
> e trazer de volta aqueles de Israel que eu guardei.
> Também farei de você uma luz para os gentios,
> para que você leve a minha salvação até os confins
> da terra" (Is 49.3-6).

O Servo de Deus deveria ser identificado com Israel e chamado pelo nome de Israel, contudo também seria distinto de Israel, pois traria de volta e restauraria aqueles que restariam de Israel, e ele seria a luz de Deus para os gentios. O chamado e a escolha de Israel haviam sido ridicularizados quando Israel optou por outros deuses. Portanto, Deus escolheria seu Servo e colocaria o seu Espírito sobre ele (Is 42.1). O Servo de Deus cumpriria o chamado de Israel entre as nações, e nele o novo e verdadeiro Israel seria estabelecido (Rm 9.6-8; 15.8,9).

O Servo eleito de Deus seria sua alegria, contudo seria chamado para a humilhação e para o sofrimento. Os inimigos do Senhor seriam os seus inimigos; as acusações dirigidas a Deus seriam amontoadas sobre ele (Sl

69.9). A mensagem surpreendente no que diz respeito ao Servo Sofredor de Deus levou o ministério dos profetas ao ápice (Is 53).

O sofrimento do Servo de Deus seria brutal e espantoso. Homens ficariam horrorizados diante da crueldade que ele sofreu. Ele seria um homem de sofrimento — espancado, machucado, açoitado, ferido e executado. Seria desfigurado em seus sofrimentos a ponto de que sua aparência mal pareceria humana. Não teria beleza, ninguém o quereria. Experimentaria dor, abandono, desamparo: um homem de tristezas e familiarizado com a aflição. Os soberbos e poderosos o desprezariam como insignificante; pessoas o acusariam de réprobo. Suas torturas não o caracterizam como alguém rejeitado por Deus?

Contudo, o Servo suportaria tudo isso com uma mansidão submissa. Ele seria justo e inocente, mesmo assim não ofereceria resistência. Seria conduzido como um cordeiro ao matadouro, ou como uma ovelha para ser tosquiada (Is 53.7).

Ainda mais surpreendente, haveria significado nessa tragédia. A morte agonizante do Servo de Deus seria um sacrifício. Ele sofreria por decreto divino (Is 53.10). Ele não era um transgressor, mesmo assim foi contado com os transgressores, pois tomaria sobre si os pecados de muitos. Éramos como ovelhas que se perderam, mas o Senhor colocaria sobre ele a iniquidade de todos nós (Is 53.6). "Depois de preso e sentenciado ele foi levado. E quem se importou para onde o levaram? Pois ele foi eliminado da terra dos viventes; ferido com a morte por causa da transgressão do meu povo" (Is 53.8).[3] Sua alma se tornaria um sacrifício pelo pecado (Is 53.10).

Ele sofreria como substituto daqueles que deveriam ser abatidos. Ele o faria de maneira voluntária, pois tomaria ativamente sobre si as suas dores,

tristezas e doenças. Ele intercederia pelos transgressores. Por suas feridas eles seriam curados.

O sacrifício do Servo resultaria em vitória, uma vitória régia e sacerdotal proclamada às nações. Ele seria um vitorioso régio. O Servo triunfante de Deus teria êxito completo, seria elevado e muitíssimo exaltado (Is 52.13). O prazer do Senhor prosperaria em sua mão. Ele justificaria muitos e compartilharia com eles os despojos do seu triunfo. Como Sacerdote, ele aspergiria muitas nações e intercederia por pecadores. As nações ouviriam estupefatas o significado dos seus sofrimentos.

Aqui finalmente está a culminação da longa história de sofrimento dos servos de Deus. Moisés suportou a reprovação de Israel. Elias fugiu para salvar sua vida. Jeremias foi lançado em uma cisterna. Mas Isaías retrata alguém que é mais do que um profeta. Como esses profetas, ele foi perseguido, mas, diferente deles, era sem pecado. Davi também suportou reprovação pela causa do Senhor, mas trouxe vergonha sobre o seu governo pelo seu próprio pecado. O Senhor o libertou e restaurou seu trono, mas Davi nunca foi exaltado à direita de Deus. Os sacerdotes ofereciam sacrifícios diários, mas o Servo oferece a si mesmo como oferta pelo pecado. A unção do Servo é com o Espírito Santo; o ministério do Servo é concretizar a salvação de Deus até os confins da terra.

Na mensagem dos profetas, a vinda do Servo ungido de Deus é retratada de modo ainda mais parecido à vinda do próprio Deus. Quando Deus vier para ser o Pastor do seu povo, Davi será o pastor (Ez 34.23). Quando o cidadão mais humilde de Jerusalém for como o rei Davi, a casa de Davi será como Deus, como o anjo do Senhor diante deles (Zc 12.8). Os nomes divinos são dados para o Rei prometido: “Porque um menino nos nasceu, um filho nos foi dado, e o governo estará sobre os seus ombros. E

ele será chamado Maravilhoso Conselheiro, Deus Poderoso, Pai Eterno, Príncipe da Paz" (Is 9.6).

O nome "Poderoso Deus" é atribuído ao Senhor por Isaías no próximo capítulo (Is 10.21). Como, então, pode se referir ao Messias? "Por isso o próprio Senhor dará a vocês um sinal: a virgem ficará grávida, dará à luz um filho e o chamará Emanuel ['Deus conosco']" (Is 7.14).

Como Adão foi feito à imagem de Deus, há um sentido em que ele pode ser chamado de filho de Deus (Lc 3.38). Os anjos também são chamados de filhos de Deus no Antigo Testamento (Jó 1.6). Contudo, na exaltação do Messias régio, uma filiação singular é atribuída a ele (Sl 2.6; cf. Sl 72). Jesus lembrou seus críticos que Davi referiu-se a seu Filho prometido como seu Senhor (Sl 110.1; Mt 22.43-45). O Anjo da Aliança que viria a seu Templo não era outro além do próprio Senhor (Ml 3.1). Malaquias, o último dos profetas do Antigo Testamento, predisse a vinda de Elias como seu mensageiro (Ml 4.5). João Batista, vindo no Espírito e no poder de Elias, cumpriu essa promessa e proclamou a vinda daquele cujos sapatos não era digno de desamarrar. Ele era a voz que clama no deserto: "Preparem o caminho para o Senhor!" (Mt 3.3).

A história de Jesus no Antigo Testamento torna-se a história do evangelho no Novo. No milagre da encarnação, o próprio Senhor vem para trazer a salvação do seu povo. "Nenhuma palavra é impossível para Deus" — sua promessa a Sara foi guardada para Maria (Gn 18.14; Lc 1.37). A virgem concebeu como o anjo havia prometido: "O Espírito Santo virá sobre você, e o poder do Altíssimo a cobrirá com a sua sombra. Assim, o santo que há de nascer será chamado Filho de Deus" (Lc 1.35). Aquele que nasceu de Maria não era somente o Cristo de Deus (Lc 2.26). Era, como o anjo disse, Cristo, o Senhor (Lc 2.11). Ele veio como luz para os gentios e a glória de Israel

(Lc 2.32). “E a Palavra tornou-se carne e tabernaculou entre nós (e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai), cheio de graça e de verdade” (Jo 1.14, ASV, rodapé). “Ninguém jamais viu a Deus, mas o Deus Unigênito, que está junto do Pai, o tornou conhecido” (Jo 1.18, NIV, rodapé). Jesus podia dizer: “Eu e o Pai somos um. […] Qualquer pessoa que me viu, viu o Pai” (Jo 10.30; 14.9).

Como Senhor, Jesus deu ordens às tempestades e aos demônios. Ele andou sobre as ondas e ressuscitou os mortos quando deu ordem para tal. Falou com autoridade, perdoou pecados e reivindicou a adoração de seus discípulos. Tomé caiu a seus pés quando viu o Senhor ressurreto, confessando: “Meu Senhor e meu Deus!” (Jo 20.28). Pedro reconheceu em nome de todos que Jesus era o Cristo, o Filho do Deus vivo (Mt 16.16).

Anos depois da ascensão de Cristo, Pedro escreveu para os cristãos da Ásia Menor encorajando-os enquanto enfrentavam perseguição pela causa de Cristo. Ele citou um trecho da profecia de Isaías que afirma: “Não temam o temor deles, nem fiquem apavorados” (Is 8.12, LXX). Mas quando Isaías continua: “Santifiquem o próprio Senhor” (Is 8.13), Pedro em vez disso escreve: “Santifiquem o Senhor, o Cristo” (1Pe 3.15, TA). Para Pedro, Cristo Jesus, que havia dormido em seu barco de pesca, deveria ser santificado como o próprio Senhor.

Cristo, o Senhor, é confessado como Deus Filho no Novo Testamento. Também é revelado como o Servo. Ele vem para fazer a vontade do Pai, para dar sua vida como resgate por muitos. Israel era a vinha de Deus nos Profetas (Is 5), mas Jesus Cristo é a vinha verdadeira. Ele cumpre o ministério da circuncisão em prol da verdade de Deus, para que confirme as promessas feitas aos patriarcas e para que os gentios glorifiquem a Deus por causa da sua misericórdia (Rm 15.8,9).

Embora fosse tentado em todos os aspectos como nós, era sem pecado. Ele cumpriu toda a justiça. Foi para a sua morte na cruz de modo resoluto: "Ele mesmo levou em seu corpo os nossos pecados sobre o madeiro, a fim de que morrêssemos para os pecados e vivêssemos para a justiça; por suas feridas vocês foram curados" (1Pe 2.24).

No terceiro dia ressuscitou dentre os mortos, mostrou-se aos seus discípulos durante quarenta dias e depois disso subiu ao céu para receber sua glória à direita do Pai. Selou sua vitória sobre o pecado e a morte ao enviar o Espírito a partir do trono. Agora é Senhor do universo, e Cabeça do seu corpo, a igreja. Toda a história se desenrola para completar a história de Jesus até o dia em que ele virá novamente.

> Ele é a imagem do Deus invisível, o primogênito sobre toda a criação. Pois por ele foram criadas todas as coisas: coisas no céu e na terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos, sejam poderes, governantes ou autoridades; todas as coisas foram criadas por ele e para ele. Ele é antes de todas as coisas, e nele tudo subsiste. E ele é a cabeça do corpo, a igreja; é o princípio e o primogênito dentre os mortos, para que em tudo tenha a supremacia. Pois foi do agrado de Deus que nele habitasse toda a plenitude e por meio dele reconciliasse consigo todas as coisas, tanto as que estão na terra quanto as que estão no céu, estabelecendo a paz pelo seu sangue derramado na cruz (Cl 1.15-20).

Questões para estudo

1. Liste os elementos da adoração pagã que Jeroboão introduziu na adoração ao Senhor.
2. O Senhor rejeitou Israel por causa dos pecados de Jeroboão? O que Deus fez?

3. O que aconteceu no monte Carmelo? Qual foi o papel de Elias? O que Elias precisou aprender?
4. De que maneira João Batista era como Elias?
5. Qual foi a resposta de Jonas ao chamado de Deus?
6. O que Jonas temia que os habitantes de Nínive fizessem? Do que Jonas havia se esquecido?
7. Como o sinal de Jonas se cumpriu em Jesus Cristo?
8. Descreva a visão de Ezequiel. Que promessa de Deus estava incluída nessa visão?
9. "O Senhor precisava vir, não somente porque a condição do homem era impossível, mas porque suas promessas também eram impossíveis". Comente.
10. Como Isaías retrata o Senhor em Isaías 40.11? E em Isaías 59.16,17?
11. Que ordem Oseias recebeu? Por quê?
12. O Servo do Senhor foi chamado para _____ e para _____. Comente.
13. Escreva com suas próprias palavras: "Ele sofreria como substituto para aqueles que deveriam ser abatidos".
14. Quem era o Servo do Senhor?
15. Como Jesus selou sua vitória sobre o pecado e a morte?
16. Leia Colossenses 1.15-20. Escreva uma breve conclusão para *Encontrando Cristo no Antigo Testamento* com base nessa passagem.

Questões para aplicação

1. De que maneiras você percebe o paganismo vivo em nossa cultura hoje? Há elementos de paganismo infiltrando a igreja?

2. Você se sente às vezes como Jonas (i.e., você não quer que pessoas pouco amáveis recebam a misericórdia divina)? O que a Bíblia afirma a respeito de quem mais precisa de Deus? Leia Mateus 9.12,13.
3. A igreja às vezes se parece como o vale de ossos secos? Cite exemplos. Qual é a promessa de Deus para a igreja? Leia Mateus 16.18.
4. Deus é retratado tanto como Pastor quanto como Guerreiro. Como você harmoniza esses dois conceitos?
5. Leia o salmo 23. De que maneira o Senhor é o seu pastor?
6. Como você pode ter certeza de que será ressuscitado dentre os mortos? Leia Romanos 8.11.
7. Quais são as verdades principais que aprendeu ao ler e estudar *Encontrando Cristo no Antigo Testamento?*
8. Você recomendaria o livro para outras pessoas? Justifique.

[1] "Ocupado" na tradução da NIV é um eufemismo. A ridicularização de Elias era mais terrena. Estar ocupado como ele sugeriu estava relacionado com o banheiro.

[2] J. D. Douglas, *The illustrated Bible dictionary*, vol. 2, p. 742.

[3] Para esta tradução, veja Henri Blocher, *Songs of the Servant* (Downers Grove: InterVarsity, 1975), p. 64.

ÍNDICE DE PASSAGENS BÍBLICAS

ANTIGO TESTAMENTO

Gênesis

1.3 … *[1]*
1.22 … *[1]*
1.26 … *[1]*, *[2]*
1.27 … *[1]*, *[2]*, *[3]*, *[4]*
1.28 … *[1]*
2 … *[1]*
2.4 … *[1]*
2.9 … *[1]*
2.20-25 … *[1]*
2.23 … *[1]*, *[2]*, *[3]*
3.1 … *[1]*
3.4 … *[1]*
3.5 … *[1]*
3.12 … *[1]*
3.13 … *[1]*
3.15 … *[1]*, *[2]*, *[3]*
3.19 … *[1]*
3.20 … *[1]*
4.1 … *[1]*

4.23 … *[1]*
4.24 … *[1]*
4.25 … *[1]*
5.1 … *[1]*
5.3 … *[1]*
6.9 … *[1]*
9.6 … *[1]*
9.27 … *[1]*
10.1 … *[1]*
11.4 … *[1]*
11.10 … *[1]*
11.27 … *[1]*
12.2 … *[1]*
12.7 … *[1]*
12.8 … *[1]*
15.1 … *[1]*
15.2 … *[1]*
15.5 … *[1]*
15.6 … *[1]*, *[2]*
15.8 … *[1]*
15.12 … *[1]*
15.13 … *[1]*
15.16 … *[1]*, *[2]*
15.17 … *[1]*
18.2-33 … *[1]*
18.10 … *[1]*
18.13 … *[1]*

18.14 … *[1]*, *[2]*, *[3]*, *[4]*
18.15 … *[1]*
18.17 … *[1]*
18.22 … *[1]*
19.1 … *[1]*
20.17 … *[1]*
21.2 … *[1]*
21.6 … *[1]*
21.7 … *[1]*
21.12 … *[1]*
22.2 … *[1]*, *[2]*
22.5 … *[1]*
22.6-8 … *[1]*
22.7 … *[1]*
22.14 … *[1]*, *[2]*
24.2 … *[1]*
24.9 … *[1]*
25.12 … *[1]*
25.19 … *[1]*
25.29-34 … *[1]*
27.37 … *[1]*
28.2 … *[1]*
28.3 … *[1]*
28.4 … *[1]*
28.12 … *[1]*
28.13 … *[1]*, *[2]*
28.14 … *[1]*

28.15 … *[1]*
28.16 … *[1]*
28.17 … *[1]*
31.49 … *[1]*
31.50 … *[1]*
32.1 … *[1]*
32.2 … *[1]*
32.10 … *[1]*
32.11 … *[1]*
32.26 … *[1]*, *[2]*
32.29 … *[1]*
32.30 … *[1]*
33.10 … *[1]*
35.9-15 … *[1]*
35.13 … *[1]*
35.22 … *[1]*
36.1 … *[1]*
36.9 … *[1]*
37.2 … *[1]*
37.3 … *[1]*
37.6 … *[1]*
37.7 … *[1]*
37.9 … *[1]*
46.26 … *[1]*
47.9 … *[1]*, *[2]*
49 … *[1]*
49.3 … *[1]*

49.4 … *[1]*
49.5 … *[1]*
49.7 … *[1]*
49.8 … *[1]*
49.10 … *[1]*, *[2]*
49.22-26 … *[1]*
49.24 … *[1]*
49.25 … *[1]*
50.20 … *[1]*

Êxodo

1.5 … *[1]*
2.13 … *[1]*
2.14 … *[1]*, *[2]*
3.10 … *[1]*
3.11 … *[1]*
4.22 … *[1]*
4.23 … *[1]*, *[2]*, *[3]*
4.24 … *[1]*, *[2]*
6.6 … *[1]*
13.15 … *[1]*
14.11 … *[1]*
14.12 … *[1]*
14.13 … *[1]*, *[2]*
14.14 … *[1]*, *[2]*
15.1 … *[1]*
15.2 … *[1]*

15.26 … *[1]*
17.1 … *[1]*
17.1-7 … *[1]*
17.2 … *[1]*, *[2]*
17.3 … *[1]*
17.5 … *[1]*
17.6 … *[1]*, *[2]*
17.7 … *[1]*, *[2]*, *[3]*, *[4]*
19.4-6 … *[1]*
19.18 … *[1]*
19.31 … *[1]*
20 … *[1]*
20.2 … *[1]*, *[2]*
20.4 … *[1]*, *[2]*
20.5 … *[1]*
20.14 … *[1]*, *[2]*
20.18 … *[1]*
20.21 … *[1]*
22.29 … *[1]*
23.21 … *[1]*, *[2]*
24.3 … *[1]*
31.18 … *[1]*
32.18 … *[1]*
32.25-29 … *[1]*
32.32 … *[1]*
32.33 … *[1]*
33.5 … *[1]*

33.15 … *[1]*
33.16 … *[1]*
33.18 … *[1]*
33.19 … *[1]*
33.20 … *[1]*
34.6 … *[1]*, *[2]*
34.9 … *[1]*, *[2]*
34.10-17 … *[1]*
34.14 … *[1]*, *[2]*

Levítico

7.11-18 … *[1]*
18.24 … *[1]*
18.25 … *[1]*
25.25 … *[1]*
25.48 … *[1]*
25.49 … *[1]*
26.13 … *[1]*

Números

3.11-13 … *[1]*
3.44-51 … *[1]*
6.24-26 … *[1]*
6.27 … *[1]*
8.14-19 … *[1]*
12.8 … *[1]*
20.7-13 … *[1]*

20.8 … *[1]*
21.4-9 … *[1]*, *[2]*
21.5 … *[1]*

Deuteronômio

4.15-24 … *[1]*
6.16 … *[1]*
8.2 … *[1]*, *[2]*
8.2-5 … *[1]*, *[2]*
8.3 … *[1]*, *[2]*
18.18 … *[1]*, *[2]*
19.17 … *[1]*
21.23 … *[1]*
25.1-3 … *[1]*
27—29 … *[1]*
27.12 … *[1]*
27.13 … *[1]*
28.1-14 … *[1]*
28.15-68 … *[1]*
30 … *[1]*, *[2]*
30.1-10 … *[1]*
30.6 … *[1]*, *[2]*
32.3 … *[1]*
32.4 … *[1]*
32.31 … *[1]*
33.1-5 … *[1]*

Josué

1.5 … *[1]*, *[2]*
1.9 … *[1]*
3.6 … *[1]*
5.2-9 … *[1]*
5.13 … *[1]*, *[2]*
5.14 … *[1]*, *[2]*
5.15 … *[1]*
6.2 … *[1]*
13.33 … *[1]*
19.1 … *[1]*
19.9 … *[1]*
21.1-3 … *[1]*

Juízes

3.9 … *[1]*
3.15 … *[1]*
5.2 … *[1]*
5.9 … *[1]*
6.7 … *[1]*
6.8 … *[1]*
6.11 … *[1]*
10.16 … *[1]*
13 … *[1]*
15.11 … *[1]*
15.16 … *[1]*
15.19 … *[1]*
15.20 … *[1]*

16.26 … *[1]*
16.28 … *[1]*
16.30 … *[1]*, *[2]*

Rute

2.12 … *[1]*
2.20 … *[1]*
4.14 … *[1]*, *[2]*
4.15 … *[1]*
4.16 … *[1]*

1Samuel

7.10 … *[1]*
7.12 … *[1]*
13.9 … *[1]*
15 … *[1]*
15.33 … *[1]*
16 … *[1]*
16.12 … *[1]*
16.13 … *[1]*
17.28 … *[1]*
17.42 … *[1]*
17.43 … *[1]*
17.44 … *[1]*
17.45 … *[1]*, *[2]*
21.14 … *[1]*
21.15 … *[1]*

23.2 … *[1]*
23.9 … *[1]*
24.6 … *[1]*
25.9-13 … *[1]*

2Samuel

5.17 … *[1]*
5.18 … *[1]*
5.19 … *[1]*
7.11 … *[1]*, *[2]*
7.12 … *[1]*
7.13 … *[1]*, *[2]*
7.16 … *[1]*, *[2]*
11.1-27 … *[1]*
11.11 … *[1]*
11.15 … *[1]*
12.10 … *[1]*
12.25 … *[1]*
15.12 … *[1]*
16.9 … *[1]*
16.11 … *[1]*
16.12 … *[1]*
19.6 … *[1]*
23.1 … *[1]*
23.13-17 … *[1]*
23.15 … *[1]*
23.17 … *[1]*, *[2]*

23.37-39 … *[1]*

1Reis

2.2-9 … *[1]*
3.4-15 … *[1]*
4.3-15 … *[1]*
4.29-34 … *[1]*, *[2]*
5.3 … *[1]*
7.51 … *[1]*
8.56 … *[1]*, *[2]*
10.8 … *[1]*
10.9 … *[1]*
11.7 … *[1]*
12.28-30 … *[1]*
15.34 … *[1]*
17.1 … *[1]*
17.8-14 … *[1]*
18.27 … *[1]*
18.37 … *[1]*
18.39 … *[1]*
19.4 … *[1]*
19.18 … *[1]*

2Reis

5 … *[1]*
14.25 … *[1]*

1Crônicas

22.2-5 … *[1]*
22.9 … *[1]*
28.3 … *[1]*

Jó

1.6 … *[1]*
9.8 … *[1]*

Salmos

2 … *[1]*
2.4 … *[1]*
2.6 … *[1]*
2.7 … *[1]*
8.4-6 … *[1]*
18 … *[1]*, *[2]*, *[3]*
18.49 … *[1]*
18.50 … *[1]*
22 … *[1]*, *[2]*, *[3]*, *[4]*
22.1 … *[1]*
22.2 … *[1]*
22.3-5 … *[1]*
22.6 … *[1]*
22.7 … *[1]*
22.8 … *[1]*
22.9 … *[1]*
22.10 … *[1]*

22.11 … *[1]*
22.14 … *[1]*
22.16 … *[1]*
22.18 … *[1]*
22.19-21 … *[1]*
22.22 … *[1]*
22.31 … *[1]*
23 … *[1]*, *[2]*
24 … *[1]*
33.6-21 … *[1]*
35.19 … *[1]*
36 … *[1]*
39.8 … *[1]*
41.9 … *[1]*
45 … *[1]*
45.6 … *[1]*
45.7 … *[1]*
51 … *[1]*
51.1 … *[1]*
51.14 … *[1]*
56 … *[1]*
56.1-3 … *[1]*
68.18 … *[1]*
69.4 … *[1]*
69.7-12 … *[1]*
69.9 … *[1]*
72 … *[1]*, *[2]*

77.19 … *[1]*
78.15 … *[1]*
78.20 … *[1]*
78.35 … *[1]*
87.4 … *[1]*
87.5 … *[1]*
89 … *[1]*
91.11 … *[1]*
91.12 … *[1]*
95.1 … *[1]*
96.12 … *[1]*
96.13 … *[1]*
100 … *[1]*
102.25-28 … *[1]*
105.16-19 … *[1]*
109.21 … *[1]*
110 … *[1]*, *[2]*
110.1 … *[1]*, *[2]*, *[3]*, *[4]*, *[5]*
110.6 … *[1]*
110.7 … *[1]*
118.14 … *[1]*
118.26 … *[1]*
132 … *[1]*
147.18 … *[1]*
147.19 … *[1]*

Provérbios

3.5 … *[1]*
3.7 … *[1]*
3.19 … *[1]*
8 … *[1]*
8.22 … *[1]*
8.22-31 … *[1]*
9.10 … *[1]*
12.15 … *[1]*
23.10 … *[1]*
23.11 … *[1]*
30.4 … *[1]*, *[2]*, *[3]*

Eclesiastes

1.2 … *[1]*
2.16 … *[1]*
5.15 … *[1]*
8.17 … *[1]*
11.5 … *[1]*
12.13 … *[1]*
12.14 … *[1]*

Isaías

5 … *[1]*
7.14 … *[1]*
8.12 … *[1]*
8.13 … *[1]*
8.18 … *[1]*

9.5 … *[1]*
9.6 … *[1]*, *[2]*
10.5-19 … *[1]*
10.21 … *[1]*
10.33 … *[1]*
10.34 … *[1]*
11.1 … *[1]*
11.6-9 … *[1]*
11.10 … *[1]*
12.2 … *[1]*
17.5 … *[1]*
17.6 … *[1]*
19.23 … *[1]*
19.25 … *[1]*
25.6-8 … *[1]*
25.8 … *[1]*
30.23-26 … *[1]*
30.30-32 … *[1]*
34.2-4 … *[1]*
35.4-6 … *[1]*
35.5 … *[1]*
35.6 … *[1]*
40.11 … *[1]*, *[2]*
42.1 … *[1]*
43.1 … *[1]*
43.7 … *[1]*
43.14 … *[1]*

43.15 … *[1]*
44.22 … *[1]*
44.23 … *[1]*
48.20 … *[1]*
49.3 … *[1]*
49.3-6 … *[1]*
52.3 … *[1]*
52.13 … *[1]*
53 … *[1]*
53.4 … *[1]*
53.5 … *[1]*
53.6 … *[1]*, *[2]*
53.7 … *[1]*
53.8 … *[1]*
53.10 … *[1]*
59.16 … *[1]*, *[2]*, *[3]*
59.17 … *[1]*, *[2]*, *[3]*
60.1 … *[1]*
60.2 … *[1]*
61.1 … *[1]*
61.2 … *[1]*
62.6 … *[1]*
62.7 … *[1]*
63.8 … *[1]*
63.9 … *[1]*, *[2]*, *[3]*
63.16 … *[1]*
65.17-25 … *[1]*

Jeremias

7.23 … *[1]*
8.22 … *[1]*
17.14 … *[1]*
23.5 … *[1]*
23.6 … *[1]*
25.4 … *[1]*
30.9 … *[1]*
30.17 … *[1]*
31.3 … *[1]*
31.31-34 … *[1]*
33.6 … *[1]*
34.18-20 … *[1]*
48.47 … *[1]*
49.6 … *[1]*
50.34 … *[1]*

Ezequiel

16.1-14 … *[1]*
16.62 … *[1]*
16.63 … *[1]*
34.1-10 … *[1]*
34.10-12 … *[1]*
34.23 … *[1]*, *[2]*
34.24 … *[1]*
36.26 … *[1]*
36.27 … *[1]*

37.3 … *[1]*
37.4 … *[1]*
37.10 … *[1]*
37.21-25 … *[1]*
47.12 … *[1]*

Daniel

7.13 … *[1]*
7.14 … *[1]*

Oseias

11.3 … *[1]*
11.8 … *[1]*
11.9 … *[1]*
12.2-6 … *[1]*

Amós

3.11 … *[1]*
3.12 … *[1]*
4.11 … *[1]*
9.9 … *[1]*
9.11 … *[1]*

Jonas

1.2 … *[1]*
2.9 … *[1]*
4.2 … *[1]*, *[2]*

4.3 … *[1]*

Miqueias

5.1-5 … *[1]*
6.1-8 … *[1]*
6.7 … *[1]*
7.18 … *[1]*
7.19 … *[1]*

Sofonias

3.14 … *[1]*
3.15 … *[1]*
3.17 … *[1]*, *[2]*

Zacarias

12.8 … *[1]*, *[2]*, *[3]*
14.20 … *[1]*
14.21 … *[1]*

Malaquias

3.1 … *[1]*
3.2 … *[1]*, *[2]*, *[3]*
4.5 … *[1]*, *[2]*

NOVO TESTAMENTO

Mateus

3.3 … *[1]*

3.17 … *[1]*
4.8 … *[1]*
4.9 … *[1]*
8.17 … *[1]*
9.12 … *[1]*
9.13 … *[1]*
11.25 … *[1]*
11.26 … *[1]*
11.27 … *[1]*
11.27-30 … *[1]*
11.28-30 … *[1]*
12.24-30 … *[1]*
12.42 … *[1]*
14.25 … *[1]*
14.33 … *[1]*
16.4 … *[1]*
16.16 … *[1]*
16.18 … *[1]*, *[2]*
17.5 … *[1]*
21.9 … *[1]*
22.4-6 … *[1]*
22.41-46 … *[1]*
22.43-45 … *[1]*
22.45 … *[1]*
26.52 … *[1]*
27.46 … *[1]*
28.20 … *[1]*, *[2]*

Marcos

15.34 … *[1]*

Lucas

1.13 … *[1]*
1.34 … *[1]*
1.35 … *[1]*
1.37 … *[1]*, *[2]*
2.11 … *[1]*
2.26 … *[1]*
2.32 … *[1]*
3.22 … *[1]*
3.23-38 … *[1]*
3.38 … *[1]*
4.26 … *[1]*
7.18 … *[1]*
7.19 … *[1]*
7.23 … *[1]*
9.35 … *[1]*
17.17 … *[1]*

João

1.1 … *[1]*
1.14 … *[1]*, *[2]*, *[3]*
1.14-18 … *[1]*
1.18 … *[1]*, *[2]*, *[3]*
1.29 … *[1]*

1.47 … *[1]*
1.48 … *[1]*
1.49 … *[1]*
1.51 … *[1]*, *[2]*
2.17 … *[1]*
2.19 … *[1]*
3.13 … *[1]*, *[2]*, *[3]*
3.14 … *[1]*, *[2]*
3.15 … *[1]*, *[2]*
3.16 … *[1]*
4.23 … *[1]*
4.24 … *[1]*
4.26 … *[1]*
5.46 … *[1]*
6.32 … *[1]*
6.33 … *[1]*
6.44 … *[1]*
7.37 … *[1]*
7.38 … *[1]*
7.39 … *[1]*
8.56 … *[1]*
10 … *[1]*
10.30 … *[1]*
11.50-52 … *[1]*
12.1-8 … *[1]*
12.31 … *[1]*, *[2]*
12.32 … *[1]*

12.33 … *[1]*
13.18 … *[1]*
13.31 … *[1]*
14.6 … *[1]*
14.8-10 … *[1]*
14.9 … *[1]*, *[2]*
14.30 … *[1]*
15.25 … *[1]*
18.6 … *[1]*
18.11 … *[1]*
18.36 … *[1]*
19.34 … *[1]*
20.22 … *[1]*
20.23 … *[1]*
20.28 … *[1]*
20.31 … *[1]*

Atos dos Apóstolos

1.7 … *[1]*
2.30 … *[1]*
2.31 … *[1]*
2.32 … *[1]*
2.33 … *[1]*
2.34-36 … *[1]*
4.12 … *[1]*
5.31 … *[1]*

Romanos

2.3-6 … *[1]*
4.17 … *[1]*
5.6-8 … *[1]*
5.11-21 … *[1]*
5.12-21 … *[1]*
8.3 … *[1]*
8.11 … *[1]*
8.14-17 … *[1]*
8.29 … *[1]*
8.31 … *[1]*
8.32 … *[1]*, *[2]*
9.3 … *[1]*, *[2]*
9.4 … *[1]*, *[2]*
9.5 … *[1]*
9.6-8 … *[1]*
9.10-13 … *[1]*
10.4 … *[1]*
11.12 … *[1]*
11.25 … *[1]*
11.36 … *[1]*, *[2]*
13.4 … *[1]*
15.8 … *[1]*, *[2]*, *[3]*, *[4]*
15.9 … *[1]*, *[2]*, *[3]*
15.16 … *[1]*
16.20 … *[1]*, *[2]*

1Coríntios

1.2 … *[1]*
1.18-31 … *[1]*
1.24 … *[1]*
1.30 … *[1]*
2.2 … *[1]*
10.4 … *[1]*
15.22 … *[1]*, *[2]*, *[3]*
15.45 … *[1]*
15.54-56 … *[1]*

2Coríntios

2.14 … *[1]*
5.21 … *[1]*, *[2]*
10.3-5 … *[1]*
11.2 … *[1]*
12.5 … *[1]*
12.9-11 … *[1]*

Gálatas

3.10-14 … *[1]*, *[2]*
3.13 … *[1]*
3.16 … *[1]*
3.19-25 … *[1]*

Efésios

1.20-22 … *[1]*
1.20-23 … *[1]*

1.22 … *[1]*
2.1 … *[1]*
4.8 … *[1]*
4.10 … *[1]*
5.22-33 … *[1]*
5.28-33 … *[1]*, *[2]*
6.10-18 … *[1]*

Filipenses

4.18 … *[1]*

Colossenses

1.15 … *[1]*, *[2]*, *[3]*, *[4]*, *[5]*
1.15-20 … *[1]*, *[2]*
1.16 … *[1]*
1.19 … *[1]*, *[2]*
2.9 … *[1]*, *[2]*, *[3]*, *[4]*, *[5]*
2.13 … *[1]*
2.13-15 … *[1]*
2.15 … *[1]*
3.16 … *[1]*

2Tessalonicenses

1.7-10 … *[1]*

Hebreus

1.1 … *[1]*

1.2 … *[1]*
1.5 … *[1]*
1.8 … *[1]*
1.9 … *[1]*
1.10-12 … *[1]*
2.6-9 … *[1]*
2.10-12 … *[1]*
2.13 … *[1]*
3.12 … *[1]*
4.9-11 … *[1]*
10.25 … *[1]*
11.13 … *[1]*, *[2]*, *[3]*
11.14-16 … *[1]*
11.17-19 … *[1]*
11.21 … *[1]*
11.32-34 … *[1]*
12.18-21 … *[1]*
12.25 … *[1]*
12.29 … *[1]*
13.14 … *[1]*

Tiago

3.9 … *[1]*

1Pedro

1.10 … *[1]*
1.11 … *[1]*

1.18 … *[1]*, *[2]*
1.19 … *[1]*, *[2]*
2.11 … *[1]*
2.17 … *[1]*
2.21 … *[1]*
2.24 … *[1]*
3.15 … *[1]*

1João

4.9 … *[1]*
4.10 … *[1]*
5.20 … *[1]*
5.21 … *[1]*

Apocalipse

1.17 … *[1]*
5.5 … *[1]*
7.9 … *[1]*
12.4 … *[1]*
12.5 … *[1]*
22.13 … *[1]*
22.16 … *[1]*

FONTES EXTRABÍBLICAS

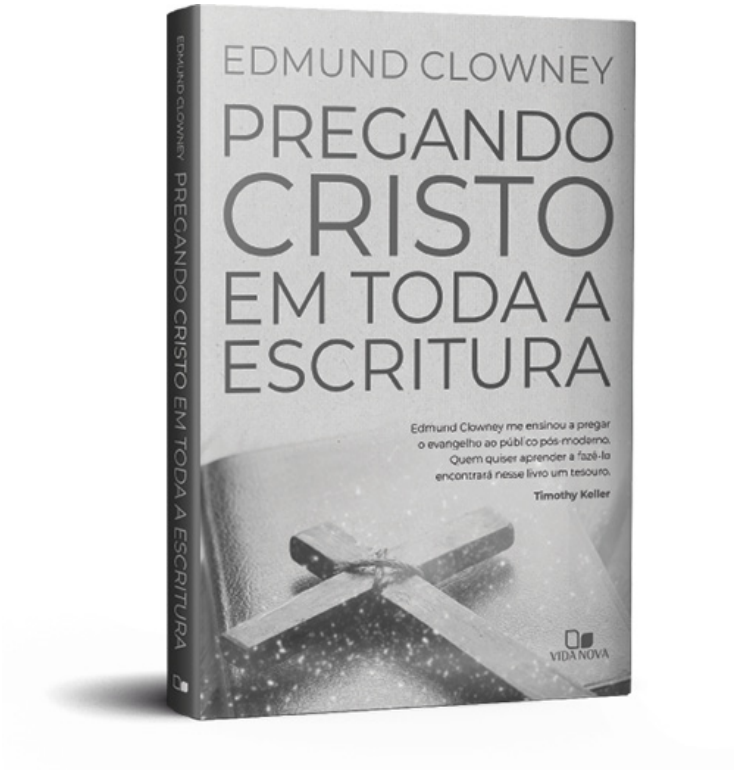
Eclesiástico

51.23-27 … *[1]*

Sabedoria de Salomão

7.26 … [1]

Conheça outra obra do autor



Um sermão verdadeiramente cristão de qualquer parte da Bíblia deve levar em conta o drama da redenção em toda a sua plenitude e concretização em Cristo.

Nesse livro, Edmund Clowney explica as razões para essa convicção e dá uma orientação prática para os pregadores que partilham dela. Em primeiro lugar, ele lança os fundamentos teóricos para que se pregue

Cristo em toda a Bíblia. Em segundo, Clowney apresenta sugestões práticas para a preparação de um sermão desse tipo.

Por fim, o restante do livro é uma coleção de sermões do próprio autor que exemplificam o que significa pregar Cristo em toda a Escritura.